O EVANGELHO SEGUNDO JESUS



JOHN MACARTHUR

JOHN MACARTHUR

O EVANGELHO SEGUNDO JESUS



FIEL
Editora

O Evangelho Segundo Jesus
Traduzido do original em inglês: *The Gospel According To Jesus* Copyright © 1988 John F. MacArthur, Jr.
Publicado em português com a permissão de Zondervan.

■

1ª edição em português: 1991
Reimpressões: 1994, 1999, 2003.

2ª edição em português: 2008
Reimpressões: 2010, 2012, 2015

Todos os direitos em língua portuguesa reservados por Editora Fiel da Missão Evangélica Literária

■

PROIBIDA A REPRODUÇÃO DESTE LIVRO POR QUAISQUER MEIOS, SEM A PERMISSÃO ESCRITA DOS EDITORES, SALVO EM BREVES CITAÇÕES, COM INDICAÇÃO DA FONTE.



Presidente: James Richard Denham III Presidente
Emérito: James Richard Denham Jr.
Editor: Tiago J. Santos Filho Revisão: Marilene
Paschoal; Waleria Coicev eBook: Heraldo Almeida
Capa: Edvânio Silva
ISBN: 978-85-8132-336-7

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

M116-e MacArthur, John, 1939

O evangelho segundo Jesus / John MacArthur – 2. ed., 2 reimpr. – São José dos Campos, SP : Fiel, 2015.
8.4Mb; ePUB

Tradução de: The gospel according to Jesus. Inclui bibliografia.
ISBN 978-85-8132-336-7

1. Jesus Cristo - Personalidade e missão. 2. Vida cristã.
I. Título.

CDD: 232

Catalogação na publicação: Mariana C. de Melo – CRB07/6477



Caixa Postal, 1601
CEP 12230-971
São José dos Campos-SP
PABX.: (12) 3919-9999
www.editorafiel.com.br

Índice

Capa
Folha de Rosto
Créditos
Apresentação por J. I. Packer
Apresentação por James Montgomery Boice
Prefácio
Introdução

PRIMEIRA PARTE
O EVANGELHO DE HOJE: BOAS NOVAS OU MÁS?

1 — Analisando a Questão

SEGUNDA PARTE

JESUS PROCLAMA O SEU EVANGELHO

2 — Ele Exige um Novo Nascimento

3 — Ele Exige Adoração Verdadeira

4 — Ele Recebe Pecadores, Mas Recusa os Justos

5 — Ele Dá Vista aos Cegos

6 — Ele Desafia uma Pessoa Muito Interessada

7 — Ele Busca e Salva o Perdido

8 — Ele Condena um Coração Endurecido

9 — Ele Oferece um Jugo Suave

TERCEIRA PARTE

JESUS ILUSTRA O SEU EVANGELHO

10 — Os Tipos de Solo
11 — O Joio e o Trigo
12 — O Tesouro do Reino
13 — Os Primeiros e os Últimos
14 — Os Perdidos e Achados

QUARTA PARTE
JESUS DEFINE O SEU EVANGELHO
15 — Chamada ao Arrependimento
16 — A Natureza da Fé Verdadeira
17 — O Caminho da Salvação
18 — A Certeza do Juízo Final
19 — O Custo do Discipulado
20 — O Senhorio de Cristo

QUINTA PARTE
APÊNDICES
1 — O Evangelho Segundo os Apóstolos
2 — O Evangelho Segundo o

Cristianismo Histórico
Bibliografia
Editora Fiel

Apresentação por J. I. Packer

Que o homem não deve separar o que Deus ajuntou é uma verdade que transcende ao casamento. Deus reuniu os três ofícios de profeta (mestre), sacerdote e rei no papel mediatório de Jesus Cristo, e orienta-nos pela Bíblia a relacionarmo-nos positivamente com todos eles. Deus uniu a fé e o arrependimento para serem as duas facetas da nossa resposta ao chamado do Salvador, e deixou bem claro que ir a Cristo é abandonar o

pecado e renegar a impiedade. O ensino bíblico a respeito da fé associa a crença ao compromisso e à comunhão; apresenta a fé cristã não apenas como sendo o conhecimento de fatos a respeito de Cristo, mas também como a ida a Ele em confiança pessoal para adorá-Lo, amá-Lo e servi-Lo. Se falharmos em manter unidas estas coisas que Deus juntou, nosso cristianismo será distorcido.

Um nome criado recentemente para a argumentação que defende a unidade entre todas essas coisas é "salvação pelo senhorio". O nome parece esquisito e ligeiramente desajeitado, e o fato de ser novo naturalmente sugere a ideia de que o ponto de vista com esse nome é um produto novo, só manufaturado recentemente. Na verdade, este ponto de vista não é nem mais nem menos do que o consenso histórico entre a maioria dos protestantes

acerca da natureza da fé justificadora. A verdadeira novidade é a posição daqueles que deram esse nome ao ponto de vista que rejeitam, os que, por meio do seu ensino, quebram a unidade de tudo isto. Esse ensino reinventa a deturpada descrição de fé proposta pelo sandemanianismo escocês há dois séculos, bem descrito por D. Martyn Lloyd-Jones em seu livro *The Puritans*. Como os sandemanianistas, aqueles que rejeitam a "salvação pelo senhorio" escolhem manter as boas obras separadas da justificação. E, para isso, ainda como os sandemanianistas, eles apresentam a fé como sendo um mero concordar com a verdade a respeito do papel salvador de Jesus, e assim, o seu ensino torna-se vulnerável à crítica por exaltar a fé de um modo que a destrói. Um simples consentimento com o evangelho, divorciado de

um compromisso transformador com o Cristo vivo é, de acordo com os padrões bíblicos, algo menos do que fé, e menos do que salvação. Extrair das pessoas um mero consentimento desse tipo seria apenas garantir falsas conversões. Por isso, o evangelho está realmente em jogo nesta discussão, embora não como pensam os que se opõem à "salvação pelo senhorio". O que está sendo questionado é a natureza da fé.

O Dr. MacArthur escreveu este livro visando mostrar, a partir dos registros do ministério do próprio Cristo, em que consiste realmente a fé salvadora. Para mim, a sua demonstração é conclusiva, e dou graças a Deus por ela. Trata-se de um bom livro — claro, convincente e edificante — fazendo por nós o que em nenhum outro livro é elaborado, o que é tão necessário nestes dias. Desejo que

ele alcance uma grande circulação e uma leitura cuidadosa, a fim de prestar um grande serviço ao mundo cristão. Recomendo-o com entusiasmo!

Apresentação por James Montgomery Boice

Sempre tive grande admiração por John MacArthur. Ele se entregou à tarefa árdua de pastorear uma congregação grande e crescente. Tem feito isso há bastante tempo. E mais: tem baseado o seu ministério na exposição cuidadosa da Bíblia, no ensino fiel, versículo por versículo, de grandes porções da Palavra de Deus. Uma vez que eu também sou pastor, respeito grandemente essas qualidades e atitudes.

Mas a minha admiração por John MacArthur cresceu enormemente à medida que li *O Evangelho Segundo Jesus*. Isso, porque este livro revela um homem cuja consciência claramente foi cativada pela Palavra de Deus. Revela alguém que sabe como ler a Bíblia pelo que ela realmente diz (sem filtrá-la em uma peneira teológica ou cultural preconceituosa, sua ou de quaisquer outras pessoas) e alguém que, portanto, não teme em proclamar essa Palavra à nossa geração iníqua e carente.

E mais: em *O Evangelho Segundo Jesus* MacArthur não trata de assunto ou assuntos externos à fé, mas da questão central de tudo, ou seja, o que significa ser um cristão? As suas respostas focalizam o que eu considero ser a maior fraqueza do cristianismo evangélico contemporâneo.

Eu disse fraqueza? É mais do que isso.

Trata-se de um erro trágico. Trata-se da ideia — de onde foi mesmo que ela veio? — de que alguém pode ser um cristão sem ser um seguidor do Senhor Jesus Cristo. Reduz o evangelho ao mero fato de Cristo ter morrido pelos pecadores, e requer dos pecadores apenas um simples consentimento intelectual deste fato; e, em seguida, lhes oferece uma garantia de segurança eterna, quando, na verdade, é bem possível que não tenham nascido de novo. Esse tipo de visão distorce a fé, tornando-a irreconhecível — ao menos para os que sabem o que a Bíblia diz sobre a fé — e promete uma falsa paz a milhares de pessoas que têm dado um consentimento verbal a esse cristianismo reducionista, mas que realmente não fazem parte da família de Deus.

Como isso chegou a acontecer? Sem dúvida, os que caíram nesse erro profundo têm

motivos que são bons. Eles querem preservar a pureza do evangelho da justificação pela graça mediante a fé em Jesus Cristo. Eles sabem que adicionar obras à fé é um evangelho falso, e, com razão, querem evitar essa heresia. Todavia, preservar o evangelho é exatamente o que eles não têm feito. Perverteram-no e, em alguns casos, destruíram-no completamente.

Esses eruditos, pastores, e mestres da Bíblia precisam aprender:

— que não há justificação sem regeneração. Foi Jesus quem disse: "Importa-vos nascer de novo" (Jo 3.7).
— que a fé sem obras é morta, e que ninguém jamais será salvo por uma fé morta. Tiago disse que a fé sem obras é inútil (Tg 2.20).

— que a marca da verdadeira justificação é a perseverança na retidão, até o fim. Jesus disse aos seus discípulos: “Sereis odiados de todos por causa do meu nome; aquele, porém, que perseverar até ao fim, esse será salvo” (Mt 10.22).

— que a fé num Jesus que é Salvador, mas não é Senhor, é fé num Jesus arquitetado pelo próprio indivíduo. O Jesus que salva é o Senhor — não há outro — e foi Ele quem disse: “Por que me chamais, Senhor, Senhor, e não fazeis o que vos mando?” (Lc 6.46).

— que se alguém quer servir a Cristo, “a si mesmo se negue, dia a dia tome a sua cruz e siga-O” (Lc 9.23).

— que sem a santificação “ninguém verá o Senhor” (Hb 12.14).

Este é o problema que MacArthur ataca neste livro, e tais são as respostas que ele dá. Aliás, ele o faz muito bem! Além disso, ele o faz em amor. Os que distorcem o evangelho, à maneira como descrevi, nem sempre são amáveis para conosco, os que insistimos no senhorio de Cristo. Somos acusados de ensinar a "salvação pelo senhorio", um termo que nós mesmos não usamos. E somos muitas vezes chamados de hereges. Que eu saiba, a nenhum de seus oponentes John MacArthur chamou de herege, e eu também não. Porém, eles estão enganados — horrivelmente enganados, em minha opinião — e é preciso que se lhes mostre o seu erro por meio das Escrituras. E isso o que faz este livro. É necessário também lhes mostrar que o seu ponto de vista nunca foi

o mesmo de qualquer grande mestre da Bíblia ou teólogo da igreja, senão até chegarmos a estes nossos dias de fraqueza. E é isso que MacArthur demonstra no segundo apêndice deste livro, que é muito valioso.

Por que a igreja de hoje é tão fraca? Por que anunciamos tantas conversões e arrolamos tantos membros à igreja, mas causamos impacto cada vez menor sobre a nossa sociedade? Por que não se pode distinguir os crentes dos mundanos? Será que não é porque muitos chamam de crentes pessoas que na verdade não são regeneradas? Não será que muitos estão tomando "forma de piedade, negando-lhe, entretanto, o poder" (2 Tm 3.5)?

Se o livro de MacArthur conseguir desarraigar a muitos desse evangelho fraco e dessa falsa confiança, como creio que o fará, *O Evangelho Segundo Jesus* poderá ser um dos

livros mais importantes desta década!

Prefácio

"Porque não nos pregamos a nós mesmos, mas a Cristo Jesus como Senhor" (2 Co 4.5).

Este livro consumiu os meus pensamentos e boa parte do meu tempo durante quase quatro anos. Numa ou noutra ocasião mencionei publicamente que estava trabalhando neste projeto, e parece que a notícia se espalhou. Recentemente recebi inúmeras manifestações de pessoas desejosas de saber quando e onde poderiam obter uma cópia. Referem-se a ele como sendo "o livro

sobre a salvação pelo senhorio", "o livro sobre o evangelho", ou "o livro sobre evangelismo".

Este livro trata de todos esses assuntos; todavia, desde o início, o meu objetivo não foi simplesmente defender o meu ponto de vista quanto a determinada questão, ou tratar de um assunto predileto, mas analisar honestamente e com profundidade o evangelho de Jesus e os seus métodos de evangelização. O estudo tocou de tal maneira o meu coração, e orientou de tal forma a minha visão de ministério, que estou ansioso por publicá-lo. Apesar disso, faço-o com um certo temor, pois sei que alguns não compreenderão as minhas intenções.

Acho, por exemplo, que serei acusado de pregar salvação pelas obras. Deixe-me dizer o mais claramente possível, e desde já, que a salvação é pela graça de Deus, e somente pela graça. Nada há que um pecador perdido,

degenerado e espiritualmente morto possa fazer para contribuir de algum modo para a salvação. A fé salvadora, o arrependimento, o compromisso e a obediência são todas operações divinas, realizadas pelo Espírito Santo no coração de todo aquele que é salvo. Jamais ensinei que algumas obras de justiça "pré-salvação" sejam necessárias ou façam parte da salvação. Por outro lado, estou completamente convencido de que a verdadeira salvação não pode e não irá deixar de produzir obras de justiça na vida do verdadeiro crente. Não há obras humanas no ato da salvação, mas a obra de Deus na salvação inclui uma mudança de intenção, de vontade, de desejos e de atitudes que produz inevitavelmente o fruto do Espírito. A própria essência da obra divina de salvação é a transformação da vontade, o que resulta em

amor a Deus. A salvação, portanto, implanta a *raiz* que certamente irá produzir o *fruto*.

Alguns poderão pensar que eu questiono a genuinidade da conversão de uma pessoa sem a plena compreensão do senhorio de Cristo. Não é o caso. De fato, estou convicto de que, embora alguns compreendam mais do que outros, *nenhum* salvo compreende completamente todas as implicações do senhorio de Jesus no momento da conversão. Entretanto, estou igualmente convencido de que ninguém pode ser salvo, se não deseja obedecer a Cristo, ou se conscientemente se rebela contra o seu senhorio. A marca da verdadeira salvação é que ela sempre produz um coração que sabe e sente a sua responsabilidade de corresponder ao crescente reconhecimento da realidade do senhorio de Cristo.

Por causa da situação do evangelho no evangelicalismo contemporâneo, não há como ensinar a respeito da salvação sem tratar especificamente deste assunto que se tornou conhecido como "salvação pelo senhorio". Não há uma indagação mais séria para a igreja de hoje, e ela pode ser formulada de várias maneiras: O que é o evangelho? É preciso aceitar Jesus como Salvador e Senhor para ser salvo? O que é fé salvadora? Como devemos convidar homens e mulheres a virem a Cristo? O que é salvação?

O fato de haver tanta controvérsia acerca deste assunto, que é básico, demonstra quão eficaz tem sido a obra do inimigo nestes últimos dias. Muitos dos que discordam dos meus pontos de vista têm dito que a controvérsia a respeito do senhorio é um assunto de consequências eternas. Isto significa

que quem estiver errado acerca desta questão estará pregando uma mensagem que pode mandar pessoas para o inferno. Quanto a isso, estamos de acordo. Por algum tempo cheguei a pensar que toda a controvérsia não passava de um mal-entendido ou de uma questão de semântica. Mas, à medida que fui estudando as questões, descobri que este simplesmente não é o caso.

Depois de muitas conversas com os que discordam, e horas de estudo sobre o que dizem, estou convencido de que os dois lados desta controvérsia têm pontos de vista marcadamente diferentes quanto à salvação. As pessoas comuns, que se assentam nos bancos da igreja, estão confusas por ouvirem duas mensagens conflitantes vindas do mesmo grupo conservador, fundamentalista e evangélico.

É para essas pessoas que escrevo, pois o evangelho precisa ser claramente entendido pelos leigos, e não somente pelos seminaristas e pastores. Apesar de eu ter incluído informações relevantes em várias notas de rodapé, esta não é, de forma alguma, uma tese acadêmica.

Também espero que muitos pastores leiam este livro e examinem os seus próprios ministérios. É fundamental que nós, que anunciamos do púlpito a Palavra de Deus, façamo-lo com clareza e precisão. Se tornarmos confusa a mensagem do evangelho, jamais poderemos reparar esse dano, não importa o que mais dissermos.

Não estou propondo uma concepção nova ou radical daquilo que ensinam as Escrituras. De forma nenhuma advogo uma salvação pelas obras. Jamais desejo minimizar a graça, e nem

procuro dúvidas desnecessárias na mente daqueles que realmente são salvos. Quanto a isso, creio e apresento exatamente aquilo que a verdadeira igreja sempre defendeu. Contudo, um ensino diferente tornou-se popular em nossa geração. Os cristãos de hoje correm o risco de perder de vista o ponto central da nossa mensagem — e, consequentemente, a própria fonte da nossa vitalidade — se não voltarmos ao evangelho que o Senhor mandou que proclamássemos.

Muitos dos que discordam de mim nesta matéria são fiéis servos de Deus cujos ministérios têm colhido fruto abundante para o reino. Foi necessário citar pelo nome e refutar muitos deles neste livro, não para tentar desacreditá-los, ou os seus respectivos ministérios, mas porque é quase impossível abordar o conceito de evangelho que está se

espalhando pela igreja sem citar alguns dos que o ensinam. Não há questão mais importante do que a investigação de que tipo de evangelho devemos crer e proclamar. Já houve outras controvérsias mais acirradas sobre questões como profecia, modo de batismo, estilo de culto, e assim por diante que produziram mais livros, mas que eram questões periféricas. Porém, o evangelho não é uma questão periférica, ele é o ponto crucial.

Procurei não rotular pessoas e nem atacá-las de modo pessoal. Muitos dos homens de quem eu discordo são meus amigos. Citei Zane Hodges várias vezes porque, dentre os autores recentes, ele é o maior porta-voz dos que atacam a visão tradicional da salvação, e os seus escritos parecem ter considerável influência sobre estudantes, pastores e professores. A cada ano encontro-me com centenas de líderes em

conferências para pastores, e as perguntas que fazem geralmente estão relacionadas à confusão gerada pelos escritos de Z. Hodges. É essencial compreender o que ele escreveu e dar-lhe uma resposta bíblica.

Também cito, desfavoravelmente, escritos de Charles C. Ryrie. Tenho a maior consideração pelo Dr. Ryrie e sou grato por tudo o que ele tem feito para treinar homens para o ministério. A grande maioria dos seus escritos, ao longo dos anos, tem sido de extremo valor para mim, pessoalmente, e prezo muito a sua amizade. Todavia, nesta área específica e crucial, o que ele ensina não pode ser aprovado à luz das Escrituras.

Outros que citei são, em alguns casos, pastores como eu, companheiros no ministério, amigos pessoais, e colegas respeitáveis. Eles têm apresentado seus pontos de vista através

de livros, no rádio e na televisão, e, por isso, é justo que se avalie o que eles ensinam, segundo a Palavra de Deus. Preocupo-me, todavia, desejando que os leitores não interpretem a minha crítica como uma condenação a esses homens, ao seu caráter pessoal ou ao seu ministério.

Tenho orado por este livro e buscado a direção de Deus com diligência. Sei que muitos irão discordar, outros ficarão irados, e muitos, espero, serão estimulados a fazer um exame tal como fizeram os bereanos, e a sondarem as Escrituras por si mesmos (At 17.11). Estou aberto às opiniões quanto ao meu ensino. A minha oração é que este livro suscite questionamento, oração e auto-exame, e, por fim, ajude a produzir uma solução para estes assuntos no meio evangélico conservador. Estou convencido de que a nossa falta de

clareza na matéria, que é a mais fundamental de todas, o evangelho, representa a maior perda no trabalho da igreja contemporânea.

Quero agradecer às várias pessoas que ofereceram a sua contribuição ao longo da jornada. Meu companheiro de ministério e dileto amigo Chris Mueller, que me desafiou a começar este projeto; Dr. Marc Mueller, do *The Master's Seminary,* cuja cooperação desde os primeiros rascunhos renovou por diversas vezes o meu frágil vigor; Dr. James E. Rosscup, também do *The Master's Seminary,* cujo ensino esclareceu-me muitos aspectos deste assunto; Lance Quinn, Brian Morley, Kyle Henderson, Dave Enos, Rich D'Errico, John Barnett, e vários amigos da *Grace Community Church* e da equipe do *Word of Grace,* pelo estímulo e ajuda. Acima de tudo, sou profundamente grato pela ajuda hábil e amorosa do meu colega e amigo

Phillip Johnson, que aplicou a sua experiência excelente dando assistência editorial a cada página deste livro.

Que Deus use este livro grandemente para a sua glória!

Introdução

Que é o evangelho?

Esta pergunta alimenta a paixão que me tem norteado em todos estes anos do meu ministério. Não se trata de mera especulação acadêmica. Desejo saber o que a Palavra de Deus ensina a fim de que eu possa proclamá-la com clareza e precisão. Acima de tudo, quero que a doutrina que eu prego seja puramente bíblica — que nasça diretamente das Escrituras ao invés de simplesmente conformar-se a algum sistema popular de teologia. O ponto de

vista pessoal de um teólogo, a respeito desta ou daquela doutrina, é de interesse meramente secundário para mim. O que realmente importa é o que diz a Palavra de Deus.

E nada é mais importante do que o que as Escrituras dizem a respeito das boas novas de salvação.

Há vários anos comecei a estudar e a pregar sobre o evangelho de Mateus. À medida que eu pesquisava a vida e o ministério do Senhor, uma compreensão clara da mensagem que Ele proclamou e do método evangelístico de que fez uso cristalizou-se em meu pensamento. Cheguei à percepção de que o evangelho de Jesus é a base sobre a qual toda a doutrina do Novo Testamento se fundamenta. Muitas passagens difíceis das epístolas tornaram-se mais claras quando passei a compreendê-las sob essa luz.

Este livro é fruto de sete anos de estudo dos evangelhos. À medida que me fui imergindo no evangelho que Jesus ensinou, tornei-me vivamente cônscio de que a maior parte do evangelismo moderno — tanto o testemunho pessoal quanto a pregação — está muito aquém de apresentar o evangelho bíblico de modo bíblico e equilibrado. Quanto mais examino o ministério público de Jesus e a maneira como tratou os que O consultaram, mais apreensivo me torno aos métodos e conteúdo do evangelismo contemporâneo. Sinto-me perturbado com o grande número de frentes evangelísticas em que a mensagem que é proclamada atualmente não é o evangelho segundo Jesus.

O evangelho que está em voga hoje em dia oferece uma falsa esperança aos pecadores. Promete-lhes que terão a vida eterna apesar de

continuarem a viver em rebeldia contra Deus. Na verdade, *encoraja* as pessoas a reivindicarem Jesus como Salvador, mas podendo deixar para mais tarde o compromisso de obedecê-Lo como Senhor.[1] Promete livramento do inferno mas não necessariamente libertação da iniquidade. Oferece uma falsa segurança às pessoas que folgam nos pecados da carne e desprezam o caminho da santidade. Ao fazer separação entre fé e fidelidade,[2] deixa a impressão de que a aquiescência intelectual é tão válida quanto a obediência de todo coração à verdade. Dessa forma, as boas novas de Cristo deram lugar às más novas de uma fé fácil e traiçoeira, que não faz qualquer exigência moral para a vida dos pecadores. Não se trata da mesma mensagem proclamada por Jesus!

Este novo evangelho tem produzido uma

geração de cristãos professos cujo comportamento raramente se distingue da rebeldia em que vive o não-regenerado. Estatísticas recentes revelam que 1.6 bilhão da população da terra são considerados cristãos.[3] Uma bem conhecida pesquisa de opinião pública indicou que quase um terço de todos os norte-americanos se declaram nascidos de novo.[4] Tais números, com certeza, representam milhões de pessoas que estão tragicamente enganadas. O que eles têm é uma falsa garantia, passível de condenação eterna.

O testemunho da igreja para o mundo tem sido sacrificado no altar da graça barata. Formas chocantes de imoralidade aberta têm se tornado coisa trivial entre professos cristãos. E por que não? A promessa de vida eterna, sem uma rendição à autoridade divina, alimenta a mesquinhez do coração não-regenerado. Os

entusiásticos convertidos a este novo evangelho creem que o seu comportamento nada tem a ver com o seu *status* espiritual — mesmo que permaneçam libertinamente apegados aos tipos mais grosseiros de pecado e de formas de depravação humana.[5]

Parece que a igreja de nossa geração será lembrada principalmente por causa de uma série de escândalos horripilantes que trouxeram a público as mais indecentes exibições de depravação na vida de alguns dos mais populares televangelistas. E o pior de tudo é a dolorosa consciência de que muitos cristãos olham para esses homens como parte do rebanho, e não como lobos e falsos profetas que se imiscuíram entre as ovelhas (Mt 7.15). Por que deveríamos crer que pessoas que vivem na prática do adultério, fornicação, homossexualismo, fraude, e todo tipo de

intemperança são nascidas de novo?

Todavia, é exatamente isso o que se ensina aos crentes de hoje. Dizem-lhes que o único requisito para a salvação é saber e crer nalguns fatos básicos a respeito de Cristo. Desde o início eles ouvem que a obediência é opcional. Por consequência lógica, então, deduz-se que o simples ato de profissão de fé tem mais valor do que o testemunho constante de uma vida no dia a dia para determinar se devemos receber alguém como crente verdadeiro ou não. O caráter da igreja visível revela as consequências detestáveis desta teologia. Como pastor, tenho rebatizado um sem número de pessoas que haviam "feito uma decisão", foram batizadas, mas que, mesmo assim, não experimentaram qualquer transformação de vida. Tendo chegado à conversão verdadeira, procuraram ser batizadas novamente, como expressão de

uma salvação genuína.

O que se precisa é de um completo reexame do que seja o evangelho. Temos de voltar ao fundamento de todo o ensino neotestamentário sobre a salvação — ao evangelho proclamado por Jesus. Penso que vocês ficarão surpresos ao descobrir como a mensagem de Jesus é radicalmente diferente daquela que porventura tenham aprendido num seminário de evangelismo pessoal.

Meu objetivo ao escrever este livro é examinar de maneira completa os textos bíblicos que nos apresentam os principais encontros evangelísticos de Jesus e o seu ensino no que toca ao caminho da salvação. Iremos explorar uma série de questões: Quem é Jesus? Como devemos descrever a sua pessoa na proclamação do evangelho e como Ele deve ser recebido pelos pecadores? Que é fé

salvadora? O que acontece no ato da salvação? Estas são questões básicas, que afetam tudo o que afirmamos e proclamamos como crentes em Cristo. Não se trata de mera trivialidade teológica. A diferença entre o evangelho de Jesus e um "outro evangelho" (Gl 1.6) é a diferença entre o bem-aventurado e o maldito, a ovelha e o bode, o salvo e o perdido, a igreja verdadeira e as seitas, a verdade e a mentira. O evangelho que proclamamos tanto pode conduzir pessoas à "família da fé" (Gl 6.10) como pode destiná-las para sempre à família do diabo (Jo 8.44).

Gálatas 1.6-8 é uma maldição sobre os que "querem perverter o evangelho de Cristo''. Trata-se de um alerta amedrontador àqueles que falsificam a mensagem da salvação e a corrompem em qualquer sentido. Com essa passagem em mente, não me incumbo deste

estudo de modo leviano. Mas, depois de lutar com essa questão por alguns anos e ver a confusão que rodeia o evangelho, não posso manter-me calado. A doutrina da salvação é o fundamento de tudo o que ensinamos. Não podemos apontar aos homens o caminho da vida, de forma confiável, a menos que compreendamos o que realmente é o evangelho.

Minha oração é que este estudo não seja tão somente mais uma voz num diálogo já bem confuso. Desejo que seja um passo genuíno que nos leve a todos a uma compreensão clara e precisa do que seja o evangelho eterno (Ap 14.6). Quanto a mim, desejo compreender o evangelho que Jesus ensinou em sua totalidade, a fim de que eu seja um comunicador mais fiel e eficiente do caminho da vida (At 5.20).

[1] Lewis Sperry Chafer, cujos ensinos ajudaram a gerar o evangelho popularizado de hoje, sustentava a ideia de que "impor a necessidade de render a vida a Deus, como condição adicional à salvação, é algo bastante exagerado. Nunca se diz que Deus chama o não-salvo para que este se submeta ao Senhorio de Cristo". *Systematic Theology* (Dallas: Dallas Seminary, 1948), 3:385. Cf. também Rich Wager, "A Assim Chamada Salvação pelo Senhorio" *Conflдent Living* (Julho-agosto de 1987), pp. 54-55. Wagner chega à alarmante conclusão de que se trata de uma perversão do evangelho convidar-se um pecador a receber Jesus Cristo como Salvador *e* Senhor. Apresentar Cristo como Senhor a um descrente é "fazer acréscimos aos ensinos escriturísticos acerca da salvação", declara ele.

[2] Chafer, *Systematic Theology*, 3:385.

[3] *Information Please Almanac* (Boston: Houghton Mifflin, 1988), p. 400.

[4] George Gallup, Jr. e David Poling, *The Search for America 's Faith* (Nashville: Abingdon, 1980), p. 92

[5] Conforme pelo menos um autor, as listas de pecados grosseiros e seus vícios, apresentados por Paulo em 1 Coríntios 6.9,10 e Gálatas 5.19-21, descrevem crentes verdadeiros que entrarão no céu mas perderão a recompensa de "herdarem" o reino de Deus por causa de seu pecado. Zane C. Hodges, *The Gospel Under Siege*, (Dallas: Redención Viva, 1981), pp. 114-115.

PRIMEIRA PARTE

O EVANGELHO DE HOJE: BOAS NOVAS OU MÁS?

I

Analisando a Questão

Considere a apresentação típica do evangelho que se faz em nossos dias. Verá que se roga o seguinte aos pecadores: "aceite a Jesus Cristo como seu Salvador pessoal", "convide Jesus a entrar no seu coração", "convide a Cristo para que entre em sua vida'', ou "faça uma decisão por Cristo''. É provável que você esteja tão habituado a ouvir tais frases que fique surpreso ao saber que nenhuma delas tem base em terminologia

bíblica. Elas são o resultado de um evangelho diluído, que não é o evangelho segundo Jesus.

O evangelho que Jesus proclamava era um chamado ao discipulado, um chamado a segui-Lo em obediência submissa, e não um mero apelo a que se fizesse uma decisão ou uma oração. A mensagem de Jesus libertava as pessoas de sua escravidão do pecado, ao mesmo tempo em que confrontava e condenava a hipocrisia. Ela era uma oferta de vida eterna e perdão a pecadores arrependidos, mas também era uma censura aos religiosos de fachada, cujas vidas eram destituídas da verdadeira justiça. Era um alerta aos pecadores, para abandonar o pecado e abraçar a justiça de Deus. Em todos os sentidos, a sua mensagem era boas novas. Porém, não era de modo algum uma fé fácil.

As palavras de nosso Senhor sobre a vida

eterna vinham invariavelmente acompanhadas de alertas àqueles que pudessem ser tentados a encarar a salvação com leviandade. Jesus ensina que o custo de segui-Lo é alto, que o caminho é estreito e poucos o encontram. Disse Ele que muitos que O chamam de Senhor serão proibidos de entrar no reino dos céus (Mt 7.13-23)

O evangelicalismo moderno, de modo geral, ignora tais alertas. A visão predominante do que seja a fé salvadora continua a tornar-se mais aberta e mais superficial, enquanto que a apresentação de Cristo na pregação e no testemunho pessoal torna-se mais e mais imprecisa. Qualquer um que se declare cristão poderá encontrar evangélicos dispostos a aceitar a sua profissão de fé, sem considerar se o seu comportamento demonstra ou não alguma evidência de rendição a Cristo.

A Entrega ao Evangelho de Jesus

Um setor do evangelicalismo tem até mesmo começado a sugerir a doutrina de que a conversão a Cristo "não envolve compromisso espiritual algum, qualquer que seja".[1] Os que defendem esse ponto de vista ensinam que as Escrituras prometem salvação a qualquer um que simplesmente creia nos fatos a respeito de Cristo e clame por vida eterna. Não há necessidade de se abandonar o pecado, nem de uma resultante mudança de estilo de vida, nem de se assumir um compromisso — nem mesmo da *disposição* para se submeter ao senhorio de Cristo.[2] Tais coisas, dizem eles, equivalem à obras humanas, as quais corrompem a graça e nada têm a ver com a fé.

O resultado de tal pensamento é uma doutrina de salvação deficiente. É justificação sem santificação, e o seu impacto sobre a igreja

tem sido catastrófico. A comunidade dos crentes professos está permeada de pessoas que foram trazidas a um sistema que encoraja a fé superficial e ineficaz. Muitos creem sinceramente que estão salvos, todavia, são completamente estéreis e não se verifica fruto em suas vidas.

Jesus fez esta solene admoestação: "Nem todo o que me diz: Senhor, Senhor! entrará no reino dos céus, mas aquele que faz a vontade de meu Pai que está nos céus. Muitos, naquele dia, hão de dizer-me: Senhor, Senhor! porventura, não temos nós profetizado em teu nome, e em teu nome não expelimos demônios, e em teu nome não fizemos muitos milagres? Então lhes direi explicitamente: Nunca vos conheci. Apartai-vos de mim, *os que praticais a iniquidade'"* (Mt 7.21-23, itálico meu). Está claro que nenhuma experiência — nem

mesmo profecia, expulsão de demônios, ou operação de sinais e maravilhas — pode ser tomada como evidência de salvação se estiver separada de uma vida de obediência.

Nosso Senhor não estava falando acerca de um grupo isolado de seguidores pouco comprometidos. Haverá *muitos* naquele dia que comparecerão diante dEle, assombrados ao descobrirem que não estão incluídos no reino. Temo que multidões, que agora lotam os bancos das igrejas mais representativas do movimento evangélico, estarão entre aqueles que serão rejeitados por não terem feito a vontade do Pai.

Os cristãos contemporâneos têm sido condicionados a crer que, por terem repetido uma oração, assinado um cartão de decisão, ido à frente, falado em línguas, sido arrebatados em espírito, tido algum outro tipo de

experiência, estão salvos e jamais deveriam questionar a sua salvação. Participei de seminários de treinamento em evangelização onde os conselheiros eram ensinados a dizer aos "convertidos" que qualquer dúvida quanto à sua salvação é de origem satânica e deve ser repudiada. Há um equívoco amplamente difundido, a saber, que se uma pessoa questiona a sua salvação ela está desafiando a integridade da Palavra de Deus.

Que pensamento equivocado este! As Escrituras nos encorajam a examinar a nós mesmos a fim de sabermos se estamos na fé (2 Co 13.5). Pedro escreveu: "Por isso, irmãos, procurai, com diligência cada vez maior, confirmar a vossa vocação e eleição" (2 Pe 1.10). É correto examinar nossas vidas e avaliar o fruto que produzimos, pois "cada árvore é conhecida pelo seu próprio fruto" (Lc 6.44).

A Bíblia ensina claramente que a evidência da obra de Deus numa vida é o fruto inevitável de um comportamento transformado (1 Jo 3.10). A fé que não opera um viver santo está morta e não pode salvar (Tg 2.14-17).[3] Crentes professos em cujas vidas há ausência completa do fruto da verdadeira justiça não encontrarão qualquer base bíblica que lhes assegure a sua salvação (1 Jo 2.4).

A verdadeira salvação não é somente justificação. Ela não pode estar separada da regeneração, da santificação e da glorificação final. A salvação é tanto um processo em andamento quanto um fato passado. É a operação de Deus, através da qual somos feitos "conformes à imagem de seu Filho" (Rm 8.29; Rm 13.11). A segurança genuína advém da percepção da obra transformadora do Espírito Santo na vida de uma pessoa, e não do apego à

memória de alguma experiência.

Noções Históricas

Ao estudarmos o evangelho de Jesus, nossa preocupação principal não pode ser com sistemas acadêmicos de teologia, nem com opiniões específicas de certos teólogos acerca de uma determinada doutrina. No entanto, ao procurarmos compreender a questão, devemos observar como se desenvolveu a perspectiva contemporânea do que seja o evangelho.

Antes deste século, nenhum teólogo sério teria alimentado a ideia de que seria possível alguém ser salvo, embora não demonstrasse obra externa da regeneração no seu estilo de vida ou em seu comportamento.[4] Em 1918, Lewis Sperry Chafer publicou *He That Is Spiritual* (Aquele que é Espiritual), dando voz ao conceito de que 1 Coríntios 2.15 a 3.3 fala de

duas classes de crentes: os carnais e os espirituais. Chafer escreveu que "o crente 'carnal' é...caracterizado por um 'andar' que fica no mesmo nível daquele do homem 'natural' [não-salvo]".[5] Tal conceito era estranho à maioria dos cristãos na geração do Dr. Chafer,[6] mas transformou-se em uma premissa central para um grande segmento da igreja de hoje. A doutrina da espiritualidade defendida pelo Dr. Chafer, juntamente com alguns outros ensinamentos dele, veio a ser a base de uma maneira completamente nova de se ver o evangelho. Pelo fato de os ensinos de Chafer influenciarem tanto a visão moderna que se tem do evangelho, é essencial confrontar o que ele ensinou.

A dicotomia defendida por Chafer — crentes carnais e crentes espirituais — foi vista pelo Dr. B. B. Warfield como um eco do "jargão

dos mestres da Vida Superior",[7] os quais ensinavam que um nível superior de vida vitoriosa estava à disposição dos crentes que o reivindicassem pela fé. Também é indubitavelmente verdade que a ideia de duas classes de crentes era uma extensão infeliz da perspectiva dispensacionalista de Chafer — um exemplo clássico de como a metodologia dispensacionalista pode ser levada a extremos.

O dispensacionalismo é um sistema basicamente correto para se compreender o plano de Deus através dos séculos. Seu elemento central é o reconhecimento de que o plano de Deus para Israel não foi substituído ou engolido pelo seu plano para a Igreja. Israel e a Igreja são entidades separadas, e Deus irá restaurar a nação de Israel sob o reino terrestre de Jesus como o Messias. Aceito e defendo esta opinião, porque ela emerge de uma

interpretação consistentemente literal das Escrituras (embora eu continue reconhecendo a presença de metáforas na Bíblia). Quanto a isto, considero-me um dispensacionalista premilenista tradicional.[8]

O Dr. Chafer foi um dos primeiros e eloquentes porta-vozes do dispensacionalismo, e os seus ensinos ajudaram a nortear o curso para uma boa parte desse movimento. Foi um homem brilhante, dotado de uma mente aguçada e analítica, e da habilidade de comunicar-se com clareza. A metodologia sistemática do dispensacionalismo tradicional é, em parte, um legado seu.

Há, todavia, nos dispensacionalistas, uma tendência de se deixarem ir a extremos, compartindo a verdade a ponto de fazer distinções não-bíblicas. Um desejo quase obsessivo de categorizar tudo nitidamente tem

levado muitos intérpretes dispensacionalistas a traçar linhas divisórias, não só entre a Igreja e Israel, mas também entre a salvação e o discipulado, a Igreja e o Reino, a pregação de Jesus e a mensagem apostólica, a fé e o arrependimento, o período da lei e o período da graça.

A divisão rígida entre o período da lei e o período da graça, especialmente, tem devastado a teologia dispensacionalista e contribuído para que haja confusão quanto à doutrina da salvação. Naturalmente, há que se fazer importante distinção entre lei e graça. Todavia, está errado inferir, como aparentemente o fez Chafer, que a lei e a graça excluem-se mutuamente no plano de Deus para qualquer era.[9] Na verdade, elementos de ambas, lei e graça, fazem parte do plano de Deus em cada dispensação. A salvação tem sido

sempre pela graça, por meio da fé; nunca pelas obras da lei (Gl 2.16). Está claro que mesmo os santos do Velho Testamento, tanto os que precederam como os que viveram sob a lei mosaica, foram salvos pela graça mediante a fé (Rm 4.3,6-8,16). E está igualmente claro que os santos do Novo Testamento têm uma lei a cumprir (Gl 6.2; 1 Co 7.19; 9.21). Isto não é uma "mescla descuidada"[10] de lei e graça, como Chafer sugeriu. Pelo contrário, esta é uma verdade bíblica fundamental.

A visão que Chafer teve de toda a Escritura foi orientada pelo seu desejo de manter uma distinção rígida entre as duas eras de "pura lei" (a era mosaica e o reino milenar) e a era de "pura graça" (a era da Igreja), que ele situava entre as eras da lei.[11] Ele escreveu, por exemplo, que o Sermão do Monte faz parte do "evangelho do reino", do "Manifesto do Rei".

[12] Ele cria que o propósito do Sermão do Monte era declarar "o caráter essencial do reino [milenar]". E encarou-o como lei e não como graça, concluindo que nada tinha a ver com a salvação ou a graça. Esta "omissão completa de qualquer referência a alguma característica da presente era da graça", disse ele, "é um fato que deve ser cuidadosamente considerado".[13]

Outros autores dispensacionalistas consideraram tais ideias e expandiram-nas, ao ponto de anunciar em termos mais específicos aquilo que Chafer apenas insinuou: que os ensinamentos do Sermão do Monte "não têm aplicação à vida do crente, mas apenas àqueles que estão sob a lei, e, portanto, devem aplicar-se a outra dispensação e não a esta."[14] Essa hermenêutica lamentável é largamente aplicada, em graus diversos, a muitos dos ensinamentos de Jesus, deturpando a

mensagem dos evangelhos.[15]

Não é de se admirar que a mensagem evangelística emergente de um tal sistema difira nitidamente do evangelho segundo Jesus. Se partirmos da pressuposição de que boa parte da mensagem de Jesus visava a uma outra era, por que o nosso evangelho tem de ser o mesmo que Ele pregou?

Todavia, essa é uma pressuposição perigosa e insustentável. Jesus não veio proclamar uma mensagem que seria inválida até a Tribulação ou o Milênio. Ele veio buscar e salvar o perdido (Lc 19.10). Ele veio chamar pecadores ao arrependimento (Mt 9.13). Ele veio para que o mundo fosse salvo por Ele (Jo 3.17). Ele proclamou o evangelho da salvação, e não um mero manifesto para alguma era futura. O evangelho de Cristo é a única mensagem que devemos pregar — qualquer

outro evangelho está sob a maldição de Deus (Gl 1.6-8).

Dividindo a Palavra Erroneamente

Consideremos um pouco mais de perto a tendência dispensacionalista de dividir a verdade inadvertidamente. É de *suma* importância que delineemos cuidadosamente a fronteira existente entre axiomas bíblicos essencialmente diferentes (2 Tm 2.15). Todavia, é possível que ultrapassemos os limites. O zelo desenfreado de alguns pensadores dispensacionalistas, procurando estabelecer dicotomias, os tem levado a fazer muitas imposições infelizes sobre o evangelho.

Por exemplo: Jesus é tanto Salvador quanto é Senhor (Lc 2.11), e nenhum crente verdadeiro jamais colocaria tal fato em dúvida. "Salvador" e "Senhor" são ofícios diferentes,

mas devemos ter o cuidado de não isolá-los de tal modo que venhamos a ter um Cristo dividido (cf. 1 Co 1.13). Mesmo assim, existem altas vozes no grupo dispensacionalista ensinando que é possível rejeitar a Cristo como Senhor, porém recebê-Lo como Salvador!

De fato, há os que desejam levar-nos a crer que o *normal* para a salvação é aceitar a Jesus como Salvador, sem nos sujeitarmos a Ele como Senhor. Eles fazem a inacreditável afirmação de que qualquer outro ensinamento será um falso evangelho "porque sutilmente acrescenta obras à condição clara e simples estabelecida na Palavra de Deus".[16] O ensino a que se opõem eles rotularam de "salvação pelo senhorio". A salvação pelo senhorio, definida por alguém que a considera uma heresia, é "a visão de que, para ser salva, a pessoa precisa confiar em Jesus Cristo como

Salvador do pecado, e, também entregar-se a Cristo como Senhor de sua vida, submetendo-se à sua autoridade soberana".[17]

É surpreendente que alguém possa caracterizar uma tal verdade como antibíblica ou herética, mas há um coro cada vez maior de vozes ecoando tal acusação. Segundo querem nos fazer entender, o reconhecimento do senhorio de Jesus implica em uma obra humana. Esta é uma noção equivocada, mas é defendida por volumes e volumes de literatura que falam de pessoas "fazendo de Jesus Cristo o Senhor de suas vidas".[18]

Nós não "fazemos" de Cristo o Senhor: Ele *é o* Senhor! Os que não O recebem como Senhor são culpados de rejeitá-Lo! A "fé" que rejeita a sua autoridade soberana nada mais é do que incredulidade. Por outro lado, o reconhecimento da soberania de Cristo é não

maior obra humana do que o próprio arrependimento (cf. 2 Tm 2.25) ou a fé (cf. Ef 2.8,9). Na verdade, ele é um elemento importante da fé salvadora divinamente produzida em nós, e não um elemento adicional à fé.

As duas passagens mais claras em toda a Bíblia, que falam do caminho da salvação, dão ênfase ao senhorio de Jesus: "Crê no Senhor Jesus, e serás salvo" (At 16.31); e "Se com a tua boca confessares a Jesus como Senhor, e em teu coração creres que Deus o ressuscitou dentre os mortos, serás salvo" (Rm 10.9).[19] O sermão de Pedro no Pentecoste termina com esta declaração: "Esteja absolutamente certa, pois, toda a casa de Israel de que a este Jesus que vós crucificastes, Deus o fez *Senhor e Cristo*'"'' (At 2.36, itálico meu). Não há promessa de salvação oferecida a alguém que se recuse a

submeter-se ao senhorio de Cristo. Portanto, não há salvação a não ser a "salvação pelo senhorio".[20]

Os opositores à salvação pelo senhorio têm-se esforçado muito para sustentar que "Senhor", nesses versículos, não significa "Mestre", sendo apenas uma referência à divindade de Jesus.[21] Mesmo que essa alegação seja aceita, ela simplesmente afirma que aqueles que buscam a salvação em Cristo precisam reconhecer que Ele é Deus. E as implicações, nesse caso, tornam-se ainda mais exigentes do que se considerarmos que "Senhor" significa apenas "Mestre"!

A verdade é que a palavra "Senhor" *realmente* significa "Deus" em todos esses versículos. Mais precisamente significa "Deus que reina",[22] o que tão somente dá mais força aos argumentos da salvação pelo senhorio.

Ninguém que busque a salvação com fé genuína, crendo sinceramente que Jesus é o Deus eterno, todo-poderoso e soberano, irá rejeitar propositadamente a sua autoridade. A fé verdadeira não consiste em meras palavras. O próprio Senhor condenou aqueles que O adoravam com os lábios, mas não com suas vidas (Mt 15.7-9). Ele não Se torna Salvador de uma pessoa enquanto ela não O receba como Ele é: Senhor de todos (At 10.36).

A. W. Tozer disse que "O Senhor não irá salvar aqueles em Quem Ele não pode mandar. Ele não irá dividir os seus ofícios. Você não pode crer num meio-Cristo. Nós O recebemos como Ele é: O Salvador ungido e o Senhor que é Rei dos reis e Senhor de todos os senhores! Ele não seria quem é se nos salvasse, nos chamasse e nos escolhesse sem que compreendêssemos o fato de que Ele também

pode guiar e controlar as nossas vidas'' .[23]

Fé e Discipulado Verdadeiro

Os que ensinam que a obediência e a submissão são alheias à fé salvadora são forçados a fazer uma distinção firme, porém não-bíblica, entre salvação e discipulado. Essa dicotomia, como aquela do crente carnal/espiritual, estabelece dois tipos de crentes: aqueles que são simplesmente crentes, e os verdadeiros discípulos. Muitos dos que sustentam esta posição simplesmente desconsideram o teor evangelístico de todos os apelos de Jesus registrados nas Escrituras, dizendo que tais apelos estão voltados para o discipulado, não para a salvação.[24] Um autor assim diz: "Nenhuma distinção é mais vital à teologia, mais fundamental para que se tenha uma compreensão correta do Novo

Testamento, ou mais importante para a vida e testemunho de cada crente".[25]

Pelo contrário! Nenhuma distinção tem feito tanto para minar a autoridade da mensagem de Jesus quanto esta! Quando Jesus disse às multidões que se negassem a si mesmas (Lc 14.26), tomassem a cruz (v. 27), abandonassem tudo e O seguissem (v.33), será que podemos crer que suas palavras não tinham qualquer importância para as pessoas não-salvas na multidão que ali estava? Como isso poderia ser verdade, se Ele disse que não veio para chamar justos e, sim, pecadores? (Mateus 9.13).

James Boice, em seu livro *Christ's Call to Discipleship,* escreve com discernimento sobre a dicotomia salvação/discipulado, a qual ele descreve abertamente como "teologia defeituosa":

Esta teologia separa a fé do discipulado e a graça da obediência. Ensina que Jesus pode ser recebido como Salvador sem que o seja como Senhor.
Trata-se de uma falta comum em tempos de prosperidade. Em dias de aflições, especialmente de perseguições, aqueles que estão no processo de se tornarem crentes calculam cuidadosamente o preço do discipulado antes de tomarem a cruz do Nazareno. Os pregadores não os enganam com promessas falsas de uma vida tranquila ou de tolerância para com os seus pecados. Mas, em tempos de bonança, o custo não parece alto, e as pessoas tomam o nome de Cristo sem passar pela transformação radical de vida que a conversão verdadeira apresenta.[26]

A chamada do Calvário tem que ser reconhecida pelo que realmente é: uma chamada ao discipulado sob o senhorio de Jesus Cristo. Atender a essa chamada é tornar-se crente. Qualquer coisa menos do que isso é

simplesmente incredulidade.[27]

O evangelho segundo Jesus, explícita e inequivocamente, acaba com a fé fácil. Dizer que todas as exigências difíceis que fez o Senhor aplicam-se tão somente a uma classe superior de crentes é neutralizar a força de toda a sua mensagem. É dar lugar a uma fé barata e inexpressiva — uma fé que pode ser exercida sem que haja qualquer impacto sobre uma vida vivida em carnalidade e pecado. Essa não é a fé salvadora.

Pela Graça, Mediante a Fé

A Salvação vem unicamente pela graça, mediante a fé (Ef 2.8). Esta verdade é a linha divisória bíblica para tudo o que ensinamos. Mas ela perde o seu significado, se partirmos de uma compreensão errônea do que seja a graça ou de uma definição defeituosa de fé.

A graça de Deus não é um atributo estático pelo qual Ele recebe passivamente pecadores endurecidos e impenitentes. A graça não muda a situação de um indivíduo diante de Deus sem operar no caráter dessa pessoa. A verdadeira graça não é, como escreveu Chafer, "a liberdade que tem o crente de fazer exatamente o que escolhe".[28] De acordo com as Escrituras, a verdadeira graça nos ensina a renegar "a impiedade e as paixões mundanas [para que] vivamos no presente século, sensata, justa e piedosamente' (Tt 2.12). A graça é o poder de Deus para cumprir nossos deveres na Nova Aliança (cf. 1 Co 7.19), ainda que, certas vezes, nossa obediência seja tão inconsistente. A graça não nos concede permissão para vivermos na carne; ela nos supre com o poder para vivermos no Espírito.

A fé, assim como a graça, não é estática. A

fé salvadora é mais do que meramente compreender fatos e concordar mentalmente com eles. Ela é inseparável do arrependimento, da rendição e de um desejo sobrenatural de obedecer. O conceito bíblico da fé salvadora inclui todos esses elementos. Nenhum deles pode ser classificado como obra humana, assim como a fé também não é apenas um esforço humano.

A má compreensão desse aspecto primordial constitui o erro básico daqueles que rejeitam a salvação pelo senhorio. Eles assumem que, pelo fato da Escritura contrastar a fé e as obras, a fé pode ser desprovida de obras. Estabelecem um conceito de fé que elimina a submissão, a rendição pessoal e o abandono do pecado, e classificam todos os elementos práticos da salvação como obras humanas. Eles tropeçam na dupla verdade de

que a salvação é um dom que, todavia, custa-nos tudo!

Tais fatos são paradoxais, contudo, não se excluem mutuamente. A mesma dissonância é vista nas palavras do próprio Jesus: "Eu vos aliviarei", seguidas de "tomai sobre vós o meu jugo" (Mt 11.28,29). O descanso no qual entramos pela fé não é um descanso inativo.

A salvação *é* um dom, mas que se torna nosso somente mediante uma fé que vai além da mera compreensão intelectual da verdade — além do mero concordar, pois até mesmo os demônios têm esse tipo de "fé" (Tg 2.19). Por outro lado, os verdadeiros crentes são caracterizados por possuírem uma fé que tanto rejeita uma vida de pecado quanto é atraída à misericórdia do Salvador. Sendo atraídos a Cristo, eles se *retraem* de tudo o mais. Jesus descreveu os verdadeiros crentes como "pobres

de espírito" (Mt 5.3). São como o publicano arrependido: tão quebrantado que não ousava levantar os olhos ao céu. Só podia bater no peito e clamar: "Ó Deus, sê propício a mim, pecador!" (Lc 18.13).

A oração desesperada desse homem, a qual Jesus declarou ter resultado em sua salvação (v.14), é um dos retratos mais claros do arrependimento genuíno, operado por Deus em toda a Escritura. Seus rogos em nada eram obra humana ou uma tentativa humana de alcançar a retidão. Pelo contrário: representam sua desistência completa de confiar no mérito de obras religiosas. Como que para prová-lo, ele permaneceu "longe" do fariseu que orava. Compreendeu que a única maneira pela qual poderia ser salvo seria a misericordiosa graça de Deus. Baseado nisso, e tendo primeiro chegado ao fim de si mesmo,

ele recebeu a salvação como um dom.

A intenção de Jesus ao relatar isso era demonstrar que o arrependimento está no âmago da fé salvadora. A palavra grega para arrependimento, *metanoia*, significa, literalmente, "pensar após". Implica em certa mudança de mente, e alguns dos que se opõem à salvação pelo senhorio têm tentado limitar o significado dessa palavra a isso.[29] Mas a definição de arrependimento não pode circunscrever-se somente à etimologia da palavra grega.

O arrependimento, conforme Jesus o caracterizou neste incidente, inclui o reconhecimento da minha total pecaminosidade e o dar as costas ao ego e ao pecado, voltando-me para Deus (cf. 1 Ts 1.9). Longe de ser uma obra humana, é, na verdade, o resultado inevitável da obra *divina* no coração

humano. E representa sempre o fim de qualquer tentativa humana para alcançar o favor de Deus. É muito mais do que uma simples mudança de mente — inclui uma completa mudança de coração, de atitude, de interesses, de direção. É conversão, em todo o sentido da palavra.

A Bíblia não reconhece fé que exclua este elemento de arrependimento ativo. A verdadeira fé nunca é passiva — é sempre obediente. De fato, as Escrituras frequentemente igualam a fé à obediência (Jo 3.36; Rm 1.5; 16.26; 2 Ts 1.8).[30] "Pela fé Abraão [o pai da verdadeira fé] ...obedeceu" (Hb 11.8). Esse é o âmago da mensagem de Hebreus 11, o grande tratado da fé.

Fé e obras não são incompatíveis. Há um sentido em que o próprio Jesus chama de "obra" o ato de crer (Jo 6.29) — não

meramente uma obra humana, mas uma obra graciosa de Deus em nós. Deus nos traz à fé e, então, nos torna capazes, e nos dá o poder de obedecer por fé (cf. Rm 16.26).

É exatamente aqui que temos que fazer a distinção-chave. A salvação pela fé não elimina as obras *per se*. Elimina, sim, as obras que são apenas resultado do esforço humano (Ef 2.8). A salvação pela fé anula qualquer tentativa de merecermos o favor divino mediante nossas obras humanas (v.9), mas não impede o propósito predeterminado de Deus de que o nosso andar pela fé seja caracterizado por boas obras (v. 10).

Devemos nos lembrar, acima de tudo, que a salvação é um ato soberano de Deus. Biblicamente, ela é definida pelo que produz, e, não, pelo que se faz para alcançá-la. As obras *não* são necessárias para se alcançar a salvação.

Mas a verdadeira salvação, operada por Deus, não deixará de produzir as boas obras que são os seus frutos (cf. Mt 7.17). Somos feitura de Deus. Nenhum aspecto da salvação é alcançado pelo mérito de obras humanas (Tt 3.5-7). E, por isso, nenhum elemento da salvação pode ser defeituoso ou estar em falta. Como parte de sua obra salvadora, Deus irá produzir arrependimento, fé, santificação, rendição pessoal, obediência e, por fim, a glorificação. Visto que Ele não depende de esforços humanos para produzir esses elementos, uma experiência em que qualquer deles esteja ausente não pode ser a obra salvadora de Deus.

Se realmente nascemos de Deus, temos uma fé que não pode deixar de vencer o mundo (1 Jo 5.4). Poderemos pecar (1 Jo 2.1) — *iremos* pecar — mas o processo de santificação jamais poderá ser completamente obstruído.

Deus está operando em nós (Fp 2.13), e continuará a aperfeiçoar-nos até o dia de Cristo (Fp 1.6; 1 Ts 5.23,24).

---

[1] Zane C. Hodges, *The Gospel Under Siege* (Dallas: Redención Viva, 1981), p. 14.

[2] Charles C. Ryrie, *Balancing The Christian Life* (Chicago: Moo dy, 1969), pp. 169-70.

[3] Tiago faz a pergunta retórica: "Meus irmãos, qual é o proveito, se alguém disser que tem fé, mas não tiver obras? Pode, acaso, semelhante fé salvá-lo?" (Tg 2.14). Um segmento da teologia moderna responde que sim (Hodges, *The Gospel Under Siege,* pp. 19-33). Contudo, a mensagem de Tiago parece-nos clara. Até mesmo os demônios têm fé suficiente para crer nos fatos básicos (v. 19); mas, essa não é a fé redentora. "A fé sem as obras é inoperante" (v. 20), e "a fé sem obras é morta" (v. 26). Juntando estes três versos, temos de concluir que se trata de uma descrição da fé ineficaz e não de uma fé que já foi viva, mas que agora está morta. (Veja discussão complementar na nota de rodapé 5, do capítulo 16).

[4] Veja o apêndice 2 desta obra para obter uma visão geral da compreensão histórica da igreja quanto à relação entre fé e obras.

[5] Lewis Sperry Chafer, *He That Is Spiritual,* ed. rev. (Grand Rapids: Zondervan, 1967) p. 21.

[6] Os instruídos na teologia dispensacionalista poderão surpreender-se ao tomarem conhecimento de que o livro

do Dr. Chafer provocou grande controvérsia ao ser lançado. O Dr. Warfield, numa crítica severa, discordou da premissa básica de Chafer. Não negando a verdade óbvia de que os crentes podem comportar-se de maneira carnal, Warfield opôs-se vigorosamente à classificação de carnalidade como um estado especial da vida espiritual. Warfield fez algumas colocações excelentes:

Não se pode distinguir este ensino daquele que é tido comumente como a doutrina de uma "segunda bênção", "uma segunda obra da graça", "a vida superior".

O remanescente da carne no crente não constitui a sua característica. Ele está no Espírito e anda no Espírito, ainda que tropece. A grande promessa de que "o pecado não terá domínio sobre vós" é dada a todos os crentes, e não a alguns somente; e a grande segurança lhes é acrescentada: "pois não estais debaixo da lei, e, sim, da graça". Aquele que crê em Jesus Cristo está sob a graça, e todo o seu percurso, tanto o seu caminhar quanto o seu lugar de destino, está determinado pela graça, e, portanto, tendo sido predestinado para ser conformado à imagem do Filho de Deus, o crente está, com toda a certeza, sendo conformado a essa imagem. E Deus mesmo Se encarrega de que o crente não somente seja chamado e justificado, mas, também, glorificado. Você pode encontrar crentes em todos os estágios deste processo, pois se trata de um processo pelo qual todos temos que passar. Mas você jamais encontrará alguém que, pelo cronograma e à maneira de Deus, não passe por todos os estágios do processo. Não há dois tipos de crentes, embora haja crentes em todos os estágios imagináveis de avanço rumo ao único alvo, para o qual

todos se dirigem e ao qual todos chegarão.

Benjamin B. Warfield, artigo em *The Princeton Theological Review* (Abril 1919), pp. 322-27.

[7] Ibid, p. 322.

[8] Uma definição do dispensacionalismo bíblico é dada por Charles C. Ryrie, *Dispensationalism Today* (Chicago: Moody, 1965), pp. 43-44.

[9] Chafer escreveu:

No que diz respeito ao caráter do governo divino, tanto a era que antecedeu a cruz quanto a que ocorrerá após a volta de Cristo representam o exercício de pura lei, enquanto que o período que intercala essas duas eras representa o exercício de pura graça. Faz-se essencial, portanto, que não haja uma mescla descuidada desses grandes elementos caracterizadores das eras, caso contrário, perder-se-á a preservação das distinções mais importantes nas várias relações entre Deus e o homem, e o reconhecimento da verdadeira força da morte de Cristo e da sua segunda vinda ficará obscurecido. Lewis Sperry Chafer, *Grace* (Grand Rapids: Zondervan, 1922), p. 124.

[10] Ibid. É notável que *A Bíblia Scofield* dê ainda muito mais atenção do que Chafer à importância da lei e seu ministério no período da graça (Imprensa Batista Regular do Brasil, 1983).

[11] Ibid.

[12] Ibid.

[13] Ibid. Compare isto com a afirmação de Lutero de que "o Sermão do Monte não é lei, mas evangelho". Citado por John Stott, *Mensagem do Sermão do Monte* (ABU).

[14] Clarence Larkin, *Dispensational Truth* (Philadelphia: Larkin, 1918), p. 87. Larkin, cujos livros e mapas ainda

estão disponíveis, os quais são usados por muitos dispensacionalistas, também apontou para a frase "Venha o teu reino", na oração do Senhor, como prova de que essa oração foi designada apenas "para aqueles que estiverem vivendo no 'Período da Tribulação'". Tal conclusão é injustificável. O reino está para vir, mas isso também se aplica aos que vivem hoje, antes da tribulação.

[15] É preciso destacar que muitos dispensacionalistas ressentem a crítica de que relegaram o Sermão do Monte e outros ensinos de Jesus a uma era futura. A maioria dos dispensacionalistas dirá que vê *aplicações* do Sermão para a era da Igreja; mas, não admitem que a sua mensagem é, primordialmente, para os crentes. Mesmo Charles Ryrie, que escreveu um contra-ataque apaixonado a essa acusação, não chega a abraçar o Sermão do Monte como verdade para os nossos dias. Depois de uma longa defesa da visão dispensacionalista tradicional do Sermão do Monte, Ryrie conclui que este não pode ser aplicado "primária e completamente... ao crente desta era". (Ryrie, *Dispensationalism Today,* 109). No entanto, praticamente cada detalhe do Sermão está repetido nas epístolas.

[16] Livingston Blauvelt, Jr., "Does the Bible Teach Lordship Salvation?" *Bibliotheca Sacra* (Janeiro-Março de 1986), p. 37.

[17] Ibid.

[18] Ibid., p. 38.

[19] Alguns dispensacionalistas desejam confinar a aplicação de Romanos 10.9,10 aos judeus incrédulos. É verdade que Romanos 9 a 11 trata da questão de Israel

rejeitar o Messias e do lugar dessa nação no plano eterno de Deus. Contudo, o significado soteriológico destes versículos não pode limitar-se tão somente a Israel, por causa dos versículos 12 e 13 do capítulo 10: "Pois não há distinção entre judeu e grego, uma vez que o mesmo é o Senhor de todos, rico para com todos os que o invocam. Por que: Todo aquele que invocar o nome do Senhor, será salvo".

[20] Não gosto do termo "salvação pelo senhorio". Ele foi cunhado por aqueles que desejam eliminar da chamada à fé salvadora a ideia de submissão a Cristo; ele também traz a implicação de que o senhorio de Jesus é uma falsa adição ao evangelho. Como veremos, entretanto, a "salvação pelo senhorio" é tão-somente a doutrina bíblica e histórica de soteriologia. Faço uso desse termo, neste livro, tão-somente para facilitar a argumentação.

[21] Ibid., pp. 38-41. Veja também G. Michael Cocoris, *Lordship Salvation — Is it Biblical?* (Dallas: Redención Viva, 1983), pp. 13-15.

[22] A correta compreensão de qualquer termo bíblico depende da etimologia, do contexto e da história. Etimologicamente, *kurios* vem de um; raiz grega que significa "governo, domínio, ou poder". Contextualmente analisando o uso que Pedro fez de *kurios,* em Atos 2.36, é importante notar que os versos 34 e 35 citam o Salmo 110, um salmo messiânico de governo e domínio ("Domina entre os teus inimigos", SI 110.2). Pedro não estava dizendo simplesmente que ''Deus o fez... Senhor'': estava afirmando o direito que Jesus tem de governar. Historicamente, o sermão de Pedro focalizava a cumplicidade dos judeus na crucificação do

seu Messias (v. 23). No julgamento de Jesus, diante de Pilatos e da multidão de judeus a questão discutida foi, claramente, a *realeza* de Jesus, mencionada ao menos doze vezes em João 18.33-19.22. Está claro que uma exegese histórico-gramatical cuidadosa de Atos 2.36 só pode levar a uma única conclusão Jesus é o Rei divino que tanto reina sobre amigos como sobre seus adversários. Portanto, tendo identificado Cristo como Senhor de todos, Pedro faz o seu apelo evangelístico. Observe cuidadosamente que Paulo pregava a Jesus exatamente da mesma forma (2 Co 4.3-5): Jesus é o nosso Senhor e Soberano, e nós somos seus servos.

[23] A. W. Tozer, / *Call It Heresy!* (Harrisburg, PA: Christian Pu blications, 1974), pp. 18,19.

[24] Hodges, *The Gospel Under Siege,* 35-45; Cocoris, *Lordship Sal vation — Is It Biblical?,* 15-16; Blauvelt, "Does the Bible Teach Lordship Salvation?", 41.

[25] Charles C. Ryrie, no prefácio da obra de Zane C. Hodges, *The Hungry Inherit* (Portland: Multnomah, 1980), p. 7.

[26] James M. Boice, *Christ's Call to Discipleship* (Chicago: Moody 1986), p. 14.

[27] A Grande Comissão de Jesus, em Mateus 28.18-20, nada fala a respeito de fazer distinção entre crentes e discípulos. "Fazei discípulos... batizando-os" implica em que cada novo crente é um discípulo, uma vez que todos os crentes devem ser batizados (At 2.38), não apenas aqueles que se dão a algum tipo de compromisso mais profundo. (Veja mais sobre este assunto no capítulo 19.)

[28] Chafer, *Grace,* 345. Chafer seria a última pessoa a apoiar uma vida cristã desregrada. Apesar disso, por

causa da extrema ênfase que dei à "pura graça", fez várias afirmações com um estranho sabor antinomiano que transmitiram impressões que, com toda a certeza, ele não desejava transmitir.

[29] Cocoris, *Lordship Salvation — Is It Biblical?*, 11. Também Ryrie afirma que o arrependimento é "uma mudança de mente em relação Jesus Cristo, de forma que Ele é crido e recebido como Salvador pessoal dos pecados". O arrependimento, segundo esta definição, nada tem a ver com a minha atitude pessoal em relação ao pecado ou minha mudança de estilo de vida decorrente dessa atitude. Torna-se um mero olhar para Cristo. Ryrie, *Balancing the Christian Life,* 175-176.

[30] Os que rejeitam a posição do senhorio geralmente usam textos como Romanos 1.5 ("a obediência por fé'') para defender a ideia de que o ato de crer é a única obediência exigida para a salvação. Crendo no Filho, obedecemos à vontade do Pai (Jo 6.29). Esta é a "obediência por fé", dizem. É obediência ao Pai, não obediência aos mandamentos de Cristo. Mas a obediência aos mandamentos de Jesus está claramente imposta por textos como João 3.36 ("o que, todavia, se mantém rebelde contra o Filho não verá a vida, mas sobre ele permanece a ira de Deus"), e Hebreus 5.9 ("[Jesus] tornou-se o Autor da salvação eterna para todos os que lhe obedecem").

SEGUNDA PARTE

JESUS PROCLAMA O SEU EVANGELHO

2

Ele Exige um Novo Nascimento

Nem todo aquele que se diz crente o é realmente. Incrédulos fazem falsas profissões de fé em Cristo, e aqueles que não são crentes verdadeiros podem ser iludidos, vindo a pensar que são salvos.

Este fato teria sido considerado como ponto pacífico há algumas décadas; hoje, não mais. O barateamento da graça e a fé fácil em

um evangelho distorcido estão arruinando a pureza da Igreja. O abrandamento da mensagem do Novo Testamento trouxe consigo um inclusivismo putrefato que, com efeito, vê qualquer tipo de resposta positiva a Jesus como um equivalente para a fé salvadora. Os crentes de hoje estão dispostos a aceitar qualquer coisa, que não a rejeição aberta, como autêntica fé em Cristo. O evangelicalismo moderno desenvolveu um território largo e notável, que abriga até aqueles cuja doutrina é suspeita ou cujo comportamento denuncia corações rebeldes contra as coisas de Deus.

O evangelho que Jesus pregou não fomentava esse tipo de credulidade. Desde o início de seu ministério público, nosso Senhor evitou adesões rápidas, fáceis ou superficiais. Sua mensagem resultou em mais rejeição do que em aceitação entre os seus ouvintes, pois se

recusava a proclamar palavras que dessem a qualquer pessoa uma falsa esperança. Suas palavras, voltadas sempre para as necessidades do indivíduo, nunca deixaram de fazer murchar a autojustiça dos que O procuravam, ou de pôr à mostra segundas intenções, ou de alertar quanto a uma fé falsa ou a um compromisso superficial.

O encontro de Jesus com Nicodemos em João 3 é um exemplo disto. Trata-se do primeiro encontro evangelístico pessoal de Jesus registrado nos evangelhos. Ironicamente Jesus, que tanto confrontou a falta de fé dos fariseus e seu antagonismo cabal, iniciou o seu ministério evangelístico atendendo a um líder fariseu que O procurou com uma declaração solene e entusiasmada. Poderíamos esperar que Jesus recebesse Nicodemos calorosamente e interpretasse a sua atitude positiva como uma

profissão de fé, mas esse não foi o caso. Longe de encorajar Nicodemos, o Senhor Jesus, que conhecia a incredulidade e a autojustiça existentes no coração dele, tratou-o como incrédulo.

Alguns têm esta passagem das Escrituras como uma declaração de como é fácil crer em Jesus Cristo.[1] Esta não é, de forma alguma, a questão focalizada neste episódio. É verdade que aqui vemos esboçada a simplicidade do evangelho, porém Jesus não estava apresentando a este fariseu que se autojustificava uma mensagem de fé fácil. Pelo contrário! O Senhor questionou tudo o que era vital para aquele homem. No decorrer do diálogo que tiveram, Jesus confrontou a fé espúria de Nicodemos, sua religião baseada em obras, sua retidão farisaica, e sua falta de conhecimento bíblico. O Salvador pediu nada

menos do que regeneração completa. Sem o novo nascimento espiritual, disse a Nicodemos, nenhum homem tem qualquer esperança de vida eterna. Nicodemos ficou claramente chocado com as palavras de Jesus, e não há qualquer evidência nesta passagem de que a sua resposta imediata tenha sido positiva.

João incluiu o relato deste diálogo no correr da sua argumentação de que Jesus é Deus. O evangelho de João começa e termina com declarações da divindade de Jesus (1.1; 20.30,31), e quase tudo o que João escreve é um desdobramento desse tema. O encontro de Jesus com Nicodemos não é exceção. A narrativa flui diretamente de João 2.23-25, que diz que Jesus "conhecia a todos... porque Ele mesmo sabia o que era a natureza humana''. A história de Nicodemos prova a onisciência de Jesus, demonstrando a sua capacidade de ler o

coração de Nicodemos. E ainda mais, confirma a divindade de Jesus, revelando que Ele é o Caminho da salvação (vv. 14-17).

Nicodemos foi um dos descritos por João no final do capítulo 2, que creram porque viram os milagres de Jesus. Esse tipo de fé nada tinha a ver com a fé salvadora, como percebemos pelo testemunho de João de que "o próprio Jesus não se confiava a eles, porque os conhecia a todos" (2.24). Trata-se de uma afirmação clara quanto à ineficácia de uma fé artificial.[2] Assim, Nicodemos é uma ilustração do que seja uma fé falsa — a sua mente, até certo ponto, aceitava a verdade de Cristo, porém o seu coração permanecia não regenerado.

Nicodemos inicia a conversa com esta profissão de fé: "Rabi, sabemos que és Mestre vindo da parte de Deus; porque ninguém pode

fazer estes sinais que tu fazes, se Deus não estiver com ele" (3.2). Ele estava intrigado com Cristo. Sendo um líder religioso, Nicodemos obviamente manifestaria grande interesse em qualquer um que ele sentisse ter sido enviado por Deus. Ele tinha visto os milagres de Jesus, e sabia que Ele vinha de Deus. Havia 400 anos que não surgia um profeta, e Nicodemos provavelmente pensava que havia encontrado um. Talvez até considerasse a possibilidade de Jesus ser o Messias, porém ele ainda não via a Jesus como Deus encarnado.

Jesus, que "conhecia a todos" (2.24), compreendeu o que realmente estava no coração de Nicodemos. Ignorando aquela profissão de fé, Jesus respondeu a uma pergunta que Nicodemos nem mesmo fizera!

Sem confirmar, negar, refutar ou mesmo reconhecer a afirmação de que Ele viera de

Deus, Jesus deu uma resposta que demonstrava a sua onisciência. Dessa forma, o Senhor confrontou Nicodemos com o fato de que ele não havia compreendido a verdade completa. Nicodemos não estava com um simples mestre enviado por Deus — estava em frente ao Deus encarnado! João 3.3 diz: "A isto respondeu Jesus: Em verdade, em verdade te digo que se alguém não nascer de novo, não pode ver o reino de Deus."

As palavras do Salvador chocaram Nicodemos (Jo 3.9). Não ignore este aspecto e nem menospreze o desafio de Jesus para este homem. A estratégia de Jesus ao testemunhar era "atingir o coração", e Ele estabeleceu uma abordagem direta e confrontante nesse primeiro encontro. Nicodemos foi surpreendido pela resposta de Jesus, que incluía quatro verdades críticas que devem tê-

lo espantado.

A Futilidade da Religião

Nicodemos era "um dos principais dos judeus" (3.1), um membro do Sinédrio, a poderosa corporação legisladora do judaísmo no Israel do primeiro século. Talvez tenha ido a Jesus à noite por não querer que todos o vissem e pensassem que estava representando todo o Sinédrio. Ou talvez temesse o que os outros fariseus pudessem pensar, pois estes eram conhecidos por expulsar pessoas da sinagoga, se cressem em Jesus (Jo 9.22). Mesmo assim, foi — ao contrário de seus companheiros — com um desejo sincero de aprender.

Os fariseus eram hiper-legalistas que faziam da religião algo puramente exterior. Eles eram o próprio retrato de todos os que manifestam uma forma de piedade irreal (2

Tm 3.5). Apesar de serem fanaticamente religiosos, eles não estavam mais próximos do reino de Deus do que uma prostituta. O credo farisaico incluía a fastidiosa obediência a mais de seiscentas leis, muitas das quais eram simplesmente invenções deles mesmos. Eles criam, por exemplo, que se podia engolir vinagre no sábado, mas não se podia fazer gargarejo com vinagre nesse dia, pois o gargarejar constituía um trabalho. Um ensino farisaico dizia que se podia comer um ovo posto no sábado, mas somente se a galinha fosse morta no dia seguinte por haver violado o sábado. Os fariseus estavam tão enamorados da lei e da religião que quando veio Jesus, oferecendo a graça e a salvação até mesmo aos piores pecadores, eles não O receberam.

Quando Nicodemos ouviu Jesus falar sobre um novo nascimento, sua mente deve ter

se transtornado. Ele sempre tinha acreditado que a salvação era alcançada através das obras. Talvez esperasse até que Jesus fosse elogiá-lo por seu legalismo! Em vez disso, Jesus o confrontou com a futilidade de sua religião. Que decepção! Ao contrário das obras religiosas, o novo nascimento era algo que Nicodemos não podia operar por si mesmo!

Sua resposta tem sido geralmente mal interpretada: "Como pode um homem nascer, sendo velho? Pode, porventura, voltar ao ventre materno e nascer segunda vez?" (v.4). Nicodemos não estava falando em termos literais. Devemos crer que ele tivesse um pouco de bom senso. É evidente que ele não era tão simplório a ponto de pensar que Jesus estivesse realmente falando que se deve entrar no ventre materno e, literalmente, nascer de novo. Sendo ele mesmo um mestre, entendeu o método

rabínico de ensinar verdades espirituais através de símbolos, e simplesmente utilizou-se do mesmo simbolismo que Jesus estava empregando. Na verdade, ele estava dizendo: "*Eu não posso* começar tudo de novo. É muito tarde. Já me envolvi demais com o meu sistema religioso para começar de novo. Se eu tiver de voltar a estaca zero, então, não há esperança para mim".

Jesus estava exigindo que Nicodemos desistisse de tudo o que ele representava como fariseu, e Nicodemos sabia disso. Longe de oferecer-lhe uma conversão fácil, Jesus o desafiou com a exigência mais difícil que podia ter feito. Nicodemos teria alegremente oferecido dinheiro, jejuado, cumprido qualquer ritual que Jesus lhe prescrevesse. Porém, convocá-lo a um renascimento espiritual era pedir-lhe que reconhecesse a sua

própria insuficiência espiritual e fazê-lo dar as costas a tudo aquilo a que se entregara até então.

Jesus simplesmente reiterou: "Em verdade, em verdade te digo: quem não nascer da água e do Espírito, não pode entrar no reino de Deus" (v.5). Alguns dizem que aqui há uma referência literal à água — H2O. Não é o caso. Isto nada tem a ver com água ou com batismo. A salvação não se realiza através de um banho. João 4.2 diz que Jesus a ninguém batizava. Se o batismo fosse uma condição essencial à salvação, Ele teria batizado as pessoas, pois, afinal de contas, Ele veio buscar e salvar o perdido (Lc 19.10). A água de que fala o Senhor é meramente um símbolo de purificação, como ensinava o Velho Testamento.

Nicodemos podia entender bem esta

referência à água da purificação mencionada no Velho Testamento, que era aspergida sobre o altar e sobre os sacrifícios, em quase todos os rituais. Sendo mestre da lei, não há dúvida de que ele se tenha lembrado de Ezequiel 36.25 e da promessa da Nova Aliança: "Então aspergirei água pura sobre vós". Dois versos adiante, vem a promessa: "Porei dentro em vós o meu Espírito" (v. 27). Entre esses versículos que mencionam a água e o Espírito, está uma outra promessa: "Dar-vos-ei coração novo, e porei dentro em vós espírito novo; tirarei de vós o coração de pedra e vos darei coração de carne" (v. 26). Aqui está a promessa vetero-testamentária da regeneração pela água e pelo Espírito.

O único batismo sugerido aqui é o batismo no Espírito Santo. Disse João Batista: "Aquele, porém, que me enviou a batizar com água, me

disse: Aquele sobre quem vires descer e pousar o Espírito, esse é o que batiza com o Espírito Santo" (Jo 1.33). O batismo no Espírito ocorre na salvação, quando o Senhor pelo seu Espírito une o crente ao corpo de Cristo (1 Co 12.13), e purifica o crente pela lavagem da Palavra (Ef 5.26; Jo 15.3). Paulo refere-se a isto como "o lavar regenerador e renovador do Espírito Santo" (Tt 3.5), ecoando quase perfeitamente as palavras de Jesus em João 3.5: "Quem não nascer da água [o lavar da regeneração] e do Espírito [o renovar pelo Espírito Santo], não pode entrar no reino de Deus".

Portanto, disse Jesus a Nicodemos: "Você tem de ser purificado espiritualmente e renascido espiritualmente''. O centro da conversa estava em que a lei e os rituais religiosos — inclusive o batismo — não podem dar a vida eterna. Parece que isso sacudiu

Nicodemos profundamente, o que nos leva a pensar que ele entendeu a mensagem.

A Unidade da Revelação

Jesus censurou suavemente o já abalado Nicodemos: "Não te admires de eu te dizer: Importa-vos nascer de novo" (Jo 3.7).

A próxima pergunta feita por Nicodemos demonstra o alvoroço em que estava o seu coração: "Como pode suceder isto?" (Jo 3.9). Ele não podia crer no que estava ouvindo.

"Acudiu Jesus: Tu és mestre em Israel, e não compreendes estas coisas?" (Jo 3.10). Esta censura da parte do Senhor fez Nicodemos calar-se completamente. Não fez mais comentários. Talvez se tenha deixado ficar ouvindo à medida que Jesus graciosamente explicava o novo nascimento. Talvez se tenha levantado e ido embora com raiva. João não

nos diz. Parece que, no final, tornou-se um crente — se não nesta ocasião, mais tarde. Após a crucificação, foi ele que, com José de Arimateia, pediu o corpo de Jesus e o preparou para o sepultamento (Jo 19.38,39).

Se Nicodemos disse algo mais nesta conversa com Jesus, João não o relata. Seu silêncio é compreensível. O questionamento de sua aptidão como líder espiritual, por parte de Jesus, teve um efeito devastador. O uso que o Senhor fez do artigo definido ("*o* mestre em Israel") indica que Nicodemos era tido como o mestre preeminente de todo Israel. Porém esta censura indica que ele tinha uma compreensão muito limitada das Escrituras. E deve ter sido um golpe dolorido no seu ego.

O desafio de Jesus estabeleceu, também, um ponto doutrinário importante. A indicação clara é a de que o Velho Testamento ensina

abertamente o caminho da salvação (2 Tm 3.15). Jesus não estava anunciando um caminho novo de salvação, distinto da redenção apresentada no Velho Testamento (Mt 5.17). Isto quer dizer que a salvação na dispensação da graça não é diferente da salvação na dispensação da lei. Há uma unidade perfeita na revelação divina, e o caminho da salvação revelado no Velho Testamento é o mesmo que se seguiu à obra de Cristo na cruz. A salvação nunca foi uma recompensa às obras humanas; ela sempre tem sido um dom da graça para pecadores arrependidos, que se fez possível pela obra de Cristo.

A experiência da conversão — o novo nascimento, incluindo o lavar regenerador e a renovação pelo Espírito Santo — tem sido o plano de Deus desde o princípio. Mesmo no

Velho Testamento, a salvação não era uma retribuição àqueles que observavam a lei; era uma dádiva àqueles que humildemente e pela fé procuravam a remissão dos seus pecados. No entanto, a salvação sempre significou um novo começo, um renascimento, o abandono do pecado e o voltar-se para Deus. Nicodemos, sendo mestre da lei, com certeza entendia isso, e devia bem conhecer as palavras do Senhor registradas por Isaías:

> *Lavai-vos, purificai-vos,*
> *tirai a maldade de vossos atos de diante dos meus olhos:*
> *cessai de fazer o mal.*
> *Aprendei a fazer o bem...*
> *Vinde, pois, e arrazoemos,*
> *diz o Senhor,*
> *ainda que os vossos pecados são como a escarlate,*
> *eles se tornarão brancos como a neve;*
> *ainda que são vermelhos como o carmesim,*

se tornarão como a lã.
Isaías 1.16,18

O tema central do Velho Testamento é a redenção graça. Mas, inacreditavelmente, os fariseus de forma alguma compreenderam-no. Em sua ênfase rígida às obras religiosas, eles menosprezaram a verdade da graça e do perdão de Deus aos pecadores, tão evidentes em todo o Velho Testamento. Deram ênfase à obediência à lei, e não à conversão ao Senhor, como meio de se obter a vida eterna. Estavam tão ocupados com a tentativa de alcançar justiça que negligenciaram a verdade maravilhosa de Habacuque 2:4 — "O justo viverá pela sua fé". Eles diziam-se filhos de Abraão, mas não atentavam para a 1ição central na vida dele: "Ele creu no SENHOR, e isso lhe foi imputado para justiça" (Gn 15.6). Os fariseus exploravam

os Salmos minuciosamente à procura de leis que pudessem acrescem à sua lista, mas ignoravam a verdade mais sublime de todas — que Deus perdoa pecados, cobre transgressões e recusa-se a imputar iniquidade a pecadores que se voltam para Ele (SI 32.1,2). Eles aguardavam a vinda do Messias, mas fechavam os olhos para o fato de que Ele viria para morrer como sacrifício pelo pecado (Is 53.4-9). Confiavam que eram guias para os cegos, luzes para os que estavam na escuridão, instrutores de ignorantes, mestres de crianças (Rm 2.19,20), mas esqueciam-se da lição mais básica da lei de Deus: que eles mesmos eram pecadores carentes da salvação.

Os homens têm sempre tropeçado na simplicidade da salvação. É por isso que há tantas seitas. Cada uma tem uma opinião especial com relação à doutrina da salvação,

cada uma corrompendo a simplicidade do evangelho revelado na Palavra de Deus (2 Co 11.3), pregando a salvação por boas obras. Cada uma das seitas principais afirma ter a chave que desvenda o segredo da salvação; todavia, todas são iguais, pois propagam as obras de autojustiça como sendo o caminho para Deus.

Do princípio ao fim a Palavra de Deus desaprova todas elas de modo maravilhosamente consistente. A sua mensagem, narrada através de sessenta e seis livros, escritos num período de mil e quinhentos anos por mais de quarenta autores diferentes, é uma unidade magnífica e congruente. A mensagem é simples: Deus salva graciosamente pecadores arrependidos que se achegam a Ele em fé. Não há segredo, nem mistério, nem obscuridade, nem

complexidade. Se Nicodemos realmente compreendesse a Palavra de Deus, teria tido conhecimento desta verdade. Se tivesse abraçado e crido na Palavra escrita, com sinceridade, não teria resistido nem rejeitado a Palavra encarnada que estava à sua frente — a própria personificação da eterna verdade de Deus (Jo 5.39).

A Necessidade de Regeneração

Apesar de suas grandes habilidades como professor e de sua obsessão pelos detalhes da lei, Nicodemos falhou. Jesus não disfarçou a verdade e nem tentou torná-la mais apetecível. Nicodemos estava alimentando um terrível pecado, do qual nem mesmo estava consciente — o pecado da incredulidade. Quando disse: "Não entendo", o que ele realmente queria dizer era: "Eu não creio". A incredulidade

sempre gera a ignorância.

Os versículos 11 e 12 do capítulo 3 de João confirmam que o problema era mesmo a incredulidade. Neles, Jesus afirma: "Em verdade, em verdade te digo que nós dizemos o que sabemos e testificamos o que temos visto, contudo não aceitais o nosso testemunho. Se tratando de coisas terrenas não me credes, como crereis, se vos falar das celestiais"? "Não aceitais" e "não credes" significam a mesma coisa. Nicodemos disse que não podia entender. Jesus quis que ele soubesse que a fé vem antes de haver uma compreensão completa. Como escreveu Paulo em 1 Coríntios 2.14, "O homem natural não aceita as coisas do Espírito de Deus, porque lhe são loucura; e não pode entendê-las porque elas se discernem espiritualmente". A verdade espiritual não tem registro na mente daquele que não crê. A

incredulidade nada compreende.

Que golpe para a autojustiça de Nicodemos! Ele viera a Jesus com uma profissão de fé presunçosa: "Sabemos que és Mestre vindo da parte de Deus" (v. 2). Em essência, a resposta de Jesus foi: "Não, vocês não sabem. Vocês não entendem a sua própria Bíblia. Vocês não conhecem os princípios básicos da salvação. Vocês nem compreendem as coisas terrenas. De que adiantaria eu expor-lhes a verdade celestial?"

A semelhança de muitos religiosos, Nicodemos não queria confessar-se um pecador perdido. Jesus sabia da verdade. Nicodemos se via a si mesmo como um grande líder espiritual — Jesus o reduziu a nada.

"Ninguém subiu ao céu, senão aquele que de lá desceu, a saber, o Filho do homem" (Jo 3.13). Com esta afirmação da sua origem

divina, Jesus reprovou a fé superficial de Nicodemos e destruiu o seu sistema de religião por obras. Ninguém pode subir ao céu, ou seja, ninguém pode comprar a sua ida para lá. Deus desceu do céu e fala conosco através de seu Filho (Hb 1.1,2). Jamais conquistaremos o direito de subir ao céu e encontrar as respostas por nós mesmos. O único que possui esse tipo de acesso a Deus é Aquele que de lá desceu. Ele não é um simples mestre enviado por Deus; Ele é, na verdade, Deus em carne humana. Ou aceitamos o que Ele diz, ou somos deixados em nosso pecado.

Esta é, portanto, a sua mensagem: "Importa-vos nascer de novo" (Jo 3.7). A regeneração não é uma opção; é uma necessidade absoluta. Ninguém — nem mesmo o fariseu mais religioso — está isento da chamada divina para um novo nascimento.

E aqui temos o ponto inicial do evangelho segundo Jesus: à parte da regeneração operada por Deus, a salvação é impossível.

A Realidade da Redenção

Quando Nicodemos calou-se, Jesus lhe explicou o novo nascimento em toda a sua simplicidade, de forma amorosa e graciosa. Começando no verso 14, Jesus apresentou os detalhes do caminho da salvação. Escolheu uma ilustração de salvação no Velho Testamento, como que para fortalecer a sua censura a Nicodemos por não compreender a verdade da Escritura: "E do modo por que Moisés levantou a serpente no deserto, assim importa que o Filho do homem seja levantado, para que todo o que nele crê tenha a vida eterna", (vv. 14,15). Com toda a certeza Nicodemos conhecia essa passagem. Por que

nunca apreendera a verdade nela contida?

Números 21 dá-nos um relato completo da serpente no deserto. Os israelitas estavam vagueando, tendo deixado o Egito, mas ainda não tendo entrado na Terra Prometida. Eles reclamavam incessantemente — murmurando a respeito da comida, criticando Moisés e lamentando como era má aquela situação. Finalmente, quando Deus se cansou, Ele enviou uma praga na forma de centenas de cobras venenosas. As serpentes infestaram o arraial, as pessoas rebeldes foram picadas. Quando perceberam que estavam morrendo, arrependeram-se. Foram a Moisés, pedindo-lhe que intercedesse em seu favor. Deus, em sua misericórdia, os perdoou, e ordenou a Moisés que construísse um mastro com uma serpente de bronze no topo. O mastro deveria ser erigido no centro do arraial. O SENHOR

prometeu: “e será que todo mordido que a mirar, viverá” (Nm 21.8). Deus não prescreveu um ritual ou um cântico. Da mesma forma, a salvação não é fruto de uma cerimônia religiosa. Isso era válido para os israelitas no deserto, era válido para Nicodemos, e é válido ainda hoje.

Os que rejeitam a obediência a Cristo como um elemento ativo da fé salvadora afirmam que Jesus escolheu esta ilustração justamente para mostrar que fé é simplesmente abraçar os fatos do evangelho. “No ato de olhar”, escreve um autor, “não há qualquer ideia de compromisso de vida, nenhum pensamento de que a cura seja merecida, nenhuma pergunta a respeito da vida subsequente por parte daquele que olha; nenhuma possibilidade de sujeição ao objeto da visão”.[3] Zane Hodges acrescenta: “Pode haver

algo mais profundamente simples do que isso?! A vida eterna por meio de um olhar de fé! Aqui também encontramos claramente o dom incondicional que pode ser alcançado por qualquer um que o deseje... Trata-se de uma questão de simples fé na oferta divina."[4]É esse o caso? Claro que não! A questão não é de fé na oferta, e, sim, fé nAquele que foi levantado. Um estudo mais cuidadoso de Números 21 revela que Jesus não estava pintando um quadro de fé fácil. Ele estava mostrando a Nicodemos a necessidade do arrependimento. De fato, Jesus usou esta ilustração em particular precisamente porque ela desafiava o farisaísmo arrogante de Nicodemos. Nicodemos conhecia a história da serpente de bronze. Como líder da nação judaica, não há dúvida de que ele se identificava com Moisés. Jesus mostrou-lhe

que, em vez disso, ele precisava identificar-se com os pecadores e rebeldes israelitas.

Nicodemos conhecia bem o estado de perdição daqueles israelitas para quem a serpente fora levantada. Eram pecadores; homens rebeldes que desafiavam a Deus. Haviam sido julgados e estavam morrendo. Eles foram a Moisés em absoluta vergonha e total arrependimento, dizendo: "Havemos pecado, porque temos falado contra o SENHOR e contra ti" (Nm 21.7). Para que pudessem olhar para a serpente de bronze, tinham de arrastar-se até ao lugar de onde a pudessem avistar. Eles não estavam na posição de quem pudesse dar uma olhadinha irreverente para a haste e, depois, continuar vivendo em rebeldia. É de se notar que Moisés não registra qualquer ocorrência posterior do tipo que trouxe o juízo sobre o povo. Eles

voltaram-se para Deus em desespero e genuíno arrependimento. Jesus estava exigindo que Nicodemos fizesse o mesmo.

A questão central era o pecado. Jesus desafiou esse grande mestre da lei a reconhecer que tinha sido picado pela serpente, Satanás, e a vir a Ele, Jesus, para ser salvo. Um fariseu teria odiado a simples ideia de admitir tal coisa, fere o coração de sua autojustiça. Longe de ser uma ilustração da facilidade da fé, esta ilustração impunha uma condição dolorosa para a salvação de Nicodemos: o reconhecimento do seu pecado e o arrependimento. Ele precisava estar disposto a incluir-se entre os pecaminosos picados pela serpente, porém, arrependidos israelitas.

A ilustração da serpente de bronze também figurava a morte de Jesus como preço pela salvação. Assim como Moisés levantou a

serpente, o Filho do Homem teria que ser levantado no madeiro da crucificação. A palavra "importa" no verso 14 é significativa. Jesus *tinha* de morrer. "Sem derramamento de sangue não há remissão" (Hb 9.22). O sistema sacrificial ordenado por Deus exigia a morte, porque "o salário do pecado é a morte" (Rm 6.23). Alguém teria de morrer para pagar o preço do pecado.

Esta verdade é o preâmbulo daquela que é, sem dúvida, a afirmação mais conhecida e magnificente de toda a Escritura: "Porque Deus amou ao mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo o que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna" (Jo 3.16). O que significa crer em Cristo? Significa muito mais do que aceitar e afirmar a verdade sobre quem Ele é — Deus encarnado — e crer no que Ele diz. A fé verdadeira resulta em obediência.

Não há como eliminar desta passagem a verdade da obediência. Jesus não abre espaço para uma "fé" que sirva a Deus com os lábios e, depois, dê prosseguimento a uma vida de pecado. Observe os versos 20, 21: "Todo aquele que pratica o mal, aborrece a luz e não se chega para a luz, a fim de não serem arguidas as suas obras. Quem pratica a verdade aproxima-se da luz a fim de que as suas obras sejam manifestas, porque feitas em Deus".

O versículo 36 diz ainda mais, igualando a desobediência à incredulidade: "Por isso quem crê no Filho tem a vida eterna; o que, todavia, se mantém rebelde contra o Filho não verá a vida, mas sobre ele permanece a ira de Deus". Assim, o teste da fé verdadeira é este: ela produz obediência? Se não, não é fé salvadora. A desobediência é incredulidade. A fé verdadeira obedece.

João 3.17 é uma outra reprovação ao sistema religioso que Nicodemos representava. Os fariseus esperavam um Messias que destruísse os gentios e estabelecesse um reino utópico para os judeus. Mas Jesus disse: “Deus enviou o seu Filho ao mundo, não para que julgasse o mundo, mas para que o mundo fosse salvo por ele’’. Os que pensavam que a vinda do Messias representaria glória para Israel e destruição para todas as outras nações iriam desapontar-se. Ele veio trazer salvação não somente para Israel, mas para o mundo inteiro. E esta é a realidade da redenção. Ela é oferecida não apenas aos fariseus, nem somente aos judeus, mas “a todo o que nele crê” (v. 16).

Jesus fez esta promessa maravilhosa aos pecadores: “Quem nele crê não é julgado” (v. 18). Ele a contrabalançou com um alerta

assustador aos fariseus e a todos os que rejeitam a Cristo: “O que não crê já está julgado, porquanto não crê no nome do unigênito Filho de Deus”. A condenação dos incrédulos não está relegada ao futuro. Aquilo que será consumado no juízo final já começou. “O julgamento é este: Que a luz veio ao mundo, e os homens amaram mais as trevas do que a luz; porque as suas obras eram más” (v. 19). Ao odiar e rejeitar a luz, aqueles cujas obras são más entregam-se a si mesmos à negridão eterna.

Foi assim que o Senhor apresentou o seu evangelho. Note o quanto é exclusivo: Jesus é a única fonte de salvação. Aqueles que não creem no nome de Jesus estão condenados, excluídos da vida eterna. Por mais que seja sincera, por mais que seja religiosa e por mais que esteja envolvida em boas obras, cada

pessoa precisa nascer de novo. Não há promessa de vida — apenas a garantia de condenação — para aqueles que não desejam se identificar com os pecadores israelitas que estavam morrendo, para os que não querem abandonar o pecado e, em fé obediente, voltar para Aquele que foi levantado na cruz a fim de que não tivessem de perecer.

---

[1] Cocoris define a fé como "apropriação, não compromisso". Baseando-se nas palavras de Jesus a Nicodemos, em João 3.14,15, ele argumenta que a fé "não é o render a vida ao [Senhor]". G. Michael Cocoris, *Lordship Salvation — Is It Biblical?*(Dallas: Redención Viva, 1983), p. 13.

[2] Cf. Zane Hodges, "Untrustworthy Believers — John 2.23-25" *Bi-bliotheca Sacra,* (Abril-Junho 1978), pp. 139-52. Surpreendentemente, Hodges afirma que as pessoas aqui descritas são crentes verdadeiros, ainda que secretos! Mesmo assim, ele reconhece a ligação existente entre João 2.23-25 e a história de Nicodemos (Ibid. p. 150). Está claro que Jesus tratou Nicodemos como a um incrédulo. Se ele era um dos descritos em João 2.23-25, não poderia, àquela altura, ser um crente verdadeiro.

Como Hodges mesmo admite, os comentaristas são quase unânimes na opinião de que João 2.23-25 descreve menos do que fé salvadora.

[3] William Hogan, "The Relationship of the Lordship of Christ to Salvation" (Ph.D. dissertation [sic], Wheaton College, 1958), citado por Cocoris, *Lordship Salvation — Is It Biblical?*, p. 13.

[4] Zane C. Hodges, *The Gospel Under Siege* (Dallas: Redención Viva, 981), pp. 17-18.

3

Ele Exige Adoração Verdadeira

A mensagem de Jesus reprova tanto a autojustiça de um fariseu quanto o estilo de vida libertino de uma adúltera devassa. O ministério de Jesus, descrito nos capítulos 3 e 4 de João, cobre os dois extremos do espectro moral.

João 4 contém um dos diálogos mais conhecidos e mais belos de toda a Escritura.

Aqui nosso Senhor oferece a salvação a uma adúltera como se lhe estivesse oferecendo um copo de água. Mas não confundamos a sua oferta tão direta com uma mensagem leviana!

Aqueles que se opõem à salvação pelo senhorio geralmente apontam esta narrativa como prova de que a salvação é um dom à parte de qualquer exigência de um compromisso de vida por parte do pecador.[1] Mas nós não nos atrevemos a basear nossa teologia da salvação tão somente nas informações desta passagem — ou, pior, a taxar de supérfluos os elementos cruciais do evangelho, só porque são omitidos em João 4. Lembremo-nos antes de mais nada que Jesus, conhecendo o coração daquela mulher, sabia exatamente que mensagem ela precisava ouvir para que fosse trazida à fé. Ele não fez qualquer menção de salário do pecado,

arrependimento, fé, expiação, sua morte pelo pecado, ou sua ressurreição. Deveríamos concluir, por isso, que esses elementos não são indispensáveis à mensagem do evangelho? Claro que não!

A mulher fora preparada de modo muito especial pelo Espírito Santo para aquele momento. É inútil especular quanto da verdade espiritual ela já apreendera até ocorrer este diálogo. Ao contrário de Nicodemos, ela não era teóloga, mas o seu coração estava pronto a reconhecer seu pecado e a abraçar Cristo. A mensagem de Cristo para ela objetivou atraí-la para Si, e não providenciar um esboço detalhado do evangelho, que se tornasse a norma para cada episódio de evangelização pessoal. Devemos aprender a partir dos métodos de nosso Senhor, não podemos isolar esta passagem e tentar esboçar,

a partir dela, um modelo universal para a apresentação do evangelho.

Tudo o que sabemos do passado daquela mulher é que a sua vida era um emaranhado de adultérios e divórcios. Na sociedade de então, isso fazia dela uma pessoa rejeitada e proscrita, com um *status* social igual ao de uma prostituta comum. Ela parecia tudo, menos um alvo prioritário para evangelização! Para chamá-la a Si mesmo, Jesus teve de forçá-la a encarar a sua própria indiferença, lascívia, egocentrismo, imoralidade, e preconceito religioso.

Esta mulher é um contraste vívido com relação a Nicodemos. Os dois são extremos opostos. Nicodemos era judeu; ela, samaritana. Ele era homem; ela, mulher. Ele um líder religioso; ela, uma adúltera. Ele era culto; ela, ignorante. Ele era membro da classe mais

distinta; ela, da mais baixa — mais baixa até do que a dos párias de Israel, pois ela era um pária de Samaria! Ele era rico; ela, pobre. Ele reconheceu que Jesus era Mestre vindo da parte de Deus; ela não fazia a menor ideia de quem Ele era. Dificilmente os dois poderiam ser mais diferentes!

Todavia, foi o mesmo Cristo poderoso e onisciente que se revelou a ela. Observe: não se trata aqui, basicamente, da história de uma mulher samaritana. Antes, trata-se do relato da auto-revelação de Jesus como Messias. Dentre todas as ocasiões para manifestar quem era, Jesus escolheu dizê-lo primeiro a esta samaritana desconhecida. Podemos estranhar, perguntando-nos por que Ele não foi ao centro de Jerusalém, ao templo, e anunciou aos líderes reunidos que Ele era o Messias. Por que o revelou primeiro a uma mulher anônima e

adúltera?

Com toda a certeza, Jesus queria demonstrar que o evangelho é para o mundo todo, e não apenas para a raça judia, e que o seu ministério visava os pobres párias tanto quanto a elite religiosa. O fato de ter Se revelado a uma samaritana adúltera, ignorando os líderes judeus que esperavam o seu Messias, constituiu-se numa censura a eles. Quando, afinal, Ele desvendou a verdade para os líderes de Israel, estes, de qualquer forma, não creram.

Só nos são narrados os aspectos mais essenciais do diálogo de Jesus com a mulher. As Escrituras nada apresentam de específico quanto aos pensamentos e emoções dela. Não nos é dado perceber até onde ela entendeu — ou *se* entendeu — a oferta que o Senhor lhe fez de dar-lhe água viva. Não está claro o momento quando ela finalmente compreendeu

que Ele estava falando acerca de vida espiritual. Só podemos aquilatar a reação do coração dela baseando-nos em suas palavras e atitudes.

De fato, embora concluamos que ela recebeu a Cristo como o Messias e tornou-se uma crente, temos de nos lembrar que isso não está dito explicitamente no texto. Chegamos a essa conclusão baseados no comportamento dela — especialmente pelo fato de que ela correu a anunciar a outros sobre Jesus, e eles creram.

Por isso, é preciso que tomemos o cuidado de compreender que esta passagem em si e por si mesma não é um fundamento adequado sobre o qual possamos basear a nossa compreensão do que seja o evangelho. Ao contrário de nós, Jesus conhecia o coração daquela mulher. Ao falar-lhe, podia julgar as

suas reações e sabia exatamente quanto ela compreendia e cria. Era capaz de apresentar-lhe exatamente a verdade que ela precisava ouvir. Ele não se utilizou de qualquer apresentação "enlatada" ou de um esquema de "quatro pontos fundamentais" do evangelho.

Mesmo assim, o diálogo de Jesus com a samaritana estabelece algumas orientações claras para o evangelismo pessoal. À medida que o Grande Evangelista procura ganhá-la, Ele orienta sabiamente a conversa, levando-a de um simples comentário sobre beber água à revelação de que Ele era o Messias. No decorrer da conversa, Ele habilidosamente invalida as tentativas dela de controlar o diálogo, mudar de assunto e perguntar coisas sem importância. Cinco lições, especialmente, sobressaem-se como verdades cruciais a serem enfatizadas ao se apresentar o caminho da

salvação.

A Lição do Poço: Cristo Veio Buscar e Salvar o Perdido

Observe os fatos que ocasionaram este encontro. Jesus tinha deixado a Judeia e estava a caminho da Galileia (Jo 4.3). O verso 1 fala-nos que se comentava o seu sucesso. Multidões queriam vê-Lo, fato que gerava um problema grave. Os líderes judeus odiavam João Batista porque ele ensinava a verdade, condenando-os. Portanto, imagine o que pensavam a respeito de Jesus! Quanto mais pessoas iam vê-Lo, mais inquietos ficavam os líderes religiosos. De fato, a partir deste ponto a batalha com os fariseus será um tema constante no ministério de Jesus, culminando com a sua morte, tramada por eles.

Jesus deixou a Judeia não porque estivesse

com medo dos fariseus, mas porque não chegara o tempo determinado por Deus para a confrontação. Ele também tinha uma razão para essa viagem: "Era-lhe necessário atravessar a província de Samaria" (v.4). Não se tratava de uma necessidade geográfica. Aliás, viajar por Samaria não era normal para um judeu. Os samaritanos representavam uma ofensa tão grande que eles nem queriam pôr os pés em Samaria. Embora a rota mais curta atravessasse essa província, os judeus nunca usavam esse caminho. Eles tinham a própria trilha, que ia ao norte da Judeia, a leste do Jordão, entrando na Galileia. Jesus bem poderia ter seguido por essa rota, muito usada, que unia a Judeia à Galileia.

Mas, ao preferir viajar por Samaria, o Senhor demonstrou o seu amor pelos pecadores. Os samaritanos eram judeus

híbridos, os quais mesclaram-se às nações vizinhas quando Israel foi levado ao cativeiro, em 722 A.C. (cf. 2 Rs 17.23-25). Eles rejeitaram Jerusalém como centro de adoração e construíram o seu próprio templo sobre o monte Gerizim, em Samaria. O casamento com estrangeiros e a idolatria constituíam-se em crime tão grosseiro que os judeus ortodoxos geralmente não se relacionavam com eles de forma alguma (v. 9). A Samaria havia se tornado uma nação essencialmente separada, vista pelos judeus como mais abominável do que os gentios. Esse ódio e amargura entre judeus e samaritanos perdurou por séculos. No simples fato de viajar por Samaria, Jesus estava derrubando barreiras centenárias.

A razão pela qual Ele *tinha* de ir por aquele caminho é que precisava atender a um compromisso divino junto ao poço de Jacó.

viera buscar e salvar o perdido (Lc 19.10), e, mesmo que isso implicasse numa séria ruptura com os protocolos culturais, Ele iria estar lá quando chegasse o tempo certo. E a escolha do momento certo para agir era crucial. Se tivesse chegado ao poço dez com minutos de antecedência ou atraso, talvez não encontrasse aquela mulher. Mas o seu horário era perfeito — Ele mesmo havia escrito o "script", antes mesmo da fundação do mundo. Cristo chegou ao local escolhido, uma área de terra que Jacó havia comprado e dado a José. Diz João 4.6 que "cansado da viagem, assentara-se Jesus junto à fonte, por volta da hora sexta".

Temos, aqui, uma visão da humanidade de Cristo. Por ser homem em todos os sentidos, estava cansado. O autor de Hebreus diz que Jesus se compadece das nossas fraquezas (Hb 4.15). É provável que João tenha usado o

sistema romano de contagem das horas. O horário romano começava ao meio-dia. Portanto, a sexta hora deveria ser dezoito horas. A população de Sicar teria encerrado o seu trabalho, e as mulheres estariam realizando a tarefa diária de buscar água. O Senhor chegara ao final de uma jornada longa e quente, sob o sol, e estava cansado e sedento. Ele estava no local e no tempo indicados por Deus, determinado a fazer a vontade do Pai. Ele estava lá para buscar e salvar uma única, triste e desventurada mulher.

A Lição da Mulher: Deus Não faz Acepção de Pessoas

"Nisto veio uma mulher samaritana tirar água" (v. 7). Tratava-se de uma mulher moralmente proscrita, banida da sociedade. Imagine o seu espanto quando Jesus, que não

tinha com que tirar a água do poço, disse-lhe: "Dá-me de beber" (v. 7). Com toda a certeza, ficou surpresa! Não só porque estivesse acostumada a ser evitada por todos, mas também porque, em sua cultura, homens não conversavam com mulheres em público — ainda que fossem suas esposas. Além do mais, Jesus havia quebrado a barreira racial. Ela estava surpresa com o fato de Jesus haver lhe falado, e ainda mais por Ele haver pedido água do seu vaso "impuro". Perguntou-Lhe: "Como, sendo tu judeu, pedes de beber a mim que sou mulher samaritana?" (v. 9). Deus não faz acepção de pessoas (At 10.34), e Jesus não se envergonhou de beber água do vaso de uma mulher por quem Ele viera morrer. Ninguém — nem esta mulher, nem um fariseu como Nicodemos, nem mesmo o leproso mais repugnante — está além do alcance do seu

amor divino!

A Lição da Água: Quem Tem Sede, Venha

"Replicou-lhe Jesus: Se conheceras o dom de Deus e quem é o que te pede: Dá-me de beber, tu lhe pedirias, e ele te daria água viva" (v. 10). De repente, Jesus mudou as circunstâncias. Inicialmente, Ele estava sedento e ela tinha a água. Agora, falava-lhe como se ela fosse a pessoa sedenta e Ele tivesse a água. Em vez de pedir-lhe água, Ele declarou que ela precisava beber da sua fonte. A questão não mais era a necessidade física dEle, mas a carência espiritual dela. Apesar de ela inicialmente parecer não compreender, Ele lhe oferecia água viva para a sua alma árida.

Como já vimos, há os que sustentam que a fé salvadora não se faz acompanhar da ideia de

obediência ou submissão. Eles geralmente apontam para a oferta que Jesus fez a esta mulher como prova de que não se requer qualquer sujeição à sua autoridade divina. Um autor chega a dizer que "os sinônimos de 'fé' no Novo Testamento não podem significar 'sujeição'. Por exemplo, em João 4.14 Jesus disse: 'aquele, porém, que beber da água que Eu lhe der, nunca mais terá sede, para sempre'. Posteriormente, disse Jesus: 'quem comer a minha carne e beber o meu sangue tem a vida eterna' (Jo 6.54). Obviamente, estas afirmações sugerem 'apropriação' e, não, 'sujeição'."[2]

Será que podemos admitir que o verbo "beber" transmite a ideia de apropriação divorciada de sujeição? Claro que não! Mateus 20.22 ("Podeis vós beber o cálice que eu estou para beber?") e João 18.11 ("Não beberei, porventura, o cálice que o Pai me deu?") —

ambos os textos fazem uso do verbo *beber* num sentido que claramente implica rendição e obediência completas. Além disso, é uma seletividade temerária tentar definir fé utilizando uma metáfora. Que faremos, então, com versículos tais como João 3.36 (“o que, todavia, se mantém rebelde contra o Filho não verá a vida”), e Hebreus 3.18,19 (“E contra quem jurou que não entrariam no seu descanso, senão contra os que foram desobedientes? Vemos, pois, que não puderam entrar por causa da incredulidade”), os quais claramente equiparam a desobediência à incredulidade?

O fato de Jesus ter oferecido água viva a esta mulher de forma alguma abranda o fator submissão, sempre presente na fé verdadeira. A água viva que Ele apresentava era o dom da salvação, incluindo tudo o que é inerente à

realidade da redenção — libertação do pecado, a decisão de seguir a Jesus, a capacitação para obedecer à lei de Deus, o desejo e o poder para se viver uma vida que O glorifique.

Infelizmente, parece que ela continuava pensando em termos literais. "Respondeu-lhe ela: Senhor, tu não tens com que a tirar, e o poço é fundo; onde, pois, tens a água viva? És tu, porventura, maior do que o nosso pai Jacó, que nos deu o poço, do qual ele mesmo bebeu e, bem assim, seus filhos e seu gado?" (vv. 11,12).

Se ela soubesse!... Ele era *muito* maior do que Jacó, e a sua água muito melhor do que a de Jacó. O Senhor deu mais explicações sobre as propriedades singulares da sua água viva: "Afirmou-lhe Jesus: Quem beber desta água tornará a ter sede; aquele, porém, que beber da água que eu lhe der, nunca mais terá sede, para

sempre; pelo contrário, a água que eu lhe der será nele uma fonte a jorrar para a vida eterna" (vv. 13,14). Esta água era para matar a sede de uma alma ressequida.

A reação dela foi imediata: "Senhor, dá-me dessa água para que eu não mais tenha sede, nem precise vir aqui buscá-la" (v. 15). Aparentemente ela continuava confusa, sem saber exatamente se Ele se referia à água, literalmente, ou a alguma coisa espiritual. Fosse o que fosse, ela desejava essa água viva!

Um autor diz o seguinte sobre esta conversa:

> *É difícil não nos impressionarmos com a magnificente simplicidade da transação que Jesus propõe a esta samaritana carregada de pecados. A própria ausência de complicação faz parte da sua sublimidade. Tudo se resume em dar e receber, e nenhuma outra condição é adicionada...*

> *Não há o menor esforço para arrancar da mulher a promessa de que irá corrigir sua vida imoral. Se ela desejar esta água, pode tê-la. É de graça!... É preciso enfatizar que aqui não há qualquer chamada à sujeição, à submissão, ao reconhecimento do senhorio de Cristo, ou a qualquer coisa do gênero. Um dom está sendo oferecido a alguém que é totalmente indigno do favor de Deus. E não se exige da mulher qualquer espécie de compromisso espiritual para recebê-lo. Ela é meramente convidada a pedir.*[3]

Todavia, essa interpretação está completamente errada. A esta altura, apesar de ela *pedir,* Jesus não lhe deu da água da vida. Ela fez o pedido e, presumivelmente teria aceito o dom, caso Jesus lhe desse logo. Mas Jesus não estava à cata de uma pseudoconversão barata. Ele sabia que ela ainda não estava pronta para receber da água viva. Havia dois assuntos a serem tratados primeiro: o pecado dela e a verdadeira identidade do Senhor.

Jesus jamais sancionou qualquer tipo de graça barata. Ele não estava oferecendo a vida eterna como algo a ser acrescentado a uma vida tumultuada por pecados não confessados. É inconcebível que Ele desse de beber da água viva a alguém, sem confrontar e sem alterar o estilo de vida pecaminosa dessa pessoa. Ele veio *salvar* o seu povo *dos* pecados deles (Mt 1.21), e, não, conceder imortalidade a pessoas escravas da iniquidade.

E o Senhor foi diretamente ao centro da questão, ao mostrar-lhe que ela não podia ocultar o seu pecado: "Vai, chama teu marido e vem cá" (v. 16). Trata-se de uma observação pesada. G. Campbell Morgan, ao comentar esta passagem, escreve: "Qual foi a resposta dEle? 'Vai, chama o teu marido'. Por quê? Porque se fosse para ela ter a água viva jorrando de si, seria necessário que primeiro houvesse

investigação moral e correção".[4] A prontidão em confessar a realidade e a aversão pelo pecado pessoal é uma manifestação essencial da sede espiritual genuína. Mas a trama dos adultérios desta mulher era tão complexa, e tão grande o seu pecado, que ela nem tentou dar explicações. "Não tenho marido" (v. 17), foi tudo o que pode dizer.

De qualquer forma, Ele conhecia toda a verdade: "Bem disseste, não tenho marido; porque cinco maridos já tiveste, e esse que agora tens não é teu marido; isto disseste com verdade'' (vv. 17,18). Considere a vergonha, quando ela descobriu que Jesus conhecia todo o seu pecado! Com toda a certeza, ela preferiria tê-lo mantido em segredo. Ela não mentiu ao afirmar que não tinha marido, mas também não declarou toda a verdade. É como se Jesus tivesse dito: "Tudo bem, se você não vai

confessar o seu pecado, eu irei confrontá-la, contando-lhe qual é".

No versículo 19 ela confessa o pecado. Ao dizer: "Vejo que tu és profeta", estava, realmente, dizendo: "Estás certo. Sou assim mesmo. Essa é a minha vida de pecado. O que disseste a meu respeito é verdade".

Aqui ela deve ter percebido que, fosse quem fosse aquele homem, Ele conhecia todos os detalhes da sua vida de pecado. Ele tirara toda a capa de camuflagem que havia. Ainda assim, mesmo conhecendo completamente a depravação dela, Ele lhe oferecia da água da vida! Se ela conhecesse bem as Escrituras, Isaías 55.1 teria vindo à sua mente: "Ah! todos vós os que tendes sede, vinde às águas". A oferta de água viva não é só para os religiosos como Nicodemos — *todos* os que têm sede são convidados a beber abundantemente da água

viva, até mesmo uma mulher adúltera cuja vida esteja carregada de pecado.

Isaías acrescenta uma exortação aos pecadores, ao lado de uma promessa maravilhosa, que teria alegrado o coração da samaritana:

> *Deixe o perverso o seu caminho, o iníquo os seus pensamentos; converta-se ao SENHOR, que se compadecerá dele, e volte-se para o nosso Deus, porque é rico em perdoar. (Is 55.7, ênfase minha*

A Lição da Adoração Verdadeira: Este é o Dia Aceitável

Tendo reconhecido Jesus como mais do que um simples viajante, a mulher fez a primeira pergunta espiritual que lhe ocorreu: "Nossos pais adoravam neste monte; vós, entretanto, dizeis que em Jerusalém é o lugar

onde se deve adorar" (Jo 4.20). Visto que Ele era um genuíno profeta, deveria saber qual grupo estava com a razão!

A resposta de Jesus, à semelhança do que aconteceu com Nicodemos, cortou o interesse mal direcionado da mulher, fazendo-a encarar a sua necessidade *real* — perdão. "Mulher, podes crer-me", Ele falou-lhe em João 4.21, "que a hora vem, quando nem neste monte, nem em Jerusalém adorareis o Pai". E então, como que de passagem, Ele ensinou a ela que os judeus estavam certos e, não, os samaritanos: "Vós adorais o que não conheceis, nós adoramos o que conhecemos, porque a salvação vem dos judeus" (v. 22). Se ela tão somente soubesse que o Judeu com quem estava conversando era Aquele que viera para trazer a salvação!

A questão não é realmente saber *onde*

adorar. O que interessa é saber *quando, a quem,* e *como!* O Senhor disse: "Mas vem a hora, e já chegou, quando os verdadeiros adoradores adorarão o Pai em espírito e em verdade; porque são estes que o Pai procura para seus adoradores. Deus é espírito; e importa que os seus adoradores o adorem em espírito e em verdade" (w. 23,24). A verdadeira adoração não se dá num monte ou num templo, mas no íntimo do ser humano.

A expressão "vem a hora, e já chegou" deu às palavras de Jesus um senso de urgência e uma aplicação direta a essa mulher. Foi como se Ele dissesse: "Você não tem de subir ao monte ou ir a Jerusalém para adorar. Você pode adorar aqui e agora''. Tendo-a trazido ao limiar da vida eterna, Ele estava, com efeito, enfatizando a urgência da salvação de que Paulo falou:

“Eis agora o tempo sobremodo oportuno, eis agora o dia da salvação” (2 Co 6.2). O Messias estava presente, o dia da salvação havia chegado, e este não era somente o dia do Messias, mas também era o dia dessa mulher.

Há que se notar o fato de Jesus ter usado a expressão “verdadeiros adoradores” ao se referir aos redimidos. Todos os que são salvos são adoradores verdadeiros. Não há possibilidade de alguém ser salvo e *não* adorar a Deus em espírito e em verdade. O propósito da salvação é gerar verdadeiros adoradores[5] (cf. Fp 3.3). O Senhor veio ao mundo para buscar e salvar o perdido. Ele revelou a uma samaritana que o seu propósito em buscar e salvar pecadores é o de cumprir a vontade de Deus em fazer destes verdadeiros adoradores. Então, Ele a convidou a tornar-se um deles.

Quando Jesus disse que o Pai procura

verdadeiros adoradores, isso foi mais do que uma declaração do fato. Tratava-se de um convite pessoal à samaritana. A importância de tal convite não pode passar despercebida, pois desmascara a noção de que Jesus oferecia vida eterna sem fazer qualquer exigência de um compromisso espiritual. O Senhor da glória *não* diz "vinde às águas" à parte do mandamento "deixe o perverso o seu caminho" (Is 55.1,7). O chamado para adorar ao Pai em espírito e em verdade era uma convocação clara para a submissão espiritual do tipo mais profundo e mais amplo.

Mas a mulher continuava confusa, e dificilmente poderíamos censurá-la por isso. Viera ao poço apanhar um simples balde d'água e, numa conversa ligeira, os seus pecados foram postos a descoberto e ela fora desafiada a tornar-se uma verdadeira

adoradora do Deus vivo. O seu coração ansiava por alguém que pudesse tomar o emaranhado dos seus pensamentos e emoções, desvencilhando-os. Por isso, disse a Jesus: "Eu sei... que há de vir o Messias... quando Ele vier nos anunciará todas as coisas" (João 4.25).

Com toda a certeza, a resposta de Jesus deve tê-la abalado até ao mais íntimo do ser: "Eu o sou, eu que falo contigo" (v. 26). Que confrontação dinâmica! Esse Homem que lhe havia pedido água estava agora à sua frente, afirmando ser o verdadeiro Messias, oferecendo-lhe água viva e prometendo perdoar-lhe o pecado e transformá-la numa pessoa dedicada à verdadeira adoração ao Senhor Deus.

Apesar do texto não nos dizer especificamente que ela tornou-se crente, parece óbvio que isso tenha ocorrido. Creio

que ela recebeu Jesus como Messias e Salvador nalgum momento entre os versos 26 e 27. O dia da salvação havia chegado, para ela. Ela iria tornar-se voluntariamente em adoradora verdadeira. Beberia da água da vida. A graça irresistível do Messias havia penetrado em seu coração. Passo a passo, Jesus foi abrindo aquele coração pecaminoso e revelando-se a ela. Aparentemente, ela reagiu com fé salvadora.

A Lição do Testemunho: Este Homem Recebe Pecadores

Os discípulos haviam ido à vila comprar comida, e João relata que voltaram "neste ponto" (4.27). A expressão grega significa "exatamente neste momento''. É provável que tenham chegado exatamente quando o Senhor disse: "Eu o sou, eu que falo contigo''. Se tivessem chegado mais tarde, não teriam

ouvido tal declaração. Devem ter ficado surpresos ao ouvi-Lo declarar a essa samaritana pecadora que Ele era o Messias, uma vez que, anteriormente, nunca havia dito isso a alguém. João diz que "se admiraram de que estivesse falando com uma mulher; todavia nenhum lhe disse: Que perguntas? ou: Por que falas com ela"? (v. 27).

As atitudes daquela mulher, a esta altura, indicam fortemente que ela se tornara uma crente. Ela "deixou o seu cântaro, foi à cidade e disse àqueles homens: Vinde comigo, e vede um homem que me disse tudo quanto tenho feito. Será este, porventura, o Cristo"?! (Jo 4.28,29). Ela evidenciou todas as características de uma conversão genuína. Percebeu a sua carência pessoal, confessou o seu pecado, reconheceu Jesus como o Messias, e, então, mostrou o fruto de sua vida transformada ao

trazer outras pessoas a Ele.

É de se notar o fato de que o primeiro impulso dela como crente foi o de ir e falar aos outros sobre Jesus. O desejo de proclamar a sua fé é uma experiência comum aos novos crentes. De fato, algumas das testemunhas mais zelosas de Jesus estão entre os recém-convertidos. Isso porque eles guardam, ainda bem vívida, a lembrança do peso da culpa pessoal e da alegria da libertação. Tal era o caso dessa mulher. A primeira coisa que disse às pessoas da vila foi que Jesus lhe declarara tudo o que ela já fizera. Ele havia trazido o pecado dela à plena luz, e a tinha feito encarar aquilo que ela realmente era. Então, Ele a libertou da vergonha. O fato de falar tão livremente sobre o assunto prova que ela foi liberta da escravidão da culpa. Jesus lhe deu da água da vida, e ela começou a adorar a Deus em

espírito e em verdade. Ela não precisava mais encobrir a sua culpa — estava perdoada!

O seu testemunho causou um profundo impacto sobre a vila. As Escrituras narram que "muitos samaritanos daquela cidade creram nele, em virtude do testemunho da mulher, que anunciara: Ele me disse tudo quanto tenho feito" (Jo 4.39). Foi a notícia de como Ele revelara o pecado dela que causou esse impacto tão profundo. Outros também se mostraram zelosos quando O ouviram (Jo 4.40-42). Por quê? Eles eram samaritanos. Num certo sentido, todos estavam no mesmo barco que a mulher. Sabiam que o Messias viria para endireitar tudo, e a maioria provavelmente antecipava com temor a sua vinda. Essa perspectiva era exatamente oposta à dos fariseus que, como líderes judeus, aguardavam um conquistador vitorioso que iria abraçar a

sua causa e destruir os seus inimigos. Os samaritanos não tinham tal expectativa. Se os judeus estivessem com a razão, os samaritanos seriam alvo da ira do Messias. Mas, quando aquela mulher veio e anunciou ao povo de Sicar que alguém, que declarava ser o Messias, havia tratado com ela em misericórdia, embora conhecesse todo o pecado dela, seus corações apegaram-se a Ele com entusiasmo!

Contraste a reação deles com a dos fariseus, descrita em Lucas 15.2: "E murmuravam os fariseus e os escribas, dizendo: Este recebe pecadores". Em essência, é precisamente isso que a mulher disse aos homens de Sicar: "Ele Se diz o Messias, mas recebe pecadores!". O que era repugnante para os escribas e fariseus era boa nova para estes samaritanos, porque estavam prontos a admitir que eram pecadores. Foi Jesus mesmo quem

disse: “Não vim chamar justos, e, sim, pecadores” (Mt 9.13). Aqueles e se recusavam a reconhecer o próprio pecado, encontraram-no como Juiz, e não como Salvador. A tais pessoas Ele nunca ofereceu qualquer incentivo, conforto ou razão para terem esperança. A água da vida que Ele oferecia era dada somente àqueles que reconheciam seu estado irremediável de pecado.

Deus procura pessoas que desejam submeter a si mesmos à adoração a Cristo em espírito e em verdade. Esse tipo de adoração é impossível para quem quer que abrigue um pecado em sua vida. Os que confessam e abandonam seu pecado, por outro lado, encontrarão um Salvador ansioso por recebê-los, perdoá-los, e libertá-los. À semelhança da mulher à beira do poço, encontrarão uma fonte de água viva que irá extinguir para sempre até

mesmo a mais forte sede espiritual.

O último capítulo da Bíblia termina com este convite, que nos faz lembrar da mulher samaritana: "Aquele que tem sede, venha, e quem quiser receba de graça a água da vida'' (Ap 22.17). Ao mesmo tempo em que essa água é gratuita, ela não é barata — o Salvador pagou pessoalmente o preço máximo e definitivo, a fim de que os sedentos, os arrependidos, os que buscam, possam beber o quanto desejarem!

---

[1] Cf. Zane C. Hodges, *The Hungry Inherit* (Portland: Multnomah, 1980). Hodges vê grande importância no fato que "Jesus... nada disse à [mulher samaritana] sobre acertar a vida, o que, com toda a certeza, seria uma necessidade urgente" (p. 25). Isso exclui a verdade óbvia de que as palavras de Jesus a ela realmente a colocaram frente a frente com a realidade de seu pecado pessoal (Jo 4.7-19), de que Ele a desafiou a adorar a Deus em espírito e em verdade (vv. 23,24), e que a reação aparente do coração dela foi o arrependimento (v. 29). Hodges,

pelo contrário, conclui que "Ele nada disse a ela quanto aos seus deveres para com a vontade de Deus por uma razão muito simples: Ele estava ali para oferecer-lhe uma dádiva" (Ibid.). "Ela não teria condições de compreender o esplendor deslumbrante dessa dádiva, a sua gratuidade sublime e total, se Ele tivesse onerado a sua oferta com uma chamada para que ela reformasse a vida" (p. 26). Hodges toma esta passagem como sendo a chave para se compreender o evangelho, e, portanto, refere-se a ela com frequência para defender a sua ideia de que o evangelho não faz quaisquer exigências morais à vida do pecador.

[2] G. Michael Cocoris, *Lordship Salvation — Is Ií Biblical?* (Dallas: Redención Viva, 1983), pp. 12-13.

[3] Zane C. Hodges, *The Gospel Under Siege* (Dallas: Redención Viva, 1981), p. 14. Hodges acrescenta este comentário: "É exatamente este fato impressionante [de que o Senhor não pede qualquer compromisso espiritual] que distingue o verdadeiro evangelho de todas as suas falsificações". Contudo, é um erro presumir que as palavras de Jesus registradas nesta passagem representam um modelo para a apresentação do evangelho. Nada, na mensagem de Jesus a esta mulher, sequer menciona as verdades sobre a sua morte, sepultamento e ressurreição. Ele não menciona a ideia de expiação substitutiva, e nem mesmo a fé. Ninguém — nem mesmo Hodges, creio eu — sustentaria que o evangelho exclui todas estas verdades!

[4] G. Campbell Morgan, *The Gospel According to John* (Old Tappan, New Jersey: Revell, 1931), p. 75.

[5] Para uma apresentação detalhada do que seja adoração

verdadeira, veja John MacArthur, Jr., *The Ultimate Priority* (Chicago: Moody, 1983).

4

Ele Recebe Pecadores, Mas Recusa os Justos

Um dos mais malignos subprodutos da decadência no evangelismo contemporâneo é o evangelho que não confronta as pessoas com a realidade do seu pecado. Até mesmo as igrejas mais conservadoras estão repletas de pessoas que, dizendo-se nascidas de novo, vivem como pagãs. Os cristãos de hoje têm sido

condicionados a jamais questionarem a salvação de uma pessoa. Se alguém declara que "aceitou Jesus como Salvador", ninguém põe à prova o seu testemunho, por mais que o estilo de vida seja inconsistente com a Palavra de Deus.

Uma vez passei algum tempo com um colega pastor que me levou a um passeio de carro por sua cidade. Passamos por uma grande loja de bebidas alcoólicas, e, casualmente, mencionei que aquele lugar tinha uma aparência fora do comum.

"É", disse ele. "Há uma cadeia dessas lojas pela cidade, todas de um dono só. Ele é aluno da minha classe na Escola Dominical".

Pensando alto, indaguei que tipo de homem seria aquele, e o pastor respondeu: "Ah! Ele é muito fiel, nunca falta".

"Ele se sente incomodado por ser dono de

todas essas lojas de bebidas alcoólicas?", perguntei.

"Já conversamos sobre isso", respondeu-me. "Mas ele sente que as pessoas irão comprar bebida alcoólica de um jeito ou de outro; então, por que não comprar dele mesmo?"

"Como é a vida dele?", perguntei.

"Bem, na verdade, abandonou a esposa e está vivendo com uma mocinha", foi a resposta do pastor. Então, depois de vários minutos de meu silêncio desconfortável e perturbador, ele acrescentou: "Sabe, às vezes é difícil para mim compreender como um cristão pode viver desse modo".

Devo confessar que, para mim, é difícil entender como alguém que ensina a Bíblia pode imaginar que um homem que vive em rebelião contra Deus seja um cristão, só porque afirma sê-lo.

Encarando a Realidade do Pecado

A igreja contemporânea tem a ideia de que a salvação é apenas a concessão de vida eterna, e não necessariamente a libertação do pecador da escravidão à sua iniquidade pessoal. Dizemos às pessoas que Deus as ama e tem um plano maravilhoso para as suas vidas, mas isto é apenas meia verdade. Deus também odeia o pecado, e irá punir com eterno tormento os pecadores que não se arrependerem. Nenhuma apresentação do evangelho está completa se evita ou esconde estes fatos. Qualquer mensagem que deixe de definir ou confrontar a severidade do pecado pessoal é um evangelho deficiente. E qualquer "salvação" que não cause mudança numa vida de pecado, e não transforme o coração do pecador, não é salvação genuína.

O pecado não é um problema secundário,

no que diz respeito à salvação; o pecado é *o* problema. De fato, o elemento característico da mensagem cristã é o poder de Jesus Cristo para perdoar e vencer nosso pecado. De todas as realidades do evangelho, nenhuma delas é mais maravilhosa do que a notícia de que a força escravizadora do pecado foi quebrada. Esta verdade é o centro e a própria vida da mensagem cristã. Nenhuma pregação que a exclua pode ter a pretensão de querer representar o evangelho segundo Jesus.

É impossível supor que alguém possa encontrar o Deus Santo das Escrituras, e ser salvo, sem que também venha a reconhecer a hediondez do seu próprio pecado, e, consequentemente, deseje muito abandoná-lo. Na Bíblia, aqueles que se encontraram com Deus foram invariavelmente confrontados com profundo senso de sua própria

pecaminosidade. Pedro, ao ver quem era Jesus, exclamou: “Senhor, retira-te de mim, porque sou pecador” (Lc 5.8). Em 1 Timóteo 1.15, Paulo afirmou: “Fiel é a palavra e digna de toda aceitação, que Cristo Jesus veio ao mundo para salvar os pecadores, dos quais eu sou o principal’’. No Velho Testamento, Jó, que o próprio Deus reconheceu como justo (Jó 1.1,8), afirmou, após ter visto a Deus face a face: “Por isso me abomino, e me arrependo no pó e na cinza’’ (Jó 42.6). Isaías, ao ver o Senhor, gritou: “Ai de mim! Estou perdido! Porque sou homem de lábios impuros, habito no meio dum povo de impuros lábios, e os meus olhos viram o Rei, o SENHOR dos Exércitos!” (Is 6.5).

Há muitos outros exemplos nas Escrituras de homens e mulheres que, tendo contemplado a Deus, temeram por suas vidas

— sempre porque se sentiram esmagados sob o peso do seu pecado. Assim, quando Mateus relata a sua experiência pessoal de conversão, é inevitável que a verdade central enfatizada seja a misericórdia de Jesus para com os pecadores.

Mateus 9.9-13 descreve o incidente, bem como a controvérsia que se lhe segue. Numa das afirmações mais importantes jamais registradas na Bíblia, o Senhor diz: "Não vim chamar justos, e, sim, pecadores" (v. 13). Esta afirmação contém uma perspectiva completa do ministério de Jesus, um sumário da mensagem do cristianismo, a apresentação do próprio coração do evangelho e a razão básica para a encarnação.

Por que Jesus veio ao mundo? Para chamar pecadores

— aqueles que sabem que têm uma doença fatal, os que não têm esperança, os

sofredores, os famintos, os sedentos, os fracos, os cansados, os quebrantados, aqueles cujas vidas estão despedaçadas, os desesperados — pecadores que sabem que nada merecem, mas que desejam profundamente ser perdoados.

As palavras de Jesus foram dirigidas aos fariseus cheios de autojustiça que, à semelhança de muitos dos nossos dias, *pensavam* ser justos e sem a menor carência espiritual. A verdade é que, a não ser que as pessoas percebam que têm um problema — o pecado — jamais irão a Jesus em busca de salvação. As pessoas não buscam cura a não ser que se sintam doentes; não procuram vida, a não ser que tenham consciência de estarem sob o castigo da morte; não buscam a salvação a não ser que se sintam cansadas da escravidão do pecado.

Por isso Jesus veio, para nos conscientizar

de que somos pecadores. Por isso a mensagem dEle é tão penetrante, tão enérgica. Ela desmascara a nossa autojustiça e faz-nos ver os nossos corações iníquos, de maneira que possamos ver a nós mesmos como pecadores.

Recebendo Pecadores

Ao longo de seu evangelho, Mateus argumenta que Cristo é o Messias de Israel. Nos capítulos 8 e 9 ele apresenta uma série de milagres de Jesus, escolhidos categoricamente para mostrar a extensão das credenciais do Messias. São alistados nove milagres que mostram o poder de Jesus sobre as enfermidades (8.1-17), a natureza (8.23-27), os demônios (8.28-34), a morte (9.18-26), a cegueira (9.27-31) e a mudez (9.32-34).

A conversão do próprio Mateus aparece entre esses milagres, logo após um milagre

espetacular que objetivou demonstrar o poder de Jesus sobre o pecado (9.1-8). Jesus tinha acabado de perdoar os pecados de um paralítico, e, numa demonstração monumental de sua autoridade divina, confirma a sua divindade diante dos fariseus ao ordenar que o paralítico tomasse o seu leito e andasse. Imediatamente após essa narrativa, o versículo 9 relata-nos o chamado e conversão de Mateus: "Partindo Jesus dali, viu um homem, chamado Mateus, sentado na coletoria, e disse-lhe: Segue-me! Ele se levantou e o seguiu".

Por este relato, que condiz com as versões de Marcos e Lucas, Jesus disse apenas duas palavras a Mateus: "Segue-me!". E Mateus obedeceu. Lucas 5.28 acrescenta esta expressão significativa: "e, deixando tudo, o seguiu". Mateus abandonou tudo para seguir Jesus. Ele não iria contar de si mesmo, mas Lucas o fez —

e isso fala muitíssimo sobre a natureza da conversão de Mateus. Ele pagou um preço alto — talvez o preço mais alto pago dentre os discípulos. Um pescador que seguisse a Jesus poderia voltar à pesca a qualquer hora. Mas um publicano que abandonasse o seu posto estaria liquidado, porque no dia seguinte Roma já nomearia alguém para tomar o seu lugar. Porém, Mateus abandonou tudo imediatamente. Ele não disse: "Estou indo. Senhor, mas olhe, eu poderia financiar todo este projeto, se o Senhor tão somente me deixasse levar este dinheiro!" Ele desistiu de tudo, abandonando tudo o que possuía.

Mateus era um grande pecador, e todos sabiam disso. Segundo o padrão dos seus dias, ele era, sem dúvida alguma, o pecador mais vil e mais miserável em Cafarnaum. Em primeiro lugar, era publicano, ou seja, uma ferramenta

voluntária a serviço do governo de Roma, ocupado com a tarefa odiosa de arrancar de seu próprio povo o dinheiro dos impostos. Os publicanos compravam de Roma o direito de angariar os impostos numa determinada vila ou distrito. Só por negociar com o sistema romano, Mateus já se revelara um traidor de Israel. Nada poderia ser mais ofensivo à mente judaica. Ele se empregara aos dominadores pagãos que mantinham o seu povo sob opressão e, ao fazê-lo, adquiriu a reputação de apóstata do pior tipo, herege e renegado.

Roma exigia que cada publicano coletasse uma determinada quantia de impostos. Tudo que recebessem além disso, podiam conservar para si. O governo romano, a fim de manter os seus cobradores de impostos alegres e produtivos, apoiava-os em seus mais selvagens excessos e abusos. Tinham toda a liberdade

para exagerar nas cobranças e para extorquir o que bem pudessem dos seus patrícios. Um publicano sagaz amontoava boa fortuna em pouco tempo — tudo à custa dos seus próprios patrícios oprimidos. É compreensível que fossem considerados com o maior desprezo por todo Israel.

Os publicanos eram de tal modo desprezados pelos judeus que não se lhes permitia a entrada nas sinagogas. Eram considerados animais imundos e tratados como porcos. Não podiam servir de testemunha em nenhum julgamento porque não eram de confiança. Eram tidos como grandes mentirosos e contados junto aos ladrões e assassinos.

A maioria dos judeus cria ser errado pagar impostos a Roma. Considerando o seu passado, quando eram uma teocracia, criam que

somente Deus deveria receber o seu dinheiro. É por isso que os fariseus provaram Jesus, numa tentativa de fazê-lo cair no desagrado popular, ao perguntar-lhe se era lícito pagar tributos (Mt 22.15-22).

Mateus podia cobrar impostos sobre quase tudo. Além dos tributos sobre importação e exportação, podia cobrar pedágio em pontes, e taxas nos portos e estradas. Podia até mesmo abrir todos os pacotes carregados nas estradas. Também lhe era permitido abrir correspondência particular, para descobrir se algum tipo de negócio estava sendo realizado. Se assim fosse, podia cobrar impostos. O seu escritório estava localizado na confluência de duas estradas, provavelmente bem no porto norte do mar da Galileia. Isso o colocava num ponto estratégico na estrada que ligava Damasco ao Oriente, de onde ele podia cobrar

impostos de todos os que vinham do leste e do oeste. Além disso, podia tributar a indústria pesqueira — a mais produtiva da área.

Observe que Mateus estava sentado à mesa da coletoria. Alguns publicanos, preocupados com a sua reputação pessoal, ocultavam-se do público, contratando terceiros para cobrarem os impostos por eles. Os mais descarados — os que não se preocupavam com a opinião pública — sentavam-se eles mesmos à mesa, em vez de pagar alguém para fazer o serviço. Uma coisa era ser publicano; pior, era ostentar-se como tal. A tradição rabínica dizia que era impossível a um homem como Mateus arrepender-se. Imagine o burburinho na multidão quando Jesus parou diante dele e disse-lhe: "Segue-me!"

Mateus deve ter sido alguém que estava sob convicção de pecado. Lá no fundo do

coração deve ter desejado profundamente libertar-se de sua vida de pecado. Talvez seja por isso que ele correu para unir-se a Jesus. Jamais teria seguido a Jesus por simples extravagância, pois o custo disso seria alto demais. Ele com certeza sabia o que estava fazendo. Jesus havia ministrado publicamente, em toda aquela região — todos, nas redondezas de Cafarnaum, sabiam quem era Ele e o que ensinava. Viram os seus milagres, sinais e maravilhas. Mateus conhecia as rigorosas exigências de Jesus para o discipulado (Mt 8.18-22). Ele sabia bem no que estava se envolvendo. Havia calculado o custo, e estava preparado para obedecer.

Comendo Com Publicanos e Pecadores

Mateus decidiu oferecer um banquete para

apresentar Jesus aos amigos. A semelhança da maioria dos novos convertidos, ele desejava levar os seus amigos a Cristo. Lucas 5.29 revela que Mateus (também conhecido por Levi) ofereceu o banquete em sua própria casa, sendo Jesus o convidado de honra. A essa reunião compareceram algumas das mais notórias e mais vis pessoas na história dos banquetes. As únicas pessoas que Mateus conhecia eram esses tipos sórdidos, pois ninguém mais iria associar-se a ele. As pessoas respeitáveis o desprezavam. Os seus amigos eram ladrões, blasfemadores, prostitutas, espertalhões, vigaristas e outros publicanos — a escória da sociedade.

Os religiosos soberbos diriam, naturalmente, que Jesus não devia ir a um banquete desses, associando-se a pessoas degeneradas como aquelas. Isso foi exatamente

o que pensaram os fariseus. Mas não era esse o modo de agir do Salvador. Mateus 11.19 indica que Ele era conhecido entre o povo como "amigo de publicanos e pecadores". Talvez tenha sido exatamente a partir desse banquete que o conceito se formou. Os fariseus usavam a expressão zombeteiramente, mas ela não deixava de ser um título apropriado para o Filho do Homem.

Mateus 9.10 descreve a cena: ''E sucedeu que, estando ele em casa, à mesa, muitos publicanos e pecadores vieram e tomaram lugares com Jesus e seus discípulos". Isso representava um escândalo tão grande para os autojustificados fariseus que eles quase não podiam ocultar seu assombro. *Se Ele fosse mesmo o Messias,* pensavam, *seria a nós que ofereceria um banquete!*

Os fariseus aparentemente ficaram do lado

de fora até que terminasse o banquete. Evitando uma confrontação direta com Jesus, rodearam os discípulos, perguntando-lhes: "Por que come o vosso Mestre com os publicanos e pecadores"? (v. 11). Longe de ser uma pergunta honesta, esta era uma censura velada, um escape para a amargura deles.

Tendo ouvido a conversa, Jesus apresentou a sua censura: "Os sãos não precisam de médico, e, sim, os doentes. Ide, porém, e aprendei o que significa: Misericórdia quero, e não holocaustos; pois não vim chamar justos, e, sim, pecadores" (vv. 12,13). A resposta de Jesus é um poderoso argumento triplo, que apela para a experiência, fundamenta-se nas Escrituras e descansa sobre a sua autoridade pessoal e divina.

O seu apelo à experiência compara os pecadores a enfermos que precisam de um

médico. A analogia é simples: espera-se que um médico vá visitar o doente (pelo menos esse era o caso nos dias de Jesus); da mesma forma, é de se esperar que um perdoador visitasse os pecadores. Tal palavra soou como uma censura afiada à dureza de coração dos fariseus: "Se vocês foram tão capazes de diagnosticá-los, porque não podem curá-los? Ou vocês são médicos que só fazem diagnósticos, mas não curam?" Dessa forma, Jesus desmascarou os fariseus, mostrando que eles eram críticos pietistas, capazes de facilmente taxar as pessoas de pecadoras, mas que viviam em total indiferença à condição delas.

O argumento das Escrituras fez voar pelos ares o orgulho dos fariseus: "Ide, porém, e aprendei" (v. 13). Esta expressão era utilizada nos escritos rabínicos para censurar os alunos

que ignoravam algo que deveriam já saber. Era como se lhes dissesse: "Voltem aos livros, e só venham aqui quando já souberem as lições básicas". Ele cita Oseias 6.6: "Pois misericórdia [no hebraico, *hesed,* 'bondade carinhosa'] quero, e não sacrifício".

Noutras palavras: o Senhor não está interessado em rituais (cerimônias), mas na compaixão, na misericórdia, na bondade carinhosa (caráter). Os fariseus, excelentes ritualistas, não sentiam o menor amor pelos pecadores. Deus mesmo instituiu o sistema sacrificial e ordenou a Israel que cumprisse os rituais da lei; todavia, tais cerimônias só eram agradáveis a Deus quando eram a expressão de um coração quebrantado e contrito (SI 51.16,17). Quando o coração não era reto, o ritual se constituía numa abominação. Deus jamais se agradou da aparência de religião

divorciada de retidão de vida.

O terceiro argumento, baseado na autoridade pessoal de Jesus, os nivelou a todos: "Não vim chamar justos, e, sim, pecadores" (v. 13). Lucas 5.32 acrescenta as palavras "ao arrependimento". Lucas 18.9 descreve os fariseus como "alguns que confiavam em si mesmos por se considerarem justos, e desprezavam os outros". Em essência, o que Jesus lhes diz aqui é: "Vocês dizem que são justos, e recebo isso como uma autoavaliação. Mas se é este o caso, nada tenho a dizer-lhes, pois vim chamar pecadores ao arrependimento".

A palavra grega aqui traduzida por "chamar" é *kaleõ,* usada geralmente para se convidar alguém para vir à nossa casa. Encontramos um convite assim em Mateus 22.1-14, uma parábola que se encaixa

perfeitamente às palavras de Jesus a estes fariseus. Nessa parábola, Jesus retratou o seu reino como um banquete. Um rei enviou convites a todos os seus amigos, para virem ao banquete das bodas de seu filho. Mas todos os convidados recusaram-se a vir. Por isso, o rei ordenou aos seus servos que convidassem a quaisquer pessoas que encontrassem. Estes fariseus pietistas, de corações embrutecidos e cheios de autojustiça, eram como os que recusaram o convite para o banquete. Não queriam reconhecer o seu pecado, daí não poderem aceitar a chamada de Jesus.

Este é o tema do evangelho segundo Jesus: Ele veio para chamar pecadores ao arrependimento. Segue-se que, enquanto uma pessoa não reconhece que é pecadora, enquanto não percebe que está sedenta, enquanto não sente o peso do seu pecado e

deseja livrar-se dele, o Senhor não lhe concede a salvação.

Recusando os Justos

Deus recebe pecadores. O outro lado dessa verdade é que Ele recusa os justos. Não que haja pessoas verdadeiramente justas, claro! (Rm 3.10). Mas aqueles que veem a si mesmos como pessoas boas, e aqueles que não percebem a seriedade do pecado, não podem abraçar o evangelho. Eles não podem ser salvos, pois o evangelho deve chamar pecadores para que se arrependam e sejam perdoados. Estas palavras são aterradoras: "Não vim chamar justos". Sua mensagem indiscutível é que o chamado gracioso de Jesus para a salvação não se estende àquelas pessoas que veem a si mesmas como justas.

O evangelho segundo Jesus é, antes de

mais nada, uma ordem ao arrependimento. Mencionei que, ao relatar o episódio da conversão de Mateus, Lucas inclui duas palavras: "Não vim chamar justos, e, sim, pecadores *ao arrependimento"* (Lc 5.32, ênfase minha). Desde o início do ministério de Jesus, o centro da sua mensagem foi a chamada ao arrependimento. De fato, quando o Senhor começou a pregar, a primeira palavra de sua mensagem foi "arrependei-vos" (Mt 4.17). Esta foi, também a primeira palavra da pregação de João Batista (Mt 3.2), e foi a própria base do evangelho pregado pelos apóstolos (At 3.19; 20.21; 26.20). Qualquer que negligenciar a chamada dos pecadores ao arrependimento não estará pregando o evangelho segundo Jesus.

Aqui e acolá encontraremos pregadores que presunçosamente dirão que não falam

sobre o pecado por ser esta uma mensagem muito negativista. Há alguns anos, um pregador famoso dos Estados Unidos enviou-me um livro que escrevera no qual ele redefinia o pecado, dizendo que ele nada mais é do que uma auto-imagem pobre. A maneira certa de se alcançar os homens, escreveu, é "nutrir" a sua auto-estima, e, não, fazer com que se sintam pecaminosos. Não há evangelho algum numa mensagem desse tipo! Em vez de conduzir as pessoas à salvação, ele as confirma na autocondenadora vaidade do seu próprio ego.

A verdade a respeito do evangelho segundo Jesus é que as únicas pessoas aptas a serem salvas são aquelas que compreendem que são pecadoras e desejam arrepender-se. A chamada de Cristo se estende tão-somente ao pecador que, em desespero, compreende a sua

necessidade e deseja uma transformação. O Senhor veio para salvar pecadores. Porém, àqueles que não querem admitir o seu pecado, Ele nada tem a dizer — a não ser pronunciar sua sentença.

5

Ele Dá Vista aos Cegos

Uma certa revista cristã publicou recentemente, um artigo que dizia que o senhorio de Jesus é um assunto impróprio para se tratar quando se testemunha aos perdidos. A decisão de "recebê-Lo como Senhor" só é possível àqueles que já O receberam como Salvador, dizia o artigo, argumentando que a pregação do evangelho nada deve falar da sujeição da vida ao senhorio de Cristo. Um membro da nossa igreja ficou desapontado por

encontrar um tal artigo numa revista que é, geralmente, digna de confiança, tendo escrito uma carta ao editor falando de sua preocupação.

A resposta dizia o seguinte: "O artigo que publicamos de forma alguma questiona o fato de Jesus ser o Senhor, ou seja, o Senhor Jeová. Simplesmente levanta a seguinte questão: um pecador perdido precisa tornar-se um teólogo para ser salvo?"[1]

Será mesmo essa a questão? Será que a controvérsia a respeito do senhorio tem algo a ver com pessoas sendo obrigadas a se tornarem teólogos para que sejam salvas?

Claro que não! Todavia, essa é uma afirmação reveladora. Os que se pronunciam contra a salvação pelo senhorio têm a tendência de considerar a fé como simples aquiescência intelectual a certos fatos bíblicos. Para eles, o

evangelho é, em última análise, uma questão acadêmica, uma lista básica de informações históricas e doutrinárias sobre a morte de Jesus, seu sepultamento e ressurreição. Crer nesses fatos é ter a fé salvadora. Tudo o mais é secundário. Qualquer ensino quanto à obediência, submissão, ou ao direito que Jesus tem de reinar é recusado como um acréscimo ao evangelho, como uma tentativa ilegítima de transformar um pagão num teólogo.

Para que não pensem que estou apresentando a posição de outrem com parcialidade, citarei o trecho de um trabalho que diz que a salvação pelo senhorio corrompe o evangelho: "Esta [referindo-se a 1 Coríntios 15.3,4] é a mensagem essencial de boas novas que deve ser crida para a salvação. Ela contém os seguintes fatos: (1) o homem é pecador; (2) Cristo é o Salvador; (3) Cristo morreu como

substituto do homem; e (4) Cristo ressuscitou dos mortos".[2] O autor continua a sua argumentação dizendo que a sujeição à autoridade de Cristo não tem lugar algum na mensagem do evangelho: "Todos os que creem no evangelho creem que Jesus é o Salvador (1 Co 12.3). Mas nem todos os que creem no evangelho percebem que o Salvador tem o direito de ser soberano sobre suas vidas... Tudo o que se exige para a salvação de alguém é que creia na mensagem do evangelho".[3]

Dessa forma, a informação dada a um incrédulo ignorante de que "o Salvador tem o direito de ser soberano sobre a vida dele" é catalogada como doutrina espúria, como uma adição aos fatos do evangelho. Dizem-nos que isso equivale a tentar fazer de um incrédulo um teólogo.

Recuso-me a aceitar um tal raciocínio.

Ninguém é salvo simplesmente por conhecer e crer em certos fatos. Um herege, que rejeita a divindade de Jesus, poderá concordar entusiasmado com as quatro verdades supra citadas de 1 Coríntios 15.3,4. Mas isso não faz dele um verdadeiro crente. Assim como os que rejeitam o direito que Jesus tem de ser soberano sobre as suas vidas, ele é um incrédulo, mesmo aceitando diversos aspectos da doutrina cristã. O objeto da fé salvadora não é um credo, é o próprio Cristo! A fé verdadeira recebe a Pessoa de Cristo, e não apenas informações sobre o evangelho. A fé abarca não só a verdade de que Jesus morreu e ressuscitou, mas também as consequentes implicações disso — que Ele assim fez para libertar-nos dos nossos pecados, a fim de ser o soberano Senhor de nossas vidas (Rm 14.9).

O evangelho não é um estéril conjunto de

fatos. É a dinâmica pela qual Deus redime pecadores da escravidão do pecado (Rm 1.16). Não exige uma simples aquiescência da mente, mas uma completa rendição do coração, da alma, da mente, das forças (cf. Mc 12.30). A sua obra não é fazer de pagãos, teólogos, e, sim, abrir os olhos dos espiritualmente cegos.

Quanto a isto, João 9 apresenta um exemplo claro. Jesus cura um cego de nascença e, num segundo encontro com esse mesmo homem, desvenda os seus olhos espirituais. No intervalo entre os dois encontros, interrogado por fariseus hostis, o homem — que não era teólogo algum — no entanto, deu um testemunho poderoso e acurado em favor de Jesus. Mesmo assim, ainda não fora regenerado, não tendo ainda alcançado plena fé em Cristo. Na verdade, ainda que Jesus lhe houvesse curado a cegueira física, ele

continuava na escuridão, não sabendo quem Jesus era (9.25). Mas quando Jesus finalmente lhe abriu os olhos espirituais, ele adorou a Cristo como Senhor (v. 38). Não foi uma aula de teologia que operou essa transformação, mas um milagre da graça divina.

O Milagre Físico

O homem de João 9 era cego de nascença. É de se notar que este é o único milagre narrado nos evangelhos em que se diz especificamente que Jesus curou uma enfermidade congênita. Os céticos não podem de forma alguma considerar esta uma cura psicológica, ou qualquer outro tipo de fraude da parte de Jesus. Todos os conhecidos desse homem sabiam que ele era cego de nascença. Sua cegueira era uma doença congênita, e não uma doença temporária da qual pudesse

esperar recuperar-se. Tal qual o pecado da raça humana.

Era de se esperar que os que testemunharam esta cura dissessem: "Pronto. Isto resolve tudo! Este tem de ser o Cristo!" Mas não o disseram. Estavam presos à incredulidade. Assim, o que ocorreu foi que este incidente veio a ocasionar uma guinada no ministério de Jesus. Depois dele, Jesus voltou-se das multidões judias e de seus líderes incrédulos, concentrando a sua atenção sobre os gentios.

Preste cuidadosa atenção às circunstâncias sob as quais ocorreu este milagre. No final do capítulo 8 de João, Jesus estava envolvido numa confrontação face a face com os líderes religiosos dos judeus, no templo, onde fez uma dramática proclamação da sua divindade: "Antes que Abraão existisse, eu sou" (Jo 8.58).

O versículo seguinte diz que os judeus ficaram tão irados que tentaram apedrejá-Lo. No meio da confusão, Jesus conseguiu retirar-se do templo.

João 9 prossegue com a narrativa, no exato momento em que Jesus saia do templo: "Caminhando Jesus, viu um homem cego de nascença" (v. 1). Apesar de a sua vida correr perigo, e embora a turba do templo quase que com certeza estivesse à sua procura, Jesus parou para tratar desse homem. Mesmo escapando de homens sanguinários, Ele encontrou tempo para parar e ministrar a um pecador cego. O homem era um pedinte (v. 8). Mas não foi ele quem iniciou o contato com Jesus. Ele não pediu a Jesus que o curasse. Parece que nem sabia quem era Jesus. Mas o Senhor o viu (v. 1). A graça soberana o havia escolhido para receber um milagre.

Os discípulos levantaram uma questão teológica interessante: “Mestre, quem pecou, este ou seus pais, para que nascesse cego?” (v. 2). Até onde podiam compreender, essas eram as duas únicas opções, pois assim dizia o ensino rabínico. Desde o tempo de Jó, a suposição comum era de que o sofrimento e a doença sempre podiam ser relacionados a atos específicos de pecado do indivíduo. Alguns rabinos chegavam até a ensinar que uma criança podia pecar no ventre materno e sofrer, então, por toda a vida o castigo por seu pecado pré-natalício.

Jesus, evitando uma discussão longa sobre a relação que há entre o pecado e o sofrimento, respondeu simplesmente que “nem ele pecou, nem seus pais; mas foi para que se manifestem nele as obras de Deus. É necessário que façamos as obras daquele que me enviou,

enquanto é dia; a noite vem, quando ninguém pode trabalhar" (Jo 9.3,4). Em questão de meses, Ele seria crucificado. O tempo de se discutir insignificâncias teológicas há muito já se fora. O que o Senhor faria ao curar esse homem falaria muitíssimo mais do que um discurso sobre a teologia do pecado e sofrimento. Aquele cego era um milagre esperando para acontecer! Ele fora escolhido na eternidade passada e preparado especialmente para que Jesus por ele passasse e nele manifestasse a sua glória!

Ainda que falasse com os discípulos a respeito do cego, Jesus ainda não havia lhe dito coisa alguma, e ele permanecia simplesmente sentado onde estava. O mendigo não estava pedindo favores e nem procurava usufruir o poder de Jesus. Provavelmente, ele ainda nem havia reconhecido quem era ou o que fazia

Jesus. Sem mesmo falar-lhe, Jesus "cuspiu na terra e, tendo feito lodo com a saliva, aplicou-o aos olhos do cego" (Jo 9.6).

Não podemos atribuir qualquer significado especial ao método usado por Jesus para curar esse homem. Não foi assim que curou outros cegos. Mas a sua escolha soberana para este homem, especificamente, foi realizar um milagre surpreendentemente simples. Nenhum relâmpago, nada de anjos cantando, nenhum som de trombetas. Só um pouquinho de lodo feito com saliva. Jesus simplesmente lhe disse: "Vai, lava-te no tanque de Siloé" (v. 7). Que cena estranha — um cego com lodo nos olhos atravessando Jerusalém! Mas alguma coisa — possivelmente a autoridade com que Jesus falou — o compeliu a obedecer. Ele atendeu, em obediência inquestionável. As Escrituras dizem que "ele foi, lavou-se, e

voltou vendo" (v. 7). Mediante esse ato de obediência Deus abriu os olhos físicos daquele homem. E assim, esse homem começou um padrão de reação a Cristo que culminaria em fé salvadora.

A Inquisição

O milagre provocou um ódio extraordinário. Quando o homem voltou e as pessoas perceberam quem era ele e o que lhe ocorrera, ficaram compreensivelmente perplexas. Alguns perguntaram: "Não é este o que estava assentado pedindo esmolas? Uns diziam: É ele. Outros: Não, mas se parece com ele. Ele mesmo, porém, dizia: Sou eu" (vv. 8,9). Era difícil crer! "Perguntaram-lhe, pois: Como te foram abertos os olhos?" (v. 10). Ninguém jamais havia testemunhado um milagre assim!

Observe a ingenuidade teológica do

homem. As pessoas queriam uma explicação, mas tudo o que ele podia fazer era narrar o que acontecera. “O homem chamado Jesus fez lodo, untou-me os olhos, e disse-me: Vai ao tanque de Siloé, e lava-te. Então fui, lavei-me e estou vendo” (v. 11). O homem não sabia exatamente quem era Jesus, não sabia onde Ele estava, e não tinha qualquer explicação lógica ou teológica para o que lhe ocorrera. Depois de questioná-lo detalhadamente, os seus vizinhos despacharam-no para os fariseus.

A história torna-se grosseira. Quando o homem disse aos fariseus que “aplicou lodo aos meus olhos, lavei-me e estou vendo” (v. 15), eles se indignaram! Jesus violara a tradição do sábado — “Esse homem não é de Deus, porque não guarda o sábado” (v. 16), concluíram.

Alguns dos fariseus tentaram ser mais

moderados. Perguntaram: “Como pode um homem pecador fazer tamanhos sinais?” (v. 16). E começaram a discutir entre si. Os incrédulos militantes dentre eles não iriam deixar as coisas descambarem. A maior parte do capítulo 9 narra como eles foram a todos os que pudessem encontrar, dizendo desesperados que Jesus pecara por violar o sábado, e procurando evidências que mais justificassem a sua incredulidade. A cena é patética! — estes zelotes incrédulos e legalistas andavam às cegas, na tentativa de investigar um milagre, incapazes de ver ou crer!

Que contraste! O mendigo, desprovido de qualquer explicação teológica ou lógica para o que acontecera, simplesmente se alegrava no que Jesus fizera. Os fariseus, bem abastecidos de informações teológicas, só queriam negar aquilo que obviamente acontecera, pelo

simples fato de não poderem harmonizá-lo com o seu sistema teológico preestabelecido.

Voltaram-se novamente para o homem, e perguntaram-lhe: “Que dizes tu a respeito dele, visto que te abriu os olhos?” (v. 17). Tratava-se de um desafio, não de uma pergunta honesta. Mas apesar de tão desinformado teologicamente, ele não se deixou intimidar pelo grupo de fariseus. “É profeta”, foi a estimativa sincera que fez de Jesus.

Quase desvairados em sua tentativa de provar a invalidade do milagre, os fariseus procuraram os pais do homem. “É este o vosso filho, de quem dizeis que nasceu cego? Como, pois, vê agora?” (v. 19). Eles fizeram a mesma pergunta diversas vezes, não porque desejassem mesmo uma resposta, mas numa busca desesperada de encontrar um modo de desfazer o milagre indesejado.

Os pais reconheceram o homem como o seu filho, e declararam que, de fato, nascera cego, porém, esquivaram-se de responder a segunda pergunta. O versículo 22 diz que tinham medo dos fariseus, pois estes ameaçavam expulsar da sinagoga a qualquer que afirmasse ser Jesus o Cristo. A excomunhão era algo terrível. A sinagoga era o centro da comunidade judaica. Quem fosse excomungado, simplesmente seria cortado de tudo. Não poderia comprar nem vender, e ficaria excluído da vida religiosa. Tornar-se-ia um proscrito. Não se faria sequer o seu enterro!

Os pais deste homem não iriam arriscar-se. Sua resposta para os fariseus foi: “Perguntai a ele, idade tem; falará de si mesmo” (v. 21). Os fariseus eram incrédulos combativos. Voltaram-se ao homem novamente, e disseram-lhe: “Dá glória a Deus; nós sabemos que esse

homem é pecador" (v. 24). É claro que não tinham o menor indício de que Jesus houvesse pecado. Mas eles já tinham decidido assim, e usavam seus padrões próprios e artificiais, tentando justificar a conclusão a que haviam chegado de forma preconcebida. Mesmo diante das evidências mais contundentes, a incredulidade sempre se mantém irremovível. Eles já haviam tomado uma posição, e não iriam deixar-se confundir pelos fatos.

A resposta sarcástica do cego foi: "Se é pecador, não sei; uma cousa sei: Eu era cego, e agora vejo" (v. 25). Ele desafiou a "certeza" que tinham os fariseus de que Jesus era um pecador, como que dizendo: "Não tenho certeza se ele é pecador. Não tenho informações quanto a isso. Porém eu tenho certeza de que não podia ver antes de Ele vir ter comigo, e agora eu vejo!"

Que resposta deram os fariseus a esta afirmação? Nenhuma. Não é fácil argumentar contra a simplicidade do óbvio. Em desespero, eles repetiram as mesmas perguntas que o cego já respondera: “Que te fez ele? como te abriu os olhos?” (v. 26).

“Por que quereis ouvir outra vez?”, falou, “porventura quereis vós também tornar-vos seus discípulos?” (v. 27).

Isso os enfureceu. Começaram a injuriá-Lo, a amadiçoá-Lo. “Discípulo dele és tu; mas nós somos discípulos de Moisés. Sabemos que Deus falou a Moisés, mas deste nem sabemos donde é” (vv. 28,29).

A lógica simples, calma e óbvia do cego aniquilou o ataque deles. Ele dominou claramente o debate. “Nisto é de estranhar que vós não saibais donde ele é, e contudo me abriu os olhos. Sabemos que Deus não atende a

pecadores; mas, pelo contrário, se alguém teme a Deus e pratica a sua vontade, a este atende. Desde que há mundo, jamais se ouviu que alguém tenha aberto os olhos a um cego de nascença. Se este homem não fosse de Deus, nada poderia ter feito" (vv. 30-33). Quanto mais oposição faziam, mais convencido ele ficava de que Jesus viera de Deus! Quanto mais o desafiavam, mais claro o seu testemunho ficava!

Finalmente, quando os fariseus nada mais tinham a dizer, começaram a ridicularizá-lo: "Tu és nascido todo em pecado [como se eles não o fossem], e nos ensinas a nós?" E as Escrituras acrescentam que eles "o expulsaram" (v. 34). Isto significa que o expulsaram do edifício e o excomungaram da sinagoga. E assim este ex-cego mendigo tornou-se a primeira pessoa, registrada na

Bíblia, a ser expulsa da sinagoga por causa de Jesus. Este incidente deu início à rachadura que depois resultou na separação entre Israel e a igreja.

Terminara a inquirição dos fariseus. Haviam escutado o testemunho, haviam visto o milagre, mas não se deixaram convencer. Sua incredulidade era embrutecida, viciosa, resoluta. Em última análise, seu ódio contra Jesus iria crescer a um tal delírio que venderiam as suas próprias almas para que pudessem matá-Lo.

Enquanto isso, o mendigo continuava com uma fé incompleta. Ele havia aceito a Cristo positivamente, e até mesmo feito a sua defesa contra os fariseus. Porém, continuava carente da regeneração. Seus olhos físicos haviam sido curados, mas a sua cegueira espiritual continuava a exigir cura.

O Milagre Espiritual

Quando Jesus soube que o homem fora expulso da sinagoga, foi à sua procura. Novamente, a iniciativa foi do Senhor. O mendigo não saiu a buscá-Lo. Apesar de ser um pedinte por ofício, nenhum dos milagres que recebeu de Jesus — sua cura física e subsequente salvação — vieram em atendimento a um pedido seu.

Este episódio ilustra perfeitamente a obra da soberania divina. A salvação sempre ocorre porque Deus busca os pecadores primeiro, e, não, porque estes O busquem. Em João 15.16 Jesus disse aos discípulos: "Não fostes vós que me escolhestes a mim; pelo contrário, eu vos escolhi a vós outros, e vos designei". Lucas 19.10 diz: "O Filho do homem veio buscar e salvar o perdido". As Escrituras apresentam sempre a Cristo como o Salvador que está

buscando. Foi a sua iniciativa divina que tornou possível a salvação, e é por sua iniciativa que as pessoas são procuradas e salvas.

Ninguém busca a Deus, a não ser que Ele primeiro busque tal pessoa (Rm 3.11). A salvação é, antes de tudo, uma obra de Deus, e de forma nenhuma é resultado de empresa humana ou de anseio pessoal. Um cego não tem como restaurar a própria vista. A visão espiritual depende da iniciativa e do poder de Deus, oferecidos pela graça divina e soberana.

Este é um ponto importante. O cego de João 9 não obteve visão por ter sido exposto à luz. Nenhuma quantidade de luz pode alterar a cegueira. Um cego é cego, tanto à luz do dia quanto à noite. Nem toda a luz do mundo poderá fazer um cego ver. As únicas coisas que podem dar vista a um cego são uma cirurgia

ou um milagre. E a única coisa que pode curar a cegueira espiritual é um milagre divino — e não a mera exposição à luz.

Ensinar teologia a um pagão não o levará à fé em Cristo. Ele poderá decorar o vocabulário evangélico e fazer afirmações verbais da verdade. Poderá aceitar uma lista de fatos do evangelho como verdade. Todavia, sem o milagre divino que lhe abra os olhos e lhe dê um novo coração, será apenas um pagão teologicamente bem informado — nunca um crente.

Por outro lado, se a salvação é realmente uma obra de Deus, não pode ser imperfeita. Não pode falhar, deixando de causar um impacto sobre o comportamento da pessoa. Não pode deixar de mudar os seus desejos e nem de alterar a sua conduta. Não pode resultar numa vida infrutífera. A salvação é

obra de Deus, e progredirá firmemente desde o início até à perfeição (Fp 1.6).

E óbvio que Deus havia começado a agir no coração daquele homem. Ele defendera Jesus diante dos fariseus, e pagara um alto preço por isso. Fora excomungado da sinagoga e, portanto, cortado da maior parte das relações comuns à vida em Israel. Ainda que ele até aqui não soubesse inteiramente quem era Jesus, já estava totalmente comprometido com Ele.

Jesus lhe perguntou: "Crês tu no Filho do homem?" (Jo 9.35).[4] "O mendigo estava disposto, receptivo. Seu coração estava completamente aberto: "Quem é, Senhor, para que eu nele creia?" (v. 36). Sua confiança em Jesus era tal que estava pronto a aceitar, imediatamente, quem quer que Jesus apresentasse como o Filho do Homem.

Compare a atitude dele com a dos fariseus, que pensavam saber tudo e não se deixavam orientar por Jesus. Eram entendidos da Bíblia, cheios de conhecimento teológico, mas os seus corações estavam cegos por uma incredulidade voluntária. O mendigo ainda não cria, mas estava aberto.

É esse tipo de fé o complemento necessário à soberania de Deus. Ainda que a iniciativa divina seja essencialmente responsável pela redenção, haverá sempre da nossa parte a reação submissa de fé pessoal em Jesus Cristo.

Temos o que aprender com a resposta de fé simples, desse homem. "E Jesus lhe disse: Já o tens visto e é o que fala contigo. Então afirmou ele: Creio, Senhor" (vv. 37,38). Não hesitou.

Não pediu provas. Jesus abrira os seus

olhos espirituais. E, no momento em que foram abertos, viu a Cristo e creu.

Tal como a cura física, este foi um milagre divino. Quando alguém compreende a verdade a respeito de Jesus, há sempre um milagre divino. Lembra-se da grande confissão de Pedro? Jesus perguntara: "Quem dizeis que eu sou?" Pedro respondeu: "Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo" (Mt 16.15,16). Como ele sabia disso? Jesus disse: "Não foi carne e sangue quem to revelou, mas meu Pai que está nos céus" (v. 17). Não há como conhecer Jesus Cristo como Ele é, a não ser que haja um milagre de Deus, abrindo os nossos olhos espirituais. Mas, quando Jesus abre os olhos de uma alma, a verdade torna-se imediatamente clara!

Esse pobre cego mendigo, que jamais enxergara qualquer coisa na vida, reconheceu

distintamente o Filho de Deus. Enquanto isso, os líderes religiosos, que pensavam saber tudo, não podiam sequer reconhecer o seu próprio Messias! A visão espiritual é o dom de Deus que faz com que a pessoa esteja disposta e seja capaz de crer.

O que foi que este homem viu primeiro com os seus recém-curados olhos da fé? Ele viu a Cristo como soberano Senhor. Diz o versículo 38: "E o adorou". Ele caiu de joelhos ali mesmo e adorou. Este é o lindo clímax desta história. Não era uma questão de "fazer" de Cristo o Senhor. Quando as escamas caíram dos seus olhos espirituais, ele viu a Cristo como Ele é, e a única reação possível foi cair de joelhos.

João 9 termina com as seguintes palavras: "Prosseguiu Jesus: Eu vim a este mundo para juízo, a fim de que os que não veem vejam, e os que veem se tornem cegos. Alguns dentre os

fariseus que estavam perto dele, perguntaram-lhe: Acaso também nós somos cegos? Respondeu-lhes Jesus: Se fosseis cegos, não teríeis pecado algum; mas, porque agora dizeis: Nós vemos, subsiste o vosso pecado" (vv. 39-41).

É terrível ser cego espiritualmente, mas é ainda muito pior ser cego e não o saber. Estes fariseus pensavam que podiam ver. Afinal, em termos de conhecimento teológico estavam muito à frente do mendigo. Mas, ao contrário dele, nunca tinham tido a cegueira espiritual removida de sua alma, e, por isso, eram incapazes de reconhecer quem era Jesus. Conheciam a doutrina, mas foram incapazes de reconhecer o Messias. Eram cegos, e nem sabiam disso.

O resultado de se ter visão espiritual é um coração submisso e adorador. O resultado da

cegueira espiritual é pecado e condenação certa. A simples doutrina em nada resolve o problema da cegueira espiritual. A luz não pode curar a cegueira. A única esperança para os que se encontram presos à escuridão da cegueira espiritual é que um milagre de Deus lhes abra os olhos. É isso o que Ele faz, por seu Espírito, na salvação (1 Co 2.9-10). Os salvos não precisam de informações teológicas profundas para reconhecerem que Jesus é Senhor e deve ser obedecido. Essa verdade se lhes torna clara quando a cegueira espiritual é removida.

A salvação é uma transformação sobrenatural e divina —nada menos que um milagre ocorre na alma. É verdadeira obra de Deus, e *tem* de operar mudança na vida daquele cujos olhos foram abertos. Tal pessoa verá a Jesus como Ele é — soberano Senhor de

todos — e essa revelação, feita a quem antes nem podia ver, irá produzir, inevitavelmente, adoração e um coração desejoso de fazer a vontade de Deus. Nada disso é resultado de ensino teológico — é obra do Espírito de Deus no coração do salvo.

---

[1] Quase no final da carta, o editor escreveu o seguinte: "É claro que um pecador tem de saber que Jesus Cristo é Deus — o Senhor Jeová — porque só Deus pode salvar um pecador perdido". Desse modo, ele concorda, e corretamente, que *existe* uma medida de verdades teológicas que preci sam ser conhecidas e afirmadas antes que a pessoa seja salva.

A minha pergunta é: que tipo de fé é essa que permite que a pessoa permaneça numa vida de pecado e rebeldia, tendo reconhecido Jesus Cristo como o Senhor Jeová? Não seria essa uma fé demoníaca (Tg 2.19) — ortodoxa, mas ineficaz?

[2] Thomas L. Constable, "The Gospel Message" *Walvoord: A Tribute,* (Chicago: Moody, 1982), pp. 203-204.

[3] Ibid., p. 209.

[4] A versão *King James* diz: "Crês tu no Filho de Deus?" Jesus usou ambos os termos "Filho do Homem" e "Filho de Deus" para enfatizar a sua divindade encarnada. Evidentemente, o cego compreendeu que Jesus estava

dizendo que era Deus, uma vez que a sua reação foi adorá-Lo.

6

Ele Desafia uma Pessoa Muito Interessada

Há vários anos, nos primeiros dias do meu ministério, achava-me num voo que cruzava o país. O homem assentado ao meu lado notou que eu estava lendo a Bíblia. Ele se apresentou, e depois me surpreendeu ao dizer: "Perdoe-me, o senhor saberia dizer-me como posso ter um relacionamento pessoal com Jesus Cristo?"

Não é sempre que sou procurado por alguém tão ávido; assim, não quis perder uma oportunidade tão rica! Respondi-lhe: “Sim! Você deve simplesmente crer no Senhor Jesus Cristo e aceitá-Lo como seu Salvador”. Expliquei-lhe que Jesus morreu e ressuscitou a fim de que tenhamos vida eterna. E disse-lhe que tudo o que ele precisava fazer era receber a Cristo como seu Salvador pessoal.

“Eu gostaria de fazê-lo”, foi sua resposta. Assim, eu o levei a orar e a convidar Jesus para ser o seu Salvador. Posteriormente, naquele mesmo mês, eu o batizei. Eu estava entusiasmadíssimo pelo que acontecera, e desejoso por dar àquele homem um acompanhamento no discipulado. Todavia, depois de pouco tempo, ele cortou o contato comigo. Descobri, recentemente, que ele não mais tem interesse pelas coisas do Senhor.

Que aconteceu? Por que essa é uma experiência tão comum? A maioria daqueles que testemunham de Cristo com regularidade admite que é relativamente fácil levar pessoas a professarem a fé. Todavia, levá-las a seguir a Jesus é uma experiência bem mais frustrante. Todos temos conhecido "conversos" que, momentaneamente, parecem abraçar a ideia da salvação com entusiasmo, mas que nunca chegam a seguir ao Senhor. Por quê? Eu mesmo não podia entender as razões, até que estudei o relato do jovem rico, em Mateus 19. Nessa passagem, lemos de um jovem que pergunta, da maneira mais clara possível, como poderá ter a vida eterna. Se existe um texto em que poderíamos esperar encontrar uma apresentação direta do Evangelho segundo Jesus, este é o texto. Mas, o que encontramos é uma dissertação chocante:

E eis que alguém, aproximando-se, lhe perguntou: Mestre, que farei eu de bom, para alcançar a vida eterna? Respondeu-lhe Jesus: Por que me perguntas acerca do que é bom? Bom, só existe um. Se queres, porém, entrar na vida, guarda os mandamentos. E ele lhe perguntou: Quais? Respondeu Jesus: Não matarás, não adulterarás, não furtarás, não dirás falso testemunho; honra a teu pai e a tua mãe, e amarás o teu próximo como a ti mesmo. Replicou-lhe o jovem: Tudo isso tenho observado; que me falta ainda? Disse-lhe Jesus: Se queres ser perfeito, vai, vende os teus bens, dá aos pobres, e terás um tesouro no céu; depois vem, e segue-me. Tendo, porém, o jovem ouvido esta palavra, retirou-se triste, por ser dono de muitas propriedades, (vv. 16-22)

À primeira vista, podemos nos perguntar que tipo de mensagem Jesus estava tentando passar para esse homem? Um estudo cuidadoso no-lo revelará. Se pudéssemos resumir a verdade de toda esta passagem num

só versículo, usaríamos Lucas 14.33 — "assim, pois, todo aquele que dentre vós não renuncia a tudo quanto tem, não pode ser meu discípulo".

O Senhor fez esse jovem passar por um teste. Ele teve de fazer uma escolha entre as suas propriedades e o Senhor. Não passou no teste. A despeito de sua crença, uma vez que não estava disposto a abandonar tudo, não pôde tornar-se um discípulo de Cristo. A salvação é para aqueles que estão dispostos a abandonar tudo.

Note: a questão aqui era, claramente, a salvação desse homem. Não se tratava de algum nível superior de discipulado, subsequente à conversão. A questão que ele colocara era como obter a vida eterna.

A expressão "vida eterna" é usada cerca de cinquenta vezes nas Escrituras. Sempre se

refere à conversão, evangelismo, novo nascimento — à experiência completa da salvação. Note-se que o versículo evangelístico mais conhecido, João 3.16, usa essa expressão: "Porque Deus amou ao mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo o que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna".

A maior parte do nosso trabalho no evangelismo é levar pessoas ao ponto em que sintam a sua necessidade pessoal de salvação. Esse jovem chegou a este ponto antes mesmo de fazer a sua pergunta a Jesus. Tratava-se de um alvo evangelístico perfeito! Ele estava pronto para assinar o "cartão de decisão", levantar a mão, ir à frente, ou seja lá o que se lhe pedisse. Já ultrapassara todo o processo normal de "pré-evangelismo". Não havia necessidade de explicar a ele como sabemos da

existência de Deus, ou porque podemos confiar na Bíblia, ou porque ele precisava preocupar-se com a eternidade. A semelhança daquele jovem que me abordou no avião, ele parecia estar pronto. Aos olhos humanos, ele parecia a pessoa melhor preparada para receber a salvação que o Senhor encontrara até então. Ele estava maduro. Estava desejoso. Não havia como se retirar sem receber a vida eterna.

Todavia, foi o que aconteceu. Ele foi sem salvação, não porque tivesse ouvido a mensagem errada, nem mesmo porque não crera, mas porque não quis abandonar tudo o que tinha e submeter-se à obediência. Jesus colocou diante do jovem uma barreira intransponível. Ao invés de partir com ele do ponto em que estava e levá-lo a fazer uma "decisão", Jesus estabeleceu condições a que ele não queria submeter-se. Num certo sentido,

Jesus o enxotou.

Que tipo de evangelização é essa?! Jesus seria reprovado na matéria "Evangelização Pessoal" em quase todos os institutos bíblicos e seminários que conheço! Sua mensagem foi baseada em obras, e nem sequer falou em fé ou nos fatos da redenção. Tão pouco desafiou o homem a crer! Falhou no apelo. Não conseguiu "fisgar o peixe". Não conseguiu arrolar o jovem. Afinal de contas, quando alguém se aproxima dizendo que deseja ter a vida eterna, *não se pode* deixá-lo escapar, certo?!

Errado. Nossos conceitos sobre evangelismo não podem ter a pretensão de desaprovar Jesus. Pelo contrário, é Ele quem deve julgar os métodos contemporâneos de evangelização. O evangelismo moderno está preocupado com decisões, estatísticas, "ir à frente", macetes, apresentações pré-fabricadas,

“conversas de vendedor”, manipulação emocional, e, até, intimidação. Sua mensagem é uma cacofonia de fé fácil e de apelos simplistas.

Diz-se aos incrédulos que é só convidar Jesus a entrar em seus corações, aceitando-O como Salvador pessoal, ou só crer nos fatos do evangelho, e pronto. E o resultado é o fracasso estarrecedor que se tem visto na vida de multidões que têm professado fé em Cristo, sem que isso tenha um impacto real sobre o seu comportamento. Quem pode contar quantos estão iludidos, pensando que são salvos, sem que na verdade o sejam?!

O que aconteceu com o jovem rico? Ele pareceu começar tão bem! Mas afastou-se de Cristo, triste e sem receber a vida eterna. Sua motivação e atitude pareciam corretas. Ele foi à pessoa certa, e fez a pergunta certa. Todavia,

ele se foi irredimido.

Sua Motivação Foi Correta

Ele apresentou-se à procura da vida eterna. Sabia o que queria; e sabia que não tinha a vida eterna. Era possuidor de praticamente tudo, menos da vida eterna.

Não havia nada de errado com a sua motivação. É bom que se deseje a vida eterna. Com certeza, ele compreendeu que a vida espiritual é muito mais importante do que toda a sua riqueza. Jesus disse: "Buscai, pois, em primeiro lugar, o seu reino e a sua justiça, e todas estas coisas vos serão acrescentadas" (Mt 6.33).

Ele era jovem (Mt 19.20) e rico (v. 22). Em Lucas 18.18 aprendemos que ele era também "de posição" (*archõn,* no texto grego). Isto parece indicar que ele era um chefe da

sinagoga (conforme o uso da mesma palavra em Mateus 9.18). Parece-nos, portanto, que era um líder religioso dos judeus — devoto, honesto, jovem, rico, proeminente, muito respeitado e influente. Ele tinha tudo. A expressão "e eis", no versículo 16, é uma exclamação que indica admiração e surpresa. Indica que Mateus deve ter-se surpreendido que esse homem fosse procurar Jesus e admitisse precisar da vida eterna.

Aqui temos um homem indubitavelmente perturbado. Toda a sua religião e riqueza não lhe tinham dado confiança, paz, alegria ou mesmo uma esperança duradoura. Havia uma inquietação em sua alma, e ele sentia a falta de segurança em seu coração. Ele fora a Jesus por causa de uma necessidade que sentia profundamente. Ele mesmo identificara qual a sua carência pessoal: vida eterna.

Biblicamente, a vida eterna não é apenas a promessa da vida na eternidade, mas é também a qualidade de vida característica das pessoas que vivem na eternidade. Tem a ver com qualidade tanto quanto com duração (Jo 17.3). Não é apenas viver para sempre. A vida eterna é ser participante do reino onde habita Deus. É andar com o Deus vivo, em comunhão infindável.

Isso parece ser o que desejava o jovem rico. Aparentemente, ele percebia a sua necessidade de andar com Deus, de ter comunhão com Ele. Talvez percebesse a sua incapacidade de agradar a Deus perfeitamente. Não estava experimentando o amor de Deus, o seu descanso, paz, esperança, alegria ou segurança. De qualquer forma, sabia que não tinha vida espiritual ou a certeza de que pertencia eternamente a Deus.

Quanto a isto, ele foi muito perspicaz. Espiritualmente, ele estava muito além dos fariseus, que viviam satisfeitos com os seus próprios pensamentos. Ele não. Sabia que não tinha a vida eterna, e desejava obtê-la. Ninguém pode incriminar o motivo que o levou a aproximar-se de Jesus.

Sua Atitude Foi Correta

Não apenas a sua motivação foi correta, mas também sua atitude foi louvável. Ele não era arrogante ou presunçoso. Parecia sentir profundamente as suas carências. Há muitos que sabem que não têm a vida eterna, mas que não sentem a necessidade de obtê-la. Sabem que não conhecem a dimensão divina, todavia, a sua falta de interesse não os perturba. Não era o caso desse jovem rico. Ele estava em desespero. Pode-se perceber a urgência da sua

pergunta: “Mestre, que farei eu de bom para alcançar a vida eterna?” Sem qualquer rodeio ou introdução, ele simplesmente a despejou.

Marcos 10.17 nos diz que ele correu para Jesus. Veio, também, publicamente. Diferentemente de Nicodemos, que veio à noite, esse homem veio em plena luz do dia e diante de outras pessoas. Marcos diz que o Senhor estava “a caminho”, tendo acabado de iniciar uma jornada. Não há dúvida de que Jesus estava rodeado pela multidão, como de costume. Ele correu em meio à multidão, sem se deixar intimidar pelo fato de que aquela gente sabia quem ele era. Teve coragem suficiente para confessar pública e abertamente que não possuía a vida eterna. Era preciso uma coragem tremenda da parte de um homem como aquele, para fazer uma tal pergunta. Ele tinha muito o que perder ao admitir

abertamente sua carência por vida eterna.

Marcos também nos diz que esse jovem rico ajoelhou-se aos pés de Jesus. Numa posição de humildade diante do Senhor, ele reconheceu a situação indesejável em que estava. Era íntegro suficientemente para não escondê-la. Desejava tanto a vida eterna que se arriscou a ficar desacreditado diante daqueles que já o viam como um gigante espiritual. Ainda assim, frustrado por não conseguir paz, perguntou: “Que me falta ainda?” Percebe-se a sua ansiedade, insatisfação, e grande consternação. Tendo sido religioso a vida inteira, sabia que lhe faltava algo. Seu clamor foi o de um coração em necessidade premente.

Que pensar da sua alegação de que cumpria toda a lei? É certo que exagerou. Todavia, aparentemente ele realmente vivia uma vida exemplar, no que toca ao exterior.

Era um homem de princípios, e não um pecador grosseiro. Ele se conformava aos rígidos padrões da sua religião. Porém, sentia um vazio profundo, e aproximou-se de Jesus procurando preencher esse vazio. Se alguém se aproximasse e lhe perguntasse: "Você gostaria de ter paz, alegria, felicidade e amor?" com certeza ele teria respondido afirmativamente! Se ele estivesse num culto evangelístico não haveria necessidade de se cantar estrofes adicionais de "Tal qual Estou" para esse homem vir à frente. Ele estava pronto. Sentia-se entusiasmado em sua busca da vida eterna. É certo que a sua atitude era correta.

Que oportunidade! Tratava-se de um cidadão ansioso, sedento, que não se podia deixar escapar! Era jovem, rico, inteligente e influente. Pense no que poderia fazer se viesse a Cristo! Poderia dar o seu testemunho,

escrever um livro, e tornar-se um grande contribuidor para a causa de Cristo. Nenhum evangelista que pregue o evangelho contemporâneo perderia uma oportunidade destas!

Veio à Fonte Certa

Mas o jovem rico não foi a um simples evangelista —foi à própria Fonte da vida eterna, o lugar certo para procurar o que desejava. As pessoas procuram encontrar a vida eterna nos lugares mais extravagantes! Satanás é mestre em enganar, quando se fala em falsa segurança de salvação. Ele trata de assegurar-se de que a maioria das pessoas nunca encontre a vida eterna, fazendo-as gastarem a vida inteira procurando-a nos lugares errados. Em 1 João 5.11 está escrito: "E o testemunho é este, que Deus nos deu a vida

eterna; e esta vida está no seu Filho". De Jesus, diz o versículo 20: "Este é o verdadeiro Deus e a vida eterna". Jesus não é apenas a Fonte da vida eterna: Ele é *a própria* vida eterna! O jovem rico estava procurando no lugar certo.

Não há dúvida de que ele ouvira falar do poder de Jesus. Ele dirigiu-se ao Senhor, chamando-o de *didaskalos* (Mestre, ou professor). Ao usar esse título, ele reconheceu que Jesus era um mestre da verdade divina. Marcos e Lucas contam-nos que ele O chamou de "bom", usando a palavra *agathos,* que mostra que ele via o Senhor como sendo bom em natureza e essência. Ele teria usado a palavra *kalos* para referir-se a uma bondade estritamente exterior. Assim, ao chamá-Lo de "Bom Mestre", ele não estava simplesmente dizendo que Jesus era um mestre capacitado — estava afirmando que cria na bondade essencial

do Senhor.

Isso, não significa que ele cria que Jesus era Deus. Provavelmente não percebeu que Jesus era o Messias, e muito menos que era Deus encarnado. Parece que ele foi cativado pela autoridade dos ensinos de Jesus e pelo poder de sua vida virtuosa. Ele desejava receber a orientação desse Mestre, a respeito da vida eterna, pois cria que Jesus tinha essa orientação para dar. Parece que a resposta de Jesus, "Por que me perguntas acerca do que é bom? Bom, só existe um" (v. 17), tinha o propósito de incitá-lo a perceber quem Ele realmente era.

Ainda assim, mesmo não reconhecendo que Jesus era o Messias, ou Deus encarnado, é certo que ele veio à pessoa certa. "E não há salvação em nenhum outro; porque abaixo do céu não existe nenhum outro nome, dado entre

os homens, pelo qual importa que sejamos salvos" (At 4.12).

Fez a Pergunta Certa

Muitos leitores desta passagem de Mateus 19 têm censurado o jovem rico por sua pergunta. Dizem que o seu erro foi perguntar: "*Que farei* eu de bom?" Noutras palavras, sua mente estava voltada para uma salvação pelas obras. É verdade que ele estava ligado a uma religião baseada em obras. Fora educado na tradição farisaica. Fora ensinado a pensar em religião como sendo um sistema erigido para conquistar o favor divino.

Apesar de toda essa herança religiosa, sua pergunta foi boa. Não se tratava de uma cilada calculada para levar Jesus a dizer que aceitava a autojustiça. Tratava-se de uma pergunta simples e honesta, feita por alguém que estava

à procura da verdade: "Que farei eu de bom, para alcançar a vida eterna?"

Afinal de contas, *há* algo que temos de fazer para herdar a vida eterna: temos de crer. A pergunta desse homem não era muito diferente da que fizeram as multidões, em João 6.28 — "Que faremos para realizar as obras de Deus?" Jesus respondeu-lhes de forma simples e direta: "A obra de Deus é esta, que creiais naquele que por ele foi enviado" (v.29).

É aqui que a história toma um rumo extraordinário. A resposta de Jesus a esse jovem parece absurda: "Se queres, porém, entrar na vida, guarda os mandamentos" (Mt 19.17). O Senhor nada falou sobre si mesmo ou sobre os fatos do evangelho. Não convidou o homem a crer. Não lhe pediu que fizesse uma decisão. Pelo contrário: Jesus erigiu uma tal barreira, que fez com que o interessado de

repente parasse.

Falando literalmente, a resposta estava correta. Se alguém conseguisse guardar a lei a vida inteira, sem nunca violar um til ou jota, seria perfeito, sem pecado. Mas ninguém é assim, a não ser Jesus, pois os homens nascem em pecado (SI 51.5). Sugerir que a lei é um meio para alguém ser salvo obscurece a questão da fé. Por que, então, Jesus falou dessa forma com o rapaz? Se ele veio com o motivo certo, com a atitude certa, à Fonte certa e com a pergunta certa, por que Jesus simplesmente não lhe apontou o caminho da salvação?

Estava Tomado Pelo Orgulho

Apesar de tudo o que esse jovem tinha em seu favor, faltava-lhe uma qualidade importante. E Jesus sabia que faltava completamente a ele o senso de sua própria

pecaminosidade. Seu desejo por ser salvo baseava-se no vazio de sua alma, talvez aliado ao desejo de livrar-se de ansiedade e frustração e conseguir alegria, amor, paz e esperança. Bons desejos, todavia, não constituem motivo completo para que alguém se renda a Cristo.

Muito do evangelismo contemporâneo é lamentavelmente deficiente em confrontar as pessoas com a realidade do seu pecado pessoal. Os pregadores oferecem felicidade, alegria, satisfação e tantas outras coisas boas. Aos crentes de hoje se lhes ensina que tudo o que têm a fazer é descobrir quais as carências psicológicas das pessoas, e ofececer-lhes Jesus como panaceia para o problema, seja qual for. E é fácil conseguir-se "convertidos" pois as pessoas *estão* procurando solução rápida para as suas carências. Todavia, se isso for tudo o que fizermos, não estaremos realizando uma

evangelização legítima.

O Senhor não ofereceu qualquer alívio para a necessidade sentida pelo jovem rico. Em vez disso, sua resposta confrontou o rapaz com o fato de que ele era, perante Deus, uma ofensa viva. Era fundamental que ele percebesse a sua pecaminosidade. O reconhecimento do pecado pessoal é um elemento necessário para que se compreenda a verdade da salvação. Não se pode vir a Jesus Cristo pedindo salvação tão-somente com base em carências psicológicas, ansiedade, falta de paz, sensação de desespero, falta de alegria, ou desejo de ser feliz. A salvação é para aqueles que odeiam o seu pecado e desejam dar as costas às coisas desta vida. É para pessoas que compreendem que têm vivido em rebeldia contra um Deus santo. É para aqueles que querem dar meia volta e viver para a glória de Deus. A salvação não é

um mero fenômeno psicológico.

A resposta de Jesus tirou a atenção de sobre a necessidade sentida pelo jovem, levando-a de volta para Deus: “Bom, só existe um”. Então, Jesus o fez defrontar-se com o padrão divino, não porque *guardar a lei* o faria merecer a vida eterna, mas para que ele pudesse perceber como estava longe: “Se queres, porém, entrar na vida, guarda os mandamentos”. Todavia, o rapaz ignorou e rejeitou a colocação. Ele não tinha qualquer desejo de confessar seu próprio pecado.

Ao voltar a pensar na minha conversa com o homem, no avião, percebo que foi aqui que falhei. Mui precipitadamente, ofereci-lhe Cristo para suprir suas carências psicológicas, sem forçá-lo a reconhecer a sua condição de pecador.[1] A salvação que apresentei a ele estava focalizada no homem, e não em Deus.

Na evangelização, temos de tomar o pecador e medi-lo à luz da perfeita lei de Deus, a fim de que ele possa ver a sua deficiência. Um evangelho que trata tão-somente da necessidade humana, dos sentimentos humanos, dos problemas humanos, carece do verdadeiro equilíbrio. Essa é a razão porque há igrejas que estão cheias de pessoas cujas vidas continuam essencialmente inalteradas depois de uma suposta conversão. A maioria dessas pessoas, estou certo, não foram regeneradas, e estão tristemente mal orientadas.

O padrão da revelação divina confirma a importância de cada pessoa compreender sua própria pecaminosidade. Em Romanos, Paulo gasta três capítulos inteiros declarando a pecaminosidade do homem, antes mesmo de falar sobre o caminho da salvação. João 1.17 diz: "A lei foi dada por intermédio de Moisés; a

graça e a verdade vieram por meio de Jesus Cristo''. A lei sempre precede a graça: ela é o preceptor que nos leva a Cristo (Gl 3.24). Sem a lei, e o efeito que Deus designou que tenha sobre nós, a graça não tem sentido. E sem uma compreensão da realidade e da gravidade do pecado, não pode haver redenção.

É preciso que reajustemos a nossa apresentação do evangelho. Não podemos negar o fato de que Deus odeia o pecado e castiga os pecadores com o tormento eterno. Como podemos iniciar uma apresentação do evangelho dizendo às pessoas que estão a caminho do inferno que Deus tem um plano maravilhoso para as suas vidas? As Escrituras dizem: "Deus... sente indignação todos os dias" (SI 7.11). Um Deus justo, santo e puro não pode tolerar o mal. Ele não salvará aqueles que tentarem vir a Ele enquanto abrigam

pecado no coração.

O jovem rico perguntou a Jesus quais os mandamentos que deveria guardar. O Senhor lhe respondeu apresentando-lhe a segunda metade dos dez mandamentos: “Não matarás, não adulterarás, não furtarás, não dirás falso testemunho; honra a teu pai e a tua mãe”. E acrescentou: “Amarás o teu próximo como a ti mesmo” (Mt 19.18,19). Não temos como descobrir porque o Senhor escolheu enfatizar esses mandamentos, particularmente. Talvez Ele soubesse que o jovem não estava honrando seus pais. Porém, o importante é notarmos que Jesus pregou a lei para ele.

Não devemos pregar a graça a pessoas que não compreendem as implicações da lei de Deus. Não há sentido em se expor a graça a alguém que não conheça a exigência divina de que sejamos justos. A misericórdia não pode

ser compreendida sem a compreensão correspondente da culpa pessoal. O evangelho da graça não pode ser pregado a quem não ouviu que Deus exige obediência e castiga a desobediência. As palavras de Jesus deveriam ter despertado no jovem rico a compreensão de que ele estava longe. Essa era a intenção. Mas, ele a rejeitou totalmente.

Não Confessou Sua Culpa

Dizem as Escrituras: "Replicou-lhe o jovem: Tudo isso tenho observado; que me falta ainda?" (Mt 19.20). Isto indica a visão que ele tinha da lei. Talvez nunca tivesse assassinado alguém. Talvez nunca tivesse adulterado. Certamente, não era ladrão ou mentiroso. Parece que ele realmente pensava que havia honrado seu pai e mãe. E é bem possível que, na superfície, ele houvesse mesmo feito todas

essas coisas. Todavia, a ênfase do ensino de Jesus, desde o princípio, tinha sido em definir toda a lei, de tal maneira que ninguém — nem mesmo aqueles que se apegavam rigidamente às suas exigências externas — pudesse considerar os mandamentos e sentir-se justificado (cf. Mt 5.20-48; Rm 3.20).

O homem não podia fugir das exigências do padrão divino. O mandamento para amar ao próximo como a si mesmo tem uma aplicação interna inescapável. De forma alguma ele poderia dizer com honestidade que sempre cumprira a lei. Ele não poderia estar falando a verdade — se não estava mentindo, certamente estava enganado a respeito de si mesmo.

Os fariseus estavam acostumados a praticarem a lei, estando muito alerta para as exterioridades do ritual e da conduta, sem

jamais tratarem do coração. Jesus, por outro lado, tratava do coração ao ensinar que o ódio era o equivalente moral do assassinato, que a lascívia equivalia ao adultério, e que odiar um inimigo era tão errado quanto odiar um vizinho (Mt 5.21-47). O jovem não havia compreendido o significado do ensino de Jesus. Corajosamente, diante de uma multidão, ele declarou que havia guardado a lei. Ele deve ter sentido que a multidão iria afirmar que, de fato, ele era justo, porque, até onde podiam ver, ele o era. Externamente, ele havia guardado a lei.

Isto confirma a verdade de que ele queria algo para preencher o vazio do seu coração. Ele não reconheceu ter ofendido a Deus. Na verdade, estava dizendo o seguinte: “Não tenho nenhum pecado real. Tenho guardado toda a lei. Olho para mim mesmo e não vejo

qualquer transgressão". A religião da autojustiça é enganadora. Esse homem realmente acreditava que era justo, que obedecia a lei. Pensava que havia guardado os mandamentos, e não era capaz de perceber que estava longe disso.

Não havia como esse homem pudesse ser salvo enquanto se mantivesse agarrado à sua autojustiça. A salvação não é para aqueles que desejam uma melhoria em suas condições emocionais, mas para pecadores que vêm a Deus buscando perdão. A não ser que a pessoa tenha vergonha do seu pecado, não há salvação. Neste ponto, Marcos 10.21 nos diz: "Mas Jesus, fitando-o, o amou". Esta frase pinta um quadro tocante. Esse jovem era sincero. A sua busca espiritual era genuína. Ele realmente era uma pessoa religiosa. E Jesus o amou. Não era o seu desejo que alguém

perecesse, mas que todos chegassem ao arrependimento. Todavia, isso era exatamente o que aquele homem não faria. O Senhor Jesus não aceita os pecadores sob as condições que eles mesmos impõem. Embora amasse aquele jovem, Jesus não concedeu a vida eterna que ele pedira.

Ele Não Quis Submeter-se a Cristo

Finalmente, Jesus o submeteu ao último teste: "Se queres ser perfeito, vai, vende os teus bens, dá aos pobres, e terás um tesouro no céu; depois vem, e segue-me" (Mt 19.21). Isso desafiava a afirmação daquele jovem de que guardava a lei. Na verdade, o que Jesus lhe disse foi o seguinte: "Você diz que ama ao seu próximo como a si mesmo. Certo. Então, dê-lhe tudo o que tem. Se você realmente o ama como a si mesmo, não terá dificuldade em

fazê-lo".

Eis aqui o grande teste: será que ele irá obedecer ao Senhor? Jesus não está ensinando salvação pela filantropia. Não está dizendo que é possível comprar a vida eterna com caridade. O que Ele está dizendo é: "Você irá fazer o que eu quero que faça? Quem irá mandar na sua vida, você ou eu?" O Senhor tocou no ponto nevrálgico da existência desse homem. Sabendo onde é que estava o coração dele, o Senhor disse: "A não ser que eu seja a autoridade máxima da sua vida, não haverá salvação para você". Ao colocar-se em disputa com as riquezas daquele homem e exigir que ele fizesse uma escolha, o Senhor revelou o verdadeiro estado do coração daquele jovem.

Será que temos — literalmente — que dar tudo o que possuímos para que nos tornemos cristãos? Não. Mas *devemos* estar prontos a

abandonar tudo (Lc 14.33), mostrando que não nos apegamos à coisa alguma que queira preceder ao Senhor. Temos de estar prontos a fazer seja o que for que Ele mandar. A exigência do Senhor com relação a esse homem tinha tão-somente o propósito de determinar se ele estava pronto a submeter-se à soberania de Cristo sobre a sua vida. As Escrituras não registram outra ocasião em que se exigiu de alguém que se desfizesse de tudo. O Senhor fez um ataque frontal ao ponto fraco daquele homem — o pecado da ganância, da indulgência e do materialismo. O jovem não se importava com os pobres. Ela amava as suas propriedades. E o Senhor desafiou essa situação.

O jovem rico não passou no teste. Não queria reconhecer a Cristo como soberano Senhor sobre a sua vida. Diz Mateus 19.22:

“Tendo, porém, o jovem ouvido esta palavra, retirou-se triste, por ser dono de muitas propriedades’’. Para ele, suas propriedades eram mais importantes do que Jesus, e não poderia ir a Cristo se isso significasse abrir mão delas. É interessante que tenha se retirado triste. Ele realmente *queria* a vida eterna, porém, não estava disposto a vir como Jesus lhe havia especificado — confessando o seu pecado e rendendo-se ao senhorio de Jesus.

Contraste a reação desse homem com a de Zaqueu, em Lucas 19. Zaqueu sentiu profunda tristeza pelo seu pecado. Estava disposto a fazer *qualquer coisa* — inclusive livrar-se de toda a sua riqueza — para ir a Jesus Cristo, nos termos que Jesus determinara. E a mensagem de Jesus para Zaqueu foi: “Hoje houve salvação nesta casa... Porque o Filho do homem veio buscar e salvar o perdido” (Lc 19.9,10). O

jovem rico também viera em busca da vida eterna, mas foi embora sem alcançá-la. Esta é uma história trágica e dolorosa. Provérbios 13.7, diz: "Uns se dizem ricos sem ter nada; outros se dizem pobres, sendo mui ricos". Esse jovem pensava que era rico, mas afastou-se de Jesus com absolutamente nada.

A salvação é pela graça, mediante a fé (Ef 2.8). Este é o ensino constante e inequívoco das Escrituras. Mas, as pessoas que têm fé genuína não se recusam a reconhecer a sua pecaminosidade pessoal. Elas sentem que ofenderam a santidade de Deus, e não rejeitam o senhorio de Cristo. Não se apegam às coisas deste mundo. A fé verdadeira não tem falta de nenhum desses atributos. A fé salvadora é um compromisso de se abandonar o pecado e seguir Jesus Cristo, custe o que custar. Jesus não salva quem não deseja vir a Ele sob essas

condições.

Não creio, e nunca ensinei, que uma pessoa, para vir a Cristo, precise compreender completamente todas as implicações do pecado, do arrependimento, ou do senhorio de Cristo. Mesmo depois de progredir por anos, como cristãos, não compreendemos todas essas coisas em sua profundidade completa. Mas é preciso haver uma *disposição* para obedecer. Além disso, o arrependimento e a submissão não são maiores obras humanas do que a própria fé. Eles são, completamente, obra de Deus, e não elementos acrescentados à fé; são aspectos essenciais da obra de fé operada por Deus no coração humano.

Uma mensagem que ofereça mero alívio psicológico, mas que não exija abandono do pecado e aceitação do senhorio de Cristo, é um evangelho falso, que não salva. Para vir a Jesus,

a pessoa precisa dizer sim a Ele. Isso significa que Jesus tem prioridade e torna-se o Senhor supremo de nossas vidas.

Se aprendemos alguma coisa da narração sobre o jovem rico é que, apesar de a salvação ser um abençoado dom de Deus, Cristo não a dará a quem estiver com as mãos cheias de outras coisas. Quem não está disposto a abandonar o pecado, possessões, religião falsa, ou egoísmo, descobrirá que não pode voltar-se a Cristo pela fé.

---

[1] Se o Espírito Santo tivesse realmente preparado o coração dele para a salvação, ele teria estado sob grande convicção de pecado (Jo 16.9-11). Eu deveria ter notado essa convicção antes de levá-lo a orar por salvação.

7

Ele Busca e Salva o Perdido

Não há palavras mais gloriosas na Bíblia do que estas, de Lucas 19.10: "O Filho do homem veio buscar e salvar o perdido". Este versículo sumariza a obra de Cristo em termos claramente aplicáveis a todas as pessoas. Do ponto de vista humano, pode tratar-se da verdade mais importante jamais registrada nas Escrituras. Infelizmente, o

dispensacionalismo tradicional tende a não observar esse aspecto tão simples. Alguns dispensacionalistas têm visto o "evangelho do reino" proclamado por Jesus (Mt 4.23) como algo distinto do "evangelho da graça de Deus".[1] A essência desse "evangelho do reino", diz uma fonte bem conhecida, está em que "Deus almeja estabelecer o reino de Cristo na Terra... em cumprimento à aliança feita com Davi".[2] Lewis Sperry Chafer escreveu que o evangelho do reino era somente para a nação de Israel, "e jamais deve ser confundido com o evangelho da graça salvadora".[3] Outro autor dispensacionalista antigo declarou que o evangelho pregado por Jesus nada tinha a ver com salvação, mas era a simples proclamação de que havia chegado o tempo de o reino de Cristo ser estabelecido na Terra.[4] Tudo isso pode encaixar-se perfeitamente num

determinado esquema dispensacionalista, porém as Escrituras não lhe dão sustentação. Não podemos esquecer de que Jesus veio para buscar e salvar o perdido, e, não, meramente anunciar um reino terreno.

Quando Jesus proclamou o seu reino, Ele *estava pregando* a salvação. Sua conversa com o jovem rico, em Mateus 19, ajuda-nos a compreender a terminologia que Ele usava. O jovem perguntou a Jesus o que deveria fazer para obter a vida eterna. Depois dele ter ido embora sem salvação, Jesus disse aos discípulos: "Em verdade vos digo que um rico dificilmente entrará no reino dos céus" (v. 23). Portanto, entrar no reino dos céus é sinônimo de obter-se a vida eterna. No versículo seguinte, Jesus diz que "é mais fácil passar um camelo pelo fundo de uma agulha, do que entrar um rico no reino de Deus" (v. 24).

Obviamente “reino de Deus” e “vida eterna” são todas expressões que se referem à salvação. Os discípulos entenderam isso claramente, pois perguntaram, em seguida: “Sendo assim, quem pode ser salvo?” (v. 25).

Não importa os termos usados — receber vida eterna, entrar no reino ou ser salvo — a essência da mensagem de Jesus era sempre o evangelho da salvação. Assim Ele se referiu à sua tarefa: “Não vim chamar justos, e, sim, pecadores ao arrependimento” (Lc 5.32). O apóstolo Paulo disse, em 1 Timóteo 1.15: “Fiel é a palavra e digna de toda aceitação, que Cristo Jesus veio ao mundo para salvar os pecadores, dos quais eu sou o principal”.

Busca e Resgate

É da natureza de Deus buscar e salvar pecadores. Já nas páginas iniciais da história

humana, foi Deus quem procurou o casal decaído no jardim. Em Ezequiel 34.16, Deus diz: "A perdida buscarei, a desgarrada tornarei a trazer, a quebrada ligarei e a enferma fortalecerei". Por todo o Velho Testamento o Todo-Poderoso é apresentado como Salvador (SI 106.21; Is 43.11; Os 13.4). Portanto, convinha que, quando Cristo viesse ao mundo dos homens como Deus encarnado, Ele fosse conhecido, antes de tudo, como Salvador.

Até mesmo o seu nome foi divinamente escolhido para ser o nome de um Salvador. Um anjo falou a José em sonho: "E lhe porás o nome de Jesus, porque ele salvará o seu povo dos pecados deles" (Mt 1.21). O âmago do ensino da redenção é que Jesus veio a este mundo numa missão de busca e salvamento de pecadores. É essa verdade o que caracteriza o evangelho como boas novas.

Mas o evangelho é boa nova somente para aqueles que veem a si mesmos como pecadores. O inquestionável ensino de Jesus é que os que não reconhecem o seu pecado, e dele não se arrependem, não podem ser alcançados pela graça salvadora. Todos são pecadores, mas nem todos querem admitir a sua depravação pessoal. Se o fazem, Jesus torna-se amigo deles (cf. Mt 11.19). Os que não o fazem, só poderão conhecê-Lo como Juiz (cf. Mt 7.22).

A parábola de Jesus, em Lucas 18.10-13, salienta esta verdade. Ele dirigiu aquelas palavras "a alguns que confiavam em si mesmos por se considerarem justos, e desprezavam os outros" (v. 9). "Dois homens subiram ao templo com o propósito de orar: um fariseu e o outro publicano. O fariseu, posto em pé, orava de si para si mesmo, desta

forma: Ó Deus, graças te dou porque não sou como os demais homens, roubadores, injustos e adúlteros, nem ainda como este publicano; jejuo duas vezes por semana e dou o dízimo de tudo quanto ganho. O publicano, estando em pé, longe, não ousava nem ainda levantar os olhos ao céu, mas batia no peito, dizendo: Ó Deus, sê propício a mim, pecador" (vv. 10-13). A maneira como o Senhor avaliou esses dois homens deve ter aturdido e enfurecido a plateia de fariseus cheios de autojustiça: "Digo-vos que este [o publicano] desceu justificado para sua casa, e não aquele; porque todo o que se exalta, será humilhado; mas o que se humilha, será exaltado" (v.14).

O arrependimento humilde é a única resposta aceitável que se pode dar ao evangelho segundo Jesus. Os que não confessam o seu pecado — como o jovem rico

— são repelidos por Ele. Mas Ele alcança em graça aqueles que, como Mateus e a mulher samaritana, reconhecem o seu pecado e buscam libertação. Quanto pior o pecador, mais maravilhosamente a sua graça e glória são reveladas através de sua redenção.

Multidões de pecadores arrependidos manifestaram-se durante o ministério terreno de Jesus. Ele ministrava continuamente a publicanos e outros proscritos. Lucas 15.1 indica que uma corrente constante de tais pessoas aproximava-se dEle. Na verdade, a pior acusação que os fariseus puderam fazer contra o seu ministério foi: "Este recebe pecadores e come com eles" (Lc 15.2). Eles comparavam-se a Cristo, e eram condenados por sua própria comparação. Eles nada sentiam pelos proscritos, não amavam o pecador, não tinham compaixão pelos perdidos. Pior: nem

sentiam a sua própria pecaminosidade. Jesus nada podia fazer por eles.

O Cenário Para Um Milagre

À semelhança de Mateus, Zaqueu era um publicano cujo coração fora divinamente preparado para receber e seguir Jesus. O seu encontro com Jesus deu-se em Jericó, estando o Senhor a caminho de Jerusalém, onde iria morrer. Jesus estivera pregando na Galileia por algum tempo. Lá ficava a sua cidade, Nazaré. Agora, ia para Jerusalém para a última Páscoa — aquela em que Ele mesmo se faria o Cordeiro Pascal, ao dar a sua vida numa cruz pelos pecados do mundo. E, como que para mostrar exatamente porque Ele tinha de morrer, fez uma pausa em Jericó para alcançar um infeliz publicano.

Durante a viagem, o Senhor havia atraído

um grupo de peregrinos que iam celebrar a Páscoa em Jerusalém. A sua fama se espalhara por toda a Palestina. Há não muito tempo, Ele ressuscitara Lázaro. Isso ocorreu em Betânia, não muito longe de Jericó. A notícia se espalhou, e as pessoas estavam curiosas. Cada habitante de Jericó capaz de locomover-se saiu à rua, preparando-se para ver Jesus passar. A cidade estava alvoroçada. Seria Ele o Messias? Teria vindo para dominar? Estaria chegando para derrotar os romanos e estabelecer o seu reino?

Jericó ficava a nordeste de Jerusalém, num entroncamento internacional, onde se encontravam as principais estradas vindas do norte, sul, leste e oeste. Sua alfândega, onde se coletavam os impostos, era movimentada. E Zaqueu era o publicano responsável pela alfândega de Jericó.

Buscando o Salvador

Zaqueu era desprezado por toda a comunidade. Lucas 19.7 diz que todos o chamavam de pecador. Ele não só era publicano e traidor da nação, mas é provável que também o seu caráter fosse corrupto. Esse era o caso da maioria dos publicanos.

O Senhor Jesus demonstrou um amor especial pelos publicanos. Lucas focaliza especialmente as várias vezes em que Jesus os encontrou. O tema desse evangelho é o amor do Salvador pelos perdidos; ele várias vezes apresenta Jesus alcançando a escória da sociedade. Sempre que Lucas fala de um publicano (3.12; 5.27; 7.29; 15.1; 18.10; 19.2) é num sentido positivo. Eles eram os proscritos de uma sociedade cheia de religiosidade — pecadores flagrantemente notórios — o tipo exato de gente que Jesus veio salvar.

Pode parecer que era Zaqueu quem estava procurando Jesus, mas a verdade é que, se Jesus não o tivesse buscado primeiro, ele nunca teria vindo ao Salvador. Não há quem, por si, busque a Deus (Rm 3.11). Em nosso estado natural, decaído, estamos mortos em delitos e pecados (Ef 2.1), alheios à vida de Deus (Ef 4.18) e, portanto, totalmente incapazes e sem o desejo de buscar a Deus. Somente quando somos tocados pelo soberano poder persuasivo de Deus é que nos podemos mover em sua direção. Assim, só quando Deus começa a buscar uma alma é que esta pode corresponder, procurando-O. Um autor anônimo escreveu o seguinte hino:

Busquei ao Senhor, e só depois descobri Que Ele, ao buscar-me, moveu minha alma até Si; Não foi que eu Te haja encontrado, ó real Salvador, Mas, eu fui achado por Ti!

Quando alguém busca a Deus, podemos estar certos de que essa busca é uma resposta ao estímulo do Deus que nos procura. Não poderíamos amá-Lo se Ele não nos houvesse amado primeiro (cf. 1 Jo 4.19).

Apesar disso, Deus conclama os pecadores a que O busquem. Isaías 55.6 diz: "Buscai o SENHOR enquanto se pode achar, invocai-o enquanto está perto". Jeremias 29.13 afirma: "Buscar-me-eis, e me achareis, quando me buscardes de todo o vosso coração". Deus diz, em Amós 5.4: "Buscai-me, e vivei". Disse Jesus: "buscai, pois, em primeiro lugar, o seu reino e a sua justiça" (Mt 6.33); "buscai, e achareis" (Mt 7.7). Sendo buscado por Deus, Zaqueu estava buscando.

Zaqueu tinha ouvido falar de Jesus, mas

aparentemente nunca O tinha visto. Lucas 19.3 diz que ele "procurava ver quem era Jesus". O tempo verbal indica que ele estava se esforçando constantemente para ver Jesus. Por quê? Curiosidade? Provavelmente. Consciência? Com certeza. Um desejo de libertar-se da culpa? Bem pode ser. Mas, acima de tudo, o fato de ter sido salvo demonstra que a razão principal que o atraiu a Jesus foi o poder irresistível de persuasão do Espírito Santo. Está claro que o Espírito de Deus havia dado início, no coração de Zaqueu, ao processo de atraí-lo a Jesus. Zaqueu não buscou a Deus por iniciativa própria. Foi o Espírito de Deus que moveu o seu coração; e, movido por Deus, ele fez um esforço para ver Jesus.

Eis um homem proscrito, odiado, cujas mãos estavam cheias do dinheiro que havia extorquido dos pobres. Um homem

tremendamente culpado. Mesmo assim, em vez de correr e esconder-se, ele queria desesperadamente ver a Jesus. Para fazê-lo, ele transpôs muitos obstáculos. Um deles era a multidão, pois os habitantes de Jericó abarrotavam as ruas. Acrescente-se a isso a sua baixa estatura. Zaqueu, é provável que sensatamente evitasse aglomerações. Um homem de pouca estatura teria problemas numa multidão, mas um baixinho que era chefe dos cobradores de impostos arriscava-se a tomar uma cotovelada intencional no queixo, ou um bom pisão no dedão do pé, ou até uma facada pelas costas.

Nesse dia, Zaqueu não se deixou levar por tais temores. Não estava nem mesmo preocupado com sua dignidade. Ele estava tão determinado a ver Jesus que correu à frente da multidão e subiu num sicômoro para esperar o

Salvador (Lc 19.4). O sicômoro é uma árvore não muito alta, mas é grossa e tem muitos galhos. Uma pessoa de pequena estatura podia subir rapidamente pelo tronco, assentar-se num galho e ficar sobre a rua. E foi isso o que fez Zaqueu. A árvore oferecia-lhe uma arquibancada perfeita para ver a parada. Não era um lugar digno para um homem estar, mas isso não era importante para ele a essa altura. Zaqueu só queria ver Jesus.

O Salvador Que Busca

O que aconteceu em seguida deve ter abalado Zaqueu. Embora Jesus nunca o tivesse encontrado antes, parou no meio da multidão, olhou para cima e disse: "Zaqueu, desce depressa, pois me convém ficar hoje em tua casa" (v. 5). Esta, sim, foi uma abordagem evangelística direta! Não há nada de sutil nesta

investida de Jesus!

Não sabemos como Jesus sabia o nome de Zaqueu. Talvez pessoas da multidão tivessem apontado para ele. Talvez o soubesse por sua onisciência. O certo é, todavia, que Ele tinha um encontro divinamente marcado com aquele homem, pois quando disse "me convém ficar hoje em tua casa", não estava fazendo um pedido, mas dando uma ordem. Não estava fazendo uma pergunta, mas afirmando — "irei"; "eu *tenho* de ir". O coração de Zaqueu fora preparado de acordo com o cronograma divino.

Zaqueu queria ver Jesus, mas não fazia a menor ideia de que Jesus queria vê-lo. "Ele desceu a toda pressa e o recebeu com alegria" (v. 6). Poderíamos pensar que um pecador tão desprezível sentir-se-ia aborrecido por ouvir o Filho de Deus perfeito e sem pecado, dizer-lhe:

“Irei à tua casa”. Mas ele alegrou-se. Seu coração estava preparado.

A reação da multidão era previsível. Tanto a elite religiosa quanto o povo comum desprezavam Zaqueu. “Todos os que viram isto murmuravam, dizendo que ele se hospedara com homem pecador” (v. 7). Eles criam, como já vimos, que entrar na casa de um proscrito significava tornar-se impuro. Comer com alguém como Zaqueu era a pior contaminação possível. Eles não davam valor algum à alma de Zaqueu, e não se preocupavam com o seu bem-estar espiritual. Seus olhos cheios de autojustiça viam unicamente o pecado dele. Não podiam compreender, e, em seu orgulho cego, não podiam ver que Jesus viera buscar e salvar pecadores. Condenaram-no por isso. Ao fazê-lo, condenaram a si mesmos.

Não sabemos o que aconteceu na casa de Zaqueu. A Bíblia não diz o que ele serviu no jantar, nem quanto tempo Jesus ficou em sua casa, nem sobre o que conversaram. Também não sabemos o que Jesus falou a Zaqueu para levá-lo à salvação. Como já vimos noutras histórias de Jesus evangelizando, a metodologia por Ele utilizada não é o importante. A conversão é um milagre divino, e não há fórmulas que a possam produzir ou explicar. Não há plano de salvação em quatro passos, nem qualquer oração pré-fabricada que possa garantir a salvação de uma alma. Contudo, podemos pressupor que Jesus confrontou o pecado dele. Sem dúvida, Zaqueu já sabia que era um grande pecador. Certamente Jesus revelou a Zaqueu quem Ele realmente era — Deus encarnado. O que quer que Jesus lhe tenha dito, o fato é que Ele

encontrou em Zaqueu um coração aberto.

O Fruto da Salvação

A cortina parece levantar-se perto do final da conversa que tiveram, em Lucas 19.8 — "Entrementes, Zaqueu se levantou e disse ao Senhor: Senhor, resolvo dar aos pobres a metade dos meus bens; e, se nalguma coisa tenho defraudado alguém, restituo quatro vezes mais. Então Jesus lhe disse: Hoje houve salvação nesta casa, pois que também este é filho de Abraão" (vv. 8,9).

Observe que Zaqueu chamou Jesus de Senhor. Esse título pode significar apenas "senhor" ou "mestre". Porém é certo que aqui ele significa mais do que isso. No versículo nove, Jesus disse que Zaqueu fora salvo. Assim sendo, Zaqueu deve ter reconhecido Jesus como Senhor no sentido de sua deidade,

confessando-O como seu Senhor pessoal. Essa é uma afirmação que ele não poderia ter feito antes que Jesus operasse em sua vida, e que também nunca mais poderia negar (1 Co 12.3).

Eis um homem radicalmente transformado. A decisão de dar a metade do que possuía aos pobres constituiu-se numa tremenda reviravolta e numa clara evidência de que o seu coração fora transformado. O tomador tornou-se doador. O extorsionário tornou-se filantropo. Pagaria aqueles de quem roubara, dando-lhes quatro vezes mais. Sua mente fora mudada, seu coração fora mudado, e a sua intenção clara era de que o seu comportamento também o fosse. Não é tanto que o seu coração tenha mudado com relação às pessoas, ainda que isso tenha ocorrido com toda a certeza. O principal é que mudou em relação a Deus, pois agora ele queria obedecer

a Deus, fazendo o que era justo e reto.

Não era preciso que pagasse quatro vezes mais. Números 5.7 exigia a multa de um quinto como restituição pelo erro. Mas a generosidade de Zaqueu era a evidência de uma alma transformada, uma reação típica de um recém-convertido, o precioso fruto da redenção. Ele não disse: "A salvação é linda, mas não me faça exigências". Há algo no coração de todo nascido de novo que o faz querer obedecer. É um coração de ávida e generosa obediência; uma mente transformada, um comportamento transformado. Toda a evidência indicava que Zaqueu era um crente genuíno. Jesus viu isso e reconheceu nele um coração cheio de fé. Leia novamente Lucas 19.9: "Também este é filho de Abraão". Esta é uma afirmação da fé que ele tinha.

Zaqueu era filho de Abraão não porque

fosse judeu, mas porque creu. Romanos 2.28 diz que “não é judeu quem o é apenas exteriormente”. Então, o que faz de alguém um verdadeiro judeu? Romanos 4.11 diz que Abraão é o pai de todos os que creem. Gálatas 3.7 afirma que “os da fé é que são filhos de Abraão”. Todos os que confiam em Cristo são descendentes de Abraão. Portanto, ser um verdadeiro filho de Abraão equivale a ser um crente. A salvação não veio para Zaqueu porque ele repartiu o seu dinheiro, mas porque ele se tornou um verdadeiro filho de Abraão, ou seja, um crente. Ele foi salvo pela fé, não por obras. Mas as obras foram uma importante evidência de que a sua fé era real. A experiência de Zaqueu harmoniza-se perfeitamente com Efésios 2.8-10: “Porque pela graça sois salvos, mediante a fé; e isto não vem de vós, é dom de Deus; não de obras, para que

ninguém se glorie. Pois somos feitura dele, criados em Cristo Jesus para boas obras, as quais Deus de antemão preparou para que andássemos nelas" (Tg 2.14-26).

Este é o propósito da salvação: transformar totalmente o indivíduo. A verdadeira fé salvadora transforma o comportamento da pessoa, transforma o seu modo de pensar, e lhe dá um novo coração. 2 Coríntios 5.17 diz que "se alguém está em Cristo, é nova criatura: as coisas antigas já passaram; eis que se fizeram novas". A resposta de Zaqueu ao chamado de Jesus confirma a verdade desse versículo. Para ele, seria difícil compreender pessoas que, hoje em dia, dizem-se nascidas de novo, mas cujas vidas são um atentado a tudo o que Jesus sempre defendeu.

Em Lucas 3, João Batista censurou as multidões que foram a ele para serem

batizadas: “Produzi, pois, frutos dignos do arrependimento” (v. 8). Que cena formidável — um profeta de Deus repreendendo os que haviam sido atraídos pelo seu ministério, chamando-os de raça de víboras! Ele estava, na verdade, tentando afastá-los.

Será bom que imitemos o seu exemplo! A cristandade contemporânea mui frequentemente aceita um arrependimento superficial, infrutífero. A conversão de Zaqueu contesta qualquer atitude superficial. Sua transformação instantânea e dramática é o resultado que se espera de uma fé genuína. Foi com este propósito que Jesus veio ao mundo.

“O Filho do homem veio buscar e salvar o perdido” (Lc 19.10). Como vemos na conversão de Zaqueu, o resultado infalível da obra transformadora de Deus é uma vida transformada. Quando uma alma é redimida,

Cristo lhe dá um novo coração (cf. Ez 36.26). Está implícita nessa transformação de coração, um conjunto de novos desejos — o desejo de agradar a Deus, de obedecer, de refletir a sua retidão. Se não ocorre uma tal mudança, não há razão para pensar que tenha ocorrido salvação genuína. Se, como no caso de Zaqueu, existe evidência de uma fé que deseja obedecer, aí está a marca de um verdadeiro filho de Abraão.

---

[1] E. Schuyler English, et al., *A Bíblia Scofield* (São Paulo: Imprensa Batista Regular do Brasil, 1983).

[2] Ibid.

[3] Lewis Sperry Chafer, *Grace* (Grand Rapids: Zondervan, 1922), p. 132.

[4] Clarence Larkin, *Rightly Dividing the Word* (Philadelphia: Larkin, 1918), p. 61.

8

Ele Condena um Coração Endurecido

Os que se opõem à salvação pelo senhorio admitem que uma das razões pelas quais excluem a obediência do seu conceito de fé salvadora é para que haja espaço no reino para crentes professos cujas vidas estão cheias de pecado. "Se tão-somente pessoas consagradas são pessoas salvas, onde ficam os crentes carnais?",[1] argumenta um dos principais

advogados do movimento anti-senhorio.

Este esforço para acomodar os assim chamados "crentes carnais"[2] tem levado alguns mestres contemporâneos a definir os termos da salvação de forma tão frouxa que, na verdade, qualquer profissão de fé em Cristo é considerada genuína.[3] Qualquer um que diga que "aceitou a Cristo" é entusiasticamente recebido como crente, mesmo que mais tarde a sua suposta fé ceda lugar a uma vida de persistente desobediência, pecado grosseiro, ou incredulidade hostil. Um escritor anti-senhorio destilou perfeitamente bem o absurdo do seu próprio ponto de vista: "É possível, até mesmo provável, que quando um crente, afastado da comunhão, passa a aceitar determinadas filosofias, se ele for um pensador lógico, tornar-se-á um 'crente incrédulo'. Mesmo assim os crentes que se tornam agnósticos

continuam salvos; continuam nascidos de novo. Você pode até mesmo tornar-se um ateísta; mas se você um dia aceitou Cristo como Salvador, você não tem como perder a salvação, ainda que negue a Deus".[4] Esta é uma mentira condenatória ao inferno! Ninguém que negue a Deus deve ser enganado a pensar que, porque um dia professou fé em Jesus, está seguro eternamente (cf. Mt 10.33 — "mas aquele que me negar... também eu o negarei"; e 2 Tm 2.12 — "se o negamos, ele por sua vez nos negará").

Defendo a verdade bíblica de que a salvação é eterna.[5] Os crentes de hoje denominam esta doutrina de "segurança eterna". Talvez o nome conferido pelos puritanos seja mais próprio — falavam da "perseverança dos santos". O fato é que Deus não garante segurança alguma a quem

simplesmente *diga* que aceitou a Cristo, antes aqueles que têm fé genuína provarão que a sua salvação está assegurada por perseverarem até o fim no caminho da justiça. A. W. Pink, escrevendo sobre este assunto, diz que "[Deus] não os trata [dos crentes] como se fossem autômatos irresponsáveis, mas como agentes morais. Assim como a vida natural é mantida pelo uso dos meios apropriados e por se evitar aquilo que é prejudicial, assim também ocorre com a manutenção e preservação da vida espiritual. Deus preserva o seu povo neste mundo por meio da perseverança deles".[6]

Os verdadeiros crentes *irão* perseverar. Se uma pessoa se volta contra Cristo, isso é prova de que essa pessoa jamais foi salva. Como escreveu o apóstolo João: "Eles saíram de nosso meio, entretanto não eram dos nossos; porque, se tivessem sido dos nossos, teriam

permanecido conosco; todavia, eles se foram para que ficasse manifesto que nenhum deles é dos nossos" (1 Jo 2.19). Não importa quão convincente seja o testemunho de uma pessoa, se ela vier a apostatar, terá demonstrado irrefutavelmente que nunca foi salva.[7]

Judas é o exemplo principal de um crente professo que caiu em total apostasia. Ele seguiu Jesus durante três anos, com os demais discípulos. Ele parecia ser um deles. Presumivelmente, ele mesmo pensava que era um crente, pelo menos no início. É duvidoso que se tenha unido ao grupo de Jesus com a intenção de traí-Lo. Em algum ponto, ao longo da jornada, ele se tornou avarento, mas dificilmente teria sido essa a sua motivação inicial; Jesus e os discípulos nunca tiveram coisas de valor material (Mt 8.20). De início, Judas parece ter compartilhado da esperança

do reino de Cristo, e é provável que tenha crido que Jesus era o Messias. Afinal de contas, ele também havia deixado tudo para seguir ao Senhor. Segundo a terminologia moderna, ele tinha "aceitado" Jesus.

Durante três anos, dia após dia, Judas ocupou-se com Jesus Cristo. Ele viu os milagres do Senhor, ouviu as palavras dEle, e até participou no seu ministério. Nesse tempo todo, ninguém questionou a sua fé. Ele gozava do mesmo *status* que tinham os demais discípulos. A não ser o próprio Senhor, que conhecia os pensamentos do coração de Judas, ninguém jamais suspeitou que ele fosse trair Jesus.

Apesar disso, enquanto os outros se tornavam apóstolos, Judas foi silenciosamente se tornando numa ferramenta astuta e vil de Satanás. Por melhor que parecesse o seu

caráter, no princípio, a sua fé não era verdadeira (Jo 13.10-11). Ele era irregenerado, e seu coração foi se tornando gradativamente mais endurecido, até que se tornou o homem traiçoeiro que vendeu o Salvador por um punhado de moedas. No final, estava de tal modo preparado para obedecer às ordens de Satanás que chegou a ser possuído pelo diabo (Jo 13.27).

Judas era tão hipócrita que permaneceu no círculo íntimo de Jesus até o último instante. Na noite em que traiu ao Senhor da Glória, ele esteve lá, no cenáculo, sentado bem próximo a Jesus. Deixou até mesmo que o Senhor lhe lavasse os pés! E isso, *depois* de haver feito a barganha em que vendeu Jesus por trinta moedas de prata!

Jesus sempre soube de tudo. Em João 13.18 Ele disse: "Conheço aqueles que escolhi;

é, antes, para que se cumpra a Escritura: Aquele, que come do meu pão, levantou contra mim seu calcanhar". Por que o Senhor escolheu Judas? Para que se cumprisse a Escritura. Jesus estava citando o Salmo 41.9. Outro salmo profético a respeito de Judas é o 55.12-14:

> *Com efeito, não é inimigo que me afronta:*
> *se o fosse, eu o suportaria;*
> *nem é o que me odeia quem se exalta contra mim:*
> *pois dele eu me esconderia;*
> *mas és tu, homem meu igual,*
> *meu companheiro, e meu íntimo amigo.*
> *juntos andávamos, juntos nos entretínhamos,*
> *e íamos com a multidão à casa de Deus.*

Eis um retrato perfeito de Judas. Ele estava tão perto do Salvador quanto alguém poderia

estar, mas tão longe da salvação quanto é possível estar. Ter-lhe-ia sido melhor não haver nascido (cf. Mt 26.24).

Judas e sua vida de traição permanecem como um alerta solene àqueles que negligentemente professam fé em Jesus. Aprendemos com ele que estar perto de Jesus Cristo não é o suficiente. É possível "aceitar Jesus" e, mesmo assim, não ser salvo. A pessoa que aceita, mas não de todo o coração, arrisca-se à perdição e maldição eternas. Judas é o exemplo de alguém que tinha uma atitude amigável para com Jesus, mas que, ainda assim, voltou-se contra Ele, acabando por condenar-se a si mesmo.

Um Dentre Vós Me Trairá

Não foi a vontade de Deus, dissociada da escolha pessoal de Judas, que ele traísse a

Cristo. A cada oportunidade Jesus o alertou e incitou ao arrependimento e à salvação, mas Judas sempre lhe deu as costas. Judas ouviu o evangelho do próprio Jesus, mas, ainda assim, recusou-se a abandonar o pecado e o egoísmo. As palavras de Jesus, em João 13, representam o seu apelo final e amorável a esse homem. Todavia, no final das contas, o apelo misericordioso do Senhor resultou em condenação para Judas, devido à dureza do seu coração.

João 13.21 descreve um momento dramático durante a última Ceia, na noite em que foi traído o Senhor — "angustiou-se Jesus em espírito e afirmou: Em verdade, em verdade vos digo que um dentre vós me trairá". Imagine o quanto aquele grupo ficou chocado — todos, menos Judas.

O que angustiava Jesus? Provavelmente

muitas coisas. Pode ser que a sua angústia fosse causada pelo amor não correspondido pela pessoa de Judas, ou por causa da ingratidão daquele coração, ou por causa do seu profundo ódio pelo pecado, sendo que a encarnação de tudo o que é pecaminoso estava sentada bem ao seu lado. Talvez sua angústia fosse causada pela fria hipocrisia de Judas e sua traição iminente, ou porque soubesse que Satanás estava a mover-se nele. Judas é a ilustração clássica da miséria do pecado, que o Senhor teria de carregar sobre o seu próprio corpo no dia seguinte. Sem dúvida, todas essas coisas angustiavam-No. Porém, talvez mais do que tudo, Jesus se sentisse angustiado por saber que a decisão que Judas estava para tomar — ou já tomara — iria condená-lo ao tormento eterno. Judas, um dos próprios discípulos de Jesus, nunca fora realmente salvo (cf. vv. 10,11)

e estava para perder-se eternamente.

Os corações dos discípulos devem ter se acelerado quando Jesus disse que um deles haveria de traí-Lo. Eles não sabiam a quem Ele se referia. Mateus 26.22 diz que todos perguntaram: "Porventura sou eu, Senhor?" Até mesmo Judas, sempre encenando, disse: "Acaso sou eu, Mestre?" A resposta de Jesus, "Tu o disseste" (v. 25), demonstrou-lhe que o Senhor conhecia o seu coração.

Senhor, Quem é?

É interessante notar que os discípulos estavam perplexos. Ao que tudo indica, Jesus tratava Judas da mesma forma que aos demais discípulos. Por três anos o Senhor foi gentil, amoroso e generoso para com Judas, exatamente como o foi com os outros onze. Se houve alguma censura à incredulidade de

Judas, isso aconteceu em particular e pessoalmente. Em público, Judas foi tratado como membro do grupo. Todos os discípulos teriam percebido, caso Jesus o tivesse tratado diferentemente. Se Judas fosse conhecido como a ovelha negra do grupo, com certeza alguém teria sugerido que ele seria o traidor. Mas ninguém o fez. De fato, Judas era o tesoureiro do grupo; os discípulos confiavam nele.

Veja a diferença entre o ódio que Judas alimentava contra Jesus e o amor que João lhe tinha. João reclinou-se à mesa perto de Jesus. Esta era a postura normal num banquete. A mesa era uma plataforma baixa, e todos os convidados reclinavam-se ao chão, descansando sobre os cotovelos, usando a mão direita para comer. João, reclinado à direita de Jesus, ficou com a cabeça ao nível do peito do Senhor. Quando se voltou para falar-lhe, a

cabeça do Senhor ficou pouco acima da sua. Por causa do seu grande amor pelo Salvador, João gostava de estar assim, bem perto do coração dEle.

Pedro acenou a João, dizendo-lhe que perguntasse ao Senhor quem iria traí-Lo: "Reclinando-se sobre o peito de Jesus, perguntou-lhe: Senhor, quem é?" (Jo 13.24,25). Talvez Pedro e João tenham sido os únicos a ouvir a resposta. O versículo 26 diz: "Respondeu Jesus: E aquele a quem eu der o pedaço de pão molhado. Tomou, pois, um pedaço de pão e, tendo-o molhado, deu-o a Judas, filho de Simão Iscariotes".

O Convidado de Honra

Essa não foi apenas uma resposta à pergunta de João. Era mais um apelo amorável para Judas. O pedaço de pão era sem fermento,

partido de bolos preparados especialmente para aquela refeição. Durante a festa da Páscoa colocava-se sobre a mesa uma tigela com ervas amargas, vinagre, sal, tâmaras, figos e passas. Estes ingredientes eram amassados com água até formarem uma pasta, um tipo de molho grosso. O anfitrião mergulhava um pedaço de pão asmo no molho e dava-o ao convidado de honra. Jesus, num gesto de amor, molhou o pão e ofereceu-o a Judas, que estava à sua esquerda, como se Judas fosse o convidado de honra. O Senhor já lhe lavara os pés; agora, tratava-o como convidado de honra. Isso deveria ter quebrantado o coração de Judas, mas, não foi assim. O coração dele era como um granito, já havia tomado a decisão final.

João 13.27 mostra a natureza sinistra da rejeição final de Judas: “E, após o bocado, imediatamente entrou nele Satanás”. Uma

eternidade inteira aparece neste versículo. Judas havia sido enganado por Satanás, namorando o pecado, enquanto fingia seguir a Jesus. Então, Satanás entrou no coração dele, assumindo controle total. Naquele momento terrível a vontade perversa de Judas resistiu à última oferta de Jesus. O dia da salvação se lhe expirou. Condenado ao inferno por sua própria escolha, a sua perdição estava selada.

Faze-o Depressa

Agora, Jesus nada mais queria com Judas. Tudo o que desejava é que ele saísse do cenáculo. "Então disse Jesus: O que pretendes fazer, faze-o depressa" (Jo 13.27). Judas confirmara a sua incredulidade e Jesus nada mais tinha a dizer-lhe. O traidor estava se intrometendo no tempo que Jesus queria passar a sós com os seus discípulos.

Dizem as Escrituras que “nenhum, porém, dos que estavam à mesa, percebeu a que fim lhe dissera isto. Pois, como Judas era quem trazia a bolsa, pensaram alguns que Jesus lhe dissera: Compra o que precisamos para a festa, ou lhe ordenara que desse alguma cousa aos pobres” (v. 28-29). Nenhum deles, exceto provavelmente Pedro e João, sabia ainda que Judas seria o traidor. Seu testemunho fora tão convincente, sua hipocrisia tão sagaz, que nenhum deles percebeu que ele seria capaz de uma tal traição. Todavia, ele estava possuído pelo próprio Satanás. Como as aparências podem enganar! Quão enganadora é uma profissão de fé feita por uma pessoa carnal!

À Noite

E Judas saiu. Era noite (v. 30). Começava, também, a noite eterna para a sua alma. Judas,

que participou dos maiores privilégios espirituais jamais concedidos ao homem, desperdiçou essa oportunidade maravilhosa só para atender a sua paixão ilícita. Por quê? Porque sua fé jamais foi genuína. No início ele havia reagido a Cristo, mas nunca de todo o coração. Sua vida, vivida à luz brilhante da presença de Jesus, terminou em noite de desespero. Essa possibilidade aterrorizante existe para toda a pessoa que vai a Cristo sem um coração completamente submisso.

O Beijo da Morte

É de uma ironia amarga o fato de que o último contato de Judas com Jesus tenha sido por um beijo. O beijo da morte — não de Jesus, mas de Judas. Aconteceu ainda naquela mesma noite, no jardim onde o Senhor foi orar. Esse beijo fora o sinal combinado, que Judas tinha

concordado para identificar Jesus.

O beijo fazia parte dos costumes no tempo de Jesus. Os escravos beijavam os pés dos seus senhores. Os que buscavam o perdão de um rei irado beijavam-lhe também os pés, implorando por misericórdia. Expressava-se grande reverência ao se beijar a orla de uma veste. Os alunos beijavam a mão do mestre, em sinal de respeito. Mas o sinal de grande afinidade, amor e intimidade, era o abraço acompanhado de um beijo na face. Tal gesto era reservado aos amigos realmente mais chegados.

O beijo de Judas foi um ato vil. Ele poderia ter beijado a mão do Senhor ou a orla do seu vestido, todavia, preferiu aparentar afeto por Jesus. Dessa forma, não só deu o sinal aos seus conspiradores, mas também fez da sua atitude algo ainda mais repugnante. Talvez tenha pensado que ainda podia enganar a

Cristo e aos discípulos. Mas Lucas 22.48 registra que Jesus disse: "Judas, com um beijo trais o Filho do homem?" Mesmo tais palavras não puderam deter sua loucura. Marcos 14.45 afirma que Judas disse apenas: "Mestre", e o beijou.

O Senhor Jesus teve de suportar esse beijo desprezível. Sua palavra final, registrada em Mateus 26.50, foi: "Amigo, para que vieste?" A palavra grega traduzida por "amigo" neste versículo é *hetairos,* que significa literalmente "camarada" ou "companheiro". Jesus, a esta altura, não mais o considerava um amigo. Este nome Ele reserva para os que lhe prestam obediência (Jo 15.14). Estas foram as palavras de despedida de Jesus para o filho da perdição. Judas deve até hoje ouvi-las soando aos seus ouvidos, e irá ouvi-las por toda a eternidade — "Judas, com um beijo trais o Filho do

homem?" (Lc 22.48). "Para que vieste?" (Mt 26.50).

Todos O Abandonaram e Fugiram

O comportamento dos demais discípulos levanta a questão de como diferiam de Judas. Mateus 26.56 diz que "os discípulos todos, deixando-o, fugiram". Jesus já havia predito isso: "Esta noite todos vós vos escandalizareis comigo" (Mt 26.31). Eles abandonaram Jesus. Pedro chegou mesmo a negar a Cristo três vezes, ratificando-o com pragas. Em que isso tudo diferiu da traição de Judas?

Para começar, a motivação era diferente. Os discípulos fugiram de medo, sob a pressão do momento; a traição de Judas foi um ato premeditado. Os discípulos fracassaram diante de uma grande provação: o ato de traição de Judas foi algo que ele buscou, foi produto de

um coração cobiçoso. Posteriormente, os discípulos abandonaram o seu pecado e receberam humildemente o perdão de Jesus; Judas firmou-se no ódio e incredulidade, chegando mesmo a confirmar sua atitude através do suicídio (Mt 27.5). A negação a Cristo, por parte dos discípulos, constituiu-se numa falha de um comportamento normalmente fiel. O pecado de Judas revelou uma alma completamente depravada.

A marca de um verdadeiro discípulo não está em que ele nunca peca, e, sim, que quando peca, ele sempre retorna ao Senhor, a fim de receber perdão e purificação. Diferentemente de um discípulo falso, o verdadeiro discípulo nunca se afastará completamente. É possível que volte à sua antiga vida, por algum tempo, mas será sempre atraído outra vez para o Mestre. Quando Jesus confronta esse discípulo,

ele volta a viver uma vida de serviço para o Salvador.

As Marcas de Um Falso Discípulo

Judas é uma ilustração do falso discípulo. Observe com cuidado as características da sua hipocrisia. Primeiro, ele amava o lucro temporal mais do que as riquezas eternas. Queria glória, sucesso e tesouros deste mundo. Talvez ele se tenha desapontado porque Jesus não preencheu todas as suas expectativas como o Messias. Poderá ter colocado no coração a esperança de ocupar uma posição elevada no reino terrestre de Cristo. Um traço típico dos falsos discípulos é que seguem Jesus para alcançar seus desejos pessoais; porém, quando em vez de concessões Ele faz exigências, eles O abandonam. Tais pessoas revelam que, desde o início, nunca tiveram uma fé genuína. São

como a semente que nasce em solo rochoso. Cresce bem, por um tempo, mas quando vem o sol, seca e morre (cf. Mt 13.20,21). Seguem a Cristo por uma temporada, mas por fim O trocam por dinheiro, prestígio, poder ou aspirações egoístas.

Em segundo lugar, Judas era mestre do engano. Sua exibição de fé não passava de uma máscara. Os falsos discípulos são mestres em enganar sutilmente, são peritos em tapear os outros. Eles fingem amar ao Senhor, mas os seus beijos são beijos de traição.

Por fim, Judas e todos os falsos discípulos encenam o seu "cristianismo" por causa dos lucros que dele obtêm. Eles se satisfazem com uma consciência aliviada, paz mental, boa reputação e auto-satisfação espiritual. Alguns professam a Cristo porque isso ajuda nos negócios, ou porque pensam que isso irá

trazer-lhes saúde, riqueza e prosperidade. Porém, são capazes de vender o Salvador, tal qual Esaú vendeu o seu direito de primogenitura por um prato de lentilhas. Assim como Judas, eles amam o mundo e amam as trevas. A sua "meia-fé" invariavelmente se torna dureza de coração e incredulidade.

Receio que haja multidões como Judas na igreja contemporânea. Eles têm uma atitude amigável em relação a Jesus. Parecem e falam como discípulos, mas não têm um compromisso com Ele, e, portanto, são capazes do pior tipo de traição.

Por outro lado, um discípulo verdadeiro poderá negar a Cristo, mas nunca se levantará contra Ele. Um crente verdadeiro poderá temporariamente ter medo de defender o Senhor, mas nunca o trairá premeditadamente.

É inevitável que os discípulos verdadeiros vacilem, mas, quando caem em pecado, eles buscam a purificação em vez de se atolarem no lamaçal (cf. 2 Pe 2.22). A fé dos verdadeiros discípulos não é frágil, nem temporária; é uma entrega dinâmica e sempre crescente ao Salvador.

---

[1] 1. Charles C. Ryrie, *Balancing the Christiam Life* (Chicago: Moody, 1969), p. 170.

[2] As Palavras de Paulo aos coríntios, "não é assim que sois carnais e andais segundo o homem?" (1 Co 3.3), não foram escritas para estabelecer uma classe especial de cristãos. Estas não eram pessoas que viviam em obstinada desobediência, e Paulo não sugere que carnalidade e rebeldia fossem uma constante em suas vidas. Na verdade, a respeito dessas mesmas pessoas ele disse: "De maneira que não vos falte nenhum dom, aguardando vós a revelação do nosso Senhor Jesus Cristo; o qual também vos confirmará até ao fim, para serdes irrepreensíveis no dia de nosso Senhor Jesus Cristo" (1.7,8). Contudo, pelo fato de haverem desviado os seus olhos de Cristo e criado ídolos religiosos (3.4,5), estavam comportando-se de maneira carnal. Observe as palavras de Paulo ao se referir ao que cometera incesto,

no capítulo 5. Paulo fala dos que "se dizem" irmãos (v.ll). Paulo não diz que quem cometeu o tal pecado não era crente, mas, por causa da hediondez daquele pecado, não podia afirmar que ele era um irmão.

[3] Num comentário contrastantemente positivo da obra *The Gospel Under Siege*, de Zane Hodges, J. A. Witmer ressaltou a "falha [dele, Hodges] em reconhecer que a profissão de fé pode ser menos do que a fé salvadora". *Bibliotheca Sacra* (Janeiro — Março 1983), pp. 81-82.

[4] R. B. Thieme, *Apes and Peacocks or the Pursuit of Happiness* (Houston: Thieme, 1973), p. 23.

[5] Para uma discussão completa sobre a questão da segurança dos salvos, veja John MacArthur, Jr., *Security in the The Spirit* (Panorama City, CA: Word of Grace, 1985) e *The Security of Salvation* (Panorama City, CA: Word of Grace, 1983).

[6] A. W. Pink, *Eternal Security* (Grand Rapids: Guardian, 1974), p. 15.

[7] Cf. Zane C. Hodges, *The Gospel Under Siege* (Dallas: Redención Viva, 1981), pp. 68,69. Hodges escreve que "é largamente aceita na cristandade moderna a ideia de que a fé genuína de um crente não fenece. Mas esta afirmação não pode ser sustentada pelo Novo Testamento". Então, baseando-se em 2 Timóteo 2.17,18, que ele chama de "passagem fundamental sobre a deficiência da fé humana", Hodges afirma que as Escrituras ensinam que os crentes verdadeiros também podem cair em apostasia.

O apóstolo Paulo, todavia, não afirmou que aqueles cuja fé fora subvertida fossem crentes verdadeiros. O fato de se terem envenenado com as heresias gnósticas de

Himeneu, cuja fé também naufragou (cf. 1 Tm 1.19,20), prova que não eram nascidos de novo. Seja lá que tipo de fé tinham, não passava de "fé humana" — segundo a expressão de Hodges — mas essa não é a fé salvadora.

O versículo seguinte — "Entretanto o firme fundamento de Deus permanece, tendo este selo: 'O Senhor conhece os que lhe pertencem'" (2 Tm 2.19) — sustenta a verdade de que a fé salvadora, que é gerada por Deus, não fenece. Nem sempre podemos saber quem tem uma fé genuína e quem tem apenas uma imitação de fé, mas o Senhor o sabe.

9

Ele Oferece um Jugo Suave

Poderá causar-lhe surpresa o fato de que as Escrituras nem uma só vez exortem o pecador a "aceitar a Cristo".[1] O tão conhecido apelo evangelístico do século XX, com todas as suas variantes[2] ("fazer uma decisão por Cristo", "convidar Jesus para entrar no coração", "experimentar Jesus", "aceitar Jesus como Salvador pessoal"), viola tanto o espírito

como a terminologia do chamado bíblico para os incrédulos.

O convite do evangelho não é uma súplica aos pecadores, para que estes permitam que o Salvador entre em suas vidas. É, sim, um apelo e uma ordem a que se arrependam e O sigam. Exige não somente uma aceitação passiva de Cristo, mas também uma submissão ativa a Ele. Os que não querem render-se a Jesus não podem recrutá-Lo para tomar parte em uma vida tumultuada. Ele não irá atender aos acenos de um coração que acalenta o pecado, e nem fará aliança com quem vive para satisfazer as paixões da carne. Não atenderá ao pedido de um rebelde, que meramente quer que Ele entre e, por sua presença, santifique uma vida de contínua desobediência.

O grande milagre da redenção não está em que nós aceitemos a Cristo, mas em que Ele

nos aceite! Aliás, jamais poderíamos amá-Lo por nós mesmos (1 Jo 4.19). A salvação ocorre quando Deus transforma o coração, e o incrédulo volta-se do pecado para Jesus. Deus liberta o pecador do império das trevas para o reino da luz (Cl 1.13). Nesse processo, Jesus entra para habitar no coração, pela fé (cf. Ef 3.17). Portanto a conversão não é simplesmente uma decisão do pecador por Cristo; é, antes, a obra soberana de Deus, transformando o indivíduo.

O retrato que os evangelhos nos apresentam de Jesus é totalmente diferente daquele que os evangélicos contemporâneos geralmente imaginam. Em vez de ser um provável redentor que simplesmente se posta do lado de fora, aguardando ansiosamente uma oportunidade para entrar nas vidas dos perdidos, o Salvador descrito no Novo

Testamento é o Deus encarnado, invadindo um mundo de homens pecaminosos e os desafiando a abandonar a sua iniquidade.[3] Em vez de aguardar um convite, Ele mesmo faz o seu convite — na forma de uma ordem para que se arrependam e tomem um jugo de submissão.

Não é de surpreender que o apelo feito por Jesus aos pecadores estabeleça um contraste rígido com a mensagem evangelística que muitos de nós estamos acostumados a ouvir. Mateus 11.25-30 registra estas palavras, ditas pelo Senhor imediatamente depois que Ele condenou as cidades da Galileia que recusaram arrepender-se: "Por aquele tempo exclamou Jesus: Graças te dou, ó Pai, Senhor do céu e da terra, porque ocultaste estas coisas aos sábios e entendidos, e as revelaste aos pequeninos. Sim, ó Pai, porque assim foi do

teu agrado. Tudo me foi entregue por meu Pai. Ninguém conhece o Filho senão o Pai; e ninguém conhece o Pai senão o Filho, e aquele a quem o Filho o quiser revelar. Vinde a mim todos os que estais cansados e sobrecarregados, e eu vos aliviarei. Tomai sobre vós o meu jugo, e aprendei de mim, porque sou manso e humilde de coração; e achareis descanso para as vossas almas. Porque o meu jugo é suave e o meu fardo é leve".

Este é um convite à salvação; não é só um apelo a crentes para que tenham uma experiência mais profunda de discipulado. As pessoas a quem o Senhor falou estavam sobrecarregadas com pecado e legalismo, lutando com suas próprias forças para encontrar descanso.

É interessante que o Senhor tenha começado este convite com uma oração na qual

reconhece a soberania de Deus. Ele a fez em voz alta, na presença do povo. Portanto, a verdade nela expressa fazia parte crucial da mensagem dirigida àquele povo. Era uma afirmação a todos os que ouviam — uma confirmação de que tudo estava acontecendo de acordo com o plano divino, ainda que a maioria das pessoas houvesse rejeitado o seu Messias.

Nosso Senhor enfatizou o fato de que Deus mesmo é o fator decisivo na salvação. Nós, os que testemunhamos de Cristo, não somos responsáveis, em última análise, pela maneira como as pessoas reagem ao evangelho. Nossa única responsabilidade é pregá-lo com clareza e precisão, falando a verdade em amor. Alguns irão dar as costas, mas é Deus quem revela a verdade ou a mantém escondida, de acordo com o que é agradável à sua vista. O

plano de Deus não será restringido. Embora o evangelho segundo Jesus ofenda, a sua mensagem não deve ser feita mais degustável, diluindo-se o seu conteúdo ou abrandando-se-lhe as duras exigências. No plano de Deus, os eleitos irão crer, apesar da reação negativa das multidões.

Considerando-se a esmagadora rejeição que Jesus experimentou ao fazer esta declaração, podemos concluir que as coisas estavam difíceis em seu ministério. O trabalho na Galileia estava chegando ao fim. Apesar de haver demonstrado de modo irrefutável que era o Messias, a maioria do povo estava indiferente. Mesmo assim, Jesus nunca vacilou em sua convicção de que o Pai tinha tudo sob controle. Ele continuou a fazer a vontade do Pai e a pregar aos não-regenerados, viera buscar e salvar o perdido. As circunstâncias

desfavoráveis jamais o dissuadiram desse propósito.

A oferta de alívio aos cansados é uma chamada total à conversão — uma obra prima de verdade redentora, que sumaria o evangelho segundo Jesus. Destacam-se nela cinco elementos essenciais da conversão genuína, todos tão profundamente ligados uns aos outros, que é impossível eliminar qualquer deles do conceito bíblico de fé salvadora.

Humildade

O primeiro deles é a humildade. Jesus ora: "Ocultaste estas coisas aos sábios e entendidos, e as revelaste aos pequeninos" (Mt 11.25). Ele não quis dizer que "estas coisas" — as realidades espirituais do reino — estão escondidas das pessoas inteligentes. A compreensão espiritual nada tem a ver com a

capacidade mental da pessoa, ou com a sua falta de capacidade. Ele condenou aqueles cujo conhecimento da verdade espiritual limita-se tão-somente ao que podem descobrir com a sua própria inteligência — aqueles que, em última análise, são dependentes da sabedoria humana. O pecado deles não é o seu intelecto, mas o seu orgulho intelectual.

Este alerta era aplicável especialmente aos fariseus, aos rabinos e aos escribas. Eles não aceitavam a revelação de Deus em Cristo porque pensavam que já tinham obtido esclarecimento espiritual por meio da sabedoria humana. Sem perceber que eram cegos espirituais, confiavam na razão humana para interpretarem a realidade espiritual. Ao invés de encontrarem a verdade, eles haviam erigido um sistema de erro teológico.

O intelecto humano não pode

compreender nem receber a verdade espiritual. As coisas do Espírito de Deus não são alcançáveis por meio da sabedoria humana ou de um raciocínio inteligente. Esta é a mesma verdade mencionada pelo apóstolo Paulo em 1 Coríntios 2.9. Os olhos não podem ver a verdade espiritual e os ouvidos não podem ouvi-la — ela não é discernível empírica ou objetivamente, nem jamais penetrou em coração humano — não é percebida pela intuição.

O que Jesus ensinou em Mateus 11 não é que Deus ocultou a verdade às pessoas inteligentes, mas que, aqueles que se apóiam em sua própria sabedoria, separam-se da verdade. A sabedoria e inteligência deles estão corrompidas pelo orgulho. Eles rejeitaram a verdade de Deus, e Deus poderá selar essa rejeição fechando-lhes a mente à verdade

espiritual, de uma vez por todas. Deus revela a verdade não aos orgulhosos e sofisticados, mas aos "pequeninos". Temos aqui um paralelo à afirmação de Jesus, em Mateus 18.3 — "Se não vos converterdes e não vos tornardes como crianças, de modo algum entrareis no reino dos céus". A reação como de uma criança é a antítese à sabedoria humana e ao orgulho obstinado, exigindo a humildade de alguém que se reconhece limitado, sem instrução e com pouca aptidão humana.

Quem pode obter a salvação? Aqueles que, como crianças, são dependentes e, não, independentes. Os que são humildes, não orgulhosos. Os que se reconhecem incapazes e vazios. Cônscios de que nada são, os "pequeninos" voltam-se para Jesus em dependência absoluta. O Salmo 138.6 diz: "O SENHOR é excelso, contudo atenta para os

humildes; os soberbos ele os conhece de longe". Os verdadeiramente humildes, os "pequeninos", têm acesso a Deus e à sua verdade. Mas os soberbos, os "sábios e inteligentes", não têm comunhão alguma com Ele.

O contraste entre o sábio e o pequenino é, na verdade, um contraste entre as obras e a graça. Os galileus que rejeitaram Jesus estavam voltados para um sistema de justiça decorrente de obras. Eles eram prósperos, auto-suficientes e egoístas. Porém, as pessoas menos sofisticadas, profundamente angustiadas por seus pecados, humildes e quebrantadas, estavam abertas para Cristo. Não tinham autojustiça da qual depender. E assim, Deus se agradou em revelar-lhes a verdade.

Isaías 57.15 diz: "Porque assim diz o Alto, o Sublime, que habita a eternidade, o qual tem

o nome de Santo: Habito no alto e santo lugar". Esta afirmação coloca Deus em um nível tão alto quanto podemos imaginar. Porém, acrescenta: "Mas habito também com o contrito e abatido de espírito, para vivificar o espírito dos abatidos, e vivificar o coração dos contritos''. A palavra *vivificar,* nesse versículo, é traduzida na Septuaginta (a versão grega das Escrituras do Velho Testamento) pela mesma palavra grega usada em Mateus 11.28, e traduzida por "aliviarei". Deus concede descanso — salvação — aos humildes, cheios de contrição, quebrantamento e com sentimento de dependência. Não há lugar para os soberbos.

O texto 1 Coríntios 1.26-28 diz: "Irmãos, reparai, pois, na vossa vocação; visto que não foram chamados muitos sábios segundo a carne, nem muitos poderosos, nem muitos de

nobre nascimento; pelo contrário, Deus escolheu as coisas loucas... as coisas fracas... as desprezadas"... Esses são os que sentem a sua carência pessoal e não são soberbos. A soberba diz: "Posso realizar sozinho, por mim mesmo. Tenho meus próprios recursos''. Os sábios e prudentes que assumem essa posição são excluídos do reino.

Revelação

O segundo elemento essencial da conversão é a revelação. A salvação é para os que são como crianças, todavia somente através da revelação de Deus em Cristo. Disse Jesus: "Tudo me foi entregue por meu Pai. Ninguém conhece o Filho senão o Pai; e ninguém conhece o Pai senão o Filho, e aquele a quem o Filho o quiser revelar" (Mt 11.27). O que é revelado é um conhecimento pessoal do Pai e

do Filho. Os únicos a recebê-lo são aqueles que foram escolhidos soberanamente.

Esta é uma das passagens mais profundas de toda a Escritura. Começa com uma declaração da divindade de Jesus: “Tudo me foi entregue por meu Pai”. Dois elementos dessa afirmação seriam particularmente ofensivos àqueles que haviam sido moldados pelo ensino dos fariseus. Primeiro, Jesus chamou a Deus de “Meu Pai”. Esta é a primeira vez que as Escrituras registram Jesus utilizando essa expressão em seu ministério público. Ele havia chamado Deus de “Pai” várias vezes, ou “Nosso Pai”, mas nunca dissera publicamente “Meu Pai”. “Meu Pai” mostra a singularidade do Filho como unigênito de Deus, colocando-O numa posição de igualdade absoluta com o Pai. O outro elemento ofensivo deste versículo é a sua

afirmação de que “tudo me foi entregue”. Trata-se de uma declaração da sua soberania e, também, uma alegação clara da sua divindade. Uma afirmação paralela é encontrada em Mateus 28.18, onde Jesus diz que “toda a autoridade me foi dada no céu e na terra”.

Jesus já havia demonstrado a sua autoridade sobre Satanás, os demônios, as enfermidades, os elementos da natureza, o corpo, a alma, a vida, a morte, e mesmo sobre os seus discípulos. Ele havia demonstrado a sua autoridade para salvar, perdoar pecados e julgar. Ele havia provado ter autoridade sobre os homens, a terra, o céu, o inferno — e até mesmo sobre o tempo. O seu ministério foi uma prova dramática de que tudo no universo está sob a sua soberania.

O versículo 27 de Mateus 11 continua, dizendo: “Ninguém conhece o Filho senão o

Pai". Ninguém, com recursos limitados, jamais pode conhecer o Pai como o Filho. Tal conhecimento é inacessível a seres finitos. É por isso que a filosofia e religião produzidas pelo homem são infrutíferas e vãs. Como podemos, então, conhecer a Deus? Somente pela revelação do próprio Filho de Deus: "E ninguém conhece o Pai senão o Filho, e aquele a quem o Filho o quiser revelar''. E Deus escolheu revelar a verdade aos pequeninos. Em dependência completa, e destituídos de sabedoria humana, estes recebem a revelação da verdade divina.

Arrependimento

Se você sente-se perturbado pelo fato de ser a graça soberana de Deus que determina os recipientes da revelação salvadora, observe que tais palavras são imediatamente seguidas por

um convite que é estendido a todos: “Vinde a mim todos os que estais cansados e sobrecarregados, e eu vos aliviarei” (Mt 11.28).

Este ponto crítico ecoa João 6.37, onde o Senhor disse que “todo aquele que o Pai me dá, esse virá a mim”, acrescentando imediatamente: “E o que vem a mim, de modo nenhum o lançarei fora”. Deus é soberano quanto à eleição, mas Ele também formula um convite aberto. Devemos afirmar ambas as verdades, a despeito da dificuldade em harmonizá-las. A revelação divina que acompanha a conversão genuína é a parte de Deus; o lado humano envolve o arrependimento.

A palavra “cansados”, no grego, é *kopiaõ*. Significa trabalhar ao ponto de suar e exaurir-se. A maneira como foi usada por Jesus, refere-se à futilidade de se tentar agradar a Deus por

meio de esforços humanos, descrevendo uma pessoa cansada de buscar a verdade, alguém que perdeu a esperança de tentar ganhar a salvação.

"Sobrecarregados" traz à mente a triste imagem de alguém trabalhando duro, carregando um fardo que se torna mais e mais pesado. Os rabinos ensinavam que o caminho para se encontrar o descanso estava em se obedecer às minúcias da lei. Todavia, a lei criava um jugo pesado demais para se carregar (cf. At 15.10), e o resultado do ensino dos rabinos foi uma nação inteira de gente completamente esgotada e em necessidade, desesperados de serem aliviados da carga esmagadora de uma consciência carregada de pecado e oprimida pela culpa.

Ainda que a palavra *arrependimento* não seja usada aqui especificamente, é para isso que

o Senhor está chamando. “Vinde a Mim” requer uma reviravolta total, uma completa mudança de direção. O convite é para pessoas que sabem que não têm respostas. Pessoas que, subjugadas e sobrecarregadas pelo pecado, não conseguiram entrar no reino por meio dos seus esforços pessoais. Estão perdidas. Jesus diz: “Voltem. Deixem o seu desespero e venham. Ofereço-lhes o dom da graça de Deus”. Ninguém é convidado a trazer a sua carga e simplesmente acrescentar Jesus a ela. O convite só se aplica aos que chegaram ao fim dos seus recursos, e estão desesperados para abandonar o pecado e voltar-se para o Salvador. O convite não é para quem aprecia o pecado.

Quando Jesus irrompeu em fúria contra as cidades de Corazim, Betsaida e Cafarnaum (Mt 11.20-24), Ele o fez porque haviam se recusado a se arrepender. Agora, momentos depois, Ele

convida os que estão cansados de seu pecado e de sua religião baseada em obras de autojustiça a se voltarem para Ele deixando cair o fardo que estão carregando.

Fé

Outro elemento essencial da conversão genuína é a fé. Jesus disse: "Vinde a mim todos os que estais cansados e sobrecarregados, e eu vos aliviarei". '"Vinde a mim" equivale a dizer "creiam em mim". Em João 6.35 Ele disse: "Eu sou o pão da vida; o que vem a mim, jamais terá fome; e o que crê em mim, jamais terá sede". Ir a Jesus é crer nEle. A fé é o outro lado do arrependimento. Enquanto o arrependimento fala em abandonar o pecado, a fé fala de ir ao Salvador. O objeto da fé salvadora não é um credo, nem uma igreja, nem um pastor, nem um conjunto de rituais ou

cerimônias. Jesus é o objeto da fé salvadora.

A salvação ocorre quando um coração é humilhado por um Deus soberano que revela a sua verdade. Em desespero, a alma volta-se do fardo do pecado e abraça Jesus. Não se trata de um exercício intelectual (que atrairia os "sábios e entendidos"), mas, antes, do voltar o coração inteiro para Jesus.

Submissão

A salvação não pára aqui. A submissão é outro elemento da conversão genuína. O convite de Jesus não termina com "eu vos aliviarei". Ele continua, dizendo: "Tomai sobre vós o meu jugo, e aprendei de mim, porque sou manso e humilde de coração; e achareis descanso para as vossas almas. Porque o meu jugo é suave e o meu fardo é leve" (v. 29, 30). A chamada para a rendição ao senhorio de Jesus

é parte e uma parcela do seu convite à salvação. Os que não desejam tomar o seu jugo não podem entrar no descanso salvador que Ele oferece.

Os ouvintes de Jesus compreendiam que o jugo era um símbolo de submissão. Em Israel os jugos eram feitos de madeira, talhados cuidadosamente pela mão do carpinteiro para se adaptarem ao pescoço dos animais que deveriam usá-los. Sem dúvida, Jesus fez muitos jugos quando jovem, na carpintaria de José, em Nazaré. Esta era uma ilustração perfeita para a salvação. O jugo usado pelo animal para puxar uma carga era utilizado pelo condutor para dirigir o animal.

O jugo também significava discipulado. Quando o Senhor acrescentou a expressão "e aprendei de mim", a figura foi bem clara para os ouvintes judeus. Nos escritos antigos,

quando um aluno se submetia a um professor, dizia-se que ele tomava o jugo do professor. Um autor registra este provérbio: “Coloque o seu pescoço sob o jugo e deixe que a sua alma receba instrução’’. Os rabinos falavam do jugo da instrução, do jugo da Torah, e do jugo da lei.

O jugo também envolve obediência. Assim, o convite de Jesus aos pecadores, “tomai sobre vós o meu jugo”, depõe contra a noção de que é possível receber a Cristo como Salvador, mas não como Senhor. Jesus não convida as pessoas a virem, se não querem tomar o seu jugo e submeter-se a Ele. A salvação verdadeira ocorre quando um pecador em desespero dá as costas ao seu pecado e vai a Jesus disposto a que Ele assuma o controle de tudo.

A salvação é pela graça e nada tem a ver

com obras humanas. Mas a única reação possível à graça de Deus é um humilde quebrantamento, que leva o pecador a voltar-se da sua velha vida para Cristo. A evidência de uma tal volta é o desejo de submeter-se e obedecer. Se permanecerem intocadas a desobediência e a rebeldia, haverá razão para se duvidar da realidade da fé que tem uma pessoa.

O jugo da lei, o jugo dos esforços humanos, o jugo das obras e o jugo do pecado, todos são pesados, irritantes e exasperantes. Representam fardos enormes e insuportáveis, carregados na carne. Levam ao desespero, frustração e ansiedade. Jesus oferece um jugo que podemos carregar, e também dá-nos as forças para fazê-lo (cf. Fp 4.13). Aí há descanso verdadeiro.

O jugo que Ele oferece é suave e o seu

fardo é leve, porque Ele é manso e humilde de coração. Ao contrário dos escribas e fariseus, Ele não deseja oprimir-nos. Ele não quer jogar sobre nós cargas que não podemos carregar, e nem está tentando mostrar-nos como é difícil ser justo. Ele é manso. Ele é com-passivo. E dá-nos um fardo leve para carregar. A obediência, sob o seu jugo, é uma alegria. É quando desobedecemos que o jugo esfola o nosso pescoço.

O jugo da submissão a Jesus não é doloroso, é feliz. Significa estar livre da culpa e do peso do pecado — "descanso para as vossas almas". Este é um eco de Jeremias 6.16, onde o profeta diz: "Ponde-vos à margem no caminho e vede, perguntai pelas veredas antigas, qual é o bom caminho; andai por ele e achareis descanso para as vossas almas; mas eles dizem: Não andaremos".

Jesus recebeu uma resposta idêntica. Acontecimentos subsequentes em seu ministério mostram que o ódio contra Cristo só aumentou — ao ponto de a multidão, rejeitando-O, chegar a crucificá-Lo. Seu jugo era suave, mas, para corações pecaminosos, rebeldes, teimosos e carregados pelo pecado, a exigência de ir a Ele era grande demais. O convite foi desprezado. A sua salvação foi rejeitada. Os homens amaram mais as trevas do seu próprio pecado do que o fulgor da glória de Cristo. E assim, por sua rejeição incrédula ao senhorio dEle, condenaram-se a si mesmos.

---

[1] Receber a Cristo, no sentido bíblico, é mais do que "aceitá-Lo", ou reagir positivamente a Ele. João 1.11,12 contrasta os que O "receberam" com os que O rejeitaram como Messias. Os que receberam a Cristo foram pessoas que O abraçaram sem reservas, bem como as suas exigências — "creem no seu nome" (v. 12; cf. também Cl 2.6).

[2] O Dr. Win Arn, do "Institute for American Church Growth", comentando o fracasso dos métodos contemporâneos de evangelização, disse que "Nas Escrituras, em lugar nenhum se acha o conceito de 'decisões'. A base de tudo era uma vida transformada e ser um crente ativo — um discípulo... alguém que se tornava um seguidor". Citado em *Eternity,* setembro de 1987, p. 34.

[3] Observe que a passagem de Apocalipse 3.20, "Eis que estou à porta, e bato..." segue-se imediatamente à ordem do versículo 19, "Sê, pois, zeloso, e arrepende-te".

TERCEIRA PARTE

JESUS ILUSTRA O SEU EVANGELHO

I0

Os Tipos de Solo

O convite de Jesus, "Vinde a mim... Tomai sobre vós o meu jugo... e achareis descanso" (Mt 11.28-30), assinalou o término de uma fase do seu ministério público de ensino e o início de uma ênfase evangelística mais ampla, contudo mais individual.

Mateus 12 registra em detalhes o que aconteceu imediatamente depois de pronunciado aquele convite. Naquele sábado, o ódio que os líderes religiosos nutriam por Jesus finalmente veio à tona. Os fariseus,

resumindo a reação do país inteiro para com o seu Messias, acusaram-No de se utilizar de poder satânico para expelir demônios (Mt 12.24). Israel rejeitava o seu Rei e recusava o reino que Ele oferecia. Tratava-se de uma renúncia completa e final. Daquele dia em diante, o curso do ministério de Jesus mudou. Ele não mais anunciou a Israel que o reino estava às portas. Agora, o seu chamado era para indivíduos —tanto judeus quanto gentios — a que se rendessem pela fé ao jugo do seu senhorio.

Até mesmo o estilo do seu ensino mudou. Começando naquele mesmo dia (Mt 13.1), Jesus passou a ensinar por parábolas — histórias do dia-a-dia que ilustravam realidades espirituais. Em vez de proclamar a sua mensagem abertamente, Ele passou a obscurecer a verdade para aqueles que já a

haviam rejeitado (v. 11-15). Os crentes genuínos, sedentos por compreender, acharam-No ávido por explicar cada detalhe (cf. Mc 4.34). Os que odiavam a verdade nem se preocuparam em fazer perguntas.

As parábolas que começam em Mateus 13 descrevem "os mistérios do reino dos céus" (v. 11). Até mesmo essa terminologia aponta para uma mudança de direção. O reino sonhado pelos judeus nada tinha de misterioso. Tratava-se de um regime político permanente e terreno que colocaria o mundo inteiro sob o governo do Messias de Israel. Afinal, é assim que eles viam o reino descrito no Velho Testamento.[1] Até aqui, Jesus nada ensinara que fosse flagrantemente diferente disso.

Mas, quando os judeus rejeitaram o governo do seu Messias, perderam o direito àquela dimensão permanente e terrena do

reino, não apenas para a sua própria geração como para as gerações seguintes. O reinado terreno de Cristo ficou adiado para um tempo futuro, quando Ele voltará para estabelecer o reino milenar. O reino dos céus, o governo de Deus sobre a terra e no coração dos homens,[2] agora existe sob mistério. Presentemente, Cristo não exerce a sua completa vontade divina como Rei sobre toda a terra, ainda que, em última análise, seja soberano, Ele governa como Rei somente sobre aqueles que creem. O seu reino engloba todos os redimidos, mas não de uma forma visível para o mundo incrédulo. Este aspecto do reino de Deus era um mistério para aqueles que buscavam uma monarquia política. As parábolas que começam em Mateus 13 revelam o mistério do reino de Deus (cf. Mc 4.11), ou seja, descrevem a natureza do governo de Deus durante o período

compreendido entre a rejeição de Cristo por Israel e a consumação final do reino milenar e terrestre. Esta fase do reino em que agora vivemos é um mistério, pois não foi revelada no Velho Testamento.

Como sempre, a preocupação de Jesus era buscar e salvar o perdido, e esta é também uma das atividades principais neste reino misterioso. Não é de surpreender, portanto, que a primeira parábola que Ele contou focalizasse a pregação do evangelho: "Eis que o semeador saiu a semear. E, ao semear, uma parte caiu à beira do caminho, e, vindo as aves a comeram. Outra parte caiu em solo rochoso onde a terra era pouca, e logo nasceu, visto não ser profunda a terra. Saindo, porém, o sol a queimou; e porque não tinha raiz, secou-se. Outra caiu entre os espinhos, e os espinhos cresceram e a sufocaram. Outra, enfim, caiu

em boa terra, e deu fruto: a cem, a sessenta e a trinta por um. Quem tem ouvidos [para ouvir], ouça" (Mt 13.3-9).

O Senhor estava usando uma metáfora bem conhecida. A agricultura era o próprio centro da vida judaica e todos entendiam de semeadura e do cultivo de espigas. É mesmo possível que, de onde Jesus ensinava, as multidões pudessem enxergar homens semeando. O semeador colocava uma sacola com sementes ao ombro, e, à medida que ia e vinha pelos sulcos, tomava punhados de sementes e as lançava ao chão. A semente caía em quatro tipos de solo.

A Beira do Caminho

O primeiro tipo era a terra endurecida do caminho que margeava o campo. "E, ao semear, uma parte caiu à beira do caminho, e,

vindo as aves a comeram" (Mt 13.4). A Palestina era coberta de campos. Não eram rodeados por muros ou cercas, sendo que seus únicos limites eram trilhas estreitas. Viajantes de toda parte utilizavam-se dessas trilhas; Mateus 12.1 descreve como Jesus e os seus discípulos colheram grãos para comerem enquanto andavam pelos campos, sem dúvida num desses caminhos.

Esse método de semeadura fazia com que parte da semente caísse sobre os caminhos. A terra dessas trilhas era batida, comprimida, não cultivada, nunca arada nem amolecida. O constante pisar dos pés dos transeuntes, bem como o clima seco, compactava o solo dessas trilhas de uma tal maneira que se tornavam duros como um asfalto. Qualquer semente que o semeador lançasse além do terreno arado, na superfície endurecida, não penetrava na terra.

Lá ficava até que os passarinhos a comessem. O que restasse, diz Lucas 8.5, seria esmagado pelos homens. Dessa forma, as aves e os viandantes destruíam a semente que caía à beira do caminho.

A Pouca Terra

Os versículos 5 e 6 descrevem o solo rochoso: "Outra parte caiu em solo rochoso onde a terra era pouca, e logo nasceu, visto não ser profunda a terra. Saindo, porém, o sol a queimou; e porque não tinha raiz, secou-se".

"Solo rochoso" não se refere a um solo pedregoso; qualquer agricultor que cultivasse um campo removeria dele todas as pedras que pudesse. Contudo, por todo o Israel há uma camada de rochas calcárias no subsolo. Em certos lugares, essa camada chega tão próxima à superfície que restam apenas alguns

centímetros até o topo. À medida que a semente cai nesses lugares rasos e começa a germinar, suas raízes logo alcançam essa camada rochosa, sem terem para onde expandir-se. Sem condições de aprofundarem-se, as novas plantas geram uma folhagem exuberante, fazendo-se mais atraentes do que o restante da plantação. Mas, em vindo o sol, tais plantas são as primeiras a morrer, porque as suas raízes não podem aprofundar-se em busca de umidade. Essa parte da plantação acabava mirrando bem antes de poder frutificar.

O Solo Praguejado

O versículo 7 fala sobre o solo praguejado: "Outra caiu entre os espinhos, e os espinhos cresceram e a sufocaram". Este solo tinha boa aparência. Profundo, rico, argiloso, fértil. À época da semeadura parecia limpo e

preparado. A semente que ali caiu começou a germinar, mas as raízes fibrosas das pragas que se escondiam sob a superfície também brotaram e, como não poderia deixar de ser, sufocaram a plantação.

As pragas nativas de uma determinada área sempre levam vantagem sobre as plantas cultivadas. As pragas estão onde florescem naturalmente. A planta cultivada é um elemento estranho, carente de cuidado e cultivo. Se as pragas, em seu "habitat" natural, conseguirem algum espaço, dominarão o solo. Crescem mais rapidamente e soltam suas folhas, que sombreiam a planta cultivada, não deixando que tome sol. Suas raízes são mais fortes e, portanto, absorvem toda a umidade do solo. No fim, as plantas boas acabam sufocadas.

O Solo Bom

Finalmente, o versículo 8 descreve o bom solo: “Outra, enfim, caiu em boa terra, e deu fruto: a cem, a sessenta e a trinta por um”. Este solo é fofo, ao contrário daquele da beira do caminho. É profundo, o que não acontece com o rochoso. E é limpo, diferentemente do solo infestado de pragas. Aqui a semente abre-se para a vida e produz enorme colheita, a cem, a sessenta e a trinta por um.

A Parábola

Aparentemente a estória do semeador e da semente é simples. A única indicação de que ela tem um significado mais profundo é a exortação de Jesus, no versículo 9: “Quem tem ouvidos [para ouvir], ouça”. Ou seja, se você pode compreender esta estória, então, preste atenção na sua mensagem! *Quem* pode compreendê-la? Somente aqueles que têm ao

Rei como seu Instrutor. Os discípulos devem ter concluído que esta simples estória sobre plantar e colher escondia alguma rica verdade espiritual. Marcos 4.10 registra que eles foram a Jesus em particular e pediram que lhes explicasse a parábola. E Ele o fez.

Observe a ligação entre "Quem tem ouvidos [para ouvir], ouça", em Mateus 13.9, e o que vem a seguir, no versículo 16: "Bem-aventurados... os vossos ouvidos, porque ouvem". O que ouviam era a verdade gloriosa, vinda dos lábios do Mestre. "Muitos profetas e justos desejaram ver o que vedes, e não viram; e ouvir o que ouvis, e não ouviram. Atendei vós, pois, à parábola do semeador" (vv. 17-18).

A Semente e o Semeador

A sós com os discípulos e outros crentes inquiridores (Mc 4.10), o Senhor tomou aquilo

que parecia uma estória singela e óbvia, usando-a para descortinar a realidade magnificente do reino. A semente de que falara não era literal, mas, sim, o evangelho: "A todos os que ouvem a palavra do reino..." (v. 19). A semente é a mensagem sobre o Rei e o seu reino. A narrativa paralela de Lucas 8.11 é ainda mais explícita: "A semente é a palavra de Deus". Portanto, o semeador é todo aquele que planta a semente do evangelho pela Palavra de Deus (cf. 1 Pe 1.23) no coração de uma pessoa. O protótipo de todos os semeadores é o próprio Senhor Jesus.

A semente ilustra o evangelho de modo muito próprio. Não pode ser criada; só pode ser reproduzida. A pregação do evangelho é o processo de tomar daquilo que já foi semeado e produziu, e semeá-lo novamente. Deus não nos manda criar a nossa própria semente ou

mensagem. A sua Palavra é a única boa semente. Não existe evangelismo divorciado da Palavra de Deus.

A Condição do Solo

A questão principal, nesta parábola, não é que haja alguma falha no semeador ou em seu método, e nem na semente. E também nada há de fundamentalmente errado com a composição do solo. O problema é a *condição* do solo.

O solo ilustra o coração humano. Mateus 13.19 confirma-o: "A todos os que ouvem a palavra do reino, e não a compreendem, vem o maligno e arrebata o que lhes foi semeado no *coração''* (itálico meu). O coração do ouvinte é o equivalente espiritual à terra que recebe a semente da mão do agricultor. Em termos de composição essencial, todos os solos desta

parábola são iguais. A terra de uma área é a mesma, não importando se estiver dura ou fofa, se for rasa ou praguejada. As diferenças têm a ver com influências do meio-ambiente. Todos os solos *poderiam* receber a semente, se tivessem sido preparados da maneira apropriada. Mas o terreno que não é bem preparado nunca produz.

O mesmo acontece com o coração humano. Em essência, somos todos exatamente iguais, mas somos condicionados diferentemente, de acordo com as influências que nos vêm amoldar. Este é um ponto deveras importante da lição espiritual desta parábola: a reação de uma pessoa ao evangelho depende basicamente do preparo que recebeu o seu coração. Um coração que não foi preparado de forma correta nunca produzirá fruto espiritual.

O Coração Embrutecido

O solo da beira do caminho ilustra o coração embrutecido, insensível. "A todos os que ouvem a palavra do reino, e não a compreendem, vem o maligno e arrebata o que lhes foi semeado no coração. Este é o que foi semeado à beira do caminho'' (Mt 13.19). Eis o indivíduo insensível — alguém que o Velho Testamento diz que é de "dura cerviz". É insensível, apático, distante, indiferente, negligente, e até hostil. Não quer saber do evangelho. A mensagem bate nele e volta. Satanás é como as aves que espreitam o solo endurecido, pronto a arrebatar a semente no momento em que esta cai ao chão. Lucas 8.12 torna indiscutível a questão de que se trata de gente não salva: "vem a seguir o diabo e arrebata-lhes do coração a palavra, para não suceder que, crendo, sejam salvos".

Aqui o Senhor nos alerta para o fato de que o coração humano pode ficar tão apertado e batido pelo transitar do pecado que se torna completamente insensível ao evangelho. Este é o coração que não conhece arrependimento, nem tristeza pelo pecado, nem culpa, e nem se preocupa com as coisas de Deus. Deixa-se destruir por um cortejo interminável de pensamentos sujos, de pecados prediletos, e atividades ímpias. É um coração imprudente, calejado, indiferente, que nunca foi quebrantado nem suavizado pela convicção ou tristeza pelos seus erros. Este é o coração do tolo, descrito em Provérbios. O tolo odeia o conhecimento e resiste à instrução. O tolo despreza a sabedoria e diz em seu coração que não há Deus. Não quer ouvir. Sua mente está fechada, e ele não quer ser incomodado por um convite evangelístico.

Muitos têm o coração assim. Pode-se derramar uma chuva de sementes sobre eles, mas não adianta. As sementes não penetram no solo, e não demora até que Satanás venha e as arrebate completamente. Cada vez que se tenta testemunhar para essas pessoas, tem de se começar tudo novamente.

O solo seco e duro da beira do caminho não significa necessariamente alguém que é anti-religioso. Alguns dos indivíduos mais embrutecidos deste mundo escondem-se sob o manto da religião verdadeira. Mas, porque o pecado de tal modo endureceu os seus corações, eles são completamente improdutivos e indiferentes para com Deus. Estando bem próximos da verdade, próximos do bom solo, eles geralmente recebem punhados e mais punhados de sementes, mas estas não brotam em seus corações.

O Coração Superficial

O solo raso ilustra a reação de um coração impetuoso e superficial. “O que foi semeado em solo rochoso, esse é o que ouve a palavra e a recebe logo, com alegria; mas não tem raiz em si mesmo, sendo antes de pouca duração; em lhe chegando a angústia ou a perseguição por causa da palavra, logo se escandaliza” (Mt 13.20,21). Este tipo de coração é entusiasta, porém superficial. Existe uma reação positiva, mas que não é fé salvadora. Não há meditação, não se avalia o custo. Trata-se de um entusiasmo rápido, eufórico, emocional, instantâneo, mas sem a menor compreensão do verdadeiro significado do discipulado. Isto não é fé genuína.

A reação superficial é epidêmica entre a cristandade do século XX. Por quê? Porque geralmente se apresenta o evangelho com a

promessa de alegria, calor, comunhão e bem-estar, sem a dura exigência de se tomar a cruz pessoal e seguir a Cristo. Os "convertidos" não são confrontados com as questões realmente vitais, que são o pecado e o arrependimento. Em vez disso, são encorajados a entrar no "clube" de Jesus para gozar as coisas boas que se lhes prometem. No entanto, por baixo dessa superfície rasa e aparentemente fértil, existe um leito rochoso e impermeável de rebelião e resistência às coisas de Deus. Não há verdadeiro arrependimento, nem quebrantamento, nem contrição. A camada de rebelião que se esconde debaixo da superfície macia é na verdade mais dura do que o solo à beira do caminho. E as consequências eternas são igualmente trágicas. O entusiasmo inicial é mera emoção; a semente em germinação logo morre. Essas pessoas não são realmente salvas

(cf. 1 Jo 2.19).

Professos assim superficiais, constituem uma das maiores decepções do ministério pastoral. Já gastei horas discipulando alguns. Aparentemente, sua fé parece muito encorajadora. De fato, ao olharmos para o campo, chegamos a pensar que tais pessoas são mais altas e mais fortes do que todos os demais. Mas eles não têm raiz para sustentar um crescimento tão exuberante e, logo que surge uma prova ou perseguição, eles murcham e secam.[3]

Tome cuidado com conversões que se mostram só sorrisos e animação, sem qualquer sensação de arrependimento ou humildade. Essa é a marca de um coração superficial. Uma pessoa com tal coração carece das raízes necessárias para suportar um clima adverso. Se a profissão de fé em Jesus não surge de um

profundo senso de que se está perdido, se não é acompanhada por uma convicção interna de pecado, se não inclui um tremendo desejo de que o Senhor limpe, purifique e oriente, se não envolve uma disposição para negar-se a si mesmo, para o sacrifício e para sofrer por amor a Cristo, então essa profissão de fé não tem a raiz apropriada. Será apenas uma questão de tempo até que seu crescimento florescente murche e morra.

O Coração Mundano

O solo praguejado representa o coração ocupado com as coisas do mundo. Diz o versículo 22 de Mateus 13: "O que foi semeado entre os espinhos é o que ouve a palavra, porém os cuidados do mundo e a fascinação das riquezas sufocam a palavra, e fica infrutífera".[4] Esta é a descrição perfeita do

homem mundano, de quem vive para as coisas deste mundo. Tal pessoa é consumida pelos cuidados deste século. Seu principal objetivo é uma carreira, uma casa, um carro, um "hobby" ou roupas. Para ela, prestígio, aparência e riquezas são tudo na vida.

Já viu gente assim? Por algum tempo, se parecem exatamente com os demais crentes. Vêm à igreja, identificam-se com o povo de Deus, mostram até mesmo sinais de crescimento. Mas nunca produzem fruto espiritual. Eles não se comprometem, e estão sempre preocupados com os prazeres do mundo, dinheiro, trabalho, fama, prosperidade ou com os desejos da carne. Dizem-se crentes, mas não se preocupam nem um pouco em viver uma vida pura. É assim o solo praguejado. A semente que germinou com tão boa aparência, por fim, torna-se sufocada pelos

espinhos do mundanismo, e por fim o coração praguejado não dará qualquer impressão de que a boa semente foi nele semeada.

O que acontece quando a semente que parecia tão promissora é sufocada? Tal pessoa terá perdido a sua salvação? Não, pois nunca foi salva. A Palavra de Deus caiu num coração despreparado, pois estava cheio de pragas malignas. Tal pessoa recebeu a semente do evangelho, mas o solo não estava limpo. O evangelho germinou, mas foi sufocado antes de poder frutificar. A pessoa de coração praguejado nunca foi salva. Tais corações podem ter o desejo de receber a Cristo como Salvador, mas não o farão se isso significar eles terem de abandonar o mundo. Isso não é salvação. Jesus disse: "Não podeis servir a Deus e às riquezas" (Mt 6.24). E escreveu o apóstolo João: "Se alguém amar o mundo, o

amor do Pai não está nele" (1 Jo 2.15). O solo tem de estar limpo de espinhos e pragas, se é que deve haver colheita.

Os Inimigos

As pragas, o sol e as aves representam nesta parábola os nossos inimigos. As pragas são "os cuidados do mundo e a fascinação das riquezas" (v. 22). O sol que cresta as plantas cuja raiz não é profunda é "a angústia ou a perseguição" (cf. vv. 6, 21), as quais vêm bulir com o bem-estar tão apreciado pela carne. As aves figuram "o maligno" (cf. v. 4,19), Satanás, que tudo faz para roubar a semente do evangelho, antes mesmo que esta possa germinar. Estes são os três inimigos constantes do evangelho: o mundo, a carne e o diabo.

Eis uma lição importante para o semeador: você enfrentará resistência e hostilidade.

Haverá convertidos superficiais, de curta duração. E você encontrará pessoas de coração dobre, que desejam ter Jesus, mas que não abandonam o mundo. A dureza do caminho, a superficialidade do solo e a agressividade das pragas frustrarão os seus esforços por semear uma boa lavoura.

Ainda assim, coragem! O Senhor da seara pode quebrar mesmo o solo mais endurecido e livrá-lo das piores pragas. Terra dura, terreno superficial ou terra praguejada nem sempre permanecem assim. Deus pode arar o solo do coração mais teimoso. Um antigo método de agricultura na Palestina era o de jogar a semente primeiro, e depois revirar a terra. Isso acontece às vezes na evangelização. Jogamos a semente, e quando parece que as aves estão prestes a arrebatá-la, o Espírito Santo vem e a enterra, de forma que a semente brota para dar

fruto glorioso.

O Coração Receptivo

Olhar para os três tipos de solo ruim, que produzem resultados indesejáveis pode ser desanimador. Mas ainda há o bom solo, que representa o coração receptivo. “Mas o que foi semeado em boa terra é o que ouve a palavra e a compreende; este frutifica, e produz a cem, a sessenta e a trinta por um” (Mt 13.23). Este é o ponto alto da parábola; uma promessa aos discípulos desanimados, de que *existe* uma boa terra. Para que não ficassem esmorecidos diante da reação negativa das pessoas, Jesus queria que soubessem que há um imenso terreno que está lavrado e pronto para receber a semente. Este dará fruto abundante.

O Fruto

A produção de frutos é todo o objetivo da agricultura. E também é o teste definitivo da salvação. Jesus disse: "Toda árvore boa produz bons frutos, porém a árvore má produz frutos maus. Não pode a árvore boa produzir frutos maus, nem a árvore má produzir frutos bons. Toda árvore que não produz bom fruto é cortada e lançada ao fogo. Assim, pois, pelos seus frutos os conhecereis" (Mt 7.17-20). Se não há fruto espiritual, ou se o fruto é mau, a árvore tem de estar podre. Ou — traduzindo a figura para a metáfora de um campo — se a terra não produz, é porque o solo é ruim, símbolo de um coração não-redimido.

Observando-a em seu significado mais aparente, a mensagem da parábola do semeador é clara: dos quatro tipos de solo, apenas um é bom. Somente um produz fruto, e, por isso, só ele tem valor para o agricultor.

Este bom solo simboliza o crente. O solo praguejado e o solo rochoso representam os falsos cristãos. O solo da beira do caminho representa aqueles que rejeitam completamente o evangelho.

O fruto, e não a folhagem, é a prova da verdadeira salvação. Os que não entendem isso, confundem-se quanto ao significado desta parábola. Muito tem sido escrito, recentemente, na tentativa de argumentar que o solo superficial e o solo praguejado representam crentes verdadeiros, muito embora improdutivos. Zane Hodges, por exemplo, escreve que "da beira do caminho — e tão-somente da beira do caminho — foi arrebatada a Palavra de Deus. Por observação explícita do próprio Salvador, esse arrebatamento da Palavra ocorreu para que não pudesse haver salvação. Aqui, *mas somente aqui,* Satanás

triunfou completamente... A dedução é clara: *vida nova ocorreu em todos os outros tipos de coração, não importando o tipo de solo"* .[5]

Essa opinião está completamente equivocada, justamente quanto ao ponto central da questão. A semente, na parábola, não simboliza a vida eterna, e sim a mensagem do evangelho. A germinação da semente, no solo rochoso e no praguejado, simplesmente significa que a Palavra foi recebida e começou a operar — e não que a vida eterna houvesse sido conferida. Warren Wiersbe compreendeu o assunto claramente: "É importante que se observe que nenhum destes três primeiros corações [o solo à beira do caminho, o solo rochoso, e o solo praguejado] chegou à salvação. A prova da salvação não é ouvir a Palavra, nem consiste em apresentar uma resposta emocional imediata à Palavra, e nem

mesmo no crescimento da Palavra na vida de uma pessoa. A prova da salvação está no *fruto,* pois, como disse Cristo, 'pelos seus frutos os conhecereis'" (Mt 7.16).[6]

Sim, o fruto é a grande prova da salvação verdadeira. Na colheita, o solo praguejado em nada é melhor do que o rochoso ou do que o da beira do caminho. Nenhum deles presta. A semente neles semeada é perdida, e essa terra para nada mais serve senão para ser queimada (cf. Hb 6.8). Tais solos não podem representar salvação.

Observe que nem toda a boa terra produz a mesma quantidade. Uma parte produz a cem por um, outra, a sessenta, e outra a trinta por um. Nem todo cristão irá sempre produzir tanto fruto quanto deve ou pode. Mas todo crente *é* frutífero, em alguma medida. Os crentes às vezes são desobedientes, e é claro

que ainda pecam. Mas, em última análise, os crentes são identificáveis pelo seu fruto. Seja a cem, sessenta, ou trinta por um, o fruto espiritual dos verdadeiros crentes distingue-os do solo endurecido da beira do caminho e da inutilidade de um canteiro de pragas. O seu fruto se multiplica e é abundante — não é algo que se tem de procurar em meio a grossos espinheiros. Os verdadeiros crentes sobressaem-se claramente em relação ao solo rochoso, praguejado e estéril.

Como semeadores, somos chamados a espalhar a semente do evangelho não-adulterado, mesmo que parte dessa semente venha a cair em solo despreparado. Sempre haverá a beira do caminho, o solo superficial, e o solo praguejado, mas também haverá a boa terra, que produzirá a trinta, a sessenta e a cem por um. O solo preparado necessita apenas

receber a semente certa.

---

[1] O conceito judeu do reino erigia-se sobre promessas do Velho Testamento tais como Daniel 2.44 — "O Deus do céu suscitará um reino que não será jamais destruído; este reino não passará a outro povo: esmiuçará e consumirá todos estes reinos, mas ele mesmo subsistirá para sempre".

[2] Não há base bíblica para o ensino apresentado por alguns de que o reino dos céus e o reino de Deus são entidades separadas. A expressão "reino dos céus" é usada nos evangelhos apenas por Mateus, que a emprega 22 vezes. Referências paralelas, tais como Mateus 13.11 com Marcos 4.11 e Lucas 8.10 mostram que os termos são intercambiáveis. Os judeus usavam a expressão "céus" como um eufemismo para o nome de Deus. Portanto, a distinção entre os termos parece atender à suscetibilidade da audiência judaica a quem Mateus escrevia.

[3] Uma informação adicional para este fato é a certeza encorajadora de que o sofrimento e a perseguição têm uma importante função dupla no reino de Deus. Primeiro, revelam os falsos crentes. E, segundo, fortalecem os verdadeiros crentes. 1 Pedro 5.10 diz: "Deus de toda a graça... depois de terdes sofrido por um pouco, ele mesmo vos há de aperfeiçoar, firmar, fortificar e fundamentar".

[4] "Fica infrutífera" não implica em dizer que esse solo tenha produzido fruto anteriormente. Marcos 4.7

demonstra que nunca houve fruto: “os espinhos cresceram e a sufocaram, e não deu fruto”.

[5] Zane C. Hodges, *The Hungry Inherit* (Portland: Multnomah, 1980), pp. 68-69, ênfase acrescentada.

[6] Warren W. Wiersbe, *Meet Yourself in the Parables* (Wheaton: Victor, 1979), p. 27.

II

O Joio e o Trigo

Os cristãos não devem viver como as pessoas não-salvas.

Isto pode não parecer algo profundo, mas uma boa parte da igreja evangélica contemporânea parece não compreender tal coisa. Sinto-me envergonhado pelo modo como os crentes toleram o pecado em seu meio. Tal como a igreja de Corinto, que recebeu arrogantemente um abrasado fornicário à sua comunhão (1 Co 5.1.2), [1]os crentes de hoje parecem orgulhar-se perversamente por jamais questionarem o

estilo de vida de uma pessoa que se diz crente.

Pecados dos quais nem se ouvia falar na igreja, há uma geração apenas, são hoje "normais". O divórcio e a imoralidade são uma epidemia entre os crentes. Igrejas que se dizem evangélicas complacentemente oferecem a destra de comunhão a pessoas que vivem juntas abertamente sem serem casadas. Uma denominação que tem crescido rapidamente é formada quase que totalmente por homossexuais praticantes. Muitos da igreja creem que tais pessoas sejam salvas tão-somente porque afirmam ter fé em Jesus. E, pior de tudo, a situação da liderança nalguns dos segmentos mais conhecidos da igreja é patética. As últimas manchetes dos jornais têm deixado isso muito claro para o mundo.[2]

Estou convencido de que o evangelho popularizado da igreja do século XX foi que

tornou tudo isso possível, e mesmo inevitável. A noção de que a fé nada mais é do que acreditar nuns poucos fatos bíblicos é um prêmio para a depravação humana. Se o arrependimento, a santidade de vida e a submissão ao senhorio de Cristo são todos opcionais, por que deveríamos esperar que os redimidos diferissem dos pagãos? Quem pode afirmar que as pessoas não são salvas, simplesmente porque vivem em rebelião obstinada contra Deus? Se alguém *diz* que é crente, por que não dar crédito à sua palavra?

O resultado trágico disso é que muitas pessoas julgam perfeitamente normal que os crentes vivam como os incrédulos. Como mencionei no capítulo 1, os teólogos contemporâneos fabricaram uma classe para esse tipo de pessoas — o "crente carnal". Quem sabe quantas pessoas não-regeneradas

têm sido acalentadas numa sensação falsa de segurança espiritual, pela sugestão de que eles são apenas carnais? Os crentes podem e, às vezes, comportam-se de modo carnal. Mas não há nada nas Escrituras que sugira que um crente verdadeiro possa seguir um estilo de vida de contínua indiferença e de antagonismo para com as coisas de Deus. Os crentes não se disfarçam de filhos do diabo. O oposto disso é que é verdade: Satanás se finge de anjo de luz, e os seus servos imitam os filhos da justiça (2 Co 11.14,15). Quando as Escrituras reconhecem a dificuldade em se distinguir as ovelhas dos bodes, a questão central não é que os crentes possam parecer incrédulos, mas, pelo contrário, que os ímpios frequentemente parecem justos. Em outras palavras, o rebanho deve estar alerta para os lobos vestidos de ovelhas, e não tolerar ovelhas que fazem o

papel de lobos. Quanto a isso, a parábola de Jesus sobre o trigo e o joio (Mt 13.24-30) tem sido muitas vezes mal-compreendida.

A estória do joio no meio do trigo apresenta figuras similares às da parábola do semeador, porém, nela o Senhor enfatiza uma questão completamente diferente. "Outra parábola lhes propôs, dizendo: O reino dos céus é semelhante a um homem que semeou boa semente no seu campo; mas, enquanto os homens dormiam, veio o inimigo dele, semeou o joio no meio do trigo, e retirou-se. E, quando a erva cresceu e produziu fruto, apareceu também o joio. Então, vindo os servos do dono da casa, lhe disseram: Senhor, não semeaste boa semente no teu campo? Donde vem, pois, o joio? Ele, porém, lhes respondeu: Um inimigo fez isso. Mas os servos lhe perguntaram: Queres que vamos e

arranquemos o joio? Não! replicou ele, para que, ao separar o joio, não arranqueis também com ele o trigo. Deixai-os crescer juntos até à colheita, e, no tempo da colheita, direi aos ceifeiros: Ajuntai primeiro o joio, atai-o em feixes para ser queimado; mas o trigo, recolhei-o no meu celeiro" (Mt 13.24-30).

Semear pragas na plantação de alguém era um ato tão comum que Roma tinha uma lei contra isso. Tratava-se de um método quase infalível de se prejudicar grandemente um vizinho, pois tornava a sua colheita imprestável — destruindo, assim, a sua maior fonte de renda. Nesta parábola, o inimigo do homem semeou joio no campo. "Joio" refere-se à cizânia, uma planta parecida com o trigo, que produz uma semente imprestável, ao invés de grãos. É tão semelhante ao trigo que era conhecida como um trigo bastardo. Até que

sua espiga estivesse madura, era quase impossível distingui-la do trigo verdadeiro, mesmo sob o escrutínio mais severo.

O dono da terra, na parábola de Jesus, decidiu não se arriscar a destruir toda a plantação tentando arrancar o joio. Antes, deixou o trigo e o joio crescerem juntos até à colheita, quando então os ceifeiros separariam a semente boa da ruim, pois a diferença seria óbvia.

Que pode significar esta estória? É de surpreender que as multidões não tenham perguntado. Estavam mais interessadas em ver milagres e em serem alimentadas do que em conhecer a verdade (Jo 6.26). Todavia, os discípulos quiseram saber. Mateus 13.36 registra que depois que o Senhor despediu as multidões e foi para casa, talvez a casa de Simão Pedro em Cafarnaum, os discípulos

disseram-lhe: “Explica-nos a parábola do joio do campo”.

As Personagens

A explicação de Jesus começa de forma simples: “O que semeia a boa semente é o Filho do homem”. Este é o título que Jesus usou mais do que qualquer outro para se referir a si mesmo. Somente uma vez no Novo Testamento este título é utilizado por outra pessoa para descrever Jesus. Em todas as outras vezes, quem o utiliza é o próprio Senhor. Este título O identifica em sua humanidade, como o Verbo encarnado, a perfeição em tudo o que um homem poderia ser. Fala dEle como o segundo Adão; o representante sem pecado da raça humana. E também O associa à profecia messiânica (Dn 7.13).

De acordo com Mateus 13.38, “o campo é

o mundo". Subentende-se que o semeador — o Filho do Homem — é o dono do campo. Ele tem em suas mãos o título de propriedade. Ele é o soberano Monarca do mundo e aqui cultiva a sua plantação. E o que é que Ele semeia? "A boa semente são os filhos do reino" (v. 38). Os filhos do seu reino são pessoas que creem, os que são submissos ao Rei. E Ele os semeia por todo o seu campo, que é o mundo.

"O Joio são os filhos do maligno; o inimigo que o semeou é o diabo" (vv. 38,39). Estes são os incrédulos. A expressão "filhos do maligno" é semelhante à terminologia usada por Jesus em João 8.44, quando Ele criticou severamente os líderes religiosos ao dizer: "vós sois do diabo, que é vosso pai". Primeira João 3.10 indica que todos os que não são filhos de Deus são filhos do diabo.

A Trama

O significado desta parábola não é de forma alguma complicado. O Filho do Homem — Jesus — semeou os filhos do seu reino no mundo. O inimigo — Satanás — estragou a pureza da seara, misturando os seus filhos àqueles que o Filho do Homem semeara. Esses filhos incrédulos do maligno vivem lado a lado com os crentes, no mundo. No juízo final, Deus irá separar o joio do trigo.

Mesmo sendo tão simples o significado desta parábola, muitos estudiosos da Bíblia erram completamente a sua interpretação. Apesar de estar dito claramente que o campo representa o mundo, um número surpreendente de comentaristas vê o campo como sendo a igreja. Para eles, a parábola é uma mensagem a respeito de elementos falsos na igreja e da permissão divina em deixá-los

assim até que o Senhor e os anjos separem o falso do verdadeiro no juízo final. Mas, obviamente, este não é o ensino desta parábola, de forma alguma. Tal ensino violaria tudo o que o Novo Testamento ensina sobre a disciplina na igreja. Satanás gosta de semear o joio o mais próximo possível do trigo, e ele semeia um pouco dele na igreja. Mas esta parábola não está ensinando aos crentes que devem tolerar incrédulos na comunhão dos santos. Nada temos a ver com falsos mestres e falsos crentes (2 Jo 9-11). É-nos ordenado claramente que expulsemos tais influências da igreja (1 Co 5.2,7).

Esta parábola contém instruções para a igreja no mundo, e não um "passe-livre" para o mundo entrar na igreja. Satanás semeia os seus filhos por toda parte. Nós, que pertencemos ao reino, habitamos no mesmo

mundo dos incrédulos. Respiramos o mesmo ar, comemos a mesma comida, passamos pelas mesmas estradas, moramos nos mesmos bairros, trabalhamos nas mesmas fábricas, frequentamos as mesmas escolas, consultamos os mesmos médicos, compramos nas mesmas lojas, desfrutamos o mesmo sol e a mesma chuva. Porém, o que jamais podemos partilhar é de comunhão espiritual (2 Co 6.14-16), e esta parábola não ensina o contrário disso.

A mensagem do trigo e do joio é simplesmente esta: Deus não sanciona esforço algum que vise exterminar os incrédulos pela força. Os discípulos estavam prontos a empunhar a foice e exterminar os filhos do diabo, e podemos compreender seus sentimentos. Todos temos orado com o salmista: "À presença de Deus perecem os iníquos" (SI 68.2). Podemos nos identificar

com Tiago e João, os filhos do trovão, que perguntaram a Jesus: "Senhor, queres que mandemos descer fogo do céu para os consumir?" (Lc 9.54). É isto, em essência, que os servos do dono da terra estavam perguntando quando disseram: "Queres que vamos e arranquemos o joio?" (v. 28). O Senhor disse-lhes sabiamente que tal não fizessem, porque com isso poderiam destruir também o trigo.

Tal sabedoria tem sido confirmada vez após vez ao longo da história mundial. Sempre que algum movimento religioso tentou erradicar do mundo o paganismo, foi a igreja verdadeira quem mais sofreu. O *Livro dos Mártires,* de Foxe, registra que a maior parte dos que foram assassinados por causa de sua fé, em toda a história da igreja, foram mortos por zelotes mal orientados que se faziam

representantes de Deus. A Inquisição foi responsável pela morte de um incontável número de cristãos, mortos por defenderem a Palavra de Deus como maior autoridade do que os ensinos dos líderes da igreja. Um amigo meu possui uma Bíblia do século XVI manchada pelo sangue de um mártir que foi sacrificado pelo simples fato de possuí-la. Os fanáticos religiosos sempre veem os crentes verdadeiros como inimigos.

Deus não chama o seu povo para exercer um ministério de inquisição. Não é este o tempo de arrancar o joio. Nossa missão não se constitui numa cruzada política ou militar, e este não é um tempo de julgamento em que somos chamados a distribuir punições. Somos, antes, enviados para ser embaixadores de Cristo; emissários de sua graça e misericórdia. E não estamos aqui por acidente. Fomos

plantados neste mundo pelo Senhor. Nunca devemos tentar fugir do mundo. Não nos é ordenado enclausurar-nos num mosteiro ou escapar com outros crentes para uma comunidade santa. Devemos ficar onde fomos plantados e frutificar. Podemos até mesmo ter uma influência positiva sobre o joio.

É claro que o simbolismo se quebra aqui. O verdadeiro joio não pode tornar-se trigo, mas um filho do diabo *pode* ser transformado num filho do reino. É nisto que consiste a salvação. Em Efésios 2, Paulo escreveu que "éramos por natureza filhos da ira, como também os demais" (v. 3). A salvação dá-nos uma nova natureza, transformando-nos de "filhos da desobediência" (v. 2) em membros da família de Deus (v. 19); de joio, em trigo. "Somos feitura dele", Paulo escreveu no versículo 10 desse mesmo capítulo: "criados

em Cristo Jesus para boas obras, as quais Deus de antemão preparou para que andássemos nelas". No sentido espiritual, todo trigo começa como joio.

Não nos compete arrancar o joio e nem exigir que as pessoas norteiem suas vidas pelos princípios espirituais do reino. É inútil tentar fazer com que o joio produza bom fruto. Sem o novo nascimento, que é divino, o joio nunca será trigo. Mascarar uma praga, para que se pareça com trigo, não fará com que produza bons grãos. Em Mateus 7.6, no Sermão do Monte, Jesus disse: "Nem lanceis ante os porcos as vossas pérolas". Noutras palavras: Não tome os princípios do reino e tente forçá-los sobre uma sociedade que vive fora do reino.

Não compete aos crentes condenar o mundo ou forçar uma reforma externa sobre

ele, embora devamos pregar contra os seus pecados. É-nos ordenado ensinar o evangelho (cf. Mt 28.19,20) e viver como exemplos de retidão. Mas não somos os executores de Deus.

O Plano

No tempo da colheita, o trigo e o joio serão separados. "Os ceifeiros são anjos" (Mt 13.39), que executarão o juízo no final dos tempos. O joio — os filhos do maligno — serão ajuntados e queimados (v. 40). O inferno será a sua habitação eterna. Os ceifeiros "os lançarão na fornalha acesa" (v. 42). A figura é aterradora: "Ali haverá choro e ranger de dentes" — literalmente, "ranger de dentes e gritos penetrantes''. Os filhos do reino — "os justos" (v. 43) — habitarão eternamente no reino.

Como os ceifeiros farão distinção entre o trigo e o joio? O ponto-chave, como sempre, é

o fruto espiritual que produzem. O joio pode assemelhar-se ao trigo, mas não pode produzir o grão do trigo. O grão maduro estabelece a clara diferença entre o joio e o trigo. E assim é no mundo espiritual. Os filhos do maligno podem imitar os filhos do reino, mas não podem produzir a retidão verdadeira: "Não pode... a árvore má produzir frutos bons" (Mt 7.18). A linguagem da parábola confirma isto. O joio é chamado de "escândalos e os que praticam a iniquidade" (Mt 13.41). O trigo são "os justos" (v. 43). Está claro que o caráter e o comportamento são o que separa o trigo e o joio. No juízo final a diferença será completamente manifesta.

Porém, esta parábola *não* está dizendo que devemos estar despreocupados com as diferenças entre o trigo e o joio até o juízo final. Ela não nos estimula a aceitarmos joio como se

fosse trigo. Não sanciona a indiferença para com os pecados dos perdidos. E nem sugere que nos esqueçamos de que há pragas no campo, e que nos tornemos desatentos para o perigo que representam. Simplesmente nos diz que devemos deixar o juízo final e a questão da retribuição nas mãos do Senhor e dos seus anjos.

No fim, o trigo verdadeiro será inevitavelmente identificado pelo fruto que produz. O trigo não produzirá gerânios. E nem se parecerá com o amaranto quando crescer. Por causa de sua natureza inerente, ele *irá* produzir grãos de trigo, mesmo se cultivado num campo repleto de joio. Assim também são os filhos do reino. Eles vivem no mundo onde florescem os filhos do maligno. Mas os filhos do reino têm uma natureza celestial. O fruto que produzem é diferente

daquele produzido pelos filhos do maligno. Você pode contar com isso.

---

[1] Paulo reprovou os coríntios por sua arrogância no que diz respeito à presença do pecado em seu meio (5.2). Ele deu a entender que não tinham qualquer direito de pensar que um fornicário incestuoso fosse um crente verdadeiro — seu pecado era tão vil que nem mesmo os gentios pagãos cometeriam tais coisas abertamente (v. 1). E ordenou que os coríntios excluíssem da comunhão o tal homem (vv. 2,5,13), referindo-se a ele como alguém que "diz-se irmão" (v. 11). É óbvio que Paulo duvidava que uma pessoa regenerada pudesse viver tão isolentemente.

[2] É vergonhoso o fato de que os escândalos dos anos 80 tenham revelado pecado ainda maior na igreja professa do que na política secular. Ironicamente, entretanto, muitos crentes parecem mais dispostos do que o mundo a restaurar seus líderes desqualificados às posições de proeminência, violando o requisito fundamental de que o líder cristão seja irrepreensível (1 Tm 3.2,7,10; Tt 1.6).

I2

O Tesouro do Reino

Um amigo calvinista comentou certa vez que a igreja contemporânea geralmente falha não fazendo uma apresentação suficientemente clara do evangelho para que os não-eleitos o rejeitem. Ele tem certa razão. O evangelho veiculado nesta geração é um calmante açucarado, designado para tranquilizar os pecadores, mais do que para convertê-los. O evangelho segundo Jesus é exatamente o oposto. O Senhor frequentemente enxotou os interessados mais

entusiasmados. Já estudamos o seu desafio para o jovem rico, o qual não foi um episódio isolado em seu ministério evangelístico. Lucas 9.57-62, por exemplo, narra como Jesus dispensou três outros interessados "quentes". Pense, ainda, nas multidões que seguiam Jesus nos primeiros dias do seu ministério. Por que tantos desistiram (cf. Jo 6.66)? Porque Jesus fez exigências difíceis repetidamente. Ele ordenou aos que buscavam a vida eterna que negassem a si mesmos, abandonassem tudo e O seguissem. Ele nunca deu esperança de salvação a quem se recusava submeter-se ao seu senhorio soberano. Suas palavras às multidões, em Marcos 8.34-37, não poderiam ser mais diretas: "Se alguém quer vir após mim, a si mesmo se negue, tome a sua cruz e siga-me. Quem quiser, pois, salvar a sua vida, perdê-la-á; e quem perder a vida por causa de mim e do

evangelho, salvá-la-á. Que aproveita ao homem, ganhar o mundo inteiro e perder a sua alma? Que daria um homem em troca de sua alma?"

Alguns têm tentado amenizar essa exigência, interpretando-a como um chamado às pessoas salvas para que deem um passo a mais em seu cometimento.[1] Todavia, palavras semelhantes do Senhor, em João 12.24-25, tornam o significado da sua exigência inconfundível. O assunto explícito é a vida eterna e a salvação: "Em verdade, em verdade vos digo: Se o grão de trigo, caindo na terra, não morrer, fica ele só; mas se morrer, produz muito fruto. Quem ama a sua vida, perde-a; mas aquele que odeia a sua vida neste mundo, preserva-la-á para *a vida eterna"* (itálico meu). Odiar a própria vida por amor a Jesus não é um passo opcional no discipulado,

subsequente à conversão; é o próprio *sine qua non* da fé salvadora.

O Salvador apresentou o seu evangelho nesses termos, consistentemente. A fé, como Ele a caracterizou, é nada menos do que uma completa troca de tudo o que somos por tudo o que Ele é. Duas breves parábolas, em Mateus 13.44-46, ilustram exatamente esta verdade. Mostram o valor incomparável do reino dos céus e a entrega sacrificial exigida de cada pessoa que nele deseja entrar. "O reino dos céus é semelhante a um tesouro oculto no campo, o qual certo homem, tendo-o achado, escondeu. E, transbordante de alegria, vai, vende tudo o que tem, e compra aquele campo. O reino dos céus é também semelhante a um que negocia e procura boas pérolas; e tendo achado uma pérola de grande valor, vendeu tudo o que possuía, e a comprou". Ambas as

parábolas destacam o aspecto de que o pecador que compreende o valor incalculável das riquezas do reino abandonará alegremente tudo o que ama para obtê-las. A verdade paralela é também clara, por dedução: aqueles que se agarram aos seus tesouros terrestres perdem a riqueza muitíssimo maior do reino.

Alguns estudantes das Escrituras opõem-se a esta interpretação destas parábolas. Eles veem Jesus — não o pecador — como aquele que vende tudo para comprar o tesouro escondido ou a pérola. C. I. Scofield, por exemplo, escreveu que "a interpretação da parábola do tesouro, que faz do comprador do campo um pecador que está procurando Cristo, não encontra confirmação na própria parábola. O campo é declarado ser o mundo (v. 38). O pecador que busca não compra, mas abandona o mundo para ganhar a Cristo. Além

disso, o pecador não tem nada para vender; nem Cristo está à venda ou escondido em um campo; nem tendo encontrado Cristo, o pecador o esconde novamente (cf. Mc 7.24; At 4.20). Em todos os pontos a interpretação é falha. O campo é o mundo (v. 38) que comprado por nosso Senhor ao preço inestimável de Seu próprio sangue a fim de possuir um tesouro (1 Pe 1.18). Assim como Israel era o tesouro de Deus no período do V.T. "[2] Pelos mesmos motivos Scofield escreveu que "a verdadeira igreja é a pérola de grande preço".[3]

É difícil sermos dogmáticos quanto ao significado das parábolas que não foram especificamente explicadas pelo Senhor, mas eu rejeito esse ponto de vista por diversas razões. Primeira: *não* se diz que o campo, nesta parábola, seja o mundo. O versículo 38 ("o

campo é o mundo") aplica-se à parábola do joio. A semente ali semeada ilustra os filhos do reino. Contrastando, o campo na parábola do semeador representa um coração cultivado, e a semente é a Palavra. As figuras utilizadas não representam as mesmas coisas. Não se pode usar uma parábola para interpretar outra.

Segunda: Scofield rejeita a interpretação clássica destas parábolas porque tenta ver nelas mais do que realmente ensinam. O simbolismo utilizado numa parábola não deve ser levado a extremos. A maioria das parábolas traz uma lição principal; se formos alegorizar, esticar demais o simbolismo, ou se tentarmos extrair significados em detalhes secundários, inevitavelmente chegaremos a um ponto em que a ilustração entrará em contradição. Na verdade, analisando mais de perto a interpretação que Scofield propõe,

descobriremos que ela tem as suas próprias incoerências que maculam a doutrina da graça. Cristo não tropeçou acidentalmente sobre Israel, e nem encontrou a igreja após uma longa busca. Além do mais, o Senhor não comprou Israel e a igreja por serem tesouros de muito valor, dignos de um grande sacrifício. Israel e a igreja, como todos os pecadores, eram ruínas inúteis, antes de serem redimidos por Cristo (cf. 1 Co 1.26-29). Ele não descobriu neles coisas valiosíssimas para, depois, comprá-los. Pelo contrário, comprou o que nada valia e o tornou precioso!

Terceira, e mais importante: Jesus contou essas parábolas para revelar os mistérios do reino dos céus — não para explicar a expiação. Os intérpretes da Bíblia sabem que a interpretação mais simples e óbvia é a normalmente correta; e, neste caso, a

interpretação mais óbvia é que estas parábolas ilustram o reino dos céus como um tesouro de maior valor do que a soma total de todas as nossas posses. Essa interpretação está de acordo com tudo o que Jesus sempre ensinou sobre o caminho da salvação.[4] Se você não está convencido, compare estas parábolas com as palavras de Jesus ao jovem rico, em Marcos 10.21: "Vai, vende tudo o que tens, dá-o aos pobres, e terás um tesouro no céu". O paralelo é notável! O homem que vende tudo para comprar o tesouro figura aqueles que entram no reino dos céus.

O Tesouro Escondido

Era fato comum na Palestina que as pessoas escondessem valores em lugares secretos. Israel era uma terra de guerras. A história judaica está repleta de batalhas, cercos,

e conquistas aos exércitos inimigos que chegavam para roubar e saquear. Josefo, o historiador judeu do primeiro século, escreveu sobre "o ouro e a prata e o resto daquela mobília preciosíssima que tinham os judeus, os proprietários escondiam sob a terra, por causa dos destinos incertos da guerra".[5]

Não se nos diz na parábola de Mateus 13.44 como foi que o homem encontrou o tesouro. Talvez tivesse sido contratado pelo dono da terra para cultivá-la, ou talvez passasse casualmente pelo campo, tendo tropeçado numa parte do tesouro que estivesse descoberta, colocou-o imediatamente no lugar onde o achou. Vendeu, então, tudo o que tinha e comprou o campo para que o tesouro passasse a ser seu.

Faltou com a ética? Legalmente, será que o tesouro não pertencia ao dono da terra? Não. A

lei rabínica dizia que, se um homem encontrasse fruta ou dinheiro perdidos, seriam seus. Obviamente, este tesouro não pertencia ao dono do campo, pois ele tê-lo-ia escavado e tirado antes de vender a terra. Sem dúvida teria pertencido a algum antigo dono do campo, já morto. Poderia ter ficado ali por várias gerações até que foi descoberto. O homem que o descobriu tinha o direito de ficar com ele.

Na verdade, as atitudes deste homem comprovam a sua honestidade. Ele poderia ter simplesmente carregado o tesouro; qualquer um teria feito isso. Ou poderia ter tirado um pouquinho do tesouro, só o suficiente para comprar o campo. Em vez disso, vendeu tudo o que tinha e comprou todo o campo, de modo que ninguém poderia acusá-lo de haver obtido o tesouro inescrupulosamente.

Uma Pérola de Grande Valor

A parábola da pérola de grande valor em pouco difere da parábola do tesouro escondido (cf. Mt 13.45,46). Aqui nos deparamos com um mercador especializado em pérolas. Ao contrário do homem da parábola anterior, este não fez a sua descoberta por acidente.[6] A sua vida consistia em uma longa busca pelas melhores pérolas, que venderia, então, aos varejistas — até o dia em que encontrou a pérola que ele desejava mais do que qualquer outra coisa no mundo.

As pérolas eram as gemas mais caras, e os ricos adquiriam-nas como investimento. O Talmude fala de pérolas como que tendo valor incalculável. Os egípcios chegavam a adorá-las. Primeira Timóteo 2.9 fala de mulheres que exibiam a sua riqueza adornando os cabelos com pérolas. E quando Jesus alertou contra o

jogar-se pérolas aos porcos (Mt 7.6), Ele estabeleceu um contraste entre o mais inferior dos animais imundos e aquela que era considerada a jóia de maior valor. Até mesmo na profecia se ressalta o valor das pérolas: a visão que teve João da cidade celeste revelou portões que são pérolas gigantes (Ap 21.21).

Esse mercador era um perito em pérolas. Vivia de comprar e vender boas pérolas. Mas uma só pérola, valiosíssima, a melhor que já vira, fez brotar em seu coração uma tal paixão, que ele se dispôs a abrir mão de todos os seus bens para possuí-la.

Adquirindo o Reino

Ao narrar essas parábolas, o Senhor arrasou algumas pressuposições da mente dos seus ouvintes judeus. Eles criam que estavam destinados a ganhar entrada no reino de Deus

por causa de sua linhagem hereditária, da mesma maneira como haviam se tornado membros de suas tribos ou cidadãos da nação. Essas parábolas os exortavam a não contar com o reino do céus como algo já assegurado. Ninguém entra nele automaticamente. A afirmação básica, de ambas as parábolas, é que o reino dos céus destina-se tão-somente àqueles que reconhecem o seu valor imensurável e, então, dispõem-se a sacrificar tudo para possuí-lo. De nada adianta aninhar-se à sombra ou ser tocado pela influência do reino;[7] é preciso que se abrace o reino com inteireza de coração, com o zelo de alguém que alegremente abandona tudo para comprar um único tesouro, mais precioso do que qualquer outra coisa que se possa possuir.

A preciosidade do reino dos céus é inigualável — vida eterna e bênção sem fim. É

incorruptível, imaculada, inalterável e infinita. Seu valor excede muito ao dos tesouros mais ricos deste mundo ou às pérolas mais excelentes. Mesmo assim, a sua riqueza passa despercebida da maioria das pessoas. Tal como o tesouro oculto no campo, multidões passam por ela sem jamais notarem a sua presença. 1 Coríntios 2.14 reconhece que "o homem natural não aceita as coisas do Espírito de Deus, porque lhe são loucura; e não pode entendê-las porque elas se discernem espiritualmente". Este versículo vem depois de uma citação tirada do profeta Isaías: "Nem olhos viram, nem ouvidos ouviram, nem jamais penetrou em coração humano o que Deus tem preparado para aqueles que o amam" (1 Co 2.9).

Se essas coisas são loucura para a sabedoria humana, se estão ocultas à vista

humana, se não são ouvidas pelo ouvido humano, se são estranhas ao coração humano, como alguém pode perceber as realidades do reino? "Mas Deus no-lo revelou pelo Espírito" (1 Co 2.10). Deus abre os corações para que compreendam o valor inimaginável do tesouro de riquezas e bênçãos no seu reino.

Os que uma vez enxergam o valor do reino desistem alegremente de tudo o que têm para obtê-lo. Observe que o homem que achou o tesouro vendeu tudo o que tinha movido por pura *alegria* (Mt 13.44). Considerando suas riquezas recém-achadas, o sacrifício de tudo o que tinha nada era. A renúncia a todas as suas posses era um preço pago com alegria em troca de uma riqueza assim imensa.

Assim é com a salvação. Para a mente não regenerada, a ideia de submeter tudo a Jesus é ridícula. Mas, o coração que crê rende-se ao

Senhor com grande alegria. A libertação gloriosa do pecado e as bênçãos infindas da vida eterna sobrepujam em muito o custo da submissão à autoridade divina.

Paulo é uma ilustração excelente de alguém que compreendeu a alegria de desistir de tudo em troca de um ganho maior. Em Filipenses 3.7,8, escreve: “Mas o que para mim era lucro, isto considerei perda por causa de Cristo. Sim, deveras considero tudo como perda, por causa da sublimidade do conhecimento de Cristo Jesus meu Senhor: por amor do qual, perdi todas as coisas e as considero como refugo, para ganhar a Cristo”. Comparado ao rico tesouro de conhecer a Cristo, tudo o mais, na vida de Paulo, ele considerou como refugo.

Esse homem está comprando um tesouro. Ele venderá tudo o que tem para poder

consegui-lo. Sua herança, sua autojustiça, seu dinheiro, sua educação e todas as suas posses mais preciosas não têm valor algum comparadas à riqueza que irá obter. Ele se alegra em desistir de tudo pelo reino. A fé salvadora é assim.

O Custo Real da Salvação

Será que precisamos literalmente vender tudo e fazer um voto de pobreza para podermos ser salvos? Não. Essas parábolas também não ensinam que os pecadores têm de livrar-se dos seus pecados antes de vir a Jesus. O que elas *realmente* ensinam é que a fé salvadora não se apega a privilégio algum. Ela não mantém pecados prediletos, não entesoura possessões, não faz auto-indulgências secretas. A fé salvadora é uma rendição incondicional, uma disposição para fazer o que quer que seja

que o Senhor mandar.

Na verdade, a vida eterna é um dom gratuito (Rm 6.23). A salvação não pode ser alcançada através de boas obras, nem comprada com dinheiro. Ela foi comprada por Cristo, que pagou o resgate com o seu sangue. Mas isto não significa que não haja um custo no que toca ao impacto da salvação sobre a vida do pecador. Pode parecer difícil este paradoxo, mas nem por isso ele deixa de ser verdadeiro — a salvação é, ao mesmo tempo, gratuita e caríssima. A vida eterna causa a imediata morte do ego. "Sabendo isto, que foi crucificado com ele o nosso velho homem, para que o corpo do pecado seja destruído, e não sirvamos o pecado como escravos" (Rm 6.6)

Assim, num certo sentido, pagamos o preço máximo pela salvação quando o nosso

ego é pregado à cruz. Trata-se de um abandono total da vontade própria, como o grão de trigo que cai na terra e morre para que possa dar muito fruto (cf. Jo 12.24). Trata-se de uma troca de tudo o que somos por tudo o que Cristo é. E isso denota obediência implícita, total submissão ao senhorio de Cristo. Nada menos do que isso pode ser considerado fé salvadora. Geerhardus Vos expressa este princípio quando escreve que "Jesus exige dos seus discípulos a renúncia a todos os laços e possessões terrenas que possam competir com o supremo controle de Deus sobre suas vidas (Mt 10.39; 16.25; Lucas 14.25-35) A ideia central é que o apego íntimo da alma a essas coisas, como se fossem o seu bem mais valioso, tem de ser, em princípio, destruído, a fim de que o Senhor tome o lugar que lhes pertenceu até então".[8]

E óbvio que um recém-convertido não compreende completamente todas as implicações do senhorio de Jesus no momento em que se converte. Porém, o verdadeiro crente tem a disposição para submeter-se. É isso que distingue a fé genuína de uma falsa profissão de fé. A verdadeira fé é uma obediência humilde e submissa. À medida que se desenvolve o entendimento espiritual, essa obediência se aprofunda, e o crente verdadeiro demonstra avidez por agradar a Jesus, sujeitando tudo ao seu senhorio. Esse desejo de render-se à autoridade divina é a força motora do coração de todo verdadeiro filho do reino. É a manifestação inevitável da nova natureza.

Calculando o Custo

Estas parábolas são um alerta claro àqueles que se dispõem a seguir a Jesus sem calcular o

quanto isso custa. O Senhor aconselhou às frívolas multidões que calculassem o custo cuidadosamente, antes de O seguirem (Lucas 14.28-31). Longe de acatar o entusiasmo das massas não-comprometidas, Jesus procurou somente aqueles que estavam dispostos a investir no seu reino tudo o que possuíam.

Investidores sábios geralmente não concentram todo o seu dinheiro num único investimento. Mas foi exatamente isso o que ambos os homens destas parábolas fizeram. O primeiro vendeu tudo e comprou um campo; o segundo vendeu tudo e comprou uma pérola. Mas eles haviam calculado o preço, sabiam que a sua compra valia o maior investimento. Novamente, esta é uma figura perfeita do que é a fé salvadora. Quem realmente crê em Cristo não faz duplos investimentos. Tendo pleno conhecimento do custo do discipulado, o

crente verdadeiro assume o compromisso e entrega tudo por Cristo.

Moisés calculou o custo. As Escrituras nos dizem que ele "considerou o opróbrio de Cristo por maiores riquezas do que os tesouros do Egito, porque contemplava o galardão" (Hb 11.26). Ele abandonou riquezas fantásticas do mundo para sofrer por amor a Cristo. Aos egípcios da corte de faraó deve ter parecido que ele trocou riquezas por desgraça. Contudo, Moisés sabia que estava, em verdade, trocando o Egito por uma recompensa celestial. Ele abandonou incríveis riquezas sem pensar duas vezes, porque compreendeu o valor incalculável do reino dos céus.

Era esse tipo de submissão totalmente incondicional que o Senhor Jesus buscava. O desejo de ter a Cristo a qualquer preço. Rendição absoluta. Uma completa substituição

do ego pelo Salvador. Esta é a única atitude que poderá abrir as portas do reino. Vista pelos olhos deste mundo, trata-se do maior preço que alguém poderia pagar. Porém, sob a perspectiva do reino, na verdade não é sacrifício algum.

---

[1] Cf. Zane C. Hodges, *The Hungry Inherit* (Portland: Multnomah, 1980). pp. 77-91.

[2] A Bíblia Scofield (Imprensa Batista Regular do Brasil, 1983), p. 968.

[3] Ibid.

[4] J. C. Macaulay, apesar de interpretar estas parábolas ao modo de Scofield, faz esta excelente observação: "apesar de que 'o dom de Deus é a vida eterna', a entrada no reino dos céus custa caro, razão pela qual o próprio Cristo nos adverte a calcular o custo, acrescentando: 'todo aquele que dentre vós não renuncia a tudo quanto tem, não pode ser meu discípulo' (Lc 14.28-33). Seja o que mais for que a parábola do tesouro escondido tenha para nos ensinar, é certo que ela nos relembra que há um preço para se entrar no reino de Deus; mas, como vale a pena!" *Behold Your King* (Chicago: Moody, 1982), p. 114.

[5] Citado por William Barclay, *The Gospel of Matthew,* vol. 2 (Philadelphia: Westminster, 1958), pp. 93-94.

[6] Alguns tropeçam no reino como que por acidente,

como o homem que achou o tesouro. Outros, descobrem-no somente após uma busca diligente, como o que comprou a pérola. Mas, em ambos os casos, uma vez contemplado o seu valor, há o desejo de sacrificar tudo para adquiri-lo.

[7] Cf. Mateus 13.31-35. Este era o argumento das parábolas do grão de mostarda e do fermento.

[8] Geerhardus Vos, *The Kingdom of God and the Church* (Nutley, NJ: Presbyterian and Reformed, 1972), p. 94.

I3

Os Primeiros e os Últimos

Ao final de *O Peregrino,* João Bunyan observa que existe uma entrada para o inferno mesmo junto às portas do céu. Judas é uma prova disso. Na noite em que traiu a Cristo com um beijo, ele saiu da presença de Jesus para sempre e selou a sua ruína eterna. Quem poderá contar quantos, à semelhança de Judas, chegaram ao ponto de conhecer a verdade e professar fé em Jesus, somente para perderem completamente o céu porque recusaram-se a submeter o controle de suas

vidas? Num certo sentido, sua entrada no inferno deu-se às portas do céu.

Todavia, há também uma realidade contrastante geralmente ilustrada no ministério terreno do Senhor Jesus. E esta é que o pior pecador pode ser conduzido ao céu, estando no próprio portal do inferno. Publicanos, prostitutas, ladrões e miseráveis, todos encontraram em Jesus um Salvador que lhes deu vida abundante e eterna em troca dos farrapos de suas vidas desperdiçadas. Ele veio buscar e salvar o perdido, e tinha prazer em arrebatá-los do fogo. Ninguém, não importava quão desgastado estivesse pelo pecado, estava além do alcance do seu poder redentor. Ele fez o que ninguém mais poderia fazer por eles. Expulsou legiões de teimosos espíritos imundos de um possesso (Lc 8.26-35), tocou e purificou os corpos destruídos de leprosos (Mt

8.1-3). Ia ao encontro dessas pessoas e, por sua vez, elas eram atraídas a Ele, buscando a salvação. Sempre as salvou completamente (cf. Hb 7.25). Todo o pecador arrependido que, pela fé, rendeu-se a Jesus, recebeu salvação completa. Um influente líder religioso dos judeus (Jo 3.1-16) não foi preferido em relação a uma samaritana adúltera (Jo 4.7-29); e o Senhor fez de ambos discípulos: tanto um israelita como Natanael, em quem não havia dolo (Jo 1.47), quanto de um desonesto cobrador de impostos como Levi (Mt 9.9).

É assim que se processa a salvação. Todos os redimidos recebem a mesma vida eterna, não importando se são velhos ou jovens, pessoas respeitáveis ou desprezíveis, fariseus ou publicanos. Ninguém que vem a Jesus é preterido ou desprezado por causa do seu passado. A mesma vida eterna é oferecida a

todos.

A verdade que precisamos aprender é que a fé salvadora constitui-se numa troca de tudo o que somos por tudo o que é Jesus. Precisamos compreender que isso não significa que temos de comprar a vida eterna. Não compramos a salvação ao rendermos nossas vidas. E nem o dom da vida eterna nos é dado em proporção à qualidade ou à extensão de nossa submissão. Todo o que entrega tudo a Jesus, recebe tudo o que Ele tem para dar. Jesus contou uma parábola em Mateus 20. 1-16 que ilustra este fato:

> *Porque o reino dos céus é semelhante a um dono de casa que saiu de madrugada para assalariar trabalhadores para a sua vinha. E, tendo ajustado com os trabalhadores a um denário por dia, mandou-os para a vinha. Saindo pela terceira hora viu, na praça, outros que estavam desocupados, e disse-lhes:*

Ide vós também para a vinha, e vos darei o que for justo. Eles foram. Tendo saído outra vez perto da hora sexta e da nona, procedeu da mesma forma, e, saindo por volta da hora undécima, encontrou outros que estavam desocupados, e perguntou-lhes: Por que estivestes aqui desocupados o dia todo? Responderam-lhe: Porque ninguém nos contratou. Então lhes disse ele: Ide também vós para a vinha. Ao cair da tarde, disse o senhor da vinha ao seu administrador: Chama os trabalhadores e paga-lhes o salário, começando pelos últimos, indo até aos primeiros. Vindo os da hora undécima, recebeu cada um deles um denário. Ao chegarem os primeiros, pensaram que receberiam mais; porém, também estes receberam um denário cada um. Mas, tendo-o recebido, murmuravam contra o dono da casa, dizendo: Estes últimos trabalharam apenas uma hora; contudo os igualaste a nós que suportamos a fadiga e o calor do dia. Mas o proprietário, respondendo, disse a um deles: Amigo, não te faço injustiça; não combinaste comigo um denário? Toma o que é teu, e vai-te; pois quero dar a este último, tanto quanto a ti. Porventura não me é lícito fazer o que quero do que é meu? Ou são maus os teus olhos porque eu sou bom? Assim, os últimos serão primeiros, e os primeiros serão últimos.

À semelhança de outras parábolas que já examinamos, esta aqui também trata do reino dos céus. Lembre-se de que esta é uma lição espiritual, e não uma aula sobre justiça trabalhista.

Jesus está descrevendo como operam as coisas na esfera onde Deus governa pela graça, o reino — agora um mistério — onde Cristo domina e reina. O contexto oferece-nos uma pista importante para compreendermos o seu significado.

Voltando ao último versículo de Mateus 19, descobrimos que esta parábola é um parênteses ao ensino de que "muitos primeiros serão últimos; e os últimos, primeiros" (19.30). Torna-se claro que a parábola foi contada para ilustrar esse pensamento. Qual o seu significado? Trata-se de um enigma em forma de provérbio. Como pode o que termina

primeiro ser o último e vice-versa? Tal só é possível se o último e o primeiro forem os mesmos. Numa corrida, chamaríamos isso de empate. Ninguém fica na frente, e ninguém fica atrás, de maneira que o último fica em primeiro e o primeiro em último. Todos atingem a linha de chegada absolutamente juntos.

Esta é exatamente a questão salientada nesta parábola. O proprietário da terra saiu bem cedo para contratar trabalhadores para a sua vinha. Contratou alguns para trabalharem a um denário por dia. Voltou à praça outras quatro vezes naquele dia — às nove horas, ao meio-dia, às três da tarde e, novamente, às cinco da tarde — para contratar mais trabalhadores. Ao cair da tarde, sendo hora de pagar o dia dos trabalhadores, todos receberam a mesma quantia, independentemente do

número de horas que cada um trabalhou.

A Questão da Justiça

Os trabalhadores que labutaram o dia inteiro sentiram-se injustiçados. Mas o proprietário não foi injusto com eles; antes, foi generoso para com aqueles que trabalharam menos tempo. Um denário por dia era um bom salário — o equivalente ao salário pago a um soldado por um dia de trabalho. Ninguém tinha motivo para reclamar; todos receberam exatamente aquilo que havia sido combinado: um denário por dia (v. 2). Haviam trabalhado sob esse trato, que era mais do que justo. O problema nada tinha a ver com o modo pelo qual foram tratados, mas com o fato de que esses trabalhadores não podiam aceitar a felicidade dos outros. Sentiam inveja.

Como é fácil, do ponto de vista humano,

condoermo-nos dos que trabalharam o dia inteiro! Existe algo dentro de todos nós que não pode aceitar a desigualdade: alguém receber um dinheiro extra sem que todos o recebam. Fomos condicionados a pensar que a desigualdade é sempre injustiça. Todavia, às vezes, um tratamento desigual é uma expressão de generosidade, e este era, sem dúvida, o caso, na parábola. O dono da vinha repreendeu aqueles homens por sua inveja: "São maus os teus olhos porque eu sou bom?" (Mt 20.15).

O mal não estava na liberalidade do patrão, mas na inveja dos trabalhadores. Não podiam aceitar a ideia de que alguém recebesse o mesmo que eles sem trabalhar tanto quanto eles. E, em vez de se regozijarem, murmuraram.

A Questão da Igualdade

Qual o aspecto espiritual salientado nesta parábola? Qual a sua relação com o reino? Não é difícil descobrir. Deus é o dono da vinha. A vinha é o reino dos céus — o domínio de Deus, a esfera da salvação. Os trabalhadores são aqueles que entram no reino e no serviço do Rei. O dia de trabalho representa o período da vida de uma pessoa. O cair da tarde é a entrada na eternidade, e o denário é a vida eterna. O que Jesus ensina nesta parábola é que todos os que entram no reino herdam a vida eterna, não importando se serviram a Deus durante muitos anos ou se foram salvos em sua última hora de vida nesta terra. A extensão do serviço não entra em questão, e nem importa se as circunstâncias de sua vida foram difíceis ou suaves. Todos os que entram no reino obtém a vida eterna, sem exceção. O reino dos céus não

é um sistema de méritos. A vida eterna não nos é dispensada em função do quão fielmente vivemos neste mundo. Trata-se de um dom absoluto da graça de Deus.

Alguns servem a Cristo durante a vida inteira. Outros desperdiçam suas vidas, voltando-se para o Senhor apenas em seu leito de morte. Para ambos os casos, a vida eterna é a mesma. Alguém que se converte à hora da morte herda as mesmas glórias da existência eterna que um apóstolo. E isto não é injusto, pois a salvação não é merecida por qualquer de nós. O Pai decide alegremente dar-nos toda a plenitude do reino (cf. Lc 12.32).

Tenho um amigo pastor descendente de judeus que orou por sua mãe e testemunhou para ela desde o dia de sua conversão, mas ela rejeitou firmemente a Jesus como Messias, até o fim. Em sua última semana de vida, porém, ele

falou-lhe do evangelho mais uma vez e ela recebeu Jesus como Senhor e Messias. Meu amigo tem, hoje, a certeza maravilhosa de que ela herdou a mesma salvação que ele. Passarão a eternidade juntos no reino. Há imparcialidade nisso? Talvez não, mas há demonstração da graça maravilhosa de um Deus de amor.

Quando Jesus dispensou o jovem rico, em Mateus 19, Pedro voltou-se para Jesus e disse-Lhe: "Eis que nós tudo deixamos e te seguimos: que será, pois, de nós?" (Mt 19.27). Noutras palavras: "Começamos a trabalhar às seis da manhã. Fomos os primeiros, e tornamo-nos membros vitalícios a um grande custo. Qual será a nossa recompensa?" A parábola dos trabalhadores na vinha é uma resposta a essa pergunta. Os discípulos não tinham muita clareza quanto ao prêmio que receberiam por

terem seguido Jesus. Creio que alguns ainda pensassem que, a qualquer momento, o Senhor expulsaria as iníquas forças políticas e estabeleceria um reino terrestre, visível. Talvez pensassem que se lhes dariam poderes especiais para gerirem os principais imóveis. Mesmo após a ressurreição de Jesus, perguntaram-Lhe: "Senhor, será este o tempo em que restaures o reino a Israel?" (At 1.6) — [Chegou a hora de recebermos nossos tronos e coroas?]

Logo depois de contar esta parábola Jesus predisse a sua morte (Mt 20.17-19). Os versículos seguintes narram como a mãe de Tiago e João rogou-Lhe que desse aos seus filhos tronos especiais, no reino, à direita e à esquerda do Senhor. Ainda não haviam compreendido a mensagem.

Não se conquista um lugar no reino. Este é

dado por Deus sem que se considere quanto se trabalhou ou a intensidade do calor do dia. No reino haverá publicanos, prostitutas, mendigos e cegos. Haverá apóstolos, mártires e pessoas que serviram a Deus durante a vida inteira. Mas haverá também homens que se converteram dentro de trincheiras, pouco antes de serem levados para a eternidade pela explosão de um morteiro. Todos herdam a mesma bênção e mesma vida eterna, não porque as tenham conquistado, mas porque Deus é gracioso.

As epístolas referem-se a diferentes galardões, mas este não é o ponto salientado nesta parábola. A questão aqui é a da igualdade na salvação. Em Cristo "não pode haver judeu nem grego; nem escravo nem liberto; nem homem nem mulher"; porque todos vós sois um em Cristo Jesus" (Gl 3.28). Os últimos são

os primeiros, e os primeiros, últimos.

A Natureza da Salvação

Não posso deixar de mencionar diversas verdades óbvias sobre a salvação que fluem desta parábola. Mesmo compreendendo que os detalhes secundários de uma parábola não formam por si mesmos base definitiva sobre a qual podemos fundamentar uma doutrina, vejo nesta parábola apoio para princípios importantes que as Escrituras apresentam noutras passagens.

Primeiro, é Deus quem, soberanamente, toma a iniciativa da salvação. Tal como o proprietário que saiu à procura de trabalhadores para a sua vinha, é Deus quem inicia a salvação. É Ele quem procura e salva, e é Ele que traz pecadores ao seu reino. Embora as pessoas tenham de decidir seguir a Cristo,

em última análise, a salvação não é uma decisão humana. Deus é o Autor e o Consumador da nossa fé (cf. Hb 12.2). Nós O amamos porque Ele nos amou primeiro (cf. 1 Jo 4.19). Assim, não temos o menor direito de exigir o que desejamos receber. Se Ele nos buscou cedo e nós O servimos durante toda a nossa vida, essa escolha foi sua. Se Ele nos buscou tarde, e nós O servimos por um breve período, essa escolha também foi dEle.

Segundo, Deus estabelece as condições da salvação. O proprietário disse aos que contratou logo cedo que lhes daria um denário. Ele determinou o preço; eles concordaram. Os que vieram mais tarde não fizeram qualquer contrato. O senhor disse: "vos darei o que for justo" (Mt 20.4). Aceitaram esse trato. O jovem rico não o aceitou. Jesus estabeleceu o preço da vida eterna, mas ele recusou os termos

estabelecidos pelo Senhor. Os que mais precisam são os que menos procuram impor os seus próprios termos.

Terceiro, Deus continua a chamar pessoas para o reino. O proprietário voltou à praça diversas vezes para chamar trabalhadores para a vinha. Da mesma forma, Deus não pára de solicitar obreiros para o reino. Jesus disse, em João 9.4: "É necessário que façamos as obras daquele que me enviou, enquanto é dia; a noite vem, quando ninguém pode trabalhar". Ainda que a noite do Juízo esteja se aproximando rapidamente, Ele continua chamando-nos ao trabalho.

Quarto, todos os que Deus redime desejam trabalhar para Ele. Os homens da parábola estavam à procura de trabalho, é por isso que foram para a praça. Todos os que foram à vinha trabalharam. Alguns trabalharam apenas

durante a última hora, e outros trabalharam o dia todo; porém, todos trabalharam. O caminho da salvação é assim. A fé se evidencia pelas obras (Tg 2.24).

Vejo aqui um quinto princípio: Deus é compassivo para com aquele que reconhece a sua própria necessidade. Os homens estavam esperando na praça porque tinham uma necessidade. Quando o proprietário perguntou a razão de terem ficado desocupados, sua resposta foi: "Porque ninguém nos contratou" (Mt 20.7). Eles estavam em tal desespero por conseguir trabalho que ficaram na praça o dia todo. Uma sensação semelhante de pobreza e desespero total é uma das características da fé salvadora (Mt 5.3,6). O Senhor chama para o seu reino aqueles que reconhecem a sua necessidade pessoal, não os satisfeitos e auto-suficientes.

Sexto, Deus cumpre a sua promessa. O proprietário pagou exatamente o que prometera. Ninguém recebeu menos do que foi prometido.

Finalmente, Deus inevitavelmente dá o que promete, mas Ele também sempre dá mais do que merecemos. A salvação é graça absoluta. Ninguém merece a vida eterna, mas Deus a dá igualmente a todos os que creem. Deus nos salva "não por obras de justiça praticadas por nós, mas segundo sua misericórdia" (Tt 3.5).

Não há lugar para inveja no reino. A única atitude correta é humildade total. Tudo que recebemos de Deus é bênção imerecida. Quanto tempo ou quão bem trabalhamos, nada tem a ver com o nosso lugar no reino, pois todos receberão de Deus muito além do que merecem. Jamais devemos murmurar porque o

novilho cevado foi morto para outra pessoa, e nem estar ressentidos porque o céu será igualmente maravilhoso para aqueles que entram no reino tardiamente. A graça de Deus é abundante para todos nós.

Uma Figura da Graça

Em seu registro da morte do Salvador, Lucas inclui um relato todo especial, que não é encontrado nos demais evangelhos. Trata-se da narração de como Jesus, pendendo da cruz em agonia, carregando os pecados do mundo, ainda assim voltou-se para resgatar da perdição eterna um único criminoso condenado. O ladrão era um malfeitor profissional, e a lei romana o condenara a morrer na cruz. A graça soberana o colocou no mesmo monte em que estava o Salvador, onde pôde ver o Senhor da glória morrer pelos pecados do mundo.

Nas primeiras horas da crucificação havia dois ladrões, um de cada lado de Jesus, ambos juntando arrogantemente seus motejos à zombaria da multidão (Mt 27.44; Mc 15.32). Porém antes que um desses ladrões morresse, a sua zombaria transformou-se numa confissão de sua culpa pessoal e da inocência de Jesus. "Nós na verdade com justiça, porque recebemos o castigo que os nossos atos merecem; mas este nenhum mal fez" (Lc 23.41). Então, voltando-se para o Senhor, acrescentou: "Jesus, lembra-te de mim quando vieres no teu reino" (Lc 23.42).

A resposta dada ao ladrão foi a promessa mais gloriosa que um pecador moribundo jamais recebera: "Em verdade te digo que hoje estarás comigo no paraíso" (Lc 23.43). Até onde sabemos, estas foram as únicas palavras que Jesus falou àquele homem. Não houve

qualquer pré-evangelização verbal, nenhuma mensagem em quatro passos, nenhum apelo de qualquer tipo. Mas, vendo o Salvador imaculado morrer, a fé foi despertada no coração daquele ladrão. Sua conversão, ainda que tenha ocorrido à hora em que passava para a eternidade, não foi menos verdadeira do que a do apóstolo Paulo. O ladrão recebeu a mesma vida eterna, embora toda a sua vida terrena tenha sido desperdiçada no crime e desobediência. No momento em que o arrependimento forjou a fé, o Salvador o recebeu no reino.[1]

Haverá muitos no céu que foram mais fiéis, que trabalharam mais e suportaram um stress maior e por mais tempo do que aquele ladrão. Mesmo assim, pela graça de Deus, foi-lhe assegurado um lugar na presença eterna de Jesus.

Quando se trata de entrar no céu, um ladrão não leva qualquer vantagem sobre um fariseu. Um pescador não estará em melhor ou pior situação do que um coletor de impostos. Os primeiros chegam em último e os últimos em primeiro e, no final, todos desfrutam ao máximo a plenitude da vida eterna.

---

[1] Observe que, ainda que o ladrão tenha sido salvo nos momentos finais de sua vida terrena, sua fé apresentou todas as marcas de autenticidade. O arrependimento causou uma transformação dramática no seu comportamento; ele passou de zombador a defensor de Cristo. O fato de admitir a sua culpa pessoal, de aceitar como justa a sua crucificação, e o reconhecimento de que Jesus não tinha culpa (Lc 23.41), mostram que ele esqueceu de si mesmo e rendeu-se a Cristo. É provável que soubesse muito pouco a respeito dos *fatos* do evangelho, mas abraçou a Cristo como Senhor, de todo o coração.

I4

Os Perdidos e Achados

A salvação de uma alma não é a transação antiquada que geralmente pensamos que seja. A redenção não é uma questão de contabilidade divina, em que Deus anota em seus livros quem está dentro e quem está fora. Deus chora pelos perdidos e regozija-se quando alguém é salvo. A sua dor é profunda por causa da condição de perdição da humanidade, e a sua alegria é completa quando um pecador se arrepende.

O Senhor Jesus Cristo contou uma série de

parábolas, registradas em Lucas 15, que revelam a compaixão do Pai Celeste pelos pecadores perdidos e o seu regozijo pela salvação deles. Ainda que duas dentre estas três parábolas não tratem diretamente da questão da rendição ao senhorio de Jesus, do arrependimento, da fé ou de qualquer outro aspecto humano da salvação, eu as incluo porque ensinam uma verdade fundamental do evangelho segundo Jesus. Juntas, as três parábolas nos dão uma mostra do coração de um Deus amoroso, que busca almas perdidas e "é longânimo... não querendo que nenhum pereça, senão que todos cheguem ao arrependimento" (2 Pe 3.9).

O cenário de Lucas 15 é bem conhecido. "Aproximavam-se de Jesus todos os publicanos e pecadores para o ouvir. E murmuravam os fariseus e os escribas, dizendo: Este recebe

pecadores e come com eles" (Lc 15.1,2). O tempo do verbo grego no versículo 1 (aproximavam-se) dá a ideia de ação contínua, mostrando que os publicanos e pecadores habitualmente iam a Jesus. Onde quer que Ele fosse, um grupo de indesejáveis reunia-se à sua volta. Eram publicanos, criminosos, ladrões, assassinos, prostitutas e outros do mesmo tipo, que de forma alguma esforçavam-se por viver de acordo com os padrões da lei judaica.

Como já vimos, isso incomodava bastante os orgulhosos fariseus. Eles viviam tão perdidamente preocupados com os detalhes da lei que não tinham tempo para se interessar pelos pecadores. E nem podiam suportar um Messias que era popular entre os rejeitados pela sociedade e, ao mesmo tempo, criticava as tradições rabínicas.

Jesus, conhecendo o coração dos fariseus,

censurou-os por meio de três parábolas que contrastavam a sua atitude de autojustiça com a doce compaixão do Pai para com os perdidos. Estas três parábolas salientam que o Pai não assiste passivamente as pessoas irem para o inferno. Ele não se alegra na destruição dos perversos. Em vez disso, Ele os ama, busca e deseja que sejam salvos. E se rejubila na salvação ainda que de um só pecador.

As Cem Ovelhas

A primeira parábola (Lc 15.4-6) segue um tema pastoral: "Qual, dentre vós, é o homem que, possuindo cem ovelhas e perdendo uma delas, não deixa no deserto as noventa e nove e vai em busca da que se perdeu, até encontrá-la? Achando-a, põe-na sobre os ombros, cheio de júbilo. E, indo para casa, reúne os amigos e vizinhos, dizendo-lhes: Alegrai-vos comigo,

porque já achei a minha ovelha perdida".

A frase "qual dentre vós" (v. 4) indica que o comportamento compassivo que Ele descreve seria esperado até mesmo da parte de um simples criador de ovelhas. Nenhum pastor digno desse nome ficaria contente com noventa e nove ovelhas se o seu rebanho se constituísse de cem. Ele deixaria as noventa e nove em segurança no aprisco e sairia à procura da perdida. Para muitos pastores, isto não era apenas uma questão de dever, era também uma questão de amor pelas ovelhas. Cada ovelha era conhecida do pastor pelo nome (cf. Jo 10.3). A cada noite, ao voltarem para o aprisco, ele as contava e examinava. Se faltasse uma, saía noite adentro a sua procura.

Quando o pastor da parábola encontrou a ovelha perdida, carregou-a sobre os ombros — com o ventre da ovelha por sobre o seu

pescoço, e as pernas confortavelmente encostadas ao seu peito. E convocou os amigos e vizinhos para comemorarem o resgate. O ponto principal desta parábola é a alegria do pastor pela salvação da ovelha. O fato de chamar os amigos para comemorar demonstra-nos a incrível profundidade da sua alegria. Não se tratava de algo que pudesse celebrar sozinho. Ele não poderia simplesmente regozijar-se em silencio, no íntimo. Sua alegria era abundante e transbordante; ele simplesmente tinha de partilhá-la com outros.

A lição que Jesus quer ensinar está no versículo 7: “Digo-vos que assim haverá maior júbilo no céu por um pecador que se arrepende, do que por noventa e nove justos que não necessitam de arrependimento”. Ou seja, quando um pecador se arrepende, Deus realiza uma festa no céu. Ele é o Pastor que

busca, cujo desejo é salvar a ovelha perdida. Deus não está meramente contabilizando transações, riscando um tracinho a mais cada vez que alguém é salvo. Ele anseia tanto pelas almas perdidas que sai à sua procura. E quando a ovelha teimosa é trazida ao aprisco, o céu mal dá para conter o seu regozijo. Isto nos mostra o anseio do coração de Deus.

As Dez Dracmas

A segunda parábola (Lc 15.8-10) salienta a mesma questão, fazendo uso de uma metáfora diferente: "Ou qual é a mulher que, tendo dez dracmas, se perder uma, não acende a candeia, varre a casa e a procura diligentemente até encontrá-la? E, tendo-a achado, reúne as amigas e vizinhas, dizendo: Alegrai-vos comigo, porque achei a dracma que eu tinha perdido".

As dracmas, ou os denários eram moedas de prata. Um denário equivalia a um dia inteiro de trabalho. Temos como exemplo disso o salário que o agricultor pagou aos trabalhadores, na parábola de Mateus 20. Esta mulher perdeu uma de suas dez moedas. Acendeu a candeia, varreu a casa e procurou até que encontrou a moeda que faltava. Quando achou, sua alegria foi tão grande quanto a do pastor. Como ele, chamou um grupo de amigas e vizinhas para participarem da sua alegria. Ela não podia ocultar a alegria do seu coração.

O ponto principal desta parábola é o mesmo que da anterior: “Eu vos afirmo que, de igual modo, há júbilo diante dos anjos de Deus por um pecador que se arrepende” (v. 10). O que mais profundamente toca o coração de Deus é a salvação daqueles a quem ele

procura e leva ao arrependimento. Observe que o versículo 10 fala de "júbilo diante dos anjos". Não diz que os anjos estavam jubilosos. De quem é o júbilo? É do Deus Triúno, patente na presença dos santos anjos. É claro que os anjos participam do regozijo, mas a ênfase em ambas as parábolas é dada à alegria *de Deus*.

Fossem estudantes diligentes das Escrituras, os fariseus teriam compreendido melhor esta faceta do caráter de Deus. O próprio Velho Testamento O revelava como um Deus de compaixão. Diz Ezequiel 33.11: "Tão certo como eu vivo, diz o SENHOR Deus, não tenho prazer na morte do perverso". Isaías 62.5, diz: "como o noivo se alegra da noiva, assim de ti se alegrará o teu Deus". Isto é exatamente o que estas parábolas tipificam. Trata-se de alegria incontida, pura felicidade, júbilo irreprimível. É assim que Deus vê a

salvação de uma alma.

Os Dois Filhos

A mais bela das três parábolas de Lucas 15 começa no versículo 11, indo até o 32. A estória do filho pródigo talvez seja a mais conhecida de todas as parábolas:

> *Certo homem tinha dois filhos; o mais moço deles disse ao pai: Pai, dá-me a parte que me cabe dos bens. E ele lhes repartiu os haveres. Passados não muitos dias, o filho mais moço, ajuntando tudo o que era seu, partiu para uma terra distante, e lá dissipou todos os seus bens, vivendo dissolutamente. Depois de ter consumido tudo, sobreveio àquele país uma grande fome, e ele começou a passar necessidade. Então ele foi e se agregou a um dos cidadãos daquela terra, e este o mandou para os seus campos a guardar porcos. Ali desejava ele fartar-se das alfarrobas que os porcos comiam; mas ninguém lhe dava nada. Então, caindo em si, disse: Quantos trabalhadores de meu pai têm pão com fartura, e eu aqui morro de fome! Levantar-me-ei e*

irei ter com meu pai e lhe direi: Pai, pequei contra o céu e diante de ti; já não sou digno de ser chamado teu filho; trata-me como um dos teus trabalhadores. E, levantando-se, foi para seu pai. Vinha ele ainda longe, quando seu pai o avistou e, compadecido dele, correndo, o abraçou e beijou. E o filho lhe disse: Pai, pequei contra o céu e diante de ti; já não sou digno de ser chamado teu filho. O pai, porém, disse aos seus servos: trazei depressa a melhor roupa; vesti-o, ponde-lhe um anel no dedo e sandálias nos pés; trazei também e matai o novilho cevado. Comamos e regozijemo-nos, porque este meu filho estava morto e reviveu, estava perdido e foi achado. E começaram a regozijar-se.

Apesar desta parábola entrar em inúmeros detalhes não mencionados nas duas anteriores, o seu ensino é exatamente o mesmo. O pai amoroso é Deus, que Se regozija com a volta de seu filho perdido ao lar.

Esta primeira metade da parábola ressalta o comportamento vil do filho mais novo. Na cultura judaica, um filho pedir ao pai que lhe

desse sua herança antes do tempo era algo totalmente estranho. Até mesmo em nossa cultura isso seria considerado uma grosseria. Um filho exigir do pai a sua herança equivalia a dizer que o seu desejo era que o seu pai estivesse morto. Surpreende-nos o fato de que o pai não tenha recusado o pedido e punido o filho, mas tenha sido gracioso, dando aos dois filhos a parte que lhes cabia dos bens da família (v. 12). Tratava-se de um pai amoroso. Ainda que o seu coração se tenha indubitavelmente partido diante do pedido do filho, deu-lhe o que solicitou. Seu grande temor deve ter sido de que o impetuoso rapaz dissipasse tudo.

Exatamente o que aconteceu. O filho foi para uma terra distante, consumiu o dinheiro através de uma vida de pecado, e acabou numa tal miséria que teve de tratar porcos para

sobreviver. Que vida! Sentia tanta fome que desejava comer lavagem. Quase a morrer de fome, alimentando-se do que os porcos comiam, e longe da casa do pai, ele finalmente caiu em si.

É de se notar que, em última análise, o que o fez cair em si foi a tristeza que sentiu pela situação miserável em que passou a viver. Essa tristeza em si não era arrependimento, mas foi o que conduziu a um profundo arrependimento (cf. 2 Co 7.9,10). Ele começou reconhecendo a própria miséria. Depois, admitiu que pecara. Olhando para além do seu pai humano, a quem ofendera, para o Pai celeste, cuja lei havia quebrado, ele mesmo reconheceu a sua culpa diante de Deus (v. 18). Decidiu pedir perdão e assumir as consequências. Planejando a sua contrição cuidadosamente, ele ensaiou o que iria dizer

quando chegasse em casa. Confessaria ter pecado contra Deus e contra seu pai, e lhe pediria que lhe desse um lugar entre os servos (v. 19).

Eis aqui uma ilustração perfeita do que é fé salvadora. Observe a submissão incondicional da parte do jovem, sua absoluta humildade e seu desejo inequívoco de fazer o que quer que o pai lhe ordenasse. O pródigo, que começara exigindo uma herança antecipada, estava agora pronto a servir ao pai como um escravo. A transformação foi completa. Sua atitude era de rendição incondicional, completa resignação do ego e submissão absoluta ao pai. Eis a essência da fé salvadora.

Havendo decidido ir ao pai, ele passou então a agir de acordo com essa decisão (v. 20). Ao contrário de alguns que dizem que irão

fazer algo que nunca fazem (cf. Mt 21.28-32), o filho pródigo levantou-se e voltou para o pai. O seu arrependimento foi uma reversão completa, absoluta. Ele tornou-se pobre de espírito. Chorou os seus pecados. Sua arrogância deu lugar à mansidão e à humildade. Ele era um jovem diferente daquele que anteriormente abandonara o lar.

Estando o filho ainda longe de casa, seu pai o viu e correu para recebê-lo. Como o pai pôde reconhecê-lo tão depressa? Ele deveria estar à sua procura, observando à distância para ver se o filho perdido estaria voltando. Eis aqui novamente o retrato do Pai celeste que está sempre à procura. Quando um pecador arrependido se volta para Deus, descobre que Ele já estava à sua espera, ansioso por correr e recebê-lo. Antes mesmo que se aproxime do Senhor, descobre que Ele vem primeiro para

abraçá-lo.

O filho pródigo não chegou ao ponto do seu discurso em que pediria ao pai que fizesse dele um escravo. Antes que terminasse a sua fala ensaiada, seu pai mandou que os empregados lhe trouxessem roupas novas e um anel. Em vez de punir o filho teimoso, o pai mandou que se fizesse um banquete para comemorar a sua volta! Já havia esquecido a loucura do filho. A lembrança agora não era a de uma herança esbanjada ou de uma vida desperdiçada em pecado. O seu filho perdido fora achado!

Estas três parábolas têm como tema comum alguém à procura de algo que perdeu, regozijando-se ao encontrá-lo. Em todas, aquele que procura é Deus, que se alegra com a salvação dos pecadores.

Mas a estória do filho pródigo toma um

rumo desagradável, ao encontrarmos com o invejoso irmão mais velho (Lc 15.25-32):

> *Ora, o filho mais velho estivera no campo; e, quando voltava, ao aproximar-se da casa, ouviu a música e as danças. Chamou um dos criados e perguntou-lhe que era aquilo. E ele informou: Veio teu irmão, e teu pai mandou matar o novilho cevado, porque o recuperou com saúde. Ele se indignou e não queria entrar; saindo, porém, o pai procurava conciliá-lo. Mas ele respondeu a seu pai: Há tantos anos que te sirvo sem jamais transgredir uma ordem tua, e nunca me deste um cabrito sequer para alegrar-me com os meus amigos; vindo, porém, esse teu filho, que desperdiçou os teus bens com meretrizes, tu mandaste matar para ele o novilho cevado. Então lhe respondeu o pai: Meu filho, tu sempre estás comigo; tudo o que é meu é teu. Entretanto, era preciso que nos regozijássemos e nos alegrássemos, porque esse teu irmão estava morto e reviveu, estava perdido e foi achado.*

Lembre-se: o filho mais velho também

havia recebido a sua parte da herança (v. 12). Em vez de desperdiçá-la, ficou em casa, servindo ao pai. Aliás, quando o pródigo voltou, ele estava trabalhando no campo. Ouvindo a música e as danças, pediu que um dos empregados lhe explicasse o que estava acontecendo. Sentiu-se furioso pelo fato de o pai comemorar a volta do irmão cabeçudo. Ciumento, não quis nem entrar em casa. Ele não iria comer com um pecador. Faltava-lhe completamente a compaixão do pai. Estava agindo como um fariseu.

O comportamento deste filho pode parecer mais socialmente aceitável do que a devassidão do seu irmão mais novo, mas era da mesma forma ultrajante. O filho mais velho não amava realmente ao pai, pois, se o amasse, teria partilhado da sua alegria. Servir ao pai durante todos aqueles anos foi algo que fez

mecanicamente, por simples obrigação. O seu verdadeiro interesse estava nos benefícios que poderia obter para si mesmo (v. 29). Ele não compreendia o coração de seu pai.

Era, também, um filho perdido. E o pai também o procurou (v. 28).

O Senhor sempre procura salvar os perdidos, mas é preciso que se vejam a si mesmos como perdidos. Geralmente os pecadores mais repugnantes, descrentes, escandolosos, veem mais rapidamente a sua própria depravação do que as pessoas embebidas pelas realizações religiosas e pela autojustiça. Esses fariseus não podem tolerar que pecadores sejam perdoados, especialmente aqueles mais notórios. Eles não compreendem o que seja arrependimento. Longe de alegrar-se, repulsa é o que sentem quando alguém confessa seus pecados. Orgulham-se muito de

sua aparente justiça, mas em seus corações não há qualquer senso de submissão.

O filho mais novo desta estória viu o seu próprio pecado, percebeu a angústia do pai, arrependeu-se, humilhou-se, recebeu perdão e entrou no gozo do seu pai. O mais velho ficou amargurado, não se arrependeu, e não percebeu a frieza mortal do seu próprio coração. Ele desprezou o seu direito de regozijar-se com seu pai. Não estava menos perdido que seu irmão mais novo, mas não foi capaz de enxergá-lo.

Deus está à procura dos perdidos. Aqueles que reconhecem e abandonam seu pecado, verão que o Pai corre para eles de braços abertos. Aqueles que se julgam suficientemente bons para merecer o seu favor, descobrir-se-ão excluídos da celebração e incapazes de participar da eterna alegria de um Pai amoroso.

QUARTA PARTE

JESUS DEFINE O SEU EVANGELHO

I5

Chamada ao Arrependimento

Tendo examinado como Jesus lidou individualmente com pessoas, e as parábolas que proferiu para ilustrar a verdade aos discípulos, concentremo-nos agora no rico conteúdo doutrinário da mensagem que Ele proclamou às multidões. Iremos explorar os temas principais dos seus discursos, comparando o evangelho popularizado em nossos dias com o ensino do próprio Salvador. Nisto procuraremos obter uma compreensão mais clara da terminologia utilizada por Jesus.

A maior parte da atual controvérsia sobre o evangelho está ligada à definição de algumas palavras-chaves, tais como, *arrependimento, fé, discipulado* e *Senhor.* Nesta última parte iremos estudar estas palavras e ver como Jesus as empregou.

Começaremos com um capítulo sobre *arrependimento,* porque foi por aí que o Salvador começou. Mateus 4.17 registra o alvorecer do ministério público de Jesus: "Daí por diante [depois da prisão de João Batista] passou Jesus a pregar e a dizer: Arrependei-vos, porque está próximo o reino dos céus". Já disse, no capítulo 4, que a palavra inicial daquele primeiro sermão definiu o tema de todo o ministério terreno de Jesus. E vimos também que Ele definiu o seu objetivo como sendo o de chamar pecadores ao arrependimento (Lc 5.31). O arrependimento

foi um tema constante em todos os seus sermões públicos. Punha-se Ele corajosamente diante das multidões endurecidas e proclamava: "Se não vos arrependerdes, todos igualmente perecereis" (Lc 13.3,5).

A Nota Ausente

Quando foi a última vez que você ouviu o evangelho sendo apresentado nestes termos? No século XX é deselegante pregar um evangelho que exige o arrependimento. Como foi que a mensagem de hoje se tornou tão diferente do evangelho segundo Jesus? Já em 1937, o Dr. H. A. Ironside observou que a doutrina bíblica do arrependimento estava sendo diluída por aqueles que desejavam excluí-la da mensagem do evangelho. Ele escreveu que "a doutrina do arrependimento é a nota ausente em muitos círculos de hoje que,

sob outros aspectos, são ortodoxos e fundamentalmente sadios".[1] Falou de "professos pregadores da graça que, como os antinomianos do passado, depreciam a necessidade do arrependimento, a fim de que não pareça invalidar a gratuidade da graça".[2] O Dr. Ironside, ele mesmo um dispensacionalista, denunciou o ensino de alguns dispensacionalistas extremados que afirmavam que o arrependimento era para outra época. "As solenes palavras de nosso Senhor — 'se não vos arrependerdes, todos igualmente perecereis' — são tão importantes hoje quanto o foram ao serem ditas pela primeira vez'', escreveu ele. "Nenhuma das distinções dispensacionalistas, mesmo sendo tão importantes para a compreensão e interpretação dos caminhos de Deus com o homem, pode alterar esta verdade".[3]

Mesmo nos seus dias, Ironside reconheceu os perigos de uma incipiente fé fácil. Disse que "uma pregação superficial, que não ataca o terrível fato do pecado e da culpa do homem, e que não incita a 'todos que em toda a parte se convertam', resulta em conversões superficiais; e assim, tem-se miríades de convertidos falastrões, hoje em dia, que não manifestam qualquer evidência de regeneração. Tagarelando sobre a salvação pela graça, eles não demonstram em suas vidas qualquer sinal da graça. Declarando em alta voz que estão justificados tão-somente pela fé, esquecem-se de que a 'fé sem obras é morta', e que diante dos homens, a justificação pelas obras não deve ser ignorada, pois não está em contradição com a justificação pela fé diante de Deus".[4]

Ainda assim, alguns dispensacionalistas continuaram a expandir a noção de que pregar

o arrependimento para o incrédulo é violar o espírito e o conteúdo da mensagem do evangelho. A *Teologia Sistemática* de Chafer enumera o arrependimento como uma das "características mais comuns da responsabilidade humana que com muita frequência são erroneamente acrescentadas à condição única de fé ou *crer*".[5] Chafer observa que a palavra *arrependimento* não é encontrada no evangelho de João e ocorre apenas uma vez em Romanos. Aponta, ainda, para o fato de que em Atos 16.31 Paulo não disse ao carcereiro de Filipos que se arrependesse. Chafer vê um tal silêncio como uma "massa esmagadora de evidência irrefutável [tornando] clara que o Novo Testamento não impõe o arrependimento como condição de salvação para o perdido".[6]

O Descarte do Arrependimento

Vozes de hoje continuam a promulgar as mesmas ideias. A *Bíblia Anotada, de Ryrie,* inclui uma sinopse de doutrina que apresenta o arrependimento como "um acréscimo falso à fé" quando visto como condição para a salvação, exceto "quando [o arrependimento é] compreendido como sinônimo da fé".[7] Outro professor influente afirma, em essência, a mesma coisa: "A Bíblia exige o arrependimento para a salvação, mas arrependimento não quer dizer abandonar o pecado, nem mudança de conduta... O arrependimento bíblico é uma mudança de mente ou de atitude para com Deus, Cristo, obras mortas e pecado".[8] Até mesmo um professor de seminário escreve que "arrependimento significa mudança de mente; não significa mudança de vida".[9]

Estes e outros autores têm, portanto, redefinido o arrependimento de modo que

suas implicações morais ficam esvaziadas. À maneira como escrevem, o arrependimento consiste numa simples mudança de mente a respeito do que seja a Pessoa de Cristo.[10] Esse tipo de arrependimento nada tem a ver com o abandono do pecado ou a negação de si mesmo. É totalmente destituído do reconhecimento de qualquer culpa pessoal, de qualquer intenção de obedecer a Deus, qualquer anseio pela verdadeira retidão.

Não é esse o tipo de arrependimento pregado por Jesus. Como vimos repetidamente, o evangelho de Jesus é tanto um chamado para se abandonar o pecado quanto uma intimação à fé. De sua primeira mensagem à última, o tema do Salvador foi chamar pecadores ao arrependimento — e isto significa não só que ganhavam uma nova visão da sua Pessoa, mas também que abandonavam

o pecado e o ego para segui-Lo. A mensagem que Ele nos ordena que preguemos é a mesma: "arrependimento para remissão de pecados" (Lc 24.47).[11]

Que é Arrependimento?

O arrependimento *é* um elemento vital da fé salvadora,[12] mas nunca se deve considerá-lo como se fosse meramente um sinônimo de fé. A palavra grega para arrependimento é *metanoia,* que é derivada de *meta,* "depois", e *noeõ,* "compreender". Significa, literalmente, "reflexão posterior" ou "mudança de mente"; todavia, o seu sentido bíblico não se restringe a isso.[13] Como é usada no Novo Testamento, *metanoia* fala *sempre* de uma mudança de propósito e, especificamente, de abandono do pecado.[14] No sentido usado por Jesus, o arrependimento é um chamado a repudiar a

velha vida e voltar para Deus para ser salvo.[15]

Essa mudança de propósito é o que Paulo tinha em mente quando descreveu o arrependimento dos tessalonicenses. "Deixando os ídolos, vos convertestes a Deus, para servirdes o Deus vivo e verdadeiro" (1 Ts 1.9). Observe os três elementos do arrependimento: voltar-se para Deus; abandonar o erro; propor-se a servir a Deus. Nenhuma mudança de mente pode ser tida como verdadeiro arrependimento se não inclui todos estes três elementos. O fato simples, mas geralmente esquecido, é que a verdadeira mudança de mente irá necessariamente resultar numa mudança de comportamento.

Arrepender-se não é simplesmente sentir-se envergonhado ou triste por causa do pecado, apesar de o arrependimento verdadeiro sempre envolver um elemento de remorso.[16]

Trata-se de um redirecionamento da vontade humana, uma decisão propositada de abandonar toda injustiça e em seu lugar buscar a retidão.

O arrependimento também não é mera obra humana. Como todo elemento da redenção, é um dom de Deus, que nos é soberanamente concedido. A igreja primitiva, reconhecendo a autenticidade da conversão de Cornélio, concluiu: "Logo, também aos gentios foi por Deus concedido o arrependimento para vida" (At 11.18, cf. At 5.31). Paulo escreveu a Timóteo que devia disciplinar com mansidão os que se opunham à fé, [na expectativa de que Deus lhes conceda não só o arrependimento para conhecerem plenamente a verdade, mas também o retorno à sensatez" (2 Tm 2.25,26). Se é Deus quem concede o arrependimento, este não pode ser tido como obra humana.

Acima de tudo, o arrependimento *não* é um esforço para consertar a vida em preparo para a salvação. A chamada ao arrependimento não é uma ordem para se consertar o pecado *antes* de ir a Jesus pela fé. Na verdade, é uma ordem para se reconhecer o próprio pecado e odiá-lo, para dar-lhe as costas e correr para Cristo, abraçando-O em devoção completa. Como escreveu J. I. Packer, "o arrependimento que Cristo requer do seu povo consiste numa recusa em se estabelecer quaisquer limites às exigências que Ele possa fazer em nossas vidas".[17]

O arrependimento também não é simples atividade mental; o arrependimento genuíno envolve o intelecto, as emoções e a vontade.[18] Geerhardus Vos escreveu que "a ideia do Senhor sobre arrependimento é tão profunda e abrangente quanto o seu conceito de justiça.

Das três palavras gregas usadas nos evangelhos para descrever o processo, uma salienta o elemento emocional de pesar, de tristeza por causa do antigo curso de vida pecaminoso: *metamélomai* (Mt 21.29-32); a segunda, exprime a reversão de toda a atitude mental: *metanoéõ* (Mt 12.41; Lc 11.32; 15.7,10); a terceira, denota uma mudança na direção da vida, a substituição de um objetivo por outro: *epistréphomai* (Mt 13.15 e paralelos; Lucas 17.4; 22.32). O arrependimento não está limitado a uma única faculdade da mente; engloba o homem como um todo, intelecto, vontade e sentimentos... De fato, na nova vida que se segue ao arrependimento, o princípio controlador é a absoluta supremacia de Deus. Quem se arrepende deixa de servir a Mamon e a si mesmo e passa a servir a Deus".[19]

Intelectualmente, o arrependimento começa

com o reconhecimento do pecado, com a compreensão de que somos pecadores, de que o nosso pecado é uma afronta ao Deus Santo, e, mais precisamente, que somos pessoalmente responsáveis por nossas próprias culpas. O arrependimento que leva à salvação deve incluir também o reconhecimento de quem Cristo é, juntamente com alguma compreensão do seu direito de governar a vida da pessoa.

Emocionalmente, o arrependimento genuíno geralmente é acompanhado por uma profunda tristeza. A tristeza em si e por si mesma não é arrependimento; uma pessoa pode entristecer-se ou envergonhar-se e não estar realmente arrependida. Judas, por exemplo, sentiu remorso (Mt 27.3), mas não se arrependeu. O jovem rico foi embora triste (Mt 19.22), mas não se arrependeu. Entretanto, a tristeza pode levar-nos ao arrependimento

genuíno. 2 Coríntios 7.10 afirma: “Porque a tristeza segundo Deus produz arrependimento para a salvação que a ninguém traz pesar”. É difícil imaginar arrependimento verdadeiro sem que este inclua ao menos uma parcela de tristeza — não a tristeza por se ter sido descoberto, nem tristeza por causa das consequências, mas uma angústia por se haver pecado contra Deus. No Velho Testamento o arrependimento era geralmente exteriorizado por meio de pano de saco e cinza, símbolos de luto (cf. Jó 42.6: Jn 3.5-6).

Volitivamente, o arrependimento inclui mudança de direção, transformação da vontade. Longe de ser uma simples mudança de mente, constitui-se no desejo — ou, mais precisamente, na decisão firme — de abandonar a obstinada desobediência e submeter à vontade a Cristo. Assim, o

verdadeiro arrependimento irá resultar inevitavelmente numa mudança de comportamento. A mudança de comportamento não é em si mesma arrependimento, mas é o seu fruto inevitável. Onde não há mudança visível de conduta, não se pode confiar que haja ocorrido arrependimento (Mt 3.8; cf. 1 Jo 2.3-6; 3.17).

O arrependimento genuíno altera o caráter do homem em seu todo. Como disse D. Martyn Lloyd-Jones: "O arrependimento indica que você percebeu que é pecaminoso, culpado e vil, na presença de Deus; que merece somente a ira e a punição imposta pelo Senhor Deus; e que está se encaminhando diretamente para o inferno. Significa que você começou a perceber que algo denominado "pecado" está em você, e que você anela por livrar-se dele, e que você volta as costas ao pecado em todas as

suas formas e variedades. Você renuncia ao mundo a qualquer custo; ao mundo em sua mentalidade e perspectivas, bem como em suas práticas; e você também se nega a si mesmo, toma a sua cruz e põe-se a seguir a Cristo. Os entes mais queridos e íntimos poderão chamá-lo, juntamente com o mundo, de um homem insensato, ou poderão dizer que você é um maníaco religioso. Talvez você até tenha de sofrer financeiramente. Mas, não faz diferença, nenhuma diferença. Isso é arrependimento". [20]

O arrependimento não é um ato único. O arrependimento que ocorre na conversão, dá início a um processo vitalício e progressivo de confissão (1 Jo 1.9). Essa atitude ativa e contínua de arrependimento produz a humildade de espírito, o choro e a mansidão sobre a qual Jesus falou nas bem-aventuranças

(Mt 5.3-6). Esta é a marca de um verdadeiro cristão.

O Fruto do Arrependimento

Quando Jesus pregou, "Arrependei-vos, porque está próximo o reino dos céus" (Mt 4.17), os que O ouviram compreenderam a mensagem. Com sua rica herança em ensinos do Velho Testamento e dos rabinos, seus ouvintes não deveriam ter ficado confusos quanto ao significado do arrependimento. Eles sabiam que Jesus os conclamava a muito mais que simples mudança de mente ou uma nova visão de quem Ele era. O arrependimento para eles significava submissão completa da vontade e inevitável mudança de comportamento — um novo estilo de vida, e, não apenas uma opinião diferente. Eles compreenderam que Jesus os chamava a que admitissem seus

pecados e os abandonassem, que se convertessem, que dessem meia-volta, que abandonassem o seu pecado e egocentrismo e O seguissem.

Afinal, o conceito judaico de arrependimento estava bem desenvolvido. Os rabinos diziam que Isaías 1.16,17 enumerava nove atividades relacionadas ao arrependimento: "Lavai-vos, purificai-vos, tirai a maldade de vossos atos de diante dos meus olhos: cessai de fazer o mal. Aprendei a fazer o bem; atendei à justiça, repreendei ao opressor; defendei o direito do órfão, pleiteai a causa das viúvas". Observe cuidadosamente a progressão: iniciando com a purificação interna, o arrependimento manifesta-se, então, por meio de atitudes e ações.

O Velho Testamento estava repleto de verdades sobre o arrependimento. Ezequiel

33.18,19, por exemplo, diz: “Desviando-se o justo da sua justiça, e praticando iniquidade, morrerá nela. E, convertendo-se o perverso da sua perversidade, e fazendo juízo e justiça, por isto mesmo viverá”. 2 Crônicas 7.14 é uma receita conhecida para o arrependimento: “Se o meu povo, que se chama pelo meu nome, se humilhar, orar e me buscar, e se converter dos seus maus caminhos, então eu ouvirei dos céus, perdoarei os seus pecados e sararei a sua terra”. Isaías 55.6,7 apresenta o convite vetero-testamentário para a salvação, sendo o arrependimento um elemento-chave: “Buscai o SENHOR enquanto se pode achar, invocai-o enquanto está perto. Deixe o perverso o seu caminho, o iníquo os seus pensamentos; converta-se ao Senhor, que se compadecerá dele, e volte-se para o nosso Deus, porque é rico em perdoar”. Jonas 3.10 diz: “Viu Deus o

que fizeram, como se converteram do seu mau caminho: e Deus se arrependeu do mal que tinha dito lhes faria, e não o fez".

Observe esse versículo de Jonas com cuidado. Como foi que Deus avaliou o arrependimento dos ninivitas? Por seus *feitos*. Não que Ele tenha lido os seus pensamentos ou ouvido suas orações, ainda que, como Deus onisciente, pudesse aquilatar a realidade do arrependimento deles por esse meio. Mas procurou obras de justiça.

João Batista também exigiu a apresentação de boas obras como prova de arrependimento. Começou pregando a mensagem do arrependimento antes mesmo de Jesus iniciar seu ministério (cf. Mt 3.1,2). As Escrituras registram que quando os hipócritas religiosos foram a João para serem batizados, ele lhes disse: "Raça de víboras, quem vos induziu a

fugir da ira vindoura? Produzi, pois, fruto digno do arrependimento" (Mt 3.7,8). Que maneira de receber pessoas! Muito diferente de se dizer: "Senhoras e Senhores, eis aqui os nossos queridos líderes". Não sabemos porque eles procuraram o batismo, mas é óbvio que os seus motivos eram errados. Talvez estivessem tentando conquistar a simpatia do povo ou tentassem ser vistos como pessoas ligadas ao popular João Batista. Fossem quais fossem os motivos, eles não haviam realmente se arrependido, e João os recusou. Ele os condenou, sim, como impostores religiosos.

Por que João foi tão severo? Porque esses hipócritas estavam envenenando uma nação inteira com a sua fraude fatal. Nada em seu comportamento indicava que tivessem realmente se arrependido. A lição central, aqui, é que se o arrependimento for verdadeiro,

temos o direito de esperar que produza resultados visíveis.

Quais são os frutos do arrependimento? Esta foi a pergunta feita pelos publicanos a João Batista (Lc 3.10). Sua resposta para eles foi: "Não cobreis mais do que o estipulado" (v. 13). A alguns soldados que lhe fizeram a mesma pergunta, sua resposta foi: "A ninguém maltrateis, não deis denúncia falsa, e contentai-vos com o vosso soldo" (v. 14). Ou seja: deve haver uma mudança sincera na vida da pessoa. Quem realmente se arrepende pára de praticar o mal e começa a viver retamente. Juntamente com a mudança de mente e de atitude, o arrependimento verdadeiro irá começar a produzir mudança de conduta.

As boas obras eram também o que o apóstolo Paulo considerava prova de arrependimento. Observe a descrição que deu

do seu ministério ao rei Agripa: "Não fui desobediente à visão celestial, mas anunciei... aos gentios, que se arrependessem e se convertessem a Deus, *praticando obras dignas de arrependimento'''* (At 26.19,20 — itálico meu). O fato de que os verdadeiros crentes iriam mostrar seu arrependimento genuíno por meio de um comportamento reto era, obviamente, um elemento chave na pregação de Paulo.[21]

O Evangelho e o Arrependimento

O arrependimento tem sido sempre a base do chamado bíblico para a salvação. Quando Pedro fez o apelo evangelístico, no Pentecoste, na primeira reunião pública de evangelização da era da igreja, o arrependimento foi o próprio coração desse apelo. "Arrependei-vos, e cada um de vós seja batizado em nome de Jesus Cristo para remissão dos vossos pecados"

(At 2.38). Nenhuma evangelização que omita a mensagem do arrependimento pode ser chamada apropriadamente de evangelho, pois os pecadores não podem vir a Jesus Cristo sem uma transformação radical de coração, mente e vontade. Para tanto, é necessário que haja uma crise espiritual que leve a pessoa a uma reviravolta completa e, finalmente, a uma transformação total. Este é o único tipo de conversão reconhecido pela Bíblia.[22]

Em Mateus 21.28-31 Jesus utilizou uma parábola para ilustrar a hipocrisia de uma profissão de fé sem arrependimento: "E que vos parece? Um homem tinha dois filhos. Chegando-se ao primeiro, disse: Filho, vai hoje trabalhar na vinha. Ele respondeu: Sim, senhor; porém não foi. Dirigindo-se ao segundo, disse-lhe a mesma cousa. Mas este respondeu: Não quero; depois, arrependido,

foi. Qual dos dois fez a vontade do pai?”

Você poderá indagar por que esta estória não inclui um terceiro filho, que dissesse: “Irei”, e cumprisse sua palavra. Talvez seja porque esta estória ilustra a raça humana, e todos pecamos (cf. Rm 3.23). Desta forma, Jesus só pode descrever dois tipos de religiosos: aqueles que fingem ser religiosos, mas são na verdade rebeldes; e aqueles que começam como rebeldes, mas se arrependem.

Jesus contou a parábola para o benefício dos fariseus, que não viam a si mesmos como pecaminosos e desobedientes. Quando lhes perguntou qual filho fez a vontade do pai, responderam corretamente: “O segundo” (Mt 21.31). Admitindo-o, condenaram-se a si mesmos por sua hipocrisia. Como a repreensão de Jesus deve ter sido dolorosa para eles! “Em verdade vos digo que publicanos e meretrizes

vos precedem no reino de Deus" (v. 31). Os fariseus viviam na ilusão de que Deus os aprovava porque exteriorizavam grandemente a sua religião. Mas o problema é que tudo não passava de uma obra externa. Eram como o filho que dissera que iria obedecer, mas não o fez. O fato de asseverarem que amavam a Deus e guardavam a sua lei resultava em nada. Aqueles fariseus pareciam-se com muitos em nossos dias, que creem em Jesus, mas recusam-se a obedecê-Lo. Sua profissão de fé é superficial. A menos que se arrependam, perecerão.

Aos publicanos e prostitutas é mais fácil entrar no reino do que aos fariseus, porque os primeiros estão mais dispostos a reconhecer o seu pecado e a arrepender-se. Até mesmo o pior dos pecados não excluirá do céu um pecador, se ele se arrepender. Por outro lado,

mesmo o fariseu mais destacado, se abriga seu pecado e recusa-se a reconhecê-lo ou arrepender-se, irá ver-se excluído do reino. Não há salvação à parte do arrependimento que renuncia ao pecado.

Hoje há muitos que ouvem a verdade de Cristo e imediatamente reagem como o filho que disse que iria obedecer, mas não o fez. O fato de reagirem positivamente para com Jesus não irá salvá-los. O fruto de suas vidas mostra que nunca se arrependeram realmente. Mas há alguns que dão as costas ao pecado, à incredulidade e à desobediência, e abraçam a Cristo com uma fé obediente. Deles é o arrependimento verdadeiro, manifestado pela retidão que produzem. Estes são verdadeiramente justos (1 Pe 4.18), e esse é o grande alvo do evangelho segundo Jesus.

[1] H. A. Ironside, *Except Ye Repent* (Grand Rapids: Zondervan, 1937), p. 7.
[2] Ibid., p. 11.
[3] Ibid., p. 10.
[4] Ibid., p. 11.
[5] Lewis Sperry Chafer, *Systematic Theology* (Dallas: Dallas Semi-nary, 1948), 3:372.
[6] Ibid., p. 376. Esta é a conclusão curiosa para uma seção em que Chafer começou afirmando "tão dogmaticamente... quanto a linguagem pode declarar, que o arrependimento é essencial à salvação, e que ninguém pode ser salvo sem arrependimento" (p. 373). A aparente autocontradição de Chafer relaciona-se à sua definição de arrependimento, que ele via como uma simples mudança de mente (p. 372), como deixar a incredulidade e crer. Declarou que o arrependimento no contexto da salvação é nada mais do que "uma palavra sinônima para *fé*" (p. 377). Assim, no sistema de Chafer, chamar as pessoas à fé em Cristo é o mesmo que pregar arrependimento. Pode-se concluir que Chafer teria preferido eliminar a palavra *arrependimento* do conjunto da apresentação do evangelho, evitando assim o risco de se tornarem confusas "as glórias da graça" na mente daqueles que viam o arrependimento como algo mais do que simples fé (p. 378).
[7] Charles C. Ryrie, *A Bíblia Anotada* (Ed. Mundo Cristão).
[8] G. Michael Cocoris, *Lordship Salvation — Is it Biblical?* (Dallas: Redención Viva, 1983), p. 12.
[9] Thomas L. Constable, "The Gospel Message" *Walvoord: A Tribute* (Chicago: Moody, 1982), p. 207.
[10] Charles C. Ryrie, *Balancing the Christian Life* (Chicago:

Moody, 1969), p. 176.

[11] Observe que este é o registro que Lucas apresenta da Grande Comissão. Lucas é o único evangelista a registrar as palavras de Jesus quanto ao conteúdo da mensagem que Ele ordenou aos discípulos que pregassem.

[12] Berkhof escreve que "o verdadeiro arrependimento jamais ocorre, exceto quando associado à fé, enquanto que, por outro lado, sempre que há fé verdadeira, há também arrependimento verdadeiro... Os dois não podem ser separados; são simplesmente partes complementares do mesmo processo". Louis Berkhof, *Systematic Theology* (Grand Rapids: Eerdmans, 1939), p. 487.

[13] "O entendimento predominantemente intelectual de *metanoia* como 'mudança de opinião' desempenha um papel muito reduzido no NT. Ressalte-se, pelo contrário, a decisão mediante a qual o homem inteiro se volta. É claro que aqui não se trata nem de uma volta puramente externa, nem de uma mudança de ideias meramente intelectual." J. Goetzman, "Conversão" em *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento* (São Paulo, Edições Vida Nova, 1984), 1:500.

[14] W. E. Vine, *Vine's Expository Dictionary of Old and New Testament Words* (Old Tappan, NJ: Revell, 1981), 3:280.

[15] "Isto exige conversão radical, uma transformação da natureza, um abandono definitivo do pecado, um voltar-se resoluto para Deus, em total obediência (Mc 1.15; Mt 4.17; 18.3)... Esta conversão é única e definitiva. Não pode haver retrocesso, somente avanço, por um andar responsável pelo caminho então tomado. Afeta o homem todo; primeiro, e basicamente, o centro de sua vida

pessoal; depois, logicamente, a sua conduta em todo o tempo e situações, seus pensamentos, palavras e atos (Mt 12.33ss.; 23.26; Mc 7.15). A proclamação de Jesus, toda ela,... é uma mensagem de volta incondicional para Deus, de abandono incondicional de tudo o que é contra Deus; não apenas daquilo que é flagrantemente errado, mas também daquilo que, em certas circunstâncias, torna impossível uma volta completa para Deus (Mt 5.29ss.; 44; 6.19ss.; 7.13ss.; 10.32-39 ; Mc 3.31ss.; Lc 14.33, cf. Mc 10.21)". J. Behm, *"Metanoia"* em Gerhard Kittel, ed., *Theological Dictionary of the New Testament* (Grand Rapids: Eerdmans, 1967), 4:1002.

[16] O léxico grego de Thayer define *metanoia* como "a mudança de mente daqueles que começaram a aborrecer seus erros e ações más, tendo decidido entrar num melhor curso de vida, de maneira que engloba tanto o reconhecimento do pecado e tristeza por causa do pecado quanto reparação sincera, cujas provas e efeitos são as boas obras". Joseph Henry Thayer, trad., *Greek-English Lexicon of the New Testament* (Grand Ra-pids: Zondervan, 1962), p. 406.

[17] J. I. Packer, *Evangelism and the Sovereignty of God* (Downer's Grove, IL: InterVarsity, 1961), p. 72.

[18] Cf. Berkhof, p. 486.

[19] Geerhardus Vos, *The Kingdom of God and the Church* (Nutley, NJ: Presbyterian and Reformed, 1972), pp. 92,93.

[20] D. Martyn Lloyd-Jones, *Estudos no Sermão do Monte* (São José dos Campos, SP: Editora Fiel, 1989), p. 522.

[21] Ver Apêndice 1.

[22] "A conversão, tal como Jesus a vê... é mais do que um rompimento com a velha natureza... Engloba todo o

andar do homem que é chamado pelo senhorio divino... 'Converter-se' inclui tudo o que o alvorecer do reino de Deus exige do homem". J. Behm, em *Theological Dictionary of the New Testament* (Grand Rapids, Eerdmans, 1967) 4:1003O cenário de Lucas 15 é bem conhecido. "Aproximavam-se de Jesus todos os publicanos e pecadores para o ouvir. E murmuravam

I6

A Natureza da Fé Verdadeira

Tal qual estou, eis-me, Senhor
Pois o teu sangue remidor
Verteste pelo pecador
Ó Salvador, me achego a Ti!

Esta estrofe, escrita por Charlotte Elliot, no século XIX, provavelmente tem sido usada em apelos de evangelização mais do que qualquer outro hino em toda a história. Os pensamentos transmitidos por essas palavras são uma realidade bíblica gloriosa: os

pecadores podem ir a Jesus tal como estão — somente pela fé — e Ele os salvará. A promessa maravilhosa do próprio Senhor está em João 3.16: "Deus amou ao mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que *todo* o que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna" (itálico meu). E em João 6.37, disse Jesus: "O que vem a mim, de modo nenhum o lançarei fora".

A corrosão sofrida pelo evangelho de hoje torceu esta verdade traiçoeiramente. A linguagem utilizada pela mensagem moderna soa vagamente semelhante a "Tal qual estou", mas a diferença em seu significado é profunda. Os pecadores de hoje ouvem que Jesus não somente irá aceitá-los como estão, mas também irá permitir que permaneçam como são! Muitos creem, erroneamente, que podem ir a Jesus, receber o perdão e a vida eterna, e

depois sair da sua presença e continuar vivendo como bem entendem, até mesmo decidindo "excluir Deus e viver de acordo com a velha natureza".[1]

Há poucos anos, os líderes de uma organização cristã internacional para jovens solicitaram-me que assistisse à pré-estreia de um filme de treinamento que produziram. O assunto era evangelismo, e o filme instruía os jovens obreiros a *não* dizerem aos jovens incrédulos que têm de obedecer a Cristo, entregar-Lhe seus corações, submeter-Lhe suas vidas, arrepender-se dos seus pecados, submeter-se ao seu senhorio e segui-Lo. Dizer aos não-salvos que eles precisam fazer tais coisas apenas confunde a mensagem do evangelho, ensinava o filme. Advogava que tão-somente se apresentasse os fatos objetivos da morte de Jesus e a necessidade de crer (não

fazendo qualquer menção da ressurreição). O filme concluía que fé salvadora é a compreensão e aceitação dos fatos históricos do evangelho.

Estive numa conferência bíblica em que um conhecido pregador apresentou uma mensagem sobre a salvação. Ele argumentou que dizer aos perdidos que têm de render-se a Jesus é o mesmo que pregar salvação pelas obras. Definiu a salvação como dom incondicional de vida eterna oferecido às pessoas que creem nos fatos a respeito de Cristo, independentemente dessas pessoas escolherem obedecer-Lhe ou não. Um dos aspectos principais defendidos foi que a salvação pode ou não alterar o comportamento da pessoa. Disse ele que uma conduta transformada é algo desejável, mas, ainda que não ocorra qualquer mudança de vida, quem

creu nos fatos do evangelho pode descansar na certeza da salvação.

Multidões aproximam-se de Cristo nesses termos. Pensando que Ele não irá confrontar-lhes o pecado, "aceitam-No" entusiasmadas, mas sem qualquer sensação da enormidade de sua culpa diante de Deus, e sem qualquer desejo de serem libertas da escravidão do pecado. Estão sendo enganadas por um evangelho corrompido. Diz-se-lhes que a fé pode salvá-los, mas nem possuem e nem compreendem o que é a fé verdadeira. A "fé" sobre a qual se firmam é mera aquiescência intelectual a um conjunto de fatos. Não salva.

Vida Eterna Através de Uma Fé Morta?

Nem toda fé é salvadora. Tiago 2.14-26 afirma que a fé sem obras é morta e não pode

salvar.[2] Tiago descreve a fé espúria como pura hipocrisia, mera anuência cognitiva, destituída de quaisquer obras comprobatórias — em nada diferente da fé que têm os demônios. É óbvio que a fé salvadora é mais do que um simples reconhecimento de fatos. A fé sem obras é inútil.

Mesmo assim, no evangelicalismo contemporâneo, há alguns que se recusam a aceitar qualquer relação entre fé e obras. Estabelecendo este limite, são obrigados a receber virtualmente qualquer profissão de fé como legítima.[3] É de estarrecer, mas pelo menos um escritor crê que a fé morta *pode* salvar![4] Outro declara que, seja qual for o significado de Tiago 2.14-26, não pode estar dizendo que as boas obras sejam evidência essencial de fé verdadeira.[5]

Outros admitem a ineficácia de uma fé

que não passa de um estéril reconhecimento acadêmico da verdade, mas esquivam-se de definir a fé em termos que impliquem a submissão e o compromisso de vida.[6] Na verdade, é crença comum que a fé e o compromisso são congenitamente dissociados.[7] A ideia típica que se faz de fé relega-a a um ato momentâneo ocorrido na mente, uma decisão de se crer nos fatos históricos do evangelho, "nada mais do que uma reação à iniciativa divina".[8]

Aqui jaz a falácia da popular abordagem evangelística atual. O apelo evangelístico está alinhado a uma explicação defeituosa do que seja realmente crer. A definição moderna de fé elimina o arrependimento, exclui os elementos morais do crer, torna desnecessária a obra de Deus no coração do pecador, e faz da confiança contínua no Senhor uma opção. Longe de

sustentar a verdade de que as obras humanas não têm lugar na salvação, o moderno evangelho da fé-fácil tem feito da fé, em si mesma, uma obra totalmente humana, um atributo frágil e temporário, que pode ou não perdurar.[9]

Dizer que alguém pode ter fé no momento da salvação e nunca mais precisar dessa fé não é a visão bíblica da fé. A natureza continuada da fé salvadora é salientada pelo uso do tempo presente do verbo grego *pisteuõ* ("crer") no evangelho de João (cf. 3.15-18,36; 5.24; 6.35,40,47; 7.38; 11.25,26; 12.44,46; 20.31; também At 10.43; 13.39; Rm 1.16; 3.22; 4.5; 9.33; 10.4,10,11). Se crer fosse um ato único, o tempo verbal nestes versículos seria o aoristo.

As palavras de Paulo em 2 Timóteo 2.12 falam poderosamente a respeito disso: "Se perseveramos, também com ele reinaremos; se

o negamos, ele por sua vez nos negará". A perseverança é a marca daqueles que irão reinar com Jesus. O óbvio é que o permanecer é uma característica dos verdadeiros crentes, enquanto que a deslealdade e a deserção revelam a incredulidade do coração. Quem negar a Cristo será negado por Ele.

Paulo continua, afirmando que "se somos infiéis, ele permanece fiel, pois de maneira nenhuma pode negar-se a si mesmo'' (v. 13). De maneira que a fidelidade de Deus é um feliz conforto para os crentes leais e perseverantes, mas um alerta aterrador para os falsos crentes. Por ser fiel a si mesmo, Ele os condenará (cf. Jo 3.17,18).

A Fé Tal Como a Descrevem as Escrituras

Já vimos que o arrependimento é um

elemento indispensável da fé salvadora, e que é concedido por Deus — não é obra humana (At 11.18; 2 Tm 2.25). Da mesma forma, a fé é um dom sobrenatural de Deus. Efésios 2.8,9 é passagem bastante conhecida: "Porque pela graça sois salvos, mediante a fé; e isto não vem de vós, é dom de Deus; não de obras, para que ninguém se glorie". Qual é o "dom de Deus" de que fala Paulo? Westcott o chama de "energia salvadora da fé".[10] Todavia, a expressão "isto não vem de vós" não tem antecedente explícito. O pronome grego traduzido por ''isto'' é neutro e a palavra "fé" é feminina. Assim, parece que o que Paulo tinha em mente era o processo completo — de graça, fé e salvação — como o dom de Deus. De qualquer forma, a passagem ensina que a fé não é algo evocado pela vontade humana, mas é um dom soberanamente concedido por Deus

(cf. Fp 1.29).

Disse Jesus: “Em verdade, em verdade vos digo: Quem crê, tem a vida eterna” (Jo 6.47). Todavia, no mesmo contexto Ele também afirmou que “ninguém pode vir a mim se o Pai que me enviou não o trouxer” (Jo 6.44). Deus leva o pecador a Jesus e também lhe concede a capacidade de crer. Sem a fé que é divinamente gerada não se pode compreender ou aproximar do Salvador. Por exemplo, quando Pedro afirmou a sua fé em Cristo como Filho de Deus, Jesus lhe disse: “Bem-aventurado és, Simão Barjonas, porque não foi carne e sangue quem to revelou, mas meu Pai que está nos céus” (Mt 16.17). A fé foi dada a Pedro pelo próprio Deus.

Sendo um dom divino, a fé nem é momentânea e nem impotente. Tem um caráter permanente que garante a perseverança até ao

final. As palavras bem conhecidas de Habacuque 2.4 —"O justo viverá pela sua fé" (cf. Rm 1.17; Gl 3.11; Hb 10.38), falam não apenas de um ato momentâneo de fé, mas de confiança vitalícia em Deus. Hebreus 3.14 salienta a permanência da fé genuína, sendo que a sua durabilidade é a maior prova da sua realidade: "Porque nos temos tornado participantes de Cristo, se de fato guardamos firme até ao fim a confiança que desde o princípio tivemos". A fé dada por Deus jamais pode evaporar. E a obra de salvação iniciada por Deus com o dom da fé não pode, enfim, ser frustrada. Paulo escreveu em Filipenses 1.6: "Estou plenamente certo de que aquele que começou boa obra em vós há de completá-la até ao dia de Cristo Jesus" (também cf. 1 Co 1.8; Cl 1.22,23).

A fé gerada por Deus inclui tanto a

vontade quanto a habilidade para a pessoa se ajustar à vontade de Deus (cf. Fp 2.13). Ou seja, a fé inclui a obediência. Berkhof vê três elementos na fé genuína: o elemento intelectual *(notitià),* que é a compreensão da verdade; o elemento emocional *(assensus),* que é a convicção e a declaração da verdade; e o elemento volitivo *(fiducia),* que é a decisão da vontade de obedecer a verdade.[11] A teologia popular de hoje tende reconhecer a *notitia* e, geralmente, o *assensus,* mas tenta eliminar *afiducia*. Mas a fé não é completa a não ser que seja obediente. W. E. Vine inclui os mesmos conceitos em sua lista dos principais elementos da fé, dizendo que a fé é "uma convicção firme... uma rendição pessoal... [e] a conduta inspirada por tal rendição".[12] Escrevendo sobre o verbo "obedecer" *(peithõ),* diz: *"Peithõ* e *pisteuõ,* 'confiar', estão intimamente

relacionados etimologicamente; a diferença está em que o primeiro implica na obediência que é produzida pelo último, cf. Hebreus 3.18,19, onde se diz que a desobediência dos israelitas é a prova de sua incredulidade... Quando uma pessoa obedece a Deus, apresenta a única evidência possível de que em seu coração crê em Deus... *Peithõ* em o Novo Testamento lembra o resultado verdadeiro e externo da persuasão interna e da fé resultante."[13]

O verdadeiro crente irá obedecer. Pelo fato de todos guardarmos os vestígios de uma natureza pecaminosa, ninguém poderá obedecer perfeitamente (cf. 2 Co 7.1; 1 Ts 3.10), mas o desejo por realizar a vontade de Deus está sempre presente nos crentes verdadeiros (cf. Rm 7.18).[14] A fé gera sempre o anseio por obedecer.

Um conceito de fé que exclui a obediência corrompe a mensagem da salvação. Paulo falou do evangelho como algo que tem de ser obedecido (Rm 10.16, 2 Ts 1.8). Ele chegou mesmo a caracterizar a conversão como obediência, em Romanos 6.17: "Outrora escravos do pecado, contudo viestes a obedecer de coração". O fruto que procurava em seu ministério de evangelização era "obediência, por palavra e por obras" (Rm 15.18), e repetidamente escreveu sobre "obediência por fé" (Rm 1.5; 16.26).

Sem dúvida, o conceito bíblico de fé é inseparável da obediência. "Crer" é sinônimo de "obedecer", em João 3.36: "Quem crê no Filho tem a vida eterna; o que, todavia, se mantém rebelde contra o Filho não verá a vida". Atos 6.7 mostra-nos como a igreja primitiva entendia a salvação: "Muitíssimos...

obedeciam à fé". A obediência é parte tão integral da fé salvadora que Hebreus 5.9 a utiliza como sinônimo: "E, tendo sido aperfeiçoado, tornou-se o Autor da salvação eterna para todos os que lhe obedecem". Hebreus 11, o grande tratado da fé, apresenta a obediência e a fé como inseparáveis: "Pela fé Abraão... obedeceu" (v. 8) — e não só Abraão, pois todos os heróis da fé apresentados em Hebreus 11 mostraram sua fé por meio da obediência. Comentando esta passagem, diz o dicionário teológico mais conhecido: "Crer é obedecer".[15]

A obediência é a manifestação inevitável da fé verdadeira. Paulo reconheceu isto quando escreveu a Tito a respeito dos "impuros e descrentes... No tocante a Deus professam conhecê-lo, entretanto o negam por suas obras" (Tt 1.15,16).[16] Para Paulo, a desobediência

deles provava a sua incredulidade. Suas ações negavam a Deus em mais alta voz do que as palavras que utilizavam para proclamá-Lo. Tal é a característica da incredulidade e não da fé, pois a fé inclui sempre obras de justiça. Como gostavam de dizer os Reformadores, só a fé traz salvação, mas a fé que traz salvação nunca está só. Spurgeon disse: "Mesmo estando convictos de que os homens não são salvos por causa de suas obras, também estamos convictos de que nenhum homem será salvo sem elas".[17] A verdadeira fé sempre se manifesta pela obediência.

Fé e fidelidade não eram conceitos substancialmente diferentes para os crentes do primeiro século. Na verdade, a mesma palavra é traduzida de ambas as formas em nossas Bíblias.[18] Escrevendo sobre "fé" em seu comentário de Gálatas, Lightfoot diz:

A Palavra grega pistis... e a palavra fé oscilam entre dois significados: credulidade, que é a disposição mental de se confiar em outrem; e fidedignidade, que é a disposição mental de alguém de quem se pode depender. Os dois significados não só estão correlacionados gramaticalmente, como sentidos passivo e ativo da mesma palavra; ou logicamente, como sujeito e objeto do mesmo ato, mas há também uma estreita afinidade moral entre ambos. Fidelidade, constância, firmeza, confiança, dependência, confidência, crença — são estes os elos que unem os dois extremos: os significados passivo e ativo de "fé". Por isso, às vezes os dois sentidos estão de tal forma entrelaçados que só poderão ser separados em função de alguma distinção arbitrária... Em tais casos será melhor aceitar a latitude, até mesmo a incerteza de uma palavra ou frase do que tentar uma definição rígida... E, na verdade, a perda em precisão gramatical geralmente é mais do que compensada pelo ganho em profundidade teológica. No caso de "os fiéis", por exemplo, não é certo que uma qualidade de coração traz consigo a outra, de modo que os que confiam são também dignos de confiança? Os que têm fé em Deus não estão também firmes e inabaláveis no caminho do dever?".[19]

Assim os fiéis (crentes) são também fiéis (obedientes). “Fidelidade, constância, firmeza, confiança, dependência, confidência, e crença” estão todas indivisivelmente unidas na ideia de crer. O viver justo é uma consequência inevitável da fé verdadeira (Rm 10.10). É claro que isso não quer dizer que a fé resulta em perfeição isenta de pecado. Todos os crentes verdadeiros compreendem o pedido que fez o pai do menino possesso: “Eu creio, ajuda-me na minha falta de fé” (Mc 9.24). Os que creem *querem* obedecer, mesmo que imperfeitamente, muitas vezes. Uma “fé” em Deus que não produz esse anseio por submissão à sua vontade de forma alguma é fé. A atitude mental que se recusa a obedecer é pura e simples incredulidade.

A Fé Como a Apresentou Jesus

As bem-aventuranças de Mateus 5.3-12 revelam o caráter da verdadeira fé tão bem quanto qualquer outra passagem das Escrituras que eu conheça.[20] Nessa seção inicial do Sermão do Monte, nosso Senhor descreve uma retidão que é superior à piedade externa dos escribas e fariseus (Mt 5.20). Essa retidão superior, diz, é requerida de qualquer um que deseje entrar no reino dos céus. Assim, as qualidades que Ele ressalta devem caracterizar todo crente verdadeiro. Nesse sentido, são marcas da fé genuína. A primeira das bem-aventuranças não deixa dúvidas a respeito de quem o Senhor está falando: "Bem-aventurados os humildes de espírito, *porque deles é o reino dos céus* (Mt 5.3, itálico meu). Trata-se de pessoas redimidas, aqueles que creem. Aqui está a descrição de sua fé.

Sua característica fundamental é a humildade — a pobreza de espírito, um quebrantamento que reconhece a falência espiritual. Os verdadeiros crentes veem a si mesmos como pecadores; sabem que nada têm para oferecer a Deus que possa comprar o seu favor. É por isso que choram (Mt 5.4) com a tristeza que acompanha o verdadeiro arrependimento. E o crente é constrangido à mansidão (v.5). Ele sente fome e sede de justiça (v. 6). E, à medida que o Senhor satisfaz essa fome, torna-o misericordioso (v.6), puro de coração (v.7), e pacificador (v. 9). Finalmente, o crente acaba sendo perseguido e injuriado por causa da justiça (v. 10).

Eis a descrição que Jesus faz da fé verdadeira. Começa com a humildade e alcança a sua realização na obediência. A obediência produzida pela fé verdadeira é mais

do que exterior; é uma obediência que flui do coração. É isso que a torna maior do que a justiça dos escribas e fariseus. Jesus caracteriza a verdadeira justiça — a justiça que é nascida da fé (Rm 10.6) — como obediência não apenas à letra da lei, mas também ao espírito da lei (Mt 5.21-48). Este tipo de justiça não apenas evita atos de adultério: vai ao ponto de evitar pensamentos de adultério. Evita o ódio tanto quanto o assassinato. Jesus resume a dimensão da verdadeira justiça com esta afirmação estarrecedora do Sermão do Monte: "Portanto, sede vós perfeitos como perfeito é o vosso Pai celeste" (Mt 5.48).

Logicamente, isto estabelece um padrão impossível. Depois de conversar com o jovem rico e de este afastar-se na incredulidade, Jesus disse aos seus discípulos "que um rico dificilmente entrará no reino dos céus" (Mt

19.23). Lembra-se da reação deles? Assustados, perguntaram-Lhe: "Sendo assim, quem pode ser salvo?" (v. 25). Jesus respondeu que "isto é impossível aos homens, mas para Deus tudo é possível". A salvação *é* impossível. Não temos quaisquer recursos redentores em nós mesmos. Não podemos nem mesmo crer sem a soberana capacitação dada por Deus (Jo 6.44,65). Nem podemos evocar fé por nossa vontade própria. Mas Deus graciosamente nos supre a fé, e, com ela dá-nos toda a graça de que necessitamos para obedecer-Lhe e viver em retidão (2 Pe 1.3).

O padrão de Deus é mais alto do que podemos alcançar. A compreensão disto nos coloca na trilha da fé verdadeira, uma trilha que começa com a humildade que nasce de um senso de total miséria espiritual, do reconhecimento de que somos pobres de

espírito. Mas que inevitavelmente se consuma em obediência e retidão.

Quando Jesus quis ilustrar o caráter da fé salvadora, tomou uma criança, colocou-a no meio dos discípulos, e disse: “Em verdade vos digo que, se não vos converterdes e não vos tornardes como crianças, de modo algum entrareis no reino dos céus” (Mt 18.3). A criança é uma ilustração perfeita da humildade obediente,[21] uma lição prática sobre fé salvadora.

Jesus usou esta ilustração para ensinar que se insistirmos em reter os privilégios da vida adulta — se quisermos ser nosso próprio chefe, fazer o que queremos, dirigir nossas próprias vidas — não poderemos entrar no reino dos céus. Mas se nos dispusermos a ir com fé infantil e receber a salvação com a humildade de uma criança, com a disposição de nos

rendermos à autoridade de Cristo, então estaremos indo com a atitude correta.

Jesus disse: "As minhas ovelhas ouvem a minha voz; eu as conheço, e elas me *seguem*. Eu lhes dou a vida eterna; jamais perecerão, eternamente" (Jo 10.27,28, itálico meu). Quais são as ovelhas verdadeiras? Aquelas que seguem. Quais são as que seguem? Aquelas a quem é dada a vida eterna.

A fé obedece. A incredulidade se rebela. O fruto da vida de uma pessoa revela se ela é crente ou incrédula. Não há meio termo.[22] O simples conhecimento e aceitação de fatos, sem a obediência à verdade, não é crer, no sentido bíblico. Aqueles que se apegam à lembrança de uma decisão de "fé" feita no passado, mas que não demonstram qualquer evidência de que a fé continua operando em suas vidas, deveriam considerar bem a exortação clara e solene das

Escrituras: “O que, todavia, se mantém rebelde contra o Filho não verá a vida, mas sobre ele permanece a ira de Deus” (Jo 3.36).

---

[1] Charles C. Ryrie, *Balancing íhe Christian Life* (Chicago: Moody, 1969), p. 35.

[2] A questão introduzida pelo particípio grego *mê,* em Tiago 2.14, gramaticalmente pressupõe uma resposta negativa: “Pode, acaso, semelhante fé salvá-lo? Claro que não!”. Cf. A. T. Robertson, *Word Pictures in the New Testament* (Nashville: Broadman, 1933), 6:34. “Tem-se a impressão de que [eles não veem] qualquer distinção”.

[3] Johnny V. Miller, avaliação de *The Gospel Under Siege, Trinity Journal* (Deerfield, IL: Trinity, 1983), pp. 93,94.

[4] A. Ray Stanford, *Handbook of Personal Evangelism* (Hollywood, FL: Florida Bible College, s.d.), pp. 102,103.

[5] Zane C. Hodges, *The Gospel Under Siege* (Dallas: Redención Viva, 1981), p. 19. Hodges postula que, para a fé estar morta, tem de ter vivido nalgum tempo anterior (p. 20). Teoriza que a salvação de que se fala no versículo 14 refere-se à libertação das consequências temporais do pecado, não à salvação eterna (p. 23). E assim conclui que Tiago está escrevendo às pessoas salvas envolvidas por uma ortodoxia morta — nas palavras de Hodges, sua fé tornou-se “pouco mais que um credo defunto” (p. 33). Ainda que sua fé tenha morrido, Hodges crê que sua salvação eterna esteja assegurada. Esta é uma lógica deformada! “Fé morta” não indica que houve antes fé

viva, assim como Efésios 2.1 (“estando vós mortos nos vossos delitos e pecados”) não implica em que pecadores tenham estado espiritualmente vivos anteriormente.

[6] Cf. Livingston Blauvelt, Jr., “Does the Bible Teach Lordship Salvation?”, *Bibliotheca Sacra* (Janeiro-Março 1986), pp. 37-45. Blauvelt inicia o seu artigo reconhecendo que aquiescência intelectual não é fé salvadora: “Muitos ‘afirmam’ que têm fé (Tg 2.14), mas não passaram por uma conversão genuína. Mera anuência verbal ou aquiescência intelectual para o fato da morte de Cristo, sem qualquer convicção de pecado, é insuficiente” (p. 37). Mas toda a discussão de Blauvelt em torno da verdadeira natureza da fé limita-se a apenas quatro parágrafos em que argumenta que a fé salvadora nada tem a ver com compromisso, depois dos quais ele escreve que “o termo fé, no sentido neotestamentário, significa crer que Jesus de Nazaré é o Cristo, o Filho de Deus e que Ele morreu pelos nossos pecados e ressuscitou dentre os mortos (Jo 20.31; 1 Co 15.3,4). Fé é crer em Cristo para a vida eterna” (p. 43). É difícil ver como semelhante fé, à parte de qualquer tipo de compromisso, difere de “mera anuência verbal ou aquiescência mental”.

[7] Ryrie, p. 170. Aqui o Dr. Ryrie escreve que “a mensagem da fé, aliada a compromisso de vida... não pode ser o evangelho”.

[8] Hodges, p. 21. Ainda que *The Gospel Under Siege* seja definido como “um estudo sobre fé e obras”, no livro, o máximo que Hodges se aproxima de dar uma definição da fé é esta breve afirmação: “Fé, como podemos perceber pelas afirmações simples e diretas da Bíblia a

respeito da transação salvadora, é nada mais do que uma resposta a uma iniciativa divina. É o meio pelo qual se recebe o dom da vida".

[9] Para o nosso pasmo, Hodges afirma que "é largamente defendida na cristandade moderna a ideia de que em um crente verdadeiro a fé não morre. Mas esta não é uma asserção que possa ser confirmada pelo Novo Testamento" (ibid., p. 68); e "nada há que sustente a ideia de que a perseverança na fé seja resultado inevitável da salvação verdadeira" (p. 83). Compare essa afirmação com as palavras inspiradas de Paulo, em Colossenses 1.22,23: "Porém, vos reconciliou... se é que permaneceis na fé, alicerçados e firmes, não vos deixando afastar da esperança do evangelho".

Cf. também 1 Coríntios 15.1,2; 2 Timóteo 2.12; Hebreus 2.1-3; 3.14; 4.14; 6.11,12; 12.14; Tiago 1.2; 1 João 2.19.

[10] B. F. Westcott, *St. Paul's Epistle to the Ephesians* (Minneapolis: Klock and Klock, 1906 [reimpressão]), p. 32.

[11]11 Louis Berkhof, *Systematic Theology* (Grand Rapids: Eerdmans, 1939), pp. 503-505.

[12] W. E. Vine, *Vine's Expositor? Dictionary of Old and New Testament Words* (Old Tappan, NJ; Revell, 1981), 2:71.

[13] Ibid., 3:124.

[14] O capítulo 7 de Romanos é o texto clássico que descreve a luta do crente com a sua natureza pecaminosa. Observe que enquanto Paulo reconhecia a sua própria desobediência, escreveu que o desejo por fazer o bem constituía a grande paixão que o consumia: "Não faço o que prefiro, e, sim, o que detesto" (v. 15); "o querer o bem está em mim" (v. 18); "no tocante ao

homem interior, tenho prazer na lei de Deus" (v. 22); e "eu, de mim mesmo, com a mente sou escravo da lei de Deus" (v. 25). Apesar do apóstolo Paulo haver descrito a si mesmo como o principal dos pecadores (1 Tm 1.15), aqueles que se deleitam em folgar na devassidão não encontrarão nele um companheiro.

[15] Rudolph Bultmann em Gerhard Kittel, ed., *Theological Dictionary of the New Testament* (Grand Rapids: Eerdmans, 1967), 6: 205. Ainda que a teologia de Bultmann não seja ortodoxa, seu brilhantismo como autoridade na língua grega é indiscutível. Bultmann escreveu ainda: "Torna-se perfeitamente claro *qucpistis* [fé] é o compromisso absoluto de um homem com Deus; um compromisso em que o homem não pode tomar quaisquer decisões por si mesmo... É, na verdade, a decisão radical da vontade, através da qual a pessoa se entrega" (p. 219). "Esta renúncia ao mundo, este negar-se a si mesmo, é o significado primeiro da fé. É a auto-rendição do homem" (p. 223).

[16] Inacreditavelmente, Zane Hodges afirma que Paulo estava descrevendo crentes verdadeiros quando escreveu aquelas palavras a Tito (Hodges, p. 96). Ele escreve que "as pessoas que Paulo tinha em mente em Tito 1.16 são evidentemente as mesmas a quem faz referência no versículo 13 — 'Portanto, repreende-os severamente, para que sejam sadios na fé'. A palavra grega para 'sadio' significa saudável. Assim, as pessoas a quem se refere não são, de forma alguma, os que não estão 'na fé'. São, de fato, aqueles que ele vê como 'doentes' espirituais e que precisam de uma repreensão que os restaure à boa saúde". Esta afirmação ignora completamente o fato de

que Paulo referiu-se a essas pessoas como "impuros e descrentes... [cuja] mente... consciência... estão corrompidas" (v. 15)-, e como "abomináveis, desobedientes e reprovados para toda boa obra" (v. 16). Esta não pode ser uma descrição dos filhos de Deus.

[17] Charles H. Spurgeon, *The New Park Street Pulpit* (1858; reimpresso, Grand Rapids: Zondervan, 1963), 4:265.

[18] Cf. Gálatas 5.22, onde *pistis* como fruto do Espírito é traduzido por "fidelidade". Trata-se da mesma palavra traduzida por "fé", em Efésios 2.8 — "porque pela graça sois salvos, mediante a fé".

[19] J. B. Lightfoot, *The Epistle of St. Paul to the Galatians* (Grand Rapids: Zondervan, 1957), pp. 154-155.

[20] Para o meu comentário completo sobre as Bem-aventuranças, ver John MacArthur, *The MacArthur New Testament Commentary: Matthew 1-7* (Chicago: Moody, 1985), pp. 131-233. Para um tratamento popular da mesma passagem, veja John MacArthur, *Kingdom Living Here and Now* (Chicago: Moody, 1980).

[21] As crianças, naturalmente, *nem sempre* obedecem. Mas estão sob autoridade de outrem e, quando desobedecem, são castigadas.

[22] Novamente, isto não é negar a verdade clara de que os crentes podem cair e caem em pecado. Todavia, mesmo no caso de um crente que tenha cometido pecado, o Espírito irá agir, produzindo nele convicção, ódio pelo pecado, e algum tipo de desejo de obedecer. A ideia de que um crente genuíno pode permanecer em desobediência ininterrupta depois da sua conversão, sem jamais produzir qualquer tipo de fruto de justiça, é estranha às Escrituras.

17

O Caminho da Salvação

Nenhuma passagem em toda a Bíblia ataca a moderna fé-fácil com mais força do que Mateus 7.13,14. É a conclusão do Sermão do Monte, e o Senhor oferece a sua apresentação pessoal do caminho da salvação. Que diferente da tendência do evangelismo moderno! Não há qualquer incentivo nessas palavras para aqueles que pensam que poderão salvar-se por meio de uma aceitação casual dos fatos históricos relativos à Pessoa de Jesus: "Entrai pela porta estreita (larga é a porta e

espaçoso o caminho que conduz para a perdição e são muitos os que entram por ela), porque estreita é a porta e apertado o caminho que conduz para a vida, e são poucos os que acertam com ela". Aqui o Senhor leva o Sermão do Monte ao seu clímax evangelístico.

Esta passagem esfacela o ponto de vista dos que afirmam que o Sermão do Monte não é evangelho, mas lei.[1] Na verdade, trata-se de evangelho puro,[2] com o apelo tão incisivo quanto jamais foi feito. Estes versículos também desmascaram a opinião de que o Sermão do Monte é um mero discurso ético, que devemos tão-somente contemplar e admirar. Jesus certamente não está interessado em elogios para os seus ensinos de moral. O seu desafio não entabula a possibilidade de que o Sermão do Monte seja a verdade para algum futuro profético; Jesus está pregando às pessoas

aqui e agora, e a sua mensagem é urgente.

Cada um tem de fazer, inevitavelmente, uma escolha — uma escolha que as Escrituras apresentam de diversas maneiras. Por meio de Moisés, Deus confrontou os filhos de Israel, dizendo: "te propus a vida e a morte, a bênção e a maldição: escolhe, pois, a vida, para que vivas" (Dt 30.19). Josué desafiou os israelitas, ao entrarem na Terra Prometida: "Escolhei hoje a quem sirvais: se aos deuses a quem serviram vossos pais, que estavam dalém do Eufrates, ou aos deuses dos amorreus, em cuja terra habitais. Eu e a minha casa serviremos ao SENHOR'' (Js 24.15). Elias convocou as pessoas a tomarem uma decisão no Monte Carmelo: "Até quando coxeareis entre dois pensamentos? Se o SENHOR é Deus, segui-o; se é Baal, segui-o" (1 Rs 18.21). Disse Deus a Jeremias: "A este povo dirás: Assim diz o SENHOR: Eis que

ponho diante de vós o caminho da vida e o caminho da morte" (Jr 21.8).

A salvação é uma *escolha* que cada pessoa tem de fazei; porém, ela não é somente uma decisão momentânea, como geralmente se pensa. É, sim, uma decisão definitiva, com implicações contínuas e consequências eternas — a decisão final. O próprio Jesus posta-Se no centro do destino de cada pessoa e exige que se faça uma escolha deliberada entre vida ou morte, céu ou inferno. Aqui, para concluir tudo o que disse no Sermão do Monte, o Senhor exige que cada um escolha entre seguir o mundo pela estrada fácil e bem trilhada, ou segui-Lo pelo caminho estreito. Não se poderá encontrar uma apresentação mais clara do evangelho de Jesus em toda a Escritura!

Têm-se duas portas, a estreita e a larga; dois caminhos, o espaçoso e o apertado; dois

destinos, a vida e a destruição; e dois grupos, o minoritário e o majoritário. O Senhor prossegue (Mt 7.16-27) descrevendo dois tipos de árvore, a boa e a corrompida; dois tipos de fruto, o bom e o mau; dois tipos de construtores, o prudente e o néscio; e dois tipos de alicerce, a rocha e a areia. As opções são claras. Ele exige uma decisão. Estamos numa encruzilhada, e cada pessoa precisa escolher que caminho irá seguir.

Duas Portas

"Entrai pela porta estreita", diz Jesus, usando um imperativo que denota um senso de urgência, a exigência de uma ação *agora*. Não é suficiente que se fique a apreciar a porta — é preciso entrar.

É também importante que se entre pela porta *certa*. Só há uma porta que dá passagem

para o caminho estreito. Jesus disse: “Eu sou a porta. Se alguém entrar por mim, será salvo” (Jo 10.9) e “O que não entra pela porta... é ladrão e salteador” (Jo 10.1). “Eu sou o caminho, e a verdade, e a vida; ninguém vem ao Pai senão por mim”, disse, em João 14.6. “E não há salvação em nenhum outro; porque abaixo do céu não existe nenhum outro nome, dado entre os homens, pelo qual importa que sejamos salvos” (At 4.12). “Há um só Deus e um só Mediador entre Deus e os homens, Cristo Jesus, homem” (1 Tm 2.5). Cristo é a porta. Ele é o caminho. Não existem outros caminhos para o céu.

A única outra escolha possível é a errada. Não há meio-termo, nenhuma terceira alternativa, nenhuma outra porta. As opções de escolha são simples e claras. Não há espaço para o tipo de tolerância aberta e ecumênica

apreciada por nossa cultura humanista. Como diz John Stott: "Jesus barra o nosso sincretismo complacente".[3] Não há várias religiões verdadeiras; há tão-somente uma. E, assim, existem apenas duas opções: a verdadeira e a falsa, a certa e a errada, a de Deus e a nossa.

Todas as religões deste mundo baseiam-se no empreendimento humano. Somente o cristianismo bíblico reconhece a obra divina — a obra de Cristo em favor do homem — como única base para salvação. A morte de Cristo na cruz pagou o preço do nosso pecado (1 Co 15.3) e a sua ressurreição revela que Ele venceu a morte (1 Co 15.20). A salvação não é um sistema de méritos, onde homens e mulheres trabalham para conquistar o favor de Deus. Ninguém jamais poderia realizar suficientes boas obras para ser aceitável aos olhos de Deus (Rm 3.10-18). Nem mesmo a lei de Moisés

tornou justos os homens; ela foi dada para nos mostrar quão pecadores e desobedientes nós realmente somos (Rm 3.20). Deus, por sua graça, declara justos os crentes — e os torna justos — ao imputar-lhes a justiça de Cristo (Rm 3.21-24).

Sendo assim, a única escolha está entre a superabundância de religiões baseadas no esforço humano e a única religião baseada na obra divina. Dizem as Escrituras: "Ora, ao que trabalha [ao que escolhe uma religião baseada no esforço humano], o salário não é considerado como favor, e, sim, como dívida. [4] Mas ao que não trabalha, porém crê naquele que justifica ao ímpio [a quem submeter-se à religião baseada na obra divina], a sua fé lhe é atribuída como justiça" (Rm 4.4,5).

O caminho estreito e o caminho largo não contrastam a religião com o paganismo. Jesus

não está estabelecendo comparação entre as religiões mais refinadas e mais grosseiras, e nem mesmo entre o cristinianismo e a imoralidade flagrante.

Ambos os sistemas reivindicam ser o caminho para Deus. Na porta larga não há uma placa dizendo: "Entrada para o Inferno''; a sua placa diz: "Céu", tal qual na porta estreita. Porém, o seu fim é outro.

Satanás é mestre no que diz respeito a engano religioso, chegando mesmo a disfarçar-se em anjo de luz (2 Co 11.14). Ele enfeita a sua porta de maneira para ficar parecida com a porta para o céu, e "são muitos os que entram por ela" (Mt 7.13). Mas o Senhor diz que a porta certa é estreita. Na verdade, vários comentaristas diriam que a melhor ilustração contemporânea da porta estreita é a catraca giratória de um ônibus.[5] Só uma pessoa pode

passar de cada vez. Ninguém entra no reino de Cristo como parte de um grupo. Muitos judeus baseavam a sua esperança de entrar no céu em sua linhagem nacional, tal como muitos frequentadores de igreja em nossos dias baseiam sua esperança eterna no fato de estarem afiliados a uma denominação, ou pertencerem a uma família cristã, ou por serem membros de uma igreja. Aqui, Jesus refuta essas ideias. A porta admite apenas uma pessoa de cada vez: a salvação é intensamente pessoal. Não adianta ter nascido em lar cristão, ou pegar uma carona na fé do cônjuge. Crer é um ato individual.

Não é fácil entrar pela porta estreita. Lucas 13 registra que, enquanto Jesus ensinava nas aldeias, alguém Lhe perguntou: "Senhor, são poucos os que são salvos?" (v. 23). A sua resposta esfacela a pregação da fé-fácil

moderna: "*Esforçai-vos* por entrar pela porta estreita, pois eu vos digo que muitos procurarão entrar e não poderão" (v. 24, ênfase minha). A palavra grega para "esforçai-vos" é *agõnizomai,* que indica uma luta agonizante, intensa e definida. Trata-se da mesma palavra usada em 1 Coríntios 9.25, referindo-se ao atleta que se esforça por alcançar a vitória. Também é usada em Colossenses 4.12, ao falar do labor intenso de Epafras, e em 1 Timóteo 6.12, referindo-se ao crente que "combate o bom combate da fé". Trata-se de uma luta, de uma batalha, de um esforço extremo. Há quase como que a implicação de violência. E isso é apropriado, pois entrar no reino é como entrar na guerra. Jesus disse, em Mateus 11.12: "o reino dos céus é tomado por esforço, e os que se esforçam se apoderam dele" (Mt 11.12). Lucas 16.16 diz: "Vem sendo anunciado o

evangelho do reino de Deus, e todo homem se esforça por entrar nele" (cf. At 14.22). Pedro escreveu: "E, se é com dificuldade que o justo é salvo, onde vai comparecer o ímpio, sim, o pecador?" (1 Pe 4.18).

Como encaixar isso no conceito moderno de que é fácil ser salvo? Que impacto isso causa sobre o ensino comum de que para alguém se tornar um crente deve simplesmente crer nalguns fatos históricos, assinando um cartão de decisão, indo à frente, levantando a mão ou fazendo uma determinada oração? Não poderá ser que muitos dos nossos "convertidos" estão no caminho errado porque tomaram o caminho largo ao passarem pela porta errada?

A salvação não é fácil. "Porque estreita é a porta... e são poucos os que acertam com ela" (Mt 7.14). Isso implica em dizer que, a menos que a pessoa esteja procurando diligentemente

pela porta, provavelmente não saberá que ela está lá. Deus afirma, em Jeremias 29.13: "Buscar-me-eis, e me achareis, quando me buscardes de todo o vosso coração".

Não se pode acomodar a mensagem de Jesus a qualquer forma barateada de graça ou fé-fácil. O reino não é para pessoas que querem Jesus sem qualquer mudança de vida. É tão-somente para aqueles que o buscam com todo o coração, para os que agonizam por entrar. Muitos dos que se aproximam da porta acabam voltando ao considerarem o preço. Para que alguém não venha a dizer que isto é salvação por esforço humano, é bom lembrar que é somente a capacitação da graça divina que habilita a pessoa a passar pela porta. É no quebrantamento de um arrependimento concedido por Deus, na pobreza de um espírito humilde divinamente moldado, que o

poder de Deus torna-se a fonte de recursos.

De fato, somente os que se despojam de tudo podem entrar pela porta estreita. Não se pode atravessar uma catraca de um ônibus com uma avalanche de malas. A porta estreita que Jesus descreve não é suficientemente larga para os "superstars" que desejam entrar carregando todos os seus bens. O jovem rico procurou até encontrar a porta. Porém, quando viu que, para entrar, tinha de deixar tudo para trás, desistiu. Não importa quem sejamos ou quais sejam os nossos tesouros: ao chegarmos à porta estreita podemos contar que será necessário abandonar tudo. As malas de autojustiça, egoísmo, pecado e materialismo terão de ficar do lado de fora, ou jamais poderemos entrar. As boas novas são que, apesar da porta ser estreita, é suficientemente larga para passar o principal dos pecadores (cf. 1 Tm 1.15).

Para aqueles que insistem em carregar bagagem, a porta espaçosa deverá ser mais atraente. Nela, há uma placa: "Céu" — poderá até mesmo haver uma inscrição "Jesus" — mas não leva ao céu, e nada tem a ver com Jesus. Trata-se da porta da religião das massas; uma porta larga e aberta, através da qual qualquer um pode passar sem ter de se livrar da autojustiça, do orgulho, dos bens materiais, e, até mesmo do pecado. Todavia, não há salvação para os que escolhem essa porta.

Receber a Cristo não significa meramente que podemos acrescentar Jesus ao refugo que temos acumulado. A salvação requer transformação total: "Se alguém está em Cristo, é nova criatura: as coisas antigas já passaram; eis que se fizeram novas" (2 Co 5.17). O que poderia ser mais claro do que isto? As coisas velhas passam. O pecado, o egoísmo e os

prazeres do mundo são substituídos por coisas novas. Este é o detalhe principal da salvação; ela produz uma vida transformada.

Dois Caminhos

Os dois caminhos identificam-se intimamente com as duas portas. Um é largo e aberto; o outro, difícil e estreito (Mt 7.14). O Salmo 1 também fala desses dois caminhos: "Pois o SENHOR conhece o caminho dos justos, mas o caminho dos ímpios perecerá". As opções são as mesmas de sempre: ou o caminho largo e cheio, do ímpio; ou o caminho estreito do justo. O caminho largo, com toda a certeza, é mais fácil. Não há precipícios. Há plenitude de espaço para aqueles que desejam experimentar o banquete imoral oferecido pela multidão nesse caminho. Quase não há limitações, ou restrições, ou

limites. Tolera-se todo pecado imaginável — desde que você diga que ama Jesus. Ou desde que você seja religioso, ou o que mais queira ser. Esse caminho não requer caráter. A pessoa pode ser como um peixe que desce o rio, levado pela correnteza. Na linguagem de Efésios 2.2, tal é o "curso deste mundo". É o "caminho, que parece direito ao homem, mas afinal são caminhos de morte" (Pv 16.25). O caminho de Deus é apertado; o caminho estreito é o que conduz à vida. Nele não há espaço para qualquer desvio.

Jesus não procura multidões. Ele procura e salva indivíduos que reconhecem estar perdidos. Como já vimos, o Senhor não induzia pessoas a tomarem decisões precipitadas para segui-Lo sem antes calcularem o custo disso. Ele nem sempre convidava as pessoas "muito interessadas" a

fazerem parte do seu grupo. Na verdade, frequentemente Ele parecia encorajar os potenciais seguidores a desistirem.

Em João 6.64, por exemplo, Jesus questionou a fé daqueles que a si mesmos se chamavam discípulos: "Há descrentes entre vós". Diz o versículo 66: "A vista disso, muitos dos seus discípulos o abandonaram e já não andavam com ele". Jesus voltou-se para os doze e perguntou-lhes: "Porventura quereis também vós outros retirar-vos?" (v. 67). É como se Ele os estimulasse, tentando induzi-los a se retirarem com a multidão. Ele não queria seguidores ocasionais, mas pessoas dispostas a darem suas vidas por Ele.

Lucas 14 descreve como Jesus tratava as massas bajuladoras que O seguiam por toda a parte: "Grandes multidões o acompanhavam, e ele, voltando-se, lhes disse: Se alguém vem a

mim, e não aborrece a seu pai, e mãe, e mulher, e filhos, e irmãos, e irmãs e ainda a sua própria vida, não pode ser meu discípulo. E qualquer que não tomar a sua cruz, e vier após mim, não pode ser meu discípulo... Assim, pois, todo aquele que dentre vós não renuncia a tudo quanto tem, não pode ser meu discípulo" (v. 25-27,33). O Senhor torna o caminho estreito o mais rude possível ao exigir que os que realmente desejam segui-Lo saiam da multidão e tomem uma cruz — um instrumento de tortura e morte.

Experimente pregar isso num "avivamento", e observe quantas pessoas vêm à frente! Contudo, as pessoas que viessem, em maior número compreenderiam o compromisso que se lhes exige.

Os que seguem o caminho estreito devem também contar com perseguições. "Vem a hora

em que todo o que vos matar julgará com isso tributar culto a Deus" (Jo 16.2). Pelo caminho estreito não se pode andar com os pés descalços. O solo é rude. Jesus nunca apresentou o cristianismo como uma opção suave para almas fracas e irresolutas. Quando alguém se torna crente, declara guerra ao inferno. E o inferno contra-ataca. Seguir a Cristo pode custar a própria vida de uma pessoa — no sentido espiritual, com toda a certeza custará. Os tímidos e acomodados não precisam apresentar-se.

Esta parece uma estrada horrível para se viajar? Não é! Cristo em pessoa vai à frente e nos supre as forças necessárias (cf. Fp 4.12,13). O jugo é suave e o fardo é leve (Mt 11.30).

Dois Destinos

A escolha que se faz entre as duas portas e

os dois caminhos é uma escolha eterna. O caminho largo, cujo início é tão fácil, curiosamente torna-se duro no final; ele acaba no inferno. O que parece tão convidativo deste lado de cá, leva unicamente à destruição.

A porta estreita, no caminho apertado, pode não parecer muito atraente, mas é o caminho para a vida. O caminho que começa difícil abre-se para a eterna felicidade do céu.

Dois Grupos

Finalmente, há dois grupos de pessoas viajando por caminhos diferentes. Mateus 7.13 fala do grupo que passa pela porta larga: "São muitos os que entram por ela''. Quanto à porta estreita, "são poucos os que acertam com ela" (v. 14). É de se lamentar que a maioria das pessoas religiosas estão se dirigindo ao inferno e não ao céu. Mesmo no Velho Testamento, os

verdadeiros crentes constituíam apenas um remanescente, nunca a maioria. Jesus disse, em Mateus 22.14: "Muitos são chamados, mas poucos escolhidos". Em Lucas 12.32 Jesus olhou para os seus discípulos e disse-lhes: "Não temais, ó pequenino rebanho". A palavra traduzida por "pequenino" nesse versículo é *micron,* de onde temos o prefixo *micro,* que indica algo muito pequeno. É a mesma palavra usada em Mateus 13.32 para a semente de mostarda, que é uma das menores sementes. O remanescente fiel tem sido sempre um rebanho pequeno, umas poucas almas que laboram pelo poder de Deus, reconhecendo a sua própria incapacidade, mas prontas a pagar o preço. A maioria da humanidade toma o caminho largo. Mas a maioria raramente está certa.

Do ponto de vista humano, o caminho largo é a escolha natural. Preferimos o pecado

à retidão. Jesus disse que "os homens amaram mais as trevas do que a luz; porque as suas obras eram más" (Jo 3.19). É fácil seguir a multidão. Você pode até mesmo acrescentar Jesus a todos os seus pecados e possessões prediletas, a fim de se sentir religioso. Você pode ir à igreja e ser tão ativo ou tão passivo quanto desejar. Você jamais tem de negar-se a si mesmo ou tomar a sua cruz. O único problema é que o caminho natural termina em desastre.

Alguém me enviou o recorte de um jornal de Melbourne, Austrália. Era uma carta para o editor, escrita logo após uma Cruzada Billy Graham. "Depois de ouvir o Dr. Billy Graham pelo rádio e vê-lo pela televisão, e ler reportagens e artigos a seu respeito e a respeito da sua missão, sinto-me profundamente enjoado do tipo de religião que insiste em que

a minha alma (e a de todo mundo) precisa ser salva — seja lá o que isso signifique. Nunca me senti perdido. E nem sinto que diariamente me atole no lodaçal do pecado, ainda que as pregações repetidamente insistam em que isso acontece comigo. Deem-me uma religião prática, que ensine a bondade e a tolerância, que não estabeleça barreiras de cor ou credo, que respeite os velhinhos e que fale do bem às crianças e não do pecado. Se para salvar a minha alma é necessário que eu aceite uma tal filosofia do tipo que me foi pregada recentemente, prefiro permanecer perdido para sempre".

Triste carta! Mas a verdade é que a pessoa compreendeu a rigidez das escolhas. Só que fez a escolha errada. A grande tragédia é que há multidões nesse mesmo caminho — e a maioria pensa que está indo para o céu. Em

vez disso, terminarão em condenação e destruição, vítimas do engodo de Satanás.

Estou convencido de que a mensagem evangelística popular em nossos dias realmente induz as pessoas a esse engodo. Promete um plano maravilhoso e confortável para a vida. Anula o escândalo da cruz (cf. 1 Co 1.23; Gl 5.11). Ainda que apresente Cristo como o caminho, a verdade e a vida, nada fala da porta, nem do caminho estreitos. Seu assunto principal é o amor de Deus, mas não há qualquer menção da ira de Deus. Vê os homens como seres privados e, não, depravados. É cheia de amor e compreensão, mas em nada menciona o fato de que há um Deus santo que odeia o pecado; não chama ao arrependimento, não alerta para o fato de que haverá um juízo final, não chama ao quebrantamento, não espera ver corações

contritos, e não apresenta qualquer razão para haver tristeza profunda pelo pecado. Trata-se de uma mensagem de salvação barata, um chamado a uma decisão precipitada, acompanhada em geral de falsas promessas de saúde, felicidade e bênçãos materiais. Este não é o evangelho segundo Jesus.

"Estreita é a porta e apertado o caminho que conduz para a vida, e são poucos os que acertam com ela''. Como Jesus poderia ser mais claro? Este é o único caminho aceito pelo seu evangelho. Não se trata de um caminho fácil ou popular. Mas é o único que conduz à glória eterna.

---

[1] Charles C. Ryrie, *Dispensationalism Today* (Chicago: Moody, 1965), p. 108. Escreve o Dr. Ryrie: "Onde poder-se-á encontrar uma nota evangelística no sermão?... Uma afirmação clara do evangelho [não pode ser encontrada] no sermão".

[2] Cf. R. C. H. Lenski, *The lnterpretation of Matthew's Gospel* (Co-lumbus, OH: Wartburg, 1943), p. 180.

[3] John R. W. Stott, *Contracultura Cristã* (ABU Editora, 1981).

[4] O salário do pecado é a morte (Rm 6.23).

[5] D. Martin Lloyd-Jones, *Estudos no Sermão do Monte* (Editora Fiel, São José dos Campos, SP, 1989), p. 497.

I8

A Certeza do Juízo Final

Um senhor que me ouviu pelo rádio escreveu o seguinte: "Quando ouvi as suas pregações sobre o livro de Romanos, fiquei decepcionado. Para você, a justificação pela fé parece que é fazer do crente um justo e, não, simplesmente fazer com que ele reconheça isso". Acrescentou que acreditava que eu cometera um sério erro teológico ao confundir o conceito puramente judicial *de justificação* (o ato pelo qual Deus declara justo o pecador que crê) com o conceito prático de

santificação (a obra de Deus pela qual Ele torna santo o crente). A justificação, tal como ele a entendia, ocorre na salvação; a santificação poderá ocorrer mais tarde ou não ocorrer, dependendo da disposição pessoal do indivíduo para obedecer. Enquanto reconhecia que todo o crente está justificado, queria abrir um espaço para crentes que pudessem ser não-santificados.

Esse homem estava enganado. Apesar da justificação e a santificação serem conceitos teológicos distintos, ambos são elementos essenciais à salvação. Deus não declara justa a pessoa que Ele não torna justa. A salvação inclui *toda* a obra de Deus em nosso favor, desde o seu pré-conhecimento a nosso respeito, antes da fundação do mundo, até à nossa glorificação na eternidade futura (Rm 8.29-30). Não se pode estabelecer escolhas, decidindo-se

aceitar a vida eterna, mas rejeitar a santidade e a obediência. Quando Deus justifica uma pessoa Ele também a santifica.[1] Como escreveu D. Martyn Lloyd-Jones: "Será que percebemos que se realmente compreendermos a doutrina da justificação pela fé, já teremos apanhado a essência e o centro do ensino neotestamentário a respeito de santidade e santificação? Será que percebemos que o sermos justificados pela fé garante a nossa santificação, e que, consequentemente, *jamais devemos pensar em santificação como uma experiência separada e posterior?"* (itálico meu).[2]

As Escrituras contestam aqueles que definem a salvação como um ato puramente judicial, sem quaisquer consequências práticas. Romanos 10.10 apresenta a fé e a retidão moral como inseparáveis: "Porque com o coração se

crê para justiça". Hebreus 12.14 fala da "santificação, sem a qual ninguém verá o Senhor". A Versão King James traduz Hebreus 12.14 assim: "Segui... santidade, sem a qual ninguém verá o Senhor".

Hebreus 12.14 não faz da santidade um pré-requisito para a salvação, mas reconhece-a como o resultado seguro desta. Ou seja: a santificação é uma *característica* de todos os redimidos, não uma *condição* para que recebam a salvação. Os que creem verdadeiramente com certeza tornam-se santos, e os que não creem jamais poderão ser santos. Eles não têm a esperança de ver a Deus, exceto para comparecerem diante dEle em julgamento.

Muitos que pensam estar salvos, mas que não vivem vidas santas, ficarão chocados ao descobrirem no dia do juízo que o céu não é o seu destino. É difícil imaginar uma cena mais

horripilante do que a descrita por Jesus em Mateus 7.21-23: “Nem todo o que me diz: Senhor, Senhor! entrará no reino dos céus, mas aquele que faz a vontade de meu Pai que está nos céus. Muitos, naquele dia, hão de dizer-me: Senhor, Senhor! Porventura, não temos nós profetizado em teu nome, e em teu nome não expelimos demônios, e em teu nome não fizemos muitos milagres? Então lhes direi explicitamente: Nunca vos conheci. Apartai-vos de mim, os que praticais a iniquidade”.

Aqueles que pensam na salvação como uma mera transação legal, um reconhecimento intelectual divorciado de retidão prática, enfrentarão dificuldades com este alerta de Jesus. Pois isto coloca a salvação em termos muito práticos. Reitera-se a afirmação-chave do Sermão do Monte: “Porque vos digo que, se a vossa justiça não exceder em muito a dos

escribas e fariseus, jamais entrareis no reino dos céus" (Mt 5.20). Em Mateus 7, o Senhor nos dá um vislumbre do juízo final e da tragédia daqueles que estarão diante do trono com grandes expectativas, mas com apenas uma profissão verbal de fé ou mero conhecimento intelectual. Eles irão argumentar que realizaram obras para o Senhor; todavia, suas palavras e coração estarão vazios. Tragicamente, Cristo os expulsará do céu.

Observe a frase-chave em Mateus 7.21, que identifica o tipo de pessoa que irá habitar no céu — "aquele que faz a vontade de meu Pai". Não é o que *diz* que conhece Jesus ou que crê em certos *fatos* a seu respeito. Mas, é aquele *que faz* a vontade do Pai. O que pratica a iniquidade será excluído (v. 23). A lição aqui é: se uma pessoa vive em desobediência, não importa o que ela diz ou que boas obras faz.

Trata-se de um incrédulo, correndo o risco da condenação eterna.

Esta é uma admoestação muito forte, mas é uma parte indispensável do evangelho segundo Jesus. Estes breves versículos, e outros que os seguem imediatamente, condenam duas reações erradas para com Jesus: Primeiro, a de professar a fé, mas recusar-se a fazer o que a fé exige (Mt 7.22-23); segundo, ouvir sem obedecer (vv. 24-27).

Dizer Sem Fazer: O Pecado das Palavras Vazias

Observe que os "muitos" que serão expulsos no dia do juízo não são pagãos. São pessoas religiosas que optaram pelo caminho do empreendimento humano. São estes os que entram pela porta larga e pelo caminho espaçoso. Sua justificativa serão as obras

religiosas que houverem feito. Paulo disse que pessoas assim têm "forma de piedade, negando-lhe, entretanto, o poder" (2 Tm 3.5). São bem parecidos com os fariseus; obcecados pela atividade religiosa; não necessariamente apóstatas, nem hereges, nem contrários a Deus, nem ateus ou agnósticos — são apenas pessoas que tentam ganhar o favor de Deus por meio de obras exteriores, em vez de viverem a justiça decorrente da fé (cf. Rm 10.5-10).

As obras que eles fazem são externas, *apenas*. São hipócritas que dizem as coisas certas, mas não as praticam de coração. Na verdade, a despeito de todas as coisas boas que dirão ter feito, a razão pela qual serão excluídos é que não fazem a vontade do Pai Celestial (Mt 7.21). Vivem vidas iníquas (v. 23). Podem saber as palavras certas, podem parecer bonzinhos do lado de fora, mas o seu caráter não

corresponde a isso. São muitos na igreja, hoje, que professam a sã doutrina, mas não são salvos.

Essa gente chega até a dizer "Senhor, Senhor", revelando a sua ortodoxia teológica. Eles *sabem* do senhorio de Jesus, e chegam mesmo a concordar verbalmente com ele, mas não se *submetem* a Ele como Senhor. São como aqueles de quem Jesus falou, em Lucas 6.46: "Por que me chamais, Senhor, Senhor, e não fazeis o que vos mando?". São fervorosos, piedosos, respeitáveis. Três vezes usam a expressão: "Em teu nome... em teu nome... em teu nome". Têm estado ocupados fazendo coisas em nome do Senhor, até mesmo milagres, sempre com o pensamento de que O estão servindo com zelo. Mas suas palavras são vazias. Dizer "Senhor, Senhor", e então desobedecer é o equivalente moral ao beijo de

traição dado por Judas. A fé verdadeira preocupa-se tanto com *o fazer* a vontade de Deus quanto com o afirmar os fatos da doutrina verdadeira.

Jesus falou as palavras de Mateus 7.21-23 como um alerta às pessoas que pensam estar salvas, mas não vivem em obediência a Deus. Diferentemente dos pregadores de hoje, que evitam perturbar as certezas das pessoas, o Senhor estava decidido a destruir as esperanças de todos os que falsamente pensavam estar redimidos. Ele frequentemente os contestava. Nunca encorajou alguém que tivesse dúvidas quanto à sua salvação pessoal a ignorar essas dúvidas. Sua mensagem estabelece um contraste rígido com o evangelho de hoje, que parece ter sido arquitetado especialmente para sustentar falsas certezas. O padrão estabelecido pela evangelização moderna é fazer com que as

pessoas entrem num esquema, façam uma oração, assinem um cartão de decisão, ou seja lá o que for, e, depois, dizer-lhes que estão salvas e que nunca mais devem duvidar disso. Uma tal atitude ao testemunhar é, na verdade, uma luta contra o Espírito Santo, cujo ministério é fazer nascer a segurança naqueles que são salvos (Rm 8.16) e convencer aqueles que não o são (Jo 16.8,9). Deus conhece a diferença, nós não.

Ter dúvidas quanto à salvação pessoal não está errado, desde que essas dúvidas não sejam alimentadas a ponto de se tornarem uma obsessão. As Escrituras nos estimulam ao auto-exame. As dúvidas precisam ser tratadas honesta e biblicamente. Em 2 Coríntios 13.5, Paulo escreveu: "Examinai-vos a vós mesmos se realmente estais na fé; provai-vos a vós mesmos. Ou não reconheceis que Jesus Cristo

está em vós? Se não é que já estais reprovados''. Esta admoestação é amplamente ignorada — e muitas vezes, anulada por explicações[3] — na igreja contemporânea.

O ensino de que os crentes estão livres de ter de observar qualquer tipo de lei moral floresce na comunidade evangélica dos nossos dias. É-nos dito que não há qualquer motivo para alguém se auto-examinar.[4] Se Deus é gracioso e misericordioso, e se a salvação é dada àqueles que simplesmente creem nos fatos do evangelho, o que importa a hipocrisia, a desobediência e o pecado? Não devemos nos preocupar com esses problemas. Todavia, as Escrituras nos estimulam a examinar a nós mesmos pelo menos a cada vez que participamos da Ceia do Senhor (1 Co 11.28).

O auto-exame é tão necessário hoje quanto em qualquer outra época. Quando as

estatísticas nos dizem que mais de um bilhão de pessoas neste mundo são cristãos, é de se indagar quem estabeleceu os critérios que determinam essa estatística. Esse número certamente não condiz com aquilo que Jesus falou sobre muitos no caminho largo e poucos no estreito. Assinalar o quadrinho de "nascido de novo" num formulário de estatísticas não dá garantias de vida eterna. Até mesmo os que pertencem a uma boa igreja podem estar enganados e totalmente desprovidos da justiça de Deus em Cristo Jesus.

Há várias categorias de pessoas iludidas na igreja. É claro que há os hipócritas; os que tão-somente tentam parecer religiosos. Outros, são gente superficial, que se chamam a si mesmos de crentes pelo fato de frequentarem a Escola Dominical desde a infância, ou por haverem "feito uma decisão" por Cristo, sem

terem qualquer interesse subsequente em viver as obrigações da fé. Outros, ainda, estão ardentemente envolvidos com atividades da igreja; conhecem os fatos do evangelho, mas não obedecem a Palavra de Deus. Talvez frequentem a igreja por estarem à procura de bem-estar, bênçãos, experiências, curas, milagres ou dons arrebatadores. Talvez sejam leais para com a denominação, a igreja, a organização, mas não para com a Palavra de Deus. Poderão amar a teologia simplesmente por interesse acadêmico. Sejam quais forem as razões, *muitos* (Mt 7.22) que se têm identificado com Cristo e com o cristianismo serão expulsos no dia do juízo.

Observe atentamente que pregar, profetizar, expelir demônios e operar milagres — mesmo sob o disfarce da ortodoxia — não são provas de salvação verdadeira. Deus pode,

e muitas vezes o faz — agir por meio de incrédulos. Ele usou o ímpio Balaão (Nm 23.5) — usou até mesmo a mula de Balaão! Caifás, o vil sumo sacerdote profetizou a morte de Cristo pela nação (Jo 11.51-52). Obras poderosas também podem ser realizadas pelo poder de Satanás; ou podem ser obras falsas. Os mágicos do Egito foram capazes de repetir quase todos os milagres operados por Moisés. Os ímpios filhos de Ceva, em Atos 19, expulsavam demônios. Mateus 24.24 profetiza que falsos cristos e falsos profetas virão e farão sinais e maravilhas. Satanás pode fazer coisas estarrecedoras, e fará praticamente tudo para enganar alguém e levá-lo a pensar que é salvo.

Milagres, profecias e grandes maravilhas não correspondem a uma vida santificada, e sem a verdadeira santidade ninguém verá ao Senhor (Hb 12.14). Deus quer que sejamos um

reflexo do seu caráter: “Segundo é santo aquele que vos chamou, tornai-vos santos também vós mesmos em todo vosso procedimento, porque escrito está: Sede santos, porque eu sou santo” (1 Pe 1.15,16). “Sede vós perfeitos como perfeito é o vosso Pai celeste” (Mt 5.48). Pelo fato de Deus ser santo, aqueles em quem Ele está operando crescerão mais e mais em direção à santidade. Porque Deus é perfeito, aqueles em quem Ele habita progredirão, rumo ao seu padrão perfeito. Se você está parado, ou está escorregando na direção oposta, é bom que examine a si mesmo.

Buscar o padrão da perfeição não quer dizer que jamais falhamos. Significa que, quando falhamos, enfrentamos a situação. Os que têm uma fé genuína irão falhar — e, em alguns casos, frequentemente — mas o crente verdadeiro terá como padrão de vida a

confissão do pecado, e irá ao Pai buscando o perdão (1 Jo 1.9). A *perfeição* é o alvo; a *direção* é a prova. Se a vida de uma pessoa não apresenta crescimento em graça, retidão e santidade, cabe a ela examinar a veracidade da sua fé, mesmo que pense haver feito grandes coisas em nome de Cristo.

Ouvir Sem Obedecer: O Pecado dos Corações Vazios

Nosso Senhor continua a falar do perigo do juízo vindouro com uma breve ilustração. É a conclusão do Sermão do Monte. Esta ilustração agrega tudo o que Ele já havia dito a respeito de fé, justiça, e da necessidade de se viver segundo o padrão divino. É um apelo final às pessoas em perigo de serem julgadas! "Todo aquele, pois, que ouve estas minhas palavras e as pratica, será comparado a um

homem prudente, que edificou a sua casa sobre a rocha; e caiu a chuva, transbordaram os rios, sopraram os ventos e deram com ímpeto contra aquela casa, que não caiu, porque fora edificada sobre a rocha. E todo aquele que ouve estas minhas palavras e não as pratica, será comparado a um homem insensato, que edificou a sua casa sobre a areia; e caiu a chuva, transbordaram os rios, sopraram os ventos e deram com ímpeto contra aquela casa, e ela desabou, sendo grande a sua ruína" (Mt 7.24-27).

O que parece, à primeira vista, ser uma estória muito simples é, na verdade, um comentário poderoso sobre pessoas que têm a cabeça cheia de conhecimento, mas o coração vazio de fé. Contrasta os que obedecem com os que não obedecem. Alguns ouvem a mensagem e agem de acordo com ela, ao passo

que outros ouvem, mas não agem. A lição óbvia deixada pelo Senhor é que a diferença entre ambos é uma questão de importância eterna.

Esta é uma repetição final do tema central do Sermão do Monte — aqueles que não manifestam justiça genuína não entrarão no reino dos céus (cf. Mt 5.20). As palavras são dirigidas àqueles que professam conhecer a Deus, que pensam pertencer ao reino, mas cujas vidas não revelam o caráter daqueles que pertencem ao Rei.

Dois homens são descritos em Mateus 7.24-27, ilustrando tipos diferentes de ouvintes. Ambos construíram casas. Aparentemente, construíram-nas na mesma região, uma vez que o mesmo temporal e enchente as atingiu. Talvez as casas até fossem parecidas. A única diferença mencionada por Jesus está no

alicerce sobre o qual foram construídas. Uma estava sobre a rocha; e a outra sobre a areia. Esta estória é outra censura poderosa à religião dos fariseus. Eles não tinham qualquer consideração pela espiritualidade da alma, pela pureza do coração, ou pela integridade do comportamento. Eram hipócritas, preocupados apenas com as aparências e não com a obediência a Deus. Toda a sua religião era como uma estrutura edificada sobre a areia. À primeira vista parecia boa, mas, em última análise, era somente um desperdício de esforços, condenado à destruição certa.

Os fariseus oravam, jejuavam e davam suas esmolas, mas apenas para exibirem sua piedade e para melhorar sua reputação. Muito do que Jesus pregou no Sermão do Monte foi dirigido a eles e às pessoas envenenadas pelo seu ensino. Jesus começou a sua mensagem

com um chamado à humildade, ao arrependimento, mansidão, fome de justiça, misericórdia e pureza (Mt 5.1-8). Os fariseus sentiam apenas desprezo por essas qualidades. Preferiam o orgulho, a arrogância espiritual, a autojustiça e as obras religiosas exibicionistas. Jesus conclamava as pessoas a uma justiça que ultrapassava a dos fariseus, dando a entender que algo estava faltando na religião deles. Desmascarou o seu detalhismo religioso que os levava a obedecer a letra da lei enquanto ignoravam a sua verdadeira finalidade (Mt 5.21-47). A seguir, reprovou o seu estilo aparatoso (6.1-18) e, depois, os censurou por sua atitude crítica (7.1-5), colocando o ensino deles em questão (7.15-20).

Agora, Jesus os desafia a *agir* de acordo com o seu ensino (7.24). O agirem ou não de acordo com seus ensinos, será o teste que

demonstrará se são sábios ou tolos. Em última análise, a sua decisão determinará se irão ouvir aquelas terríveis palavras: "Apartai-vos de mim, os que praticais a iniquidade" (7.23).

Os estudiosos têm sugerido diversas interpretações quanto ao que seja construir sobre a rocha. Alguns têm dito que no Velho Testamento Deus é chamado de Rocha (SI 18.2). Outros observam que Paulo referiu-se a Jesus como sendo o único fundamento (1 Co 3.11). Mas deixemos que a passagem fale por si mesma: "Todo aquele, pois, que ouve estas minhas palavras *e as pratica,* será comparado a um homem prudente, que edificou a sua casa sobre a rocha" (v. 24, itálico meu). Obedecer às palavras de Jesus equivale a edificar uma casa sobre a rocha.

Colossenses 1.21-23 diz: "E a vós outros também que outrora éreis estranhos e inimigos

no entendimento pelas vossas obras malignas, agora, porém, vos reconciliou... se é que permaneceis na fé, alicerçados e firmes''. Tiago 1.22, um versículo muito conhecido, diz: "Tornai-vos, pois, praticantes da palavra, e não somente ouvintes, enganando-vos a vós mesmos". Primeira João 2.3, afirma: "Sabemos que o temos conhecido por isto: se guardamos os seus mandamentos". Tito 1.15,16, diz: "... os impuros e descrentes... no tocante a Deus professam conhecê-lo, entretanto o negam por suas obras, por isso que são abomináveis, desobedientes e reprovados para toda boa obra".

Todas essas passagens ensinam que os crentes genuínos não recebem Jesus sem permanecerem nEle. Não ouvem a sua Palavra para, então, deixar de praticá-la. Não conhecem os seus mandamentos para depois

não cumpri-los. Eles não afirmam conhecer a Deus para depois negá-Lo com suas obras. A única confirmação da salvação está numa vida de obediência. Esta é a única prova possível de que uma pessoa realmente conhece a Jesus Cristo. Se alguém não tem a obediência a Jesus como norma de vida, a sua profissão de fé não passa de um exercício verbal vazio.

Pense nisto por um momento: Um homem construiu a sua casa da maneira fácil e rápida, enquanto que o outro o fez pelo modo mais difícil. Construir sobre a areia não exige qualquer preparo. Não se tem de cavar. Não se tem de fazer um preparo. É só construir. Trata-se de um atalho que traz resultados rápidos, mas não duradouros. Boa parte do evangelismo moderno é construir sobre a areia. Não se dá tempo para haver convicção de pecado, nenhuma oportunidade para haver

arrependimento profundo, nenhuma chance para se compreender *porque* devemos encarar a realidade de que estamos perdidos, e nenhuma ocasião para que o Espírito Santo opere. A. W. Pink escreveu: "Há pessoas que dizem estar salvas antes mesmo de ter a sensação de que estão perdidas".[5] Multidões que professam o nome de Jesus têm edificado loucamente sobre a areia movediça e frívola do ouvir, mas não obedecer (cf. Mt 7.26). O cristianismo moderno tornou-se superficial, tolerante para com pessoas que não cavaram em profundidade e que não lançaram o fundamento correto.

Jesus disse que o homem sábio não edifica uma torre sem calcular o custo (Lc 14.28). Está disposto a cavar fundo, considera a responsabilidade, compreende bem o compromisso que está assumindo, e quer agir com correção. Este é o homem que ouve e

obedece (Mt 7.24).

O dia do juízo está chegando. É a isso que se referem o vento, a chuva e a enchente de Mateus 7.25 e 27. Deus está enviando a tormenta do juízo. Alguns permanecerão e outros cairão. Os que permanecem são os crentes verdadeiros; os que caem são os que jamais creram realmente. A diferença será vista ao verificarmos se o conhecimento do evangelho foi seguido de obediência, e se uma vida de retidão seguiu-se à profissão de fé. Esta ilustração está maravilhosamente de acordo com os alertas apresentados em versículos anteriores. Todos ensinam que o teste de uma fé verdadeira é saber se ela produz obediência.

Assim, o Sermão de Jesus, no Monte, termina com um alerta tremendo sobre o juízo: "ela desabou, sendo grande a sua ruína". Trata-se de um alerta de ruína, característico da

pregação de Jesus e que, como já vimos, é marcantemente diferente da tendência do evangelismo contemporâneo. O evangelho segundo Jesus nos conclama a uma decisão; não meramente a uma nova opinião, e, sim, a uma resposta de obediência ativa.

Qual foi o resultado do sermão? Um grande avivamento? Milhares de conversões? Não. Se alguém se arrependeu, não se menciona. Os versículos 28 e 29 de Mateus 7 dizem-nos que "quando Jesus acabou de proferir estas palavras, estavam as multidões maravilhadas da sua doutrina; porque ele as ensinava como quem tem autoridade, e não como os escribas".

Tudo o que fizeram foi analisar o estilo dEle! Exatamente o que os aconselhou a que não fizessem. Estavam "maravilhados". A palavra grega significa literalmente que

“ficaram fora de si”. Na linguagem dos nossos dias, diríamos que o sermão os deixou “bobos”. Esta não era uma reação negativa; na verdade, muitos hoje poderiam interpretá-la como salvação. Afinal, aquelas pessoas admitiram nunca terem ouvido tanta sabedoria, nunca terem visto tanta profundidade, nunca terem compreendido uma verdade tão rica. Ninguém jamais apresentara advertências tão terríveis sobre o inferno. E certamente ninguém jamais confrontara os líderes religiosos daquele modo! Jesus falou com tanta coragem! Não citou outros rabinos; firmou-se sobre a sua própria autoridade! Ele abordou cada aspecto da vida humana com palavras impressionantes. Jamais tão profunda percepção das coisas fora expressa numa única e tão poderosa mensagem. As multidões acharam-No

maravilhoso.

Mas, isso não foi salvação para eles; já haviam começado a construir sobre a areia. Não houve arrependimento, nenhuma expressão de obediência — somente análise. E foi assim que tudo terminou.

Para os crentes, as coisas não podem parar aí. Alguém que tenha fé verdadeira não pode ouvir as palavras do Senhor e seguir o seu caminho sem obedecê-las. Os fiéis ficam muito mais que chocados, mais que maravilhados, mais que perplexos — obedecem; estão construindo sobre a rocha.

---

[1] Em 1 Coríntios 1.2 e 6.11, por exemplo, diz-se que todos os crentes são santificados.

[2] D. Martyn Lloyd-Jones, Romans: The New Man (Grand Rapids: Zondervan, 1974), p. 190.

[3] Cf. Zane C. Hodges, The Gospel Under Siege (Dallas: Redención Viva, 1981), p. 95. Hodges escreve: "Frequentemente as afirmações de Paulo são tratadas de

maneira muito unidimensional. Apesar de todas as epístolas que escreveu serem endereçadas a pessoas que já obtiveram a fé salvadora, as suas palavras são demasiadamente vistas como se ele estivesse constantemente preocupado com o destino eterno dos seus leitores. Mas não há razão para isso... Não há um só lugar nas cartas paulinas onde ele expresse dúvidas de que a sua audiência seja composta de crentes verdadeiros... O pensamento de que talvez não fossem regenerados nem passava pela mente do apóstolo". Hodges não menciona 2 Coríntios 13.5, e nem tenta explicar que outra dimensão esse versículo poderia ter. Como pastor, discordo da sua afirmação de que Paulo não se preocupava com o destino dos membros do rebanho que pastoreava. Nunca soube de um pastor que afirmasse ter certeza da salvação de cada um dos membros da sua igreja. Paulo tinha toda razão em estimular estes membros de igreja — especialmente de Corinto — a provarem a genuinidade da sua profissão de fé.

[4] Ibid., p. 121. A tese principal de toda a obra de Hodges é que "a segurança do crente depende inteiramente das promessas diretas sobre as quais essa oferta é feita, e sobre nada mais. *Segue-se que a afirmação de que um crente deve encontrar a sua segurança nas suas obras constitui-se em erro teológico grave e fundamental"* (itálico meu).

[5] Arthur Pink, An Exposition of the Sermon on the Mount (Grand Rapids: Baker, 1953), p. 424.

19

O Custo do Discipulado

Em capítulos anteriores tocamos no chamado de Jesus para o discipulado. Neste, iremos examinar o assunto mais de perto. Deixe-me repetir, sem qualquer sombra de dúvida, que a convocação de Jesus para que as pessoas negassem a si mesmas e O seguissem era um convite à salvação e, não, uma oferta de "vida elevada" ou um segundo passo de fé, subsequente à salvação. O ensino contemporâneo que faz separação entre discipulado e salvação nasceu de ideias

estranhas às Escrituras.[1]

Todo crente é um discípulo.[2] A "grande comissão" do Senhor era que se fosse por todo o mundo e se fizesse "discípulos... ensinando-os a guardar todas as coisas que vos tenho ordenado" (Mt 28.19,20). Esta é a missão da igreja; e o objetivo da evangelização é fazer discípulos. Discípulos são pessoas que creem, cuja fé os leva a obedecer a tudo o que Jesus ordenou. A palavra *discípulo* é usada consistentemente como sinônimo de *crente* em todo o livro de Atos (6.1,2,7; 11.26; 14.20,22; 15.10). Qualquer distinção que se estabeleça entre essas palavras é puramente artificial. Apesar de utilizada por homens sinceros e bem intencionados, essa distinção deu origem a uma teologia de fé-fácil que procura extinguir as difíceis exigências de Jesus.

Quando Jesus chamava discípulos, Ele os

instruía cuidadosamente quanto ao custo de segui-Lo. Pessoas de coração dúbio, que não estavam dispostas a comprometer-se com Ele, não O seguiam. Desse modo Ele afastava os que relutavam em pagar o preço, como no caso do jovem rico. Ele advertia a todos os que pensavam tornar-se discípulos a que calculassem o preço disso cuidadosamente. Em Lucas 14.28-30, disse: "Pois, qual de vós, pretendendo construir uma torre, não se assenta primeiro para calcular a despesa e verificar se tem os meios para a concluir? Para não suceder que, tendo lançado os alicerces e não a podendo acabar, todos os que a virem zombem dele, dizendo: Este homem começou a construir e não pôde acabar".

A respeito desse versículo escreveu John Stott com bom discernimento: "A paisagem cristã está coberta de escombros de torres

inacabadas e abandonadas —ruínas daqueles que começaram a construir e não puderam terminar. Milhares de pessoas ainda ignoram a admoestação de Jesus e decidem segui-Lo sem primeiro pararem para considerar o custo disso. O resultado é o grande escândalo da cristandade moderna, chamado cristianismo nominal. Em países em que a civilização cristã se espalhou, grande número de pessoas se tem coberto com uma capa decente, mas frágil, de cristianismo. Têm-se permitido um certo envolvimento com o cristianismo; o suficiente para tornarem-se pessoas respeitadas, mas não perseguidas. Sua religião é uma almofada grande e macia. Protege das agruras da vida e, ao mesmo tempo, aceita mudanças de lugar e forma para amoldar-se às conveniências. Não é de se admirar que os cínicos falem de hipócritas na igreja e dispensem a religião, por

considerá-la um escapismo”.[3]

Cristão não é quem simplesmente faz um “seguro contra incêndio”, quem se alista para fugir de uma vida pós-morte desagradável. Cristão, como vimos repetidamente, é alguém cuja fé se expressa em submissão e obediência. Cristão é alguém que segue a Cristo, que está inquestionavelmente comprometido com Cristo como seu Senhor e Salvador; alguém que deseja agradar a Deus. Seu objetivo fundamental é ser em tudo um discípulo de Jesus Cristo. Quando peca, busca o perdão e dispõe-se a continuar avante. Este é o seu espírito e o seu caminhar.

O chamado ao discipulado cristão exige explicitamente esse tipo de dedicação total. É um compromisso pleno, sem que nada fique deliberada ou intencionalmente retido. Ninguém pode vir a Jesus a não ser nesses

termos. Os que pensam poder simplesmente fazer profissão de uma série de fatos do evangelho e continuar vivendo de qualquer forma, conforme bem entendem, deveriam examinar a si mesmos e verificar se realmente estão na fé (2 Co 13.5).

Em Mateus 10.32-39 Jesus disse aos seus discípulos: "Todo aquele que me confessar diante dos homens, também eu o confessarei diante de meu Pai que está nos céus; mas aquele que me negar diante dos homens, também eu o negarei diante de meu Pai que está nos céus... Quem ama seu pai ou sua mãe mais do que a mim, não é digno de mim; quem ama seu filho ou sua filha mais do que a mim, não é digno de mim; e quem não toma a sua cruz, e vem após mim, não é digno de mim. Quem acha a sua vida, perdê-la-á; quem, todavia, perde a vida por minha causa, achá-la-

á".

Não há uma declaração mais conclusiva sobre discipulado do que esta do Senhor. Ele expõe com a linguagem mais clara possível qual o preço do discipulado. Estas palavras foram dirigidas particularmente aos doze (Mt 10.5), mas são princípios de discipulado aplicáveis a todos nós. Diz o versículo 24, de Mateus 10: "O discípulo não está acima do seu mestre". "Discípulo", aqui, refere-se a qualquer discípulo, e as palavras subsequentes, até ao final do capítulo, aplicam-se ao discipulado em geral.

Os que veem "discípulos" como uma classe à parte de crentes mais dedicados dirão que os doze — ou pelo menos onze deles — já eram crentes em Cristo. Por isso, não precisavam de qualquer instrução quanto ao significado de se ir a Cristo em fé salvadora. É

verdade que a maioria dos discípulos era, inquestionavelmente, de crentes verdadeiros, mas isso não diminui o efeito dessas palavras sobre eles. O fato é que aqueles homens já eram chamados de *discípulos* (10.1). Isto não era um convite para um tipo de relacionamento mais íntimo com Jesus, e, sim, um lembrete daquilo que já se estabelecera quando creram. O Senhor continuava ensinando-lhes as implicações de sua fé e salvação, e os lembrava constantemente do compromisso assumido quando decidiram segui-Lo.

Essas palavras também se aplicam a nós. Lucas 14.25-35 contém palavras semelhantes — em linguagem até mais forte — que Jesus falou não apenas para os doze, mas para as multidões que foram ouvi-Lo.

Mateus 10.2 refere-se aos doze como "apóstolos", isto é, "enviados". Tendo

completado o treinamento básico, Jesus os enviou a pregar. Todavia, em suas recomendações, antes de partirem, Jesus usa a palavra *discípulo,* e, não, *apóstolo*. Suas palavras aplicam-se a todo discípulo, e servem como orientação a todos possíveis seguidores de Jesus.

Confessando a Cristo Diante dos Homens

Os versículos 32-33 são resquícios da estarrecedora cena do juízo final, apresentada em Mateus 7.20-23. "Todo aquele que me confessar diante dos homens, também eu o confessarei diante de meu Pai que está nos céus; mas aquele que me negar diante dos homens, também eu o negarei diante de meu Pai que está nos céus". Isto significa que confessar a Cristo diante das pessoas é uma

condição para alguém se tornar um crente verdadeiro? Não, mas significa que uma característica de todo o crente genuíno é que ele *irá* confessar a Cristo diante dos homens. Paulo escreveu: "Pois não me envergonho do evangelho, porque é o poder de Deus para a salvação" (Rm 1.16).

A essência do verdadeiro discipulado é um compromisso pessoal de ser como Jesus Cristo. Isto significa tanto agir como Ele agia quanto estar disposto a aceitar o mesmo tratamento que Ele recebeu. Significa encarar um mundo hostil e fazê-lo destemidamente. Significa confessar diante dos outros que Jesus é o Senhor, e confiar que Ele também irá falar a nosso favor junto ao Pai.

"Confessar" significa afirmar, reconhecer, concordar. Trata-se de uma declaração de identificação, fé, confiança e responsabilidade.

Podemos confessar a Cristo com os lábios, como diz Romanos 10.9, e também através de uma vida reta, como dá a entender Tito 1.16. A Bíblia manda confessar a Cristo "diante dos homens". Estas palavras realçam o caráter público da confissão, e não há como ignorá-las. Lemos, em Romanos 10.10: "Porque com o coração se crê para justiça, e com a boca se confessa a respeito da salvação". Se o coração realmente crê, a boca está ansiosa por falar de Cristo. A confissão não é uma obra meramente humana; é impulsionada por Deus, logo após o ato de crer, mas inseparável dele. Repito: é uma característica da fé verdadeira, e não uma condição adicional para que alguém seja salvo.

Diz 1 João 4.15: "Aquele que confessar que Jesus é o Filho de Deus, Deus permanece nele, e ele em Deus". Qual é a característica do verdadeiro cristão? Ele confessa a Jesus como

Filho de Deus.

Isto não quer dizer que um discípulo irá sempre testemunhar do Senhor. Pedro negou o Senhor três vezes na noite em que Ele foi traído. E há o caso de Timóteo, talvez o melhor dos discípulos de Paulo, o pastor da Igreja de Éfeso. Este jovem dedicado e com dons ministeriais maravilhosos era um discípulo-modelo. Mas, deve ter experimentado problemas espirituais temporários, ou talvez estivesse atemorizado. Paulo teve de escrever-lhe: "Não te envergonhes, portanto, do testemunho de nosso Senhor" (2 Tm 1.8). Um momento de fracasso não invalida as credenciais de um discípulo. Todos temos falhado em confessar a Cristo diante dos homens, muito mais frequentemente do que estamos dispostos a admitir. Contudo, se somos verdadeiros discípulos, não iremos

proposital e calculadamente manter a nossa fé escondida de todos, o tempo todo.

Cristo diz que nos confessará diante do Pai que está nos céus (Mt 10.32). Que significa isso? No dia do juízo, Cristo dirá: "Este me pertence". Ele confirmará a sua lealdade para com aqueles que têm afirmado sua lealdade para com Ele. Mas também vemos o outro lado da moeda: "Aquele que me negar diante dos homens, também eu o negarei diante de meu Pai que está nos céus" (10.33). Isto não se refere, primariamente, aos que O rejeitam abertamente — pessoas que negam a Cristo flagrantemente, desprezam e odeiam-No, falam contra Ele, ou blasfemam o seu nome. A verdade certamente se aplica a tais pessoas, mas, aqui, o Senhor está falando especificamente de falsos discípulos, pessoas que se dizem crentes, mas não são.

Quando colocadas à prova, tais pessoas sempre negam ao Senhor, quer por seu silêncio, por suas ações ou por suas palavras. De fato, a ideia aqui expressa engloba todas essas coisas. Refere-se a alguém cuja vida inteira é uma negação de Cristo. A pessoa poderá dizer que crê, mas todo o seu estilo de vida transpira negação (cf. Tt 1.16). As igrejas estão repletas de tais pessoas, disfarçadas de discípulos, mas que negam o Senhor de maneira muito preocupante. Jesus irá negá-las diante do Pai.

Mateus 25.31-46 detalha o que acontecerá no juízo final. Isto é, descreve particularmente a separação das ovelhas e dos cabritos, ao final da Tribulação, quando haverá o julgamento das nações. Mas este princípio é aplicável a indivíduos em todas as fases do julgamento divino. O Senhor porá as ovelhas (aqueles que

O confessaram) à sua direita, e os cabritos (aqueles que O negaram) à sua esquerda, e conduzirá as ovelhas ao reino. São elas as pessoas retas, que O confessaram, pois Ele diz: "Tive fome e me destes de comer; tive sede e me destes de beber; era forasteiro e me hospedastes; estava nu e me vestistes; enfermo e me visitastes; preso e fostes ver-me" (25.35,36). Mais uma vez, vemos que o estilo de vida dessas pessoas revela a realidade de sua alegação de conhecerem a Cristo. Aqueles que não vivem de modo condizente com a fé em Cristo são enviados para o castigo eterno (25.46).

Estabelecendo as Prioridades

A segunda marca distintiva de um discípulo verdadeiro é que ele ama a Cristo mais até do que ama a sua própria família (Mt

10.34-37). O versículo 37 é especialmente enfático: “Quem ama seu pai ou sua mãe mais do que a mim, não é digno de mim; quem ama seu filho ou sua filha mais do que a mim, não é digno de mim”. A passagem paralela de Lucas 14.26 é ainda mais forte: “Se alguém vem a mim, e não aborrece a seu pai, e mãe, e mulher, e filhos, e irmãos, e irmãs e ainda a sua própria vida, não pode ser meu discípulo”.

Para sermos discípulos, então, será que precisamos literalmente odiar nossa família? É óbvio que isto, em nenhum sentido, refere-se a um ódio que viole mandamentos claros de Deus, tais como “Honra a teu pai e a tua mãe” (Êx 20.12) e “Maridos, amai vossas mulheres” (Ef 5.25). A chave para compreendermos esta passagem é a expressão “e ainda a sua própria vida” (Lc 14.26). O Senhor está dizendo que temos que Lhe ser inquestionavelmente fiéis —

até mesmo acima dos laços familiares e, especialmente, acima de nós mesmos. As Escrituras nos ensinam a negarmos a nós mesmos (Mt 16.24), a considerarmo-nos mortos (Rm 6.11), a despojarmo-nos do velho homem (Ef 4.22), e, num certo sentido, a tratarmos o nosso egocentrismo com o maior desprezo (cf. 1 Co 9.27). Essa é a mesma atitude que temos de ter para com os nossos bens materiais e até mesmo para com a nossa família.

Por que uma linguagem tão severa? Por que Cristo se utiliza de exigências tão ofensivas? Porque Ele deseja espantar para longe os que não querem comprometer-se, atraindo a si os verdadeiros discípulos. Ele não quer que pessoas de coração dúbio sejam enganadas, pensando que fazem parte do reino. A menos que Ele seja a nossa Prioridade primeira, não Lhe teremos dado o lugar que

Lhe pertence em nossas vidas.

Tomando a Cruz

Aquele que não está disposto a perder sua vida para ter Cristo, não é digno dEle (Mt 10.38). Tal pessoa não pode ser um discípulo (Lc 14.27). Estas afirmações não podem ser conciliadas com a ideia vaga de conversão, tão comum em nossa geração. Jesus não pede às pessoas que O acrescentem às circunstâncias de suas vidas. Ele quer discípulos dispostos a renunciar a *tudo.* Isso implica em completa autonegação — ao ponto de voluntariamente morrer-se por amor a Ele.

Quando Mateus 10.38 diz: "E quem não toma a sua cruz, e vem após mim, não é digno de mim", não se refere à "cruz" de uma circunstância difícil, ou de uma enfermidade crônica, ou de um cônjuge ranzinza. Todos já

ouvimos sermões devocionais que espiritualizam esta passagem, ao ponto de interpretarem a cruz como qualquer coisa: desde uma sogra mal-humorada até uma goteira no teto, ou um carro velho. Mas não é esse o significado que a palavra *cruz* tinha para o auditório de Jesus, no primeiro século. A palavra não lhes sugeria a ideia de dificuldades demoradas ou fardos penosos. E nem mesmo evocava o pensamento sobre o Calvário, pois o Senhor ainda não fora crucificado, e eles não compreendiam que Ele chegaria a isso. Quando Jesus lhes disse que "tomassem a cruz", eles pensaram num instrumento cruel de tortura e morte. Pensaram na morte pelo método mais agonizante jamais conhecido pelo homem. Eles pensaram nos miseráveis criminosos condenados que pendiam das cruzes à beira da estrada. Sem dúvida, já

tinham visto pessoas executadas desse modo. E compreenderam que Jesus os chamava a morrer por Ele. Compreenderam que Ele lhes pedia que fizessem o sacrifício máximo, que se rendessem a Ele como Senhor, em todos os sentidos.

Jesus acrescenta um último e paradoxal pensamento ao significado de discipulado: "Quem acha a sua vida, perdê-la-á; quem, todavia, perde a vida por minha causa, achá-la-á" (Mt 10.39). "Quem acha a sua vida" parece referir-se à pessoa que garante a sua segurança física por negar a Cristo quando está sob pressão, ou a alguém que se apega à vida, em vez de tomar a cruz. Por ser a sua segurança física a sua preocupação primeira, tal pessoa perde a sua alma eterna. Por outro lado, os que estão dispostos a perder a vida por amor a Cristo, receberão a vida eterna.

A Bíblia não ensina a salvação pelo martírio. O Senhor não estava aconselhando os discípulos a *procurarem* ser mortos por causa dEle. Ele estava referindo-se, outra vez, a um estilo, um padrão. Disse simplesmente que os crentes verdadeiros não recuam, mesmo diante da morte. Em outras palavras: o discípulo verdadeiro procura seguir ao Senhor, ainda que isso lhe custe a vida.

Observemos que não se trata de um padrão absoluto, no sentido de que não possam ocorrer fracassos temporários, como o de Pedro. Mas Pedro terminou por provar-se um verdadeiro discípulo. Chegou o dia em que deu a sua vida voluntariamente por amor a Jesus.

Lucas 9.23 registra palavras semelhantes de Jesus: "Se alguém quer vir após mim, a si mesmo se negue, dia a dia tome a sua cruz e

siga-me". Observe a presença da expressão "dia a dia''. A vida de um discípulo atrai perseguição; portanto, tem de ser uma vida de autonegação diária. Paulo escreveu aos coríntios: "Dia após dia morro! Eu o protesto, irmãos, pela glória que tenho em vós outros, em Cristo Jesus nosso Senhor" (1 Co 15.31).

A ideia de autonegação diária não se coaduna com a suposição contemporânea de que crer em Jesus é uma decisão de momento. O verdadeiro crente é aquele que se compromete para toda a vida. O sentimento propagandístico do tipo "Experimente Jesus", é uma mentalidade estranha ao verdadeiro discipulado. A fé não é um experimento, e, sim, um compromisso vitalício. Significa tomar a cruz diariamente, dar tudo por amor a Cristo, cada dia, sem reservas, sem incerteza, e sem hesitação. Significa nada reter

conscientemente, nada esconder propositadamente do seu senhorio, nada manter teimosamente fora do seu controle. Exige um doloroso rompimento dos nossos laços com o mundo, o fechamento das vias de escape, a renúncia a qualquer tipo de proteção a que possamos nos apegar em caso de haver problemas. O verdadeiro crente *sabe* que irá avante com Cristo até a morte. Tendo posto a mão no arado, ele não olhará para trás (Lc 9.62).[4]

É assim quando você se decide a seguir a Jesus Cristo. O discipulado verdadeiro é isto.

---

[1] 1. Cf. Zane C. Hodges, *The Hungry Inherit* (Portland: Multnomah, 1980), pp. 83-84, onde Hodges escreve: "Que maravilha que a entrada de alguém no reino de Deus não depende do seu discipulado! Se dependesse, quão poucos entrariam nesse reino!". Contudo, não é exatamente isso que Jesus mesmo ensinou, ao dizer que a porta é estreita e o caminho apertado? "São poucos os

que acertam com ela" (Mt 7.14).

[2] É claro que nem todo discípulo é, necessariamente, um crente verdadeiro (cf. Jo 6.66). O termo *discípulo é* às vezes usado nas Escrituras num sentido genérico, para descrever aqueles que, como Judas, externamente seguiam a Cristo. Sem dúvida alguma, o termo não está restrito a cristão de nível mais elevado. O discípulo de Mateus 8.21,22, por exemplo, era tudo, menos alguém comprometido.

[3] John R. W. Stott, *Basic Christianity* (Londres: Inter-Varsity, 1958), p. 108.

[4] Observe que o Senhor diz, nesse mesmo versículo, que quem *chega a olhar* para trás não é apto para o reino de Deus.

20

O Senhorio de Cristo

Li, recentemente, um artigo numa revista que atacava veementemente a salvação pelo senhorio. Este artigo começava com uma pergunta: "A pessoa tem de fazer de Cristo o Senhor para poder ser salva?" Não menos do que dez vezes na matéria de apenas duas páginas, o autor falou em "fazer de Cristo o Senhor" da vida.[1] Essa terminologia tornou-se tão comum em nossa geração, que alguns crentes são tentados a pensar que é bíblica. Mas não é.

As Escrituras nunca falam de alguém "fazer" de Cristo

O Senhor, a não ser do próprio Deus, que "O fez Senhor e Cristo'' (At 2.36). Jesus Cristo *é* o Senhor de todos (Rm 14.9; Fp 2.11), e a ordem bíblica, tanto para os incrédulos quanto para os santos, não é para "fazer" de Cristo o Senhor, e, sim, dobrar-se diante do seu senhorio. Os que rejeitam o seu senhorio, ou prestam mera obediência verbal à sua soberania, não são salvos (cf. 1Co 12.3; Lc 6.46-49). Aprendemos das palavras de Jesus, em Mateus 7.22, que muitos que, verbal ou intelectualmente, admitem o senhorio de Cristo serão impedidos de entrar no céu, porque não fazem a vontade do Pai que está no céu. Todos os que creem na Palavra de Deus concordarão que Jesus é Senhor. Ele é sempre e para sempre o Senhor, não importando se uma

pessoa reconhece ou não o seu senhorio, ou rende-se ou não à sua autoridade.

Mesmo assim, alguns autores evangélicos contemporâneos têm questionado a relevância do senhorio de Cristo na mensagem evangelística. Apesar de não negarem que Jesus é Senhor, sugerem que melhor é manter essa verdade separada da mensagem de boas novas que proclamamos aos incrédulos. O artigo a que me referi acima diz: "É essencial confiar em Cristo como Salvador pessoal e ser nascido de novo. Mas, esta é apenas a primeira decisão. O reconhecimento de Jesus como Senhor é feito por crentes [sic]... A decisão de confiar em Cristo como Salvador e de, então, fazê-Lo Senhor, são decisões distintas [sic]. A primeira é feita por não-crentes; a segunda, somente por crentes. As duas decisões podem acontecer próximas uma da outra, ou distantes

no tempo. Mas a salvação deve sempre preceder o senhorio. É possível, embora triste, você ser salvo sem jamais fazer de Cristo o Senhor de sua vida".[2]

Será que isso se parece com o evangelho segundo Jesus? Não, com certeza! Temos visto que Jesus frequentemente fez do seu senhorio o assunto principal com os incrédulos. Tudo o que disse ao jovem rico, em Mateus 19, por exemplo, exigia o reconhecimento do seu senhorio. Em Mateus 7.21,22 e em Lucas 6.46-49, Ele colocou à prova a falsa profissão de fé daqueles que O chamavam de Senhor, mas que não O conheciam realmente, e deixou bem claro que a obediência à autoridade divina é pré-requisito para a entrada no reino. Seu senhorio é, claramente, parte integral da mensagem da salvação.

As Escrituras revelam uma série de

atributos eternos que estão incluídos no nome "Senhor". Todos fazem parte de um conjunto de verdades a serem cridas para a salvação.

Jesus é Deus

Dizer que Jesus é Senhor é, antes de tudo, reconhecer que Ele é Deus Todo-Poderoso, o Criador e sustentador de todas as coisas (Cl 1.16,17). Esta é uma profunda declaração da verdade. Quase não se duvida do fato de que a Bíblia ensina que Jesus é Deus. Somente os seguidores de falsas seitas e os incrédulos colocam em dúvida esta verdade. As Escrituras declaram que Ele é Deus (Jo 1.1; cf. v. 14). Deus Pai refere-se a Ele como Deus (Hb 1.8). Ele apresenta os atributos da divindade — é onipresente (Mt 18.20), onipotente (Fp 3.21), imutável (Hb 13.8), perdoa pecados (Mt 9.2-7), recebe adoração (Mt 28.17), e tem autoridade

absoluta sobre todas as coisas (v.18). Jesus é a plenitude de Deus em carne humana (Cl 2.9). Ele é um com o Pai. Em João 10.30, disse claramente: "Eu e o Pai somos um".

Quando lemos das obras de Cristo, vemos Deus em ação. Quando ouvimos suas palavras, registradas no Novo Testamento, ouvimos as palavras de Deus. Quando ouvimos Cristo expressar uma emoção, ouvimos o pulsar do coração de Deus. E quando Ele dá uma orientação, trata-se de um mandamento de Deus. Não há nada que Ele não saiba, nada que não possa fazer; e Ele jamais falha. Ele é Deus, no sentido mais pleno possível.

Jesus é Soberano

Como Senhor Deus, Jesus Cristo é soberano. Ele afirmou, por exemplo, ser Senhor do sábado (Mt 12.8), significando com

isto que a sua autoridade como Legislador sobrepuja até mesmo a autoridade da lei. Em João 5.17, Jesus defendeu o seu direito de violar as leis humanas dos fariseus referentes ao sábado: “Meu Pai trabalha até agora, e eu trabalho também”. Assim, afirmou ter a mesma autoridade que Deus, e os líderes judeus ficaram tão inflamados contra Ele que, por isso, tentaram matá-Lo (5.18). Quando Jesus encontrava oposição assim, nunca se envolvia em diálogo com incrédulos obstinados. Ele não se preocupava em discutir teologia. Simplesmente apelava, outra vez, para a sua própria autoridade inerente (vv. 19-47; cf. Jo 10.22-42).

O fato de que os judeus não puderam matá-Lo antes que se cumprisse o seu tempo é uma prova a mais da sua soberania: “Eu dou a minha vida para a reassumir. Ninguém a tira

de mim; pelo contrário, eu espontaneamente a dou. Tenho autoridade para a entregar e também para reavê-la" (Jo 10.17,18). A influência da sua autoridade estende-se a todas as pessoas. Na verdade, todo o julgamento Lhe foi entregue: "O Pai a ninguém julga, mas ao Filho confiou todo o julgamento" (Jo 5.22). A Jesus foi confiado todo o julgamento, "a fim de que *todos* honrem o Filho, do modo por que honram o Pai" (5.23, itálico meu). Da mesma forma, os que desonram o Filho também desonram o Pai.

No juízo final, todo joelho se dobrará e toda língua confessará que Cristo é Senhor, para glória de Deus Pai (Fp 2.11,12). É claro que isso não significa que todos serão salvos, mas que até mesmo os que morrem na incredulidade serão obrigados a confessar o seu senhorio. Sua soberania não tem limites. O

Dr. Marc Mueller, do *Master's Seminary,* expressou a extensão da soberania de Jesus com estas palavras: "Ele é o Deus Todo-Poderoso, o Soberano Cósmico sem par que, como Criador e Redentor (Jo 1.9-13), tem o direito e o poder de exigir conformidade e submissão à sua autoridade veraz e imperial". [3]

Jesus é Salvador

Mesmo sendo Deus soberano, Jesus tomou sobre si as limitações da carne humana e habitou pessoalmente entre os homens (Jo 1.14). Enquanto aqui na terra, experimentou todas as tristezas e tribulações da humanidade — com a exceção de que jamais pecou (Hb 4.15). Andou na terra, mostrou o seu amor, demonstrou o seu poder, e revelou em seu comportamento a justiça de Deus. Porém, a sua

conduta foi a de um servo. Dizem as Escrituras que Ele "a si mesmo se esvaziou, assumindo a forma de servo, tornando-se em semelhança de homens; e, reconhecido em figura humana, a si mesmo se humilhou, tornando-se obediente até à morte, e morte de cruz" (Fp 2.7,8).

Ou seja, mesmo sendo o Soberano Senhor de todos, Ele renunciou a tudo, a ponto de dispor-se a morrer a morte mais humilhante e dolorosa que os homens jamais conheceram. E fê-lo em nosso favor. Sendo sem pecado, e, portanto, não merecendo morrer (cf. Rm 6.23), Ele sofreu a culpa do *nosso* pecado: "Carregando ele mesmo em seu corpo, sobre o madeiro, os nossos pecados, para que nós, mortos aos pecados, vivamos para a justiça" (1 Pe 2.24).

A morte de Jesus por nós foi o sacrifício máximo e definitivo. Pagou totalmente o preço

pelo nosso pecado, e abriu o caminho para que tenhamos paz com Deus. Romanos 5.8,9 diz: "...ter Cristo morrido por nós, sendo nós ainda pecadores. Logo... sendo justificados pelo seu sangue, seremos por ele salvos da ira".

Mesmo na morte, Jesus foi Senhor. A sua ressurreição é prova disso. Paulo escreve que Cristo "foi designado Filho de Deus com poder... pela ressurreição dos mortos" (Rm 1.4). Filipenses 2.9-11 descreve a atitude do Pai diante da humilhação e morte de Cristo: "Pelo que também Deus o exaltou sobremaneira e lhe deu o nome que está acima de todo nome, para que ao nome de Jesus se dobre todo joelho, nos céus, na terra e debaixo da terra, e toda língua confesse que Jesus Cristo é Senhor, para glória de Deus Pai".

Portanto, quando convidamos pessoas a que recebam Cristo como Salvador, pedimos

que abracem Aquele que é Senhor, e que foi declarado Senhor por Deus Pai, que também exige que todo joelho se dobre diante da sua soberania. A salvação pertence aos que O recebem (Jo 1.12); mas estes têm que recebê-Lo tal como Ele é — "bendito e único Soberano, o Rei dos reis e Senhor dos senhores" (1 Tm 6.15).

Jesus é Senhor

As Escrituras afirmam constantemente o senhorio de Cristo em tudo. Ele é Senhor no julgamento. É Senhor do sábado. É Senhor de todos (At 10.36). É chamado de Senhor *(kurios)* nada menos do que 747 vezes no Novo Testamento.[4] Só o livro de Atos refere-se a Ele como Senhor 92 vezes, enquanto que O chama de Salvador apenas duas vezes. Fica bem claro que na pregação da igreja primitiva o senhorio

de Cristo era o ponto central da mensagem cristã.

A centralidade do senhorio de Jesus na mensagem evangelística torna-se clara pela maneira como as Escrituras apresentam as condições para a salvação. Os que dicotomizam entre crer em Cristo como Salvador e render-se a Ele como Senhor, encontram dificuldade para explicar muitos dos apelos registrados na Bíblia, tais como Atos 2.21: ‘’todo aquele que invocar o nome do *Senhor* será salvo”; ou Atos 2.36: “Esteja absolutamente certa, pois, toda a casa de Israel de que a este Jesus que vós crucificastes, Deus o fez *Senhor e Cristo”;* ou Atos 16.31: “Crê no *Senhor* Jesus, e serás salvo”; e, especialmente, Romanos 10.9: “Se com a tua boca confessares a *Jesus como Senhor,* e em teu coração creres que Deus o ressuscitou dentre os mortos, serás salvo” (itálicos meus).

Todas estas passagens, indiscutivelmente, incluem o senhorio de Cristo como parte do evangelho a ser crido para a salvação. Vimos que o senhorio de Jesus inclui as ideias de domínio, autoridade, soberania e direito de governar. Se essas coisas estão implícitas na frase "confessares a Jesus como Senhor" (Rm 10.9), então, está claro que as pessoas que vão a Cristo, para salvação, têm de fazê-lo em obediência a Ele, ou seja, com a disposição de se renderem a Ele como Senhor,

Não é de surpreender, portanto, que os opositores da salvação pelo senhorio tenham feito de Romanos 10 um alvo dos seus ataques. Muito se tem escrito nos últimos anos, numa tentativa de explicar como alguém pode confessar a Jesus como Senhor e, ainda, continuar a rebelar-se contra a sua autoridade. Alguns defendem que o termo *Senhor,* quando

usado nas Escrituras em conexão com o evangelho, não significa "mestre soberano", mas "divindade". Charles Ryrie é o mais eloquente dentre os que têm usado esse argumento. Escreve:

> *É certo que Senhor significa [geralmente] dono, mas no Novo Testamento também significa Deus (At 3.22), proprietário (Lc 19.33), senhor (Jo 4.11), ídolos (1 Co 8.5), e até mesmo marido (1 Pe 3.6)...*
>
> *...Em 1 Coríntios 12.3 Paulo diz: "Ninguém pode dizer: Senhor Jesus! senão pelo Espírito Santo". Senhor, aqui, tem de significar Deus-Jeová pela simples razão de que pessoas não-salvas podem e dizem Senhor, (querendo dizer sr.), quando se referem a Cristo, antes mesmo de terem o Espírito de Deus...*
>
> *Por que "Senhor Jesus" (indicando Deus-Homem) é uma expressão tão importante que só pode ser dita se o Espírito de Deus guiar a pessoa? É porque esta é a essência da nossa salvação, uma vez que ressalta a singularidade do Salvador. Quase todos os "salvadores" reivindicam domínio sobre a vida dos seus seguidores... Mas que religião, além do*

cristianismo, tem um salvador que asseverou ser tanto Deus quanto homem, numa só pessoa? Se "Senhor", no versículo, significa "dono", então, a reivindicação de singularidade está ausente. Se "Senhor'', nesse versículo, significa Deus-Jeová, então Jesus é singular, e esta é a essência da mensagem de salvação na cristandade...

...Esta mesma ênfase é vista em Romanos 10.9: "Se com a tua boca confessares a Jesus como Senhor... serás salvo". É a confissão de Jesus como Deus e, portanto, a fé no Deus-Homem, que salva do pecado (itálico meu).[5]

Em outras palavras, o Dr. Ryrie afirma que aqueles que argumentam que "Senhor" significa "Amo Soberano" despojam de seu significado o chamado à fé, com relação à divindade de Cristo. Mas esse é um argumento sem valor. Não é necessário eliminar o conceito de divindade da palavra *senhor* para se compreender que ela significa "amo". Ryrie está correto ao dizer que quando as Escrituras

referem-se a Jesus como “Senhor’’ isto significa que Ele é Deus. Mas, no mínimo, tal afirmação apenas fortalece a visão de que domínio absoluto é algo inerente ao vocábulo. “Deus” tem de significar “Amo Soberano”. Que tipo de deus seria Ele, se não fosse soberano?

É certo que, quando Tome disse a Jesus “Senhor meu e Deus meu!” (Jo 20.28), estava usando o termo “Senhor” como algo mais do que uma expressão de divinidade. Ele não estava dizendo: ‘’Meu Deus e meu Deus!’’; estava afirmando que Jesus é tanto Deus quanto Soberano.

Veja, por exemplo, o contexto de Romanos 10.9. O versículo 12 usa a expressão “Senhor de todos” para descrever o Salvador. Isto significa que ele é Senhor sobre todos; tanto judeus como gentios, crentes e não-crentes. Qualquer interpretação que procure eliminar do termo o

seu significado de domínio soberano não faz o menor sentido. Se aplicarmos esta verdade ao versículo 9, teremos uma afirmação ainda mais forte: "Se com a tua boca confessares a Jesus como Senhor [de todos]... serás salvo".[6]

É certo que a palavra *"Senhor"* indica divindade onde quer que, no contexto da mensagem do Evangelho, as Escrituras chamem a Jesus de "Senhor". Um componente fundamental da mensagem do evangelho é que Jesus é Deus. Ninguém que negue a divindade de Jesus pode ser salvo (cf. 1 Jo 4.2-3). Mas, inerentes à ideia de divindade estão as ideias de autoridade, domínio e o direito de mandar.[7] Uma pessoa que esteja vivendo em rebelião contra a autoridade de Cristo não O reconhece como Senhor, seja em que sentido for (cf. Tt 1.16).

A marca da fé salvadora é a rendição ao

senhorio de Jesus Cristo. O teste definitivo, se uma pessoa pertence a Cristo ou não, é uma disposição para render-se à sua autoridade. Em

1Coríntios 12.3, Paulo escreve: “Por isso vos faço compreender que ninguém que fala pelo Espírito de Deus afirma: Anátema Jesus! por outro lado, ninguém pode dizer: Senhor Jesus! senão pelo Espírito Santo”.

Isto não significa ser impossível que pessoas não salvas pronunciem as palavras “Jesus é Senhor”, pois é óbvio que podem e fazem isso. O próprio Jesus denunciou o paradoxo dos que O chamavam de Senhor, mas que realmente não criam nEle (Lc 6.46). Até mesmo os demônios sabem e admitem quem Ele é (cf. Tg 2.19). Marcos 1.24 registra que, estando Jesus a ensinar na sinagoga, um homem possesso bradou: “Que temos nós contigo, Jesus Nazareno? Vieste para perder-

nos? Bem sei quem és: o Santo de Deus!". Marcos 3.11 diz que "os espíritos imundos, quando o viam, prostravam-se diante dele e exclamavam: Tu és o Filho de Deus". Um demônio que estava num homem possesso por legião de espíritos imundos, bradou: "Que tenho eu contigo, Jesus, Filho do Deus Altíssimo?" (Mc 5.7).

Primeira Coríntios 12.3 não pode referir-se à mera enunciação das palavras "Jesus é Senhor". Deve ter um significado mais profundo. Inclui o reconhecimento de que Ele é Senhor por meio de obediência, pela rendição da vontade ao seu senhorio, pelo testemunho de Cristo através de atos pessoais tanto quanto por palavras (cf. Tt 1.16).

Isto não é pregar um evangelho através de obras humanas.[8] Observe que é o Espírito Santo quem capacita uma pessoa a confessar

Jesus como Senhor: “Ninguém pode dizer: Senhor Jesus! senão pelo Espírito Santo”. A rendição a Jesus como Senhor não é uma obra meritória humana maior do que o ato de crer nEle como Salvador. Nenhum desses atos constitui-se boa obra feita para granjear o favor de Deus. Ambos são a obra soberana de Deus no coração de todo aquele que crê. E uma coisa é impossível sem a outra. Jesus não poderia ser Salvador se não fosse Senhor. Além disso, se não fosse Senhor, não poderia ser Rei ou Messias, ou nosso grande Sumo Sacerdote. À parte do seu senhorio, cada aspecto da sua obra salvadora torna-se impossível.

Quando vamos a Jesus para sermos salvos, vamos Àquele que é Senhor sobre todos. Qualquer mensagem que omita esta verdade não pode ser chamada de evangelho segundo Jesus. Será uma mensagem aleijada, que

apresenta um salvador que não é Senhor, um redentor que não demonstra autoridade sobre o pecado, um messias doentio e enfraquecido, que não pode comandar aos que salva.

O evangelho segundo Jesus não é nada disso. Apresenta a Jesus Cristo como Senhor e Salvador, e exige que aqueles que desejam recebê-Lo, aceitem-No como Ele é. Nas palavras de John Flavel, um puritano inglês do século XVII, "A oferta que o evangelho faz de Cristo inclui todos os seus ofícios, e a fé evangélica recebe-O justamente assim; para submeter-se a Ele tanto quanto ser redimido por Ele; imitá-Lo na santidade de sua vida, bem como colher as influências e frutos de sua morte. Isto é um recebimento completo do Senhor Jesus Cristo".[9]

A. W. Tozer expressou-se da mesma forma: "Instigar homens e mulheres a crer

num Cristo dividido é má doutrina, pois ninguém pode receber meio Cristo, ou um terço de Cristo, ou um quarto da Pessoa de Cristo! Não somos salvos por crermos num ofício ou numa obra".[10] Qualquer mensagem que apresente um salvador que seja menos do que o Senhor de todos, não pode reivindicar ser o evangelho segundo Jesus.

Ele é Senhor, e aqueles que O recusam como Senhor não podem "usá-Lo" como Salvador. Todos os que O recebem têm de render-se à sua autoridade, pois dizer que recebemos a Cristo, quando na verdade rejeitamos o direito que Ele tem de reinar sobre nós, é um completo absurdo. É uma tentativa fútil a de querer segurar o pecado com uma das mãos e receber Jesus com a outra. Que tipo de salvação é essa, se somos deixados na escravidão ao pecado?

É este, portanto, o evangelho que devemos proclamar: Que Jesus Cristo, que é Deus encarnado, humilhou a Si mesmo para morrer em nosso benefício. Ele se tornou o sacrifício, sem pecado, que pagou a penalidade da nossa culpa. Ele ressuscitou dos mortos para declarar com poder que é Senhor sobre todos; e Ele oferece gratuitamente a vida eterna a pecadores dispostos a se renderem a Ele em fé humilde e penitente. Este evangelho nada promete ao rebelde insolente; mas, para pecadores quebrantados e arrependidos, oferece tudo o que concerne à vida e à piedade (2 Pe 1.3).

---

[1] Rich Wager, "This So-Called 'Lordship Salvation'", *Confident Living* (julho-agosto de 1987), pp. 54-55.

[2] Ibid., p. 55.

[3] Marc Mueller, "Jesus is Lord", *Grace Today* 81 (agosto de 1981): 6.

[4] Para uma excelente análise léxica do uso da palavra *kurios* em o Novo Testamento, veja: Kenneth L. Gentry,

"The Great Option: A Study of the Lordship Controversy", *Baptist Reformation Review* 5 (Primavera, 1976), pp. 63-69.

[5] Charles C. Ryrie, *Balancing the Christian Life* (Chicago: Moody, 1969), pp. 173-175.

[6] Isto questiona a declaração de Darrell Bock, de que Romanos 10 "não fornece uma definição clara da compreensão que Paulo tinha do termo 'Senhor'". Darrell L. Bock, "Jesus as Lord in Acts and in the Gospel Message", *Bibliotheca Sacra,* 143 (abril-junho de 1986): 147. Pelo contrário: fica bem claro, com base em Romanos 10.12, que Paulo não estabelecia limites à extensão da autoridade de Cristo como Senhor. Bock vai mais além, e conclui que o termo "Senhor", no que se relaciona ao evangelho, significa "o divino Despenseiro da salvação" (Ibid., p. 151). Ou seja, "Senhor" significa pouco mais que "Salvador", exceto pelo fato de que inclui a ideia de divindade. Portanto, a visão de Bock é bem semelhante à de Ryrie.

[7] Veja a nota 22, p. 37.

[8] Cf. Rich Wager, p. 54: "Mas o senhorio de Cristo, como pré-requisito para a salvação, coloca a ênfase sobre as obras mais do que sobre a graça. Deus de nada precisa do homem. Sua salvação é um dom incondicional. O papel do homem não pode ser mais do que o de um recipiente, que crê na suficiência do dom para pagar pelos seus pecados".

[9] John Fiável, *The Works of John Flavel* (Londres: Banner of Truth, reimpressão), 2:111.

[10] A. W. Tozer, *I Call It Heresy!* (Harrisburg, PA: Christian Publications, 1974), pp. 10,11.

QUINTA PARTE

APÊNDICES

APÊNDICE 1

O Evangelho Segundo os Apóstolos

Há alguns anos, um conhecido conferencista escreveu-me pedindo minha opinião quanto à correta apresentação do evangelho. Acho que ele esperava que eu confirmasse o seu pensamento de que a fé salvadora é somente uma questão de se crer nos fatos do evangelho. Ao invés disso, enviei-lhe um resumo do que tenho apresentado neste livro.

Ele escreveu-me outra vez dizendo que tinha lido o meu material, mas sentia que o argumento não era razoável, por ter eu baseado minha visão do evangelho na mensagem de Jesus e, não, no ensino dos apóstolos. “Gostaria

de ter recebido uma fita cassete com o seu ensino de Romanos 3 e 4", escreveu. "Com certeza, o mais sábio é que ensinemos o caminho da salvação, nesta época da graça — por razões óbvias — com base nestes capítulos escritos por Paulo *exatamente* sobre este assunto inegociável". E acrescentou este comentário que aguçou a minha curiosidade: "Portanto, vemos a sabedoria de Machen (talvez o melhor deste século), quando disse: "Antes da cruz, nada pode ser apropriadamente chamado de evangelho'".

O Dr. J. Gresham Machen foi um presbiteriano da tradição reformada, um estudioso, e mais ainda, um defensor da fé. Pareceu-me que, seja lá o que ele quisesse dizer com essa afirmação, não era provável que estivesse desprezando o ensino de Cristo como base para o apelo evangelístico de hoje.

Ao procurar a fonte e o contexto dessa citação, encontrei as seguintes palavras de Machen:

> *Sei que algumas pessoas sustentam — por um verdadeiro delírio de insensatez, segundo me parece — que as palavras de Jesus pertencem a uma dispensação da lei que se completou com a sua morte e ressurreição, e que, portanto, o ensino do Sermão do Monte, por exemplo, não se aplica à dispensação da graça, na qual estamos vivendo.*
>
> *Bem, que os tais se voltem para o apóstolo Paulo, o apóstolo que ensinou que não estamos debaixo da lei, mas debaixo da graça. Que diz ele sobre o assunto? Fala da lei de Deus como sendo algo sem validade nesta dispensação da graça divina?*
>
> *De modo algum. No segundo capítulo de Romanos, bem como (por inferência) em todas as demais epístolas suas, ele insiste na universalidade da lei de Deus. Até mesmo os gentios, ainda que não conheçam aquela manifestação clara da lei de Deus tal como era encontrada no Velho Testamento, têm a lei de Deus escrita em seus corações, e são indesculpáveis quando desobedecem. Os cristãos em*

particular, Paulo insiste, na verdade estão longe de poderem emancipar-se do dever de obediência aos mandamentos de Deus. O apóstolo considera qualquer ideia nesse sentido como o pior dos erros. Paulo diz: "Ora, as obras da carne são conhecidas, e são: prostituição, impureza, lascívia, idolatria, feitiçarias, inimizades, porfias, ciúmes, iras, discórdias, dissenções, facções, invejas, bebedices, glutonarias, e coisas semelhantes a estas, a respeito das quais eu vos declaro, como já outrora vos preveni, que não herdarão o reino de Deus os que tais coisas praticam".[1]

Erro da pior espécie é o de colocar os ensinos de Paulo e dos apóstolos em oposição às palavras do Senhor, e imaginar que se contradizem mutuamente ou referem-se a dispensações diferentes. Os evangelhos são a base sobre a qual as epístolas constroem. O livro de Tiago, por exemplo, é como se fosse um comentário do Sermão do Monte. Os que desejam consignar o Sermão do Monte a uma

outra era ainda têm de lidar com o fato de que quase todos os seus princípios são reafirmados e expandidos mais tarde por outros autores do Novo Testamento.

Aqueles que pretendem descartar a "salvação pelo senhorio" não ganham terreno algum tentando limitar a discussão da mensagem do evangelho ao conteúdo das epístolas. Embora o evangelho não estivesse plenamente completado até a morte e ressurreição de Jesus, os seus elementos todos aparecem claramente em sua pregação. Cada um dos apóstolos, tendo escrito sob inspiração, sublinhou e ampliou a verdade do evangelho segundo Jesus.

Paulo

O apóstolo Paulo, particularmente, foi o defensor da grande doutrina da justificação

pela fé. Mesmo assim, ele reconheceu o senhorio de Jesus (Rm 10.9,10) e o lugar das obras na vida do crente (Ef 2.10). Para ele, a fé não era uma qualidade dormente, que pudesse não produzir fruto de justiça. Ele via a retidão de vida como um resultado essencial e inevitável da fé verdadeira. Frequentemente se tem imaginado que a visão paulina da justificação diferia daquela de Tiago, porque Paulo escreveu que "o homem é justificado pela fé, independentemente das obras da lei" (Rm 3.28), enquanto que Tiago escreveu que "uma pessoa é justificada por obras, e não por fé somente" (Tg 2.24). Não há contradição alguma. Paulo estava dizendo que as obras humanas não podem alcançar o favor de Deus, e Tiago estava dizendo que a verdadeira fé sempre tem de resultar em boas obras. Paulo condenou a ideia de que os não regenerados

possam comprar algum mérito diante de Deus por meio de boas obras. Tiago condenou a ideia de que um verdadeiro crente possa não produzir boas obras. Lembre-se de que Paulo também escreveu que "os simples ouvidores da lei não são justos diante de Deus, mas os que praticam a lei hão de ser justificados" (Rm 2.13), e alertou para o fato de que, no juízo final, Deus "retribuirá a cada um segundo o seu procedimento" (v. 6). Isso está em perfeito sincronismo com a teologia de Tiago (cf. Tg 1.22,23).

A fé salvadora descrita pelo apóstolo Paulo é uma força dinâmica que inevitavelmente produz justiça prática. Ele não aceitava a "fé" morta e sem vigor que eliminava as boas obras. Após o seu discurso sobre a justificação pela fé, em Romanos 3 e 4[2], ele escreveu: "Que diremos, pois? Permaneceremos no pecado,

para que seja a graça mais abundante? De modo nenhum. Como viveremos ainda no pecado, nós os que para ele morremos?" (Rm6.1,2).

Na visão de Paulo, o crente estava morto para o pecado, mas vivo para Deus. Para ele, era uma contradição o crente submeter-se ao controle do pecado: "Não sabeis que daquele a quem vos ofereceis como servos para obediência, desse mesmo a quem obedeceis sois servos, seja do pecado para a morte, ou da obediência para a justiça?" (Rm 6.16). Ele via todos os crentes como essencialmente obedientes — não livres do pecado ou sem pecado, mas livres da tirania do pecado e servos da justiça. Ele escreveu: "Mas graças a Deus porque, outrora escravos do pecado, contudo viestes a obedecer de coração à forma de doutrina a que fostes entregues; e, uma vez

libertados do pecado, fostes feitos servos da justiça" (6.17,18).

Paulo não via a graça de Deus como um atributo estático através do qual Deus passivamente aceita os pecadores. Mais do que isso, a graça é por ele descrita como uma força dinâmica que transforma o pensar e o comportamento: "Porquanto a graça de Deus se manifestou salvadora a todos os homens, educando-nos para que, renegadas a impiedade e as paixões mundanas, vivamos no presente século, sensata, justa e piedosamente" (Tt 2.11,12).

A doutrina paulina da justificação pela fé torna impossível às pessoas o irem a Cristo sem que abandonem o pecado. Considere as seguintes passagens:

Ou não sabeis que os injustos não herdarão o reino de Deus? Não vos enganeis: nem impuros, nem idólatras, nem adúlteros, nem efeminados, nem sodomitas, nem ladrões, nem avarentos, nem bêbados, nem maldizentes, nem roubadores herdarão o reino de Deus (1 Co 6.9.10).[3]

Ora, as obras da carne são conhecidas, e são: prostituição, impureza, lascívia, idolatria, feitiçarias, inimizades, porfias, ciúmes, iras, discórdias, dissensões, facções, invejas, bebedices, glutonarias, e coisas semelhantes a estas, a respeito das quais eu vos declaro, como já outrora vos preveni, que não herdarão o reino de Deus os que tais coisas praticam (Gl 5.19-21).

Sabei, pois, isto: nenhum incontinente, ou impuro, ou avarento, que é idolatra, tem herança no reino de Cristo e de Deus (Ef 5.5).

Irmãos, sede imitadores meus e observai os que andam segundo o modelo que tendes em nós. Pois muitos andam entre nós, dos quais repetidas vezes eu vos dizia e agora vos digo até chorando, que são inimigos da cruz de Cristo: O destino deles é a perdição (Fp 3.17-19).

Deus não nos chamou para a impureza, e, sim, em santificação. Destarte, quem rejeita estas coisas não rejeita ao homem, e, sim, a Deus, que também vos dá o seu Espírito Santo (1 Ts 4.7,8).

Para Paulo, a perseverança na fé constitui-se evidência essencial de fé verdadeira. Se alguém final e definitivamente abandona a fé, prova que, em primeiro lugar, nunca foi realmente redimido:

> *Agora, porém, vos reconciliou no corpo da sua carne, mediante a sua morte, para apresentar-vos perante ele santos, inculpáveis e irrepreensíveis, se é que permaneceis na fé, alicerçados e firmes, não vos deixando afastar da esperança do evangelho que ouvistes, e que foi pregado a toda criatura debaixo do céu, e do qual eu, Paulo, me tornei ministro (Cl 1.22,23, itálico meu).*

Paulo considerava incrédulos os que abandonavam a fé, como Himeneu, Alexandre e Fileto (cf. 1 Tm 1.20; 2 Tm 2.16-19). Isto não

contradiz o seu ensino quanto à segurança eterna da salvação, pois aqueles homens nunca haviam sido salvos; sua fé havia sido uma farsa. Eles eram falsos profetas, cujos motivos haviam sido suspeitos desde o princípio (cf. 1 Tm 6.3-5). Embora por um tempo tenham professado conhecer a verdade, "não acolheram o amor da verdade para serem salvos" (2 Ts 2.10).

Paulo pregava o evangelho segundo Jesus. Aliás, ele fez a defesa do seu apostolado baseado no fato de que recebeu seu evangelho diretamente de Jesus (Gl 1.11,12). E resumiu todo o seu ministério com as seguintes palavras: "Não fui desobediente à visão celestial, mas anunciei primeiramente aos de Damasco e em Jerusalém, por toda a região da Judeia, e aos gentios, que se arrependessem e se convertessem a Deus, praticando obras

dignas de arrependimento" (At 26.19,20; cf. 20.20-27).

Judas

Judas, como Paulo, alertou quanto ao perigo da apostasia. Tendo proposto escrever sua epístola para tratar da salvação, sentiu-se constrangido, ao invés disso, a escrever uma admoestação (Jd 3,4). Retratou os apóstatas como sendo aqueles que atribuem a si mesmos a promessa da graça, mas vivem em imoralidade, rejeitando o senhorio de Cristo: "Homens ímpios, que transformam em libertinagem a graça de nosso Deus, e negam o nosso único Soberano e Senhor, Jesus Cristo" (v. 4). O seu fim, disse Judas, é a destruição pelo fogo eterno (v. 7). São malditos os que negam o senhorio de Cristo.

Pedro

Ao pregar o primeiro sermão da era da igreja, o apóstolo Pedro conclui dizendo: "Esteja absolutamente certa, pois, toda a casa de Israel de que a este Jesus que vós crucificastes, Deus o fez *Senhor e Cristo* (At 2.36, itálico meu). O Cristo anunciado por Pedro não era simplesmente um Salvador de braços abertos, mas era também um Senhor que exige obediência. "Este é o Senhor de todos" (At 10.36). "Deus, porém, com a sua destra, o exaltou a Príncipe e Salvador, a fim de conceder a Israel o arrependimento e a remissão de pecados" (At 5.31).

Assim, o apóstolo Pedro chamava as pessoas ao arrependimento antes de prometer-lhes perdão; seus apelos aos perdidos começavam com o arrependimento (cf. At 2.38; 3.19). Mesmo assim, toda a obra da salvação —

inclusive o arrependimento —era vista por ele como obra de Deus, e não um esforço humano (At 11.17,18). O novo nascimento, como ele o descrevia, era uma obra de Deus (1 Pe 1.3), que soberanamente elege pessoas para a salvação (1 Pe 1.1,2; 2 Pe 1.10).

Eis como Pedro descreveu a obra salvadora de Deus: "Pelo seu divino poder nos têm sido doadas *todas as coisas que conduzem à vida e à piedade,* pelo conhecimento completo daquele que nos chamou para a sua própria glória e virtude" (2 Pe 1.3, itálico meu). No entanto, ele ensinou que a prova da genuinidade da fé são as virtudes que ela produz na vida do crente (2 Pe 1.5-9). Escreveu: "Por isso, irmãos, procurai, com diligência cada vez maior, confirmar a vossa vocação e eleição; porquanto, procedendo assim, não tropeçareis em tempo algum. Pois, desta maneira é que vos será

amplamente suprida a entrada no reino eterno de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo" (2 Pe 1.10,11).

O padrão de justiça demandado por Pedro foi o mesmo que ouvira de Jesus: "Segundo é santo aquele que vos chamou, tornai-vos santos também vós mesmos em todo vosso procedimento, porque escrito está: Sede santos, porque eu sou santo" (1 Pe 1.15,16; cf. Mt 5.48).

Tiago

Já vimos que Tiago condenou a fé destituída de obras, afirmando ser morta e inútil (Tg 2.17,20). Toda a sua epístola são testes para a fé verdadeira, todos os quais são frutos práticos da retidão na vida de um crente: perseverança nas provações (1.1-12); obediência à Palavra (vv. 13-25); religião pura e imaculada (vv. 26,27); imparcialidade (2.1-13);

obras retas (vv. 14-26); controle sobre a língua (3.1-12); verdadeira sabedoria (vv. 13-18); ódio ao orgulho e mundanismo (4.1-6); humildade e submissão a Deus (w. 7-17); e um comportamento reto no corpo dos santos (5.1-20).

Talvez o mais amplo apelo para a salvação, nas epístolas, esteja em Tiago 4.7-10. Apesar de Tiago dirigir a maior parte da sua epístola aos crentes verdadeiros, fica bem evidente que ele também se preocupa com os que não são genuínos. Não quer que ninguém se engane com relação à verdadeira salvação; por isso, clama por uma viva e verdadeira fé salvadora, diferente da fé morta que descreveu no capítulo 2. Ele afirma o seu objetivo em 5.20, ou seja, deseja ver o pecador convertido do seu caminho errado e a sua alma salva da morte.

O apelo de 4.7-10 é dirigido aos que não

são salvos — ouvintes culpados, perversos, não praticantes da Palavra de Deus, (cf. 1.21,22), que ainda estão escravizados a uma fé morta (cf. 2.14-20); que são amargos, egoístas, mentirosos arrogantes cuja sabedoria não é a "que desce lá do alto; antes, é terrena, animal e demoníaca" (3.15); que amam ao mundo, sendo, portanto, inimigos de Deus (4.5); e que são orgulhosos e auto-suficientes (cf. 4.6). Esses precisam desesperadamente da graça de Deus. Porém, como Deus somente "dá graça aos humildes" (v. 6), Tiago concita esses "pecadores" (termo usado nas Escrituras somente para os irregenerados) a deixarem a sua soberba e humilharem-se. No apelo de Tiago aos pecadores há dez mandatos, dez imperativos: sujeitai-vos a Deus (salvação); resisti ao diabo (transferência de fidelidade); chegai-vos a Deus (intimidade no

relacionamento); purificai as mãos (arrependimento); limpai o coração (confissão); afligi-vos, lamentai, chorai, converta-se o vosso riso em pranto (tristeza). O último imperativo sumaria a mentalidade daqueles que são convertidos: "Humilhai-vos na presença do Senhor". Tudo isso é obra de Deus, que nos dá a sua maior graça (v. 6).

João

O apóstolo João também escreveu uma epístola inteira sobre as marcas de um verdadeiro crente (cf. 1 Jo 5.13).[4] Àqueles que lutavam com a questão da segurança da salvação, ele não aconselhou que depositassem suas esperanças em uma experiência, ou em um momento de fé ocorridos no passado. Em lugar disso, apresentou-lhes um teste doutrinário e teste moral, os quais reiterou ao

longo de toda a sua primeira epístola. O teste moral requer obediência: “Se dissermos que mantemos comunhão com ele, e andarmos nas trevas, mentimos e não praticamos a verdade” (1 Jo 1.6). “Ora, sabemos que o temos conhecido por isto: se guardamos os seus mandamentos. Aquele que diz: Eu o conheço, e não guarda os seus mandamentos, é mentiroso, e nele não está a verdade” (2.3,4). “Se alguém amar o mundo, o amor do Pai não está nele” (2.15). “Se sabeis que ele é justo, reconhecei também que todo aquele que pratica a justiça é nascido dele” (2.29). “E a si mesmo se purifica todo o que nele tem esta esperança, assim como ele é puro” (3.3). Várias outras passagens, através de toda a epístola, confirmam a mesma verdade, ou seja, quem realmente é salvo não pode continuar em um padrão habitual de pecado (3.6-10).

O teste doutrinário dado por João relaciona-se à divindade de Jesus e ao seu senhorio: "Quem é o mentiroso senão aquele que nega que Jesus é Cristo? Este é o anticristo, o que nega o Pai e o Filho. Todo aquele que nega o Filho, esse não tem o Pai; aquele que confessa o Filho tem igualmente o Pai" (1 Jo 2.22,23). "Nisto reconheceis o Espírito de Deus: todo espírito que confessa que Jesus Cristo veio em carne é de Deus" (4.2). "Todo aquele que crê que Jesus é o Cristo é nascido de Deus" (5.1).

João tinha tanta certeza da vitória final da fé sobre o pecado que usava um nome especial para o crente: "o que vence" (5.5; cf. Ap 2.7,11,26; 3.5,12,21; 21.7).[5] Escreveu: "Quem é o que vence o mundo senão aquele que crê ser Jesus o Filho de Deus?" (1 Jo 5.5). Para João, um verdadeiro crente jamais poderia, ao final,

deixar de ganhar.

O Escritor de Hebreus

Em outra obra[6] examinei as passagens admoestadoras de Hebreus que foram dirigidas aos que se associavam com Jesus ou recebiam-No intelectualmente apenas, sem recebê-Lo realmente pela fé. Seja como for que a pessoa interprete as passagens admoestadoras do livro, não há como escapar às implicações claras e óbvias de Hebreus 12.10-14: "Deus, porém, nos disciplina para aproveitamento, a fim de sermos participantes da sua santidade... [Portanto segui] a santificação [santidade], sem a qual ninguém verá o Senhor".

Quando tudo tiver sido dito e feito, aqueles em quem absolutamente faltar a santidade serão expulsos da presença de Deus, para a destruição eterna (cf. Mt 25.41). O

contexto de Hebreus 12 confirma que isto tem a ver com santidade prática e, não, com um certo tipo de santificação vaga e posicional. Assim, o escritor do livro de Hebreus, tal como João, Tiago, Pedro, Judas e Paulo, confirmou a necessidade de obras de justiça para validar a fé genuína.

As poucas e breves passagens que citei aqui apenas tocam a superfície da rica verdade sobre o caminho da salvação esboçado em Atos e nas epístolas. Para se tratar de todo o material, de modo mais completo, seria preciso escrever outro livro de tamanho, no mínimo, igual ao deste. E talvez algum dia eu tenha a oportunidade de fazê-lo.

Enquanto isso, estudando o Novo Testamento, vejo mais claramente do que nunca a unidade do evangelho neotestamentário. O evangelho segundo Jesus

é o evangelho segundo os apóstolos. É a porta estreita e o caminho apertado. É de graça, mas custa tudo. E, embora seja alcançado por fé, ele não pode deixar de produzir o fruto da verdadeira justiça na vida e no comportamento do crente.

---

[1] J. Gresham Machen, *The Christian View of Man* (Edinburgh: Banner of Truth, 1937), pp. 186,187.

[2] Para uma exposição de Romanos 3.20-4.25, veja John MacArthur, *Justified by Faith* (Panorama City, Califórnia: Word of Grace, 1984).

[3] Estou ciente da ideia de Hodges de que "herdar o reino" é algo diferente de *entrar* no reino. Mas Apocalipse 21.7,8 torna o significado desses versículos indiscutível: "O vencedor herdará estas coisas, e eu lhe serei Deus e ele me será filho. Quanto, porém, aos covardes, aos incrédulos, aos abomináveis, aos assassinos, aos impuros, aos feiticeiros, aos idolatras e a todos os mentirosos, a parte que lhes cabe será no lago que arde com fogo e enxofre, a saber, a segunda morte".

[4] Para uma exposição completa de 1 João, leia John F. MacArthur, *Confession of Sin: 1 John 1.1-2.2* (Chicago: Moody, 1986); *Love not the World: 1 John 2.3-17* (Chicago: Moody, 1986); *Marks of a True Believer: 1 John2.18-4.21* (Chicago: Moody, 1987); *e Assurance of Victory: 1 John 5*

(Chicago: Moody, 1986).

[5] Leia James E. Rosscup, "The Overcomer of the Apocalypse", *Grace Theological Journal,* 3 (outono, 1982), 261-286, para ter um excelente estudo sobre o significado do termo "vencedor". O Dr. Rosscup prova decisivamente porque esse termo equivale a "crente".

[6] John F. MacArthur, *The MacArthur New Testament Commentary: Hebrews* (Chicago: Moody, 1983).

APÊNDICE 2

O Evangelho Segundo o Cristianismo Histórico

Os que desejam eliminar o senhorio de Jesus da mensagem do evangelho insinuam que exigir que os pecadores abandonem os seus pecados, tomem um compromisso pessoal com Cristo, obedeçam aos seus mandamentos e rendam-se a Ele é uma heresia comparável ao legalismo dos Gálatas.[1] Esta é uma alegação irritante e temerária, que, se correta, atinge alguns dos melhores líderes da verdadeira igreja, num período de quase vinte séculos.

Não há nada de novo no que diz respeito à "salvação pelo senhorio".[2] Alguns têm tentado dar-lhe uma aparência de doutrina

moderna. Um desses é Zane Hodges, que escreve:

> *Da mesma forma [que o legalismo no primeiro século], os ataques modernos mais vigorosos contra a integridade do Evangelho não negam a suprema necessidade da fé em Cristo. Pelo contrário, insistem nesse aspecto. Mas, a essa fé acrescentam outras condições ou cláusulas com as quais a natureza essencial do Evangelho é transformada radicalmente. De fato, muitas vezes se estabelece uma distinção entre o tipo de fé que salva e o tipo que não salva. O tipo de fé que realmente salva é sempre visto como sendo aquele que resulta em alguma forma de obediência exterior. Dessa maneira, a obediência torna-se, no mínimo, uma parte implícita da transação entre Deus e o homem. Assim, a fé "salvadora" tem sido sutilmente redefinida em termos de seus frutos. Nesse processo, a gratuidade incondicional da oferta do Evangelho fica seriamente, se não fatalmente, comprometida.*[3]

Na estimativa de Hodges, o conceito de

que a fé necessariamente produz obediência é moderno, e constitui-se numa séria ameaça à integridade do evangelho. Ele equipara-o ao perigo trazido à igreja primitiva pelos judaizantes.

Esta é uma acusação grave. Está confirmada pela história da igreja? Penso que não. A verdade é que o conceito de fé que Hodges denuncia como heresia moderna é exatamente aquilo em que a verdadeira igreja sempre creu. Os maiores santos, ao longo de séculos de história da Igreja, têm repudiado a noção de que a salvação resulta em qualquer coisa menor do que a transformação completa do caráter do crente, do seu comportamento e do seu estilo de vida.

No *Didache,* por exemplo, um dos mais antigos escritos extrabíblicos, escrito provavelmente no final do primeiro século,

lemos: “Todo profeta que prega a verdade, mas que não pratica o que prega é um falso profeta”.[4]

Das palavras de Inácio, Bispo de Antioquia, escritas por volta do início do segundo século, lemos: “As pessoas carnais não podem agir de modo espiritual, e nem as espirituais de modo carnal, assim como a fé não pode agir como se fosse incredulidade, e a incredulidade como se fosse fé”;[5] e, “ninguém que professe a fé cairá em pecado, nem o que aprendeu a amar irá odiar. ‘A árvore é conhecida pelo seu fruto’. Semelhantemente, os que professam pertencer a Cristo serão reconhecidos por suas ações. *O importante não é um ato momentâneo de profissão de fé, mas o ser persistentemente motivado pela fé”*.[6]

Outro dos mais antigos escritos da igreja, conhecido como *A Segunda Carta de Clemente*

aos Coríntios, escrita por volta do ano 100 d.C, traz as seguintes palavras:

> *Que não O chamemos simplesmente de Senhor, pois isso não irá salvar-nos. Pois Ele mesmo diz: "Nem todo o que me diz: Senhor, Senhor! será salvo, mas aquele que faz o que é reto". Portanto, irmãos, que Lhe prestemos obediência por meio das nossas ações... Este mundo e o vindouro são inimigos. Este mundo é adultério, corrupção, avareza e engano, enquanto que o outro renuncia a tudo isso. Não podemos, portanto, ser amigos de ambos. Para termos um, temos de desistir do outro.*[7]

Agostinho, em 412 d.C, descreveu as obras de justiça como sendo a prova inevitável da operação do Espírito Santo na vida de uma pessoa. Assim se expressou:

> *Quanto a nós, afirmamos que a vontade humana é tão divinamente ajudada no sentido de agir em retidão... Além do ensinamento que o instrui quanto a como viver, ele recebe*

também o Espírito Santo, pelo qual surge em seu coração uma alegria e um amor por aquele supremo e imutável Bem que é Deus; e isso ocorre agora, enquanto ele anda por fé, e não por vista. E isto é como um penhor da livre graça, para que possa ansiar por apegar-se ao seu Criador, e possa anelar muito por partilhar dessa luz verdadeira... Mas para que possamos sentir essa afeição, "o amor de Deus é derramado em nossos corações", não "pela livre escolha que nasce de dentro de nós mesmos", mas "pelo Espírito Santo que nos foi outorgado".[8]

Nos anos que se seguiram à morte de Agostinho, a sua ênfase na presença habitadora do Espírito Santo foi substituída por um catolicismo de obras sacramentais. Devagar, o monasticismo, o sacerdotalismo e o romanismo foram-se instalando, e corromperam o entendimento que a igreja organizada tinha da salvação. A visão dominante da redenção tornou-se uma noção antibíblica de que as

pessoas precisam realizar obras meritórias para alcançar o favor de Deus. O celibato, a solidão e a autoflagelação passaram a ser vistos como alguns dos meios para apaziguar a Deus. A Era das Trevas caiu sobre o mundo obscurecendo quase totalmente a luz do verdadeiro evangelho.

Quando os reformadores redescobriram a verdade da justificação pela fé, as trevas foram finalmente dissipadas. O âmago do ensino reformado era a fé como a base da salvação, e não as obras. Essa verdade libertou multidões da escravidão religiosa que o romanismo havia imposto sobre a cristandade. Mas, será que a Reforma abriu espaço para algum tipo de fé que não produz retidão de vida? Não, certamente. A convicção evidente de todos os reformadores era de que a verdadeira fé manifesta-se inevitavelmente em boas obras.

O incidente que marcou simbolicamente o início da Reforma foi a colocação das *Noventa e Cinco Teses* de Martinho Lutero na porta da igreja do castelo de Wittenberg, em 1517. As primeiras quatro teses mostram claramente o que Lutero pensava a respeito da necessidade de boas obras:

1. Nosso Senhor e Mestre Jesus Cristo, ao dizer: "Arrependei-vos, etc", falava da vida inteira do fiel, que deve ser um ato de arrependimento.
2. Suas palavras não podem ser interpretadas como sendo sacramento da penitência (i.e. da confissão e absolvição) que é administrado pelos sacerdotes.
3. Mas Ele não se refere apenas ao arrependimento interior; o

arrependimento interior é vão se não produz diferentes tipos de mortificações da carne.

4. Assim, permanece a penitência enquanto permanecer a auto-abominação (i.e. o verdadeiro arrependimento interior); a saber, até à entrada no reino dos céus.

Lutero escreveu ainda: "Depois de termos ensinado a fé em Cristo, ensinamos também as boas obras. Visto que tu te apossaste de Cristo pela fé, por meio de quem foste justificado, começa agora a fazer o bem. Ama a Deus e ao teu próximo, invoca a Deus, dá-Lhe graças, louva-O, confessa-O. Faze o bem a teu próximo e serve-o: cumpre com a tua função. Estas são, de fato, boas obras, *que fluem desta fé*".[9]

"Lutero cria que a fé carrega consigo todas as atividades religiosas... Enquanto condenava as boas obras meramente legais, feitas com a intenção de granjear bênçãos aos que as praticassem, defendia as boas obras originadas da fé. De acordo com ele, as boas obras são o fim e o objetivo da fé".[10] "Para Lutero, as boas obras não são o fator determinante do relacionamento de uma pessoa com Deus; elas acompanham a fé assim como o dia segue à noite, ou como o bom fruto nasce de uma boa árvore. Onde não há boas obras, não há fé".[11] Lutero escreveu que "Se (boas) obras e amor não são produzidos, isso não é fé genuína, o evangelho ainda não se estabeleceu na alma, e Cristo ainda não é conhecido de forma correta".[12]

Apesar de Lutero haver lutado intensamente pela verdade de que somos

salvos pela fé e, não, pelas boas obras, nunca hesitou em insistir em que as obras são necessárias a fim de validarem a fé. No prefácio do seu famoso comentário de Romanos, escreveu:

> *A fé não é algo sonhado, uma ilusão humana, embora seja isso o que muitas pessoas entendam pelo termo. Sempre que veem que a fé não está acompanhada, seja por um aperfeiçoamento moral, ou por boas obras — apesar de que muito ainda está sendo dito a respeito da fé — eles caem no erro de declarar que a fé não é suficiente, que devemos realizar "obras" se queremos nos tornar retos e alcançar a salvação. A razão é que quando ouvem o evangelho, eles não captam a sua mensagem; em seus corações, e a partir de seus próprios raciocínios, fabricam uma ideia que eles chamam de "crença", da qual eles tratam como se fosse genuína fé. Todavia, isso não passa de uma falsificação humana, uma ideia, sem que nas profundezas do coração ocorra uma experiência correspondente. Portanto, é algo ineficaz, e não acompanhado por um tipo melhor de vida.*
>
> *Contudo a fé é algo que Deus efetua em nós. Ele nos*

transforma e somos renascidos de Deus — João 1. A fé põe à morte o velho Adão e faz de nós homens bem diferentes no coração, na mente e em todos os nossos raciocínios; e é acompanhada pelo Espírito Santo.

Oh! quando se trata de fé, que coisa poderosa, viva, ativa e criativa ela é! A fé não pode fazer senão o bem em todo tempo. Ela nunca espera para perguntar se há alguma boa obra a fazer; pelo contrário, antes que se faça a pergunta ela já fêz a obra, e continua a fazê-la. Uma pessoa que não é assim, ativa, é uma pessoa sem fé. É alguém que anda tateando a procura de fé e buscando boas obras, mas que não sabe bem o que é fé nem o que são boas obras. No entanto, continua falando absurdos a respeito da fé e das boas obras.

...É impossível, de fato, separar obras e fé, como é impossível separar do fogo a luz e o calor.[13]

Filipe Melanchthon, companheiro de Lutero e outro grande reformador, escreveu: "Deve ficar bem claro que se não ocorre conversão a Deus, e o coração continua em pecado contra a consciência, não há a fé

verdadeira que deseja ou recebe o perdão dos pecados. O Espírito Santo não está em um coração onde não há temor de Deus e que se mantém em permanente rebeldia. Tal como está claramente expresso em 1 Coríntios 6.9ss: "Ou não sabeis que os injustos não herdarão o reino de Deus?".[14]

Quase todos os credos advindos da Reforma identificam as boas obras como expressão inevitável da fé salvadora. A Confissão de Augsburgo, datada de 1530, diz:

> *Ademais, ensinamos que é necessário realizar boas obras, não para que confiemos que através delas iremos merecer a graça, mas porque é vontade de Deus que as realizemos. Pela fé, tão-somente, a remissão dos pecados e a graça são alcançadas. E porque o Espírito Santo é recebido pela fé, nossos corações são renovados, tendo novos afetos, de forma que são capazes de realizar boas obras. Pois assim disse Ambrósio: "A fé é a mãe da boa vontade e das boas obras".*

[15]

A Confissão Belga, de 1561, afirma:

> *Cremos que esta fé verdadeira, produzida no homem pelo ouvir da Palavra de Deus e a operação do Espírito Santo, regenera-o e faz dele um novo homem, levando-o a viver uma nova vida, e libertando-o da escravidão do pecado. E assim, longe está de ser verdade que essa fé justificadora torna os homens negligentes quanto a uma vida santa e piedosa; pelo contrário, sem ela nada poderiam fazer por amor a Deus, mas somente por amor-próprio ou medo da condenação. Portanto, é impossível que esta fé santa possa ser infrutífera no homem*.[16]

O Catecismo de Heidelberg (1563) pergunta: "Mas esta doutrina [justificação pela fé] torna os homens descuidados e profanos?" E dá a seguinte resposta: "Não, pois é

impossível que aqueles que são enxertados em Cristo por fé genuína não produzam frutos de gratidão".[17]

Os Cânones do Sínodo de Dort (1619) descrevem a obra do Espírito Santo na regeneração:

> *Ele penetra os mais íntimos recessos do homem; Ele abre o coração fechado e amolece o coração endurecido, e circuncida aquilo que era incircunciso; infunde novas qualidades na vontade que apesar de morta até então, Ele vivifica; de má, desobediente e refratária, Ele a torna boa, obediente e maleável; Ele ativa e fortalece a vontade, para que, como uma boa árvore, possa dar frutos de boas ações.*[18]

A Confissão de Fé de Westminster (1647) assim resumiu a doutrina da santificação:

Os que são eficazmente chamados e regenerados, tendo um novo coração e um novo espírito criados neles, são ainda mais santificados, real e pessoalmente, por virtude da morte e ressurreição de Cristo, por sua Palavra e Espírito que neles habitam; o domínio de todo o corpo do pecado é destruído, e as suas várias paixões são mais e mais enfraquecidas e mortificadas, e eles são mais e mais vivificados e fortalecidos, em todas as graças salvadoras, para a prática da verdadeira santidade, sem a qual ninguém verá o Senhor... Ainda que a corrupção remanescente possa muito prevalecer, durante algum tempo, mesmo assim, pelo contínuo suprimento de forças, por meio do santificador Espírito de Cristo, a parte regenerada triunfa; e assim os santos crescem na graça, aperfeiçoando a santidade no temor de Deus.[19]

O Breve Catecismo de Westminster (1674) contém as seguintes lições, que quase parecem ter sido escritas para refutar o evangelho que tornou-se popular em nossos dias:

P. 7. Como deve Jesus Cristo ser recebido pela fé?

R. Jesus Cristo deve ser recebido pela fé tal como Ele é-nos oferecido no evangelho.

P. 8. Como é-nos oferecido Jesus Cristo no evangelho?

R. Jesus Cristo é-nos oferecido no evangelho como Sacerdote, Profeta e Rei; assim devemos recebê-Lo, se desejamos ser salvos por Ele.

P. 9. Quando é que a alma descansa nEle para a salvação?

R. A alma descansa em Cristo para a salvação quando, estando convencida de seu estado de perdição por causa do pecado, e de sua própria incapacidade, bem como da insuficiência de todas as criaturas para sair desse estado, e tendo descoberto e sido persuadida da

capacidade e desejo de Cristo por salvar, desapega-se de tudo, renuncia à sua autojustiça, e apega-se a Cristo, descansa nEle, e coloca nEle e somente nEle a sua confiança para a salvação.

LXXXVII. P. Que é o arrependimento para a vida?

R. O arrependimento para a vida é uma graça salvadora por meio da qual o pecador, devido a um verdadeiro senso do seu próprio pecado e à apreensão da graça de Deus em Cristo, com pesar e ódio do seu próprio pecado volta-se deste para Deus, em inteiro propósito e empenho por nova obediência.

P. 3. Em que consiste o arrependimento para a vida?

R. O arrependimento para a vida consiste em, principalmente, duas coisas: 1. Em dar

as costas ao pecado e abandoná-lo. "Convertei-vos, e desviai-vos de todas as vossas transgressões; e a iniquidade não vos servirá de tropeço" (Ezequiel 18.30). "O que encobre as suas transgressões, jamais prosperará; mas o que as confessa e deixa, alcançará misericórdia" (Provérbios 28.13). 2. Em voltar-se para Deus. "Deixe o perverso o seu caminho, o iníquo os seus pensamentos; converta-se ao SENHOR, que se compadecerá dele, e volte-se para o nosso Deus, porque é rico em perdoar" (Isaías 55.7).

P. 15. Que é esse "dar as costas ao pecado", que faz parte do verdadeiro arrependimento?

R. O "dar as costas ao pecado", que faz parte do verdadeiro arrependimento, consiste

em duas coisas: 1. Em abandonar todos os pecados flagrantes em nossa vida e conversação.

2. *Em abandonar todos os demais pecados, ligados aos nossos corações e afetos.*

P. 16. Os que realmente se arrependem do pecado nunca mais voltam à prática dos mesmos pecados dos quais arrependeram-se?

R. 1. Os que realmente se arrependeram do pecado nunca mais voltam à sua prática, no que diz respeito a permanecer nele, como faziam antes; e se alguém, depois de arrepender-se, volta a permanecer no pecado, há sinal evidente de que o seu arrependimento não foi do tipo correto. 2. Alguns realmente arrependeram-se dos seus pecados, embora possam ser tomados e

> *surpreendidos por tentações, a ponto de caírem e cometerem os mesmos pecados dos quais se arrependeram; todavia, nestes não permanecem, porém, levantam-se, e com amargo pesar deploram-nos, e voltam-se novamente para o Senhor.*[20]

A teologia protestante histórica reconhece e sustenta a verdade de que a justiça prática é um resultado essencial e inevitável da fé salvadora. O reformador Ulrich Zwinglio considerava a fé como obra contínua do Espírito Santo no crente. Por isso, cria que a verdadeira fé jamais podia ser preguiçosa ou inativa, mas que produziria boas obras no crente. Essas obras, ensinava Zwinglio, eram a prova da eleição do crente e a evidência

necessária da fé.[21]

Escreveu João Calvino: "Não sonhamos com uma fé desprovida de boas obras, nem com uma justificação que possa existir sem elas... Desejais obter justificação em Cristo? Deveis, antes, possuir Cristo. Mas não podeis possuí-Lo sem que vos torneis participantes da sua santificação: pois Cristo não pode ser dividido... Dessa forma fica demonstrado quão verdadeiro é o fato de que não somos justificados sem as obras, ainda que não o sejamos pelas obras".[22]

Num debate por escrito com o cardeal católico Jacopo Sadoleto, Calvino escreveu:

> *Negamos que as boas obras tenham qualquer participação na jus tificação, mas reconhecemos a sua plena autoridade na vida dos justos... É óbvio que a justiça gratuita [operada pela graça] está necessariamente ligada à regeneração.*

Assim, se você deseja compreender de forma apropriada quão inseparáveis são a fé e as obras, olhe para Cristo que, como ensina o Apóstolo (1 Co 1.30), foi-nos dado para ser a nossa justificação e santificação. Portanto, onde quer que esteja a justiça que vem pela fé, que afirmamos ser gratuita, aí também está Cristo; e onde Cristo está, aí também está o Espírito de santidade, que regenera a alma para novidade de vida. Por outro lado, onde não há zelo por integridade e onde não há o vigor da santidade, aí não está nem o Espírito de Cristo e nem o próprio Cristo; e onde Cristo não está, aí não há justiça e nem fé, pois a fé não pode receber a Cristo por justiça sem o Espírito de santidade.[23]

Os Puritanos, particularmente, escreveram muito sobre a natureza da fé salvadora e o papel das obras de justiça na vida do crente. Em 1658, William Guthrie escreveu a declaração mais clara da "salvação pelo senhorio" já vista:

Um homem piedoso pode argumentar dizendo: Quem quer que receber a Cristo será reputado justamente como filho de Deus — "Mas, a todos quantos o receberam, deu-lhes o poder de serem feitos filhos de Deus" (Jo 1.12); mas eu recebo a Cristo em todos os sentidos que essa palavra possa ter; pois estou satisfeito com o plano de salvação por Cristo, concordo com as suas exigências, recebo com alegria a oferta de Cristo, em todos os seus ofícios: como Rei, para governar-me; como Sacerdote, para oferecer sacrifício e interceder por mim; como Profeta, para ensinar-me; disponho o meu coração para Ele, descansando nEle tanto quanto posso. Que mais pode significar a palavra RECEBER?...

A segunda grande marca de um estado de graça e de uma verdadeira participação salvadora na pessoa de Jesus Cristo é o ser nova criatura — "E assim, se alguém está em Cristo, é nova criatura" (2 Co 5.17)... Esta nova criação tem de estar em todos os que, com confiança, alegam possuir Cristo; esta nova criatura é chamada de "novo homem" (Cl 3.10), nome que aponta para a sua extensão. Não se trata meramente de uma nova língua ou de uma nova mão, mas de um novo homem. Há um novo princípio de vida ativa posto no homem, que é o novo coração; esse novo princípio de vida leva a atitudes de vida, ou à "conformidade com a imagem" daquele que o criou, de tal modo que o indivíduo se renova completamente nalguma medida (Cl 3.IO).[24]

Em 1672, foi publicada postumamente uma obra de Joseph Alleine, em que escreveu:

> *A conversão, portanto, consiste em uma mudança completa tanto do coração quanto da vida... Se você algum dia desejar ser convertido para a salvação, terá de desistir completamente de fazê-lo por suas próprias forças. Trata-se de uma ressurreição dentre os mortos (Ef 2.1), uma nova criação (Gl 6.15; Ef 2.10), uma obra de absoluta onipotência (Ef 1.19). Não estão estas coisas além do poder humano?*
> *Se você nada tem além do que recebeu em seu primeiro nascimento — uma natureza boa, um temperamento manso e casto, etc. — você é um estranho à verdadeira conversão. Esta é uma obra sobrenatural.*[25]

Thomas Watson escreveu, em 1692:

Temos de ter conformidade com Ele em graça, antes que possamos ter comunhão com Ele em glória. A graça e a glória estão unidas e atadas uma à outra. A graça precede a glória, como a estrela d'alva anuncia a chegada do sol. Deus deseja que estejamos qualificados e preparados para o estado de bem-aventurança. Bêbados e perjuros não estão qualificados para apreciar Deus na glória; o Senhor não irá receber tais víboras em seu seio. Somente os "puros de coração verão a Deus".[26]

O comentário de Tiago, de Thomas Manton, publicado pela primeira vez em 1693, trazia estas palavras:

É triste a descrição de algumas mulheres tolas, em 2 Timóteo 3.7, que "aprendem sempre e jamais podem chegar ao conhecimento da verdade". O muito ouvir irá tornar a nossa pena ainda mais pesada, caso não haja um resultado vivo impresso em nossos corações. O coração do homem é tão embrutecido que se satisfaz com a simples presença das ordenanças... ainda que não sinta o poder delas.

As obras são evidência de fé verdadeira. Graças não são hábitos mortos e inúteis; elas terão certos efeitos e operações, mesmo quando estiverem mais fracas e em sua infância... É por esta evidência que devemos julgar, e é por esta evidência que Cristo irá julgar... As obras não são uma base de confiança, e, sim, uma evidência; não são os fundamentos da fé, mas os estímulos da segurança. Nosso conforto pode ser aumentado à vista das boas obras, mas não está edificado sobre elas. As obras são sementes de esperança, não o arrimo da confiança. São doces evidências da eleição, e, não, causas; são felizes presságios e princípios da glória; em resumo, elas podem manifestar um direito, mas não podem merecê-lo.[27]

"Manton sustentava fortemente a perseverança dos eleitos de Deus; mas isso não o impedia de ensinar que a santidade é a grande marca distintiva do povo de Deus, e que aquele que fala em 'jamais perecer',

enquanto vive em pecado voluntário, é um hipócrita e engana a si mesmo".[28]

O comentarista Matthew Henry, escrevendo no início dos anos 1700, afirmou:

> *Estamos por demais dispostos a confiar numa simples profissão de fé, e pensar que isso nos salvará; trata-se de uma religião fácil e barata aquela que diz: "Cremos nos artigos de fé cristãos"; é uma grande ilusão imaginar que isso é suficiente para levar-nos ao céu. Aqueles que defendem esse tipo de ideia caluniam a Deus e enganam as suas próprias almas; uma pseudofé é tão odiosa quanto a pseudocaridade, e ambas demonstram que o coração está morto para toda a verdadeira piedade. Você pode ter tanto prazer num corpo morto, sem alma, ou sentidos, ou ações, quanto Deus pode ter prazer numa fé morta, onde não há obras... As obras que evidenciam a verdadeira fé devem ser obras de autonegação, tais como as ordena o próprio Deus... A mais plausível profissão de fé, sem obras, é morta... Não devemos pensar que uma delas, sem a outra, irá justificar-nos e salvar-nos. Esta é a graça de Deus sobre a qual nos firmamos, e na qual devemos nos manter.*[29]

George Whitefield, o grande pregador e defensor da fé na Grã-Bretanha e na América colonial, escreveu em seu diário de 6 de agosto do 1739:

> *Conversei com alguém, depois de pregar, que temo que, juntamente com outros, mantém princípios antinomianos. Que todos os que os conhecem fujam deles; pois, apesar de (utilizando as palavras do Regimento da nossa igreja) as boas obras, que são os frutos da fé, não poderem purificar-nos do pecado, ou suportar a severidade do juízo de Deus (ou seja, não poderem justificar-nos), ainda assim, elas acompanham a justificação, e obrigatoriamente fluem de uma fé viva e verdadeira, de tal forma que, por seu intermédio, a fé viva se torna evidentemente conhecida, assim como uma árvore é conhecida pelos seus frutos.*[30]

Jonathan Edwards, talvez o melhor

pregador e o pensador teológico mais brilhante dos anos 1700, escreveu:

> *Aquela religião que Deus requer, e irá aceitar, não consiste de desejos fracos, mórbidos e sem vida, que sequer nos tiram de um estado de indiferença. Deus, em sua palavra, insiste grandemente nisto, que estejamos em boa, séria e fervorosa disposição, e nossos corações vigorosamente engajados na religião...*
>
> *Os que assim insistem no "pessoas vivendo pela fé" — enquanto elas não têm qualquer vivência prática e estão em muito más condições — são também muito absurdos em sua noção de fé. O que eles entendem por "fé" é crer que tais pessoas estão em bom estado. Por isso, consideram ser um pecado terrível elas duvidarem de seu estado, não importa em que condições estejam e quais impiedades pratiquem, pois esse é o grande e odioso pecado da incredulidade. E o melhor homem, o que mais honra a Deus, é aquele que mantém a esperança de seu bom estado da forma mais confiante e inalterável, só tendo o mínimo de evidência ou experiência; isto é, quando ele está nas piores condições e situações. Porque, deveras, isto é um sinal de que ele é forte na fé, dando glória a Deus, e contra a esperança crê na*

esperança. Mas de que Bíblia eles aprendem essa noção de "fé", de que fé é o homem crer, confiantemente, que está num bom estado? Se isto é fé, os fariseus tinham fé em grau eminente; e alguns deles, Cristo ensina, cometeram o pecado imperdoável contra o Espírito Santo...

...Pode ser por incredulidade ou por terem tão pouca fé, que eles têm tão pouca evidência de seu bom estado. Se tivessem mais experiência em atitudes de fé e, portanto, maior experiência no exercício da graça, teriam evidência mais clara de que seu estado é bom; e, assim, suas dúvidas seriam removidas...

...Não é desígnio de Deus que os homens obtenham segurança por qualquer outro meio senão a mortificação da corrupção, o crescimento na graça e a obtenção dos seus exercícios de vida. E apesar de o auto-exame ser um dever de grande utilidade e importância, e que de forma alguma deve ser negligenciado, esse não é o meio principal pelo qual os santos obtêm a certeza do seu bom estado. A segurança não se obtém tanto pelo auto-exame, mas pela ação. Foi desse modo, principalmente, que o apóstolo Paulo procurou segurança, a saber, esquecendo-se das coisas que para trás ficavam e buscando as que estavam à frente, prosseguindo para o alvo, para o prêmio da soberana vocação de Deus em Cristo Jesus; para de algum modo alcançar a ressurreição dentre os mortos. E foi principalmente por esse meio que ele

alcançou a segurança (1 Coríntios 9.26). "Assim corro também eu, não sem meta". Ele obteve a segurança de receber o prêmio mais por correr do que por considerar... Ser totalmente diligente quanto ao crescimento na graça, acrescentar à fé a virtude, etc, é a orientação que nos dá o apóstolo Pedro para confirmarmos a nossa vocação e eleição e termos amplamente suprida a nossa entrada no reino eterno de Cristo. Sem isso, nossos olhos estarão obscurecidos, e seremos como homens nas trevas; não poderemos ver claramente nem o perdão dos nossos pecados passados, nem a nossa herança celestial, que é futura e distante (2 Pe 1.5-11).[31]

John Gill, um ministro batista inglês, escreveu em 1767:

O fundamento da santificação é lançado na regeneração; sendo uma causa primária e santa, ela é formada nesse momento: a nova criatura, ou o novo homem, é criado em retidão e verdadeira santidade; e ela aparece também na vocação eficaz, que é um santo chamamento; e deve também

ser vista na conversão, que é o afastamento dos homens de suas iniquidades. E essa santidade que começa na regeneração e se manifesta na chamada eficaz e na conversão, é levada adiante na santificação, que é uma obra gradual e progressiva, que termina e se completa na glorificação.[32]

Ao descrever os verdadeiros crentes, Gill escreveu:

...em sujeição a Ele como Rei dos santos; não só O recebem como seu Profeta, para os ensinar e instruir, e abraçam suas doutrinas; e como seu Sacerdote, por cujo sacrifício são expiados os seus pecados; mas como seu Rei, a cujas leis e ordenanças submetem-se alegremente, considerando os seus preceitos — em relação a todas as coisas — como retos e nenhum dos seus mandamentos como cruel; e, movidos por um princípio de amor a Ele, guardam-nos e observam-nos. [33]

Outro Puritano inglês, Thomas Goodwin, escreveu:

> *Onde falta a tristeza por haver-se ofendido a Deus, não há sinal algum de que no coração foi gerada uma boa vontade para com Deus, e nem de amor a Ele, sem os quais Deus jamais aceitará uma pessoa...*
> *Do contrário, não há esperanças de emenda. Deus não irá perdoar enquanto não vir possibilidades de emenda. Enquanto um homem não confessar o seu pecado, e com amargor, isso é sinal de que ele ama o pecado — Jó 20.12-14. Enquanto o esconde, poupa, e não o abandona, o pecado é doce à sua boca; e, portanto, até que o confesse, e chore sobre ele, isto é sinal de que ele não lhe é amargo, e, consequentemente, não irá abandoná-lo. Um homem jamais abandonará o pecado enquanto não o achar amargo; quando achá-lo, sentirá amargura por causa dele — Zacarias 12.10; "a tristeza segundo Deus produz arrependimento" — 2 Coríntios 7.10.*[34]

Certamente, o pregador mais conhecido

dos anos 1800 é Charles Haddon Spurgeon. Num livro sobre evangelização pessoal, escreveu:

> *Outra prova da conquista de uma alma por Cristo será uma verdadeira mudança de vida. Se a pessoa não vive diferentemente do que antes vivia, tanto em casa como no mundo, é preciso que se arrependa do seu arrependimento, e sua conversão é uma ficção. Não apenas a ação e a linguagem, mas também o espírito e o temperamento precisam ser mudados... Permanecer sob o poder de qualquer pecado conhecido é sinal de que estamos escravizados pelo pecado, pois "desse mesmo a quem obedeceis sois servos". Fúteis são as vanglórias de quem abriga dentro de si amor a alguma transgressão. Ele poderá sentir o que quiser, e crer no que quiser, mas continua em fel de amargura e laço de iniquidade, enquanto um só pecado ainda governe o seu coração e vida. A verdadeira regeneração implanta um ódio contra todo mal; onde houver deleite em algum pecado, a evidência fatal é de que não há esperança sadia...*
>
> *É preciso haver harmonia entre confissão e vida. O crente declara renunciar ao pecado; e se ele não faz isso que declara,*

até mesmo o nome de cristão, que usa, é uma farsa.[35]

J. C. Ryle, um bispo evangélico anglicano, escreveu estas penetrantes palavras, há quase um século:

> *Realmente, duvido que tenhamos qualquer base para dizer que um homem pode converter-se sem que se consagre a Deus! Mais consagrado sem dúvida ele pode ser, e assim sucederá à medida que a graça divina opere nele. Mas, se ele não se consagrou a Deus no dia em que se converteu e nasceu de novo, então, já não sei o que significa a conversão. Os homens não estão em perigo de subestimar e desvalorizar a imensa bênção da conversão? Quando instam com os crentes acerca da "vida superior", como uma segunda experiência de conversão, não estarão subestimando o comprimento, a largura, a profundidade e a altura daquela primeira grandiosa transformação que a Bíblia denomina novo nascimento, nova criação e ressurreição espiritual? Talvez eu esteja enganado. Mas por algumas vezes tenho pensado, enquanto leio a estranha*

linguagem usada por muitos acerca da "consagração", nos últimos poucos anos, que aqueles que a usam devem ter tido anteriormente um ponto de vista muito baixo e inadequado da "conversão", se é que chegaram a experimentá-la. Em suma, tenho quase suspeitado de que quando se "consagraram", na verdade, estavam se "convertendo" pela primeira vez![36]

O Dr. Benjamin B. Warfíeld, professor de teologia em Princeton, escreveu o seguinte num ensaio sobre fé, no alvorecer deste século:

Não haverá verdadeira fé a não ser que tenha ocorrido uma percepção do objeto em que se deve crer, a aceitação do valor do objeto em que se deve crer, e o nosso compromisso com ele, como sendo verdadeiro e digno de confiança... Não podemos dizer que cremos em algo de que desconfiamos; algo com que não possamos nos comprometer.[37]

R. A. Torrey, na época presidente do Instituto Bíblico Moody, ensinava aos seus alunos, em seu livro-texto sobre evangelização pessoal, que fizessem do senhorio de Cristo o ponto central do apelo evangélico ao pecador: "Leve-o, tão diretamente quanto lhe for possível, a aceitar a Jesus Cristo como seu Salvador pessoal, e a render-se a Ele como Senhor e Mestre".[38]

W. H. Griffith Thomas, um dos primeiros dispensacionalistas e fundador do Seminário Teológico de Dallas, reconhecia que a justificação e a santificação são inseparáveis,[39] bem como a necessidade das boas obras como resultado infalível da fé.[40] Ele escreveu: "São Paulo usa Gênesis 15 para provar a necessidade da fé; São Tiago usa Gênesis 22 para provar a necessidade das obras. São Paulo ensina que as obras devem brotar da fé; São Tiago ensina que

a fé deve ser comprovada pelas obras".[41] Comentando Romanos 14, escreveu:

> *O nosso relacionamento com Cristo baseia-se em sua morte e ressurreição, e isto significa o seu senhorio. Na verdade, o senhorio de Cristo sobre a vida do seu povo foi a exata razão pela qual Ele morreu e ressuscitou. Temos de reconhecer a Cristo como nosso Senhor. O pecado é rebeldia, e é somente à medida que nos rendemos a Ele como Senhor que recebemos o nosso perdão dEle como nosso Salvador. Temos de permitir que reine no trono do nosso coração, e é somente quando Ele é glorifIcado em nossos corações como Rei, que o Espírito Santo entra e habita.*[42]

Há cerca de vinte e cinco anos Oswald T. Allis escreveu o seguinte, falando das duas alianças:

> *Pela aliança da graça não se oferece ao crente a fé como um*

substitutivo fácil para as obras de justiça. É-lhe oferecida uma justiça não conquistada e imerecida, a justiça de Cristo, recebida pela fé, que o desafia, e exige que a pessoa ande de modo digno do seu chamamento, e que aprenda a dizer, como Paulo, "o amor de Cristo nos constrange". O fato de não ter as obras da lei como base para a salvação, não estabelece para o crente um padrão mais baixo do que o da lei mosaica, e, sim, um bem mais alto... Quando Jesus deu aos seus discípulos um novo mandamento — "Assim como eu vos amei, que também vós ameis uns aos outros" —, estabeleceu para eles um padrão de obediência que ultrapassou o mandamento da lei "amarás o teu próximo como a ti mesmo". Não é de admirar que Paulo responda à pergunta "Anulamos, pois, a lei, pela fé?" com as palavras enfáticas: "Não, de maneira nenhuma, antes confirmamos a lei".[43]

Escrevendo sobre o antinomianismo, acrescentou:

Todo o ensino do Novo Testamento diz que a justificação tem

como objetivo a santificação — redenção de toda iniquidade. Uma fé que não produz fruto para justiça não é uma fé viva. O bandido que vai secretamente ao padre para confessar-se e ser absolvido, para tão-somente abrandar a consciência e voltar à sua vida de roubo e violência, é como os judeus da antiguidade, que faziam do Templo um "covil de salteadores", um refúgio contra as consequências de suas más obras.[44]

Outros autores recentes têm demonstrado surpresa diante do que veem como um crescente antinomianismo na igreja do século vinte. A. W. Pink, por exemplo, já em 1937 reconheceu o fracasso da evangelização moderna. Escreveu:

O termos da salvação de Cristo estão sendo apresentados erroneamente pelo evangelista de hoje. Com raríssimas exceções, ele geralmente diz aos seus ouvintes que a salvação é pela graça e é recebida como um dom gratuito; diz que

Cristo fez tudo pelo pecador, e nada lhe resta senão "crer" — confiar nos méritos infinitos do seu sangue. Esta concepção tem dominado tão vastamente os círculos "ortodoxos" de hoje, tem sido tão frequentemente gritada aos ouvidos, tem lançado tão profundas raízes nas mentes, que desafiá-la e denunciá-la, por ser inadequada e unilateral ao ponto de ser enganosa e errada, é aproximar-se instantaneamente do estigma de ser herege e ser acusado de desonrar a obra completa de Cristo por inculcar uma salvação pelas obras... A salvação é pela graça, e somente pela graça... Mesmo assim, a graça divina não pode ser exercida com prejuízo da santidade, pois ela jamais se envolve com o pecado. É também verdade que a salvação é um dom gratuito, mas uma mão vazia deve recebê-lo, e, não, uma mão que ainda agarra fortemente o mundo... um coração que está endurecido, em rebelião, não pode crer salvificamente; primeiro é preciso que seja quebrantado... Aqueles pregadores que dizem aos pecadores que estes podem ser salvos sem que abandonem os seus ídolos, sem que se arrependam, sem que se rendam ao senhorio de Cristo, estão tão errados e são tão perigosos quanto os que insistem em que a salvação é pelas obras e que o céu deve ser alcançado por meio dos nossos próprios esforços.[45]

Pink também escreveu:

> *A graça divina não é concedida com o objetivo de livrar homens de suas obrigações, mas, antes, a fim de supri-los com um poderoso motivo para mais prontamente, e com maior gratidão, cumprirem com essas obrigações.*[46]

A. W. Tozer, como Pink, transferiu a acusação de heresia para aqueles que apresentavam a mensagem da fé-fácil. Quase todos os seus sermões e escritos desafiam o evangelho popular dos nossos dias. Suas mensagens em 1 Pedro foram posteriormente editadas e publicadas num livro acertadamente intitulado de "Eu Chamo Isso de Heresia!" (I *Call It Heresy!).* Afirmou Tozer:

[Anos atrás] ninguém ousaria levantar-se numa reunião e dizer: "Sou crente", se não tivesse rendido a Deus todo o seu ser e tomado a Jesus Cristo como seu Senhor tanto quanto Salvador, e se colocado em obediência à vontade do Senhor. Somente então é que poderia afirmar: "Sou salvo!".

Hoje, permitimos que as pessoas afirmem ser salvas, não importando quão imperfeita e incompleta seja essa experiência, assumindo que um tipo de vida cristã mais profunda poderá ser alcançado num tempo futuro.

Será possível realmente pensarmos que não devemos obediência a Jesus Cristo?

Devemos-Lhe obediência desde o primeiro segundo em que clamamos a Ele por salvação, e, se não Lhe prestamos essa obediência, tenho razões para duvidar se realmente somos convertidos!

Vejo e ouço falar de coisas que pessoas crentes estão fazendo e, à medida que os vejo agindo em meio à cristandade, questiono se realmente foram convertidos.

Irmãos, creio que, de início, seja esse o resultado de um ensino defeituoso. Pensam que o Senhor é um hospital, e Jesus o cirurgião-chefe, que conserta os pobres pecadores que se meteram em encrencas!

"Conserta-me, Senhor," têm insistido, "a fim de que eu possa continuar na minha vidinha!"

Esse ensino é mau, irmãos![47]

Qualquer doutrina que torne opcional a rendição ao senhorio de Jesus *é* mau ensino. É um desvio claro daquilo que os crentes sempre afirmaram.

Portanto, a "salvação pelo senhorio" nem é moderna nem herege, mas é o próprio cerne da soteriologia cristã histórica.

Taxá-la de ensino falso é, no mínimo, imprudência e descuido. Ensinar qualquer outra coisa é desviar-se do veio principal do ensino da igreja através dos séculos.

---

[1] Cf. Charles C. Ryrie, *Balancing the Christian Life* (Chicago: Moody, 1969), p. 170, onde Ryrie escreve: "A mensagem de fé somente, e a mensagem de fé mais compromisso de vida, não podem ser, ambas, o evangelho; portanto, uma delas constitui um evangelho falso, e se coloca debaixo da maldição de perverter o evangelho ou de pregar outro evangelho (Gl 1.6-9)".

[2] Uso esse termo com base na definição de Blauvelt:

"Salvação pelo senhorio... é a visão de que, para ser salva, a pessoa deve crer em Jesus Cristo como seu Salvador do pecado, e deve também se entregar a Cristo como Senhor de sua vida, submetendo-se à sua autoridade soberana". Livingston Blauvelt, Jr., "Does the Bible Teach Lordship Salvation?" *Bibliotheca Sacra* (janeiro-março de 1986), p. 37.

[3] Zane C. Hodges, *The Gospel Utider Siege* (Dallas: Redención Viva, 1981), p. 4.

[4] Cyril C. Richardson, ed., *Early Christian Fathers* (New York: Mac-millan, 1970), p. 177.

[5] Ibid., p. 90.

[6] Ibid., p. 92 (itálico meu).

[7] Ibid., pp. 194,195.

[8] Henry Bettenson, ed., *Documents of the Christian Church* (New York: Oxford, 1963), p. 54.

[9] John Dillenberger, ed., *Martin Luther* (New York: Doubleday, 1961), pp. 111,112 (itálico meu).

[10] Karl Theime, "Good Works". *The New Schaff-Herzog Religious Encyclopedia* (Grand Rapids: Baker, 1977), 5:19-22.

[11] John Dillenberger, P. xxix.

[12] Ibid., p. 18

[13] Ibid., pp. 23,24.

[14] Clyde L. Manschreck, ed., e trad., *Melanchthon on Christian Doctrine* (Grand Rapids: Baker, 1965), 182.

[15] Phillip Schaff, ed., *Creeds of Christendom,* 3 vols. (Grand Rapids: Baker, 1977), 3:24,25.

[16] Schaff, ed., *Creeds of Christendom,* 3:410-413.

[17] *Heidelberg Catechism* (Freeman, South Dakota: Pine Hill, 1979), p. 75.

[18] Shaff, ed. *Creeds of Christendom*, 3: 590-591.
[19] Ibid., pp. 629,630.
[20] Thomas Vincent, *The Shorter Chatechism of the Westminster Assembly Explained and Proved from Scripture* (Edinburgh: Banner of Truth, 1980), pp. 226-231.
[21] Basil Hall, "Ulrich Zwingli", Hubert Cunliffe-Jones, ed., *A History of Christian Doctrine* (Philadelphia: Fortress, 1978), p. 362.
[22] João Calvino, *As Institutas, 2* vols. (Campinas, SP: Editora Luz Para O Caminho).
[23] John C. Olin, ed., *A Reformation Debate* (Grand Rapids: Baker, 1966), p. 68.
[24] William Guthrie, *The Christian's Great Interest* (Edinburg: Banner of Truth, 1982), pp. 24,25,76.
[25] Joseph Alleine, *An Alarm to the Unconverted* (Marshallton, Delaware: National Foundation for Christian Education, s.d.), pp. 26,27.
[26] Thomas Watson, *Body ofDivinity* (Grand Rapids: Baker, 1979), p. 16.
[27] Thomas Manton, *A Commentary on James* (Edinburgh: Banner of Truth, 1963), pp. 153,239.
[28] J. C. Ryle, *Estimate of Manton,* citado por A. W. Pink, *Gleanings from the Scriptures: Man 's Total Depravity* (Chicago: Moody, 1969), p. 289.
[29] Matthew Henry, *Commentary on the Whole Bible* (Old Tappan: New Jersey, Revell, s.d.) pp. 981-983.
[30] George Whitefield, *Journals* (Edinburgh: Banner of Truth, 1960), pp. 323-324.
[31] Edward Hickman, ed. *The Works of Jonathan Edwards* (Edinburg: Banner of Truth, 1979), pp. 237, 259,263.
[32] John Gill, *A Body of Divinity* (Grand Rapids: Sovereign

Grace, 1971), p. 552.
[33] Ibid., p. 555.
[34] Thomas Goodwin, *The Work of the Holy Spirit in Our Salvation* (Edinburgh: Banner of Truth, 1979), p. 129.
[35] Charles H. Spurgeon, *The Soul Winner* (Pasadena, Texas: Pilgrim, 1978), pp. 32-33.
[36] John Charles Ryle, *Santidade... Sem a Qual Ninguém Verá o Senhor* (São José dos Campos, SP: Editora Fiel, 1989), pp. 15,16.
[37] Benjamin B. Warfield, *Biblical and Theological Studies* (Grand Rapids: Baker, 1968), pp. 402-403.
[38] R. A. Torrey, *How to Work for Christ* (Old Tappan, New Jersey: Revell, s.d.), p. 32.
[39] W. H. Griffith Thomas, *The Principies of Theology* (Grand Rapids: Baker, 1979), pp. 186-187.
[40] Ibid., pp. 200-205.
[41] Ibid., p. 205.
[42] W. H. Griffith Thomas, *St. Paul's Epistle to the Romans* (Grand Rapids: Eerdmans, s.d.), p. 371, itálico meu.
[43] Oswald T. Allis, "The Covenant of Works", em Carl F. H. Henry, ed., *Basic Christian Doctrines* (Grand Rapids: Baker, 1962), p. 98.
[44] Ibid., p. 99.
[45] Arthur W. Pink, "Signs of the Times", *Studies in the Scriptures,* 16:373-375.
[46] A. W. Pink, *Gleanings from the Scriptures: Man's Total Depravity,* (Chicago: Moody, 1969), p. 291.
[47] A. W. Tozer, *I Call It Heresy!* (Harrisburg, PA: Christian Publications, 1974), pp. 18,19.

Bibliografia

Arndt, William F. e F. W. Gingrich. *A Greek Lexicon of the NewTestament and Other Early Christian Literature.* 2d. ed. Chicago: University of Chicago, 1979.

Barrow, Clifton. "*An Exegetical Consideration of the Doctrine of Lordship Salvation from Three Passages*". Tese de Mestrado, Dallas Theological Seminary, 1977.

Becker, O. "Peithomai" Em *O Novo Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento.* Editado por Colin Brown. São Paulo: Edições Vida Nova, 1982. 1:465-469.

Behm, J. e E. Wurthwein. "Metanoeo, metanoia." Em *Theological Dictionary of the*

New Testament. Editado por G. Kittel e traduzido por G. Bromiley. Grand Rapids: Eerdmans, 1967. 4:975-1008. Beisner, Calvin E. "The Idol of Mammon." *Discipleship Journal* 40 (1987): 8-11.

Berkhof, Louis. *Teologia Sistemática*. Campinas: LPC, 1995.

Berkouwer, G. C. *Faith and Sanctification*. Grand Rapids: Eerdmans, 1952.

Bietenhard, H. "Kurios." Em *O Novo Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*. Editado por Colin Brown. São Paulo: Edições Vida Nova, 1982. 4:423-431.

Bjork, William G. Comentário sobre *The Gospel Under Siege* de Zane C. Hodges. *Journal of the Evangelical Theological Society* 30.4 (dezembro de 1987): 457-67.

Blauvelt, Livingston, Jr. "Does the Bible Teach Lordship Salvation?" *Bibliotheca Sacra* 143

(janeiro-março de 1986): 37-45.

Bock, Darrell L. “Jesus as Lord in Acts and in the Gospel Message,” *Bibliotheca Sacra* 143 (abril-junho de 1986): 146-54.

Boice, James M. *Christ's Call to Discipleship*. Chicago: Moody, 1986. Brinsmead, Robert D. “Sanctification,” *Present Truth 4* (fevereiro de 1975): 3-63.

Brown, Francis, S.R. Driver, e C. A. Briggs, eds. *A Hebrew and English Lexicon of the Old Testament*. Oxford: Clarendon, 1980.

Bruce, F. F. *The Hard Sayings of Jesus*. Downers Grove, Ill.: InterVarsity, 1983.

Bryant, Lynn R. “The Secret Believer in the Gospel of John.” Tese de Mestrado, Dallas Theological Seminary, 1975.

Bultmann, R. “Pisteuo.” Em *Theological Dictionary of the NewTestament*. Editado por G. Friedrich e traduzido por G.

Bromiley. Grand Rapids: Eerdmans, 1968. 6:174-228.

Buswell, J. Oliver. *A Systematic Theology of the Christian Religion*. Grand Rapids: Zondervan, 1979.

Calvino, João. *As Institutas da Religião Cristã*. São Paulo, SP: Cultura Cristã, 2006.

Campbell, Donald K. *Interpretation and Exposition of the Sermon on the Mount*. Th.D. Dissertação, Dallas Theological Seminary, 1953.

Chafer, Lewis Sperry. *Grace: The Glorious Theme*. Grand Rapids: Zondervan, 1972. *Major Bible Themes*. Grand Rapids: Zondervan, 1974.

"Saving Work of God: The Terms of Salvation". *Biblitheca Sacra* 107 (1950): 389-419.

Systematic Theology. 8 vols. Dallas, Tx.: Dallas

Theological Seminary, 1947.

True Evangelism. Grand Rapids: Zondervan, 1976.

Chantry, Walter. *O Evangelho de Hoje: Autêntico ou Sintético?* São José dos Campos, SP: Editora Fiel, 1988.

Chay, Frederic W. "An Analysis of Lordship Salvation as Taught by John MacArthur, Jr." Tese de Mestrado, Dallas Theological Seminary, 1983.

Cocoris, G. Michael. *Evangelism: A Biblical Approach.* Chicago: Moody, 1984.

Collins, Gary R. *Beyond Easy Believism.* Waco, Tx.: Word, 1982.

Constable, Thomas L. "The Gospel Message." Em *Walvoord:A Tribute.* Editado por Donald K. Campbell. Chicago: Moody, 1982.

Constant, Stephen. "Easy Believism: Today's

Trap." *Christian Life* (maio de 1978): 29.

Crenshaw, Curtis I. e Grover E. Gunn, III. *Dispensationalism Today, Yesterday and Tomorrow*. Memphis, Tn.: Footstool, 1985.

Dodson, Kenneth F. *The Prize of the Up-Calling*. Grand Rapids: Baker, 1969.

Foerster, W. e G. Quell. "Kurios." Em *Theological Dictionary of the New Testament*. Editado por G. Kittel e traduzido por G. Bromiley. Grand Rapids: Eerdmans, 1965. 3:1039-98.

Gasque, W. W. e W. S. LaSor, eds. *Scripture, Tradition, and Interpretation*. Grand Rapids: Eerdmans, 1978.

Gentry, Kenneth L. "The Great Option: A Study of the Lordship Controversy," *Baptist Reformation Review* 5.1 (1976): 49-79.

Gill, John. *A Body of Divinity*. Grand Rapids:

Sovereign Grace, 1971

Goetzmann, J. "Metanoia." Em *O Novo Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento.* Editado por Colin Brown. São Paulo: Edições Vida Nova, 1982. 1:499-502.

Govett, Robert. *Entrance into the Kingdom.* Miami Springs, Fl.: Conley and Schoettle, 1978.

Govett on Hebrews. Miami Springs, Fl.: Conley and Schoettle, 1981. *Govett on the Kingdom.* Miami Springs, Fl.: Conley and Schoettle, 1978.

Harris, R. Laird; Gleason Archer; e Bruce Waltke, eds. *Theological Wordbook of the Old Testament, 2* vols. Chicago: Moody, 1980.

Harrison, Everett F. "Must Christ Be Lord to Be Savior? — No", *Eternity* 10 (setembro de 1959): 14, 16, 48.

Helm, Paul. *The Beginnings.* Carlisle, Pa.:

Banner of Truth, 1986.

Hodge, Charles. *The Way of Life*. Grand Rapids: Baker, 1977.

Hodges, Zane C. *The Gospel Under Siege*. Dallas: Redención Viva, 1981.

Grace in Eclipse. Dallas, Tx.: Redención Viva, 1985.

The Hungry Inherit. Chicago: Moody, 1972.

"1 John." Em *The Bible Knowledge Commentary*. Editado

por John Walvoord e Roy Zuck. Wheaton, 111.: Victor Books, 1983. 2:881-904.

"Untrustworthy Believers." *Bibliotheca Sacra* 135 (Abril-Junho de 1978): 139-52.

Hogan, William LeGrange. *"The Relation of the Lordship of Christ to Salvation"*. Tese de Mestrado, Dallas Theological Seminary, 1959.

Hooker, Delbert. "The Echo of Faith."

Discipleship Journal 40 (1987): 33-34.

Horne, Charles M. *Salvation*. Chicago: Moody, 1971.

Howard, W. W. "Is Faith Enough to Save?" *Bibliotheca Sacra* 98 (1941): 360-71 e 99 (1942): 88-107.

Ironside, H. A. *Except Ye Repent. New York: Am.* Tract Society, 1937.

Jernigan, Jeff. "Changes of the Heart," *Discipleship Journal* (1987): 12-14.

Johnson, Samuel. "An Oath of Fidelity: Reflections on the Lord's Supper," *Discipleship Journal* 32 (1986): 32-35.

Johnson, Thomas C. "Saving Faith Is Not Salvation," *Evangelical Quarterly* 3 (1931): 257-58.

Lang, G. H. *The Parabolic Teaching of Scripture.* Grand Rapids: Eerdmans, 1955.

Larkin, Clarence. *Rightly Dividing the Word.*

Philadelphia, Pa.: Erwin W. Moyer, 1920.

Lawrence, William D. *"The New Testament Doctrine of the Lordship of Christ."* Th.D. dissertação, Dallas Theological Seminary, 1968.

LIoyd-Jones, Martyn. *Puritanos: Suas Origens e Seus Sucessores*. São Paulo, SP: PES, 1993.

Romanos: O Novo Homem. São Paulo, SP: PES.

Estudos no Sermão do Monte. São José dos Campos, SP: Fiel, 1984.

Long, James. "Beyondthe Shadow of Doubt," *Discipleship Journal* 40 (1987): 17-20.

Lovelace, Richard F. *Dynamics of Spiritual Life*. Downers Grove, I11.: InterVarsity, 1980.

McCormick, Scott, Jr. "Faith as Surrender." *Interpretation* 17 (1963): 302-7.

McDonald, H. D. *Salvation*. Westchester, I11.: Crossway, 1982.

MacDonald, William. "Evangelical Dilemma,"

*Presbyterian Journal*32 (12, dezembro de 1973): 11-12, 22.

What's the Difference? Kansas City, Ks.: Walterick, 1975.

Marshall, I. Howard. *Kept by the Power of God.* Minneapolis, Mn.: Bethany, 1969.

Martin, Ralph. "Salvation and Discipleship in Luke," *Interpretation* (outubro de 1976): 366-80.

Metzger, Will. *Tell the Truth.* Downers Grove, 111.: InterVarsity, 1984.

Michel, O. "Pistis." Em *O Novo Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento.* Editado por Colin Brown. São Paulo: Edições Vida Nova, 1982. 2:218-229.

Miller, Craig L. "The Theological Necessity of Christ's Lordship in Salvation." Tese de Mestrado, Talbot School of Theology, 1987.

Miller, Johnny V., William Larkin, e Paul D.

Wright. Comentário sobre *The Gospel Under Siege* de Zane C. Hodges. *Trinity Journal* 4 (Primavera de 1983): 92-97.

Morris, Leon. *The Apostolic Preaching of the Cross*. Grand Rapids: Eerdmans, 1955.

Mueller, Marc, "Lordship/Salvation Syllabus." Panorama City, Ca.: Grace Community Church, 1981, 1985.

Murray, John. Romanos - *Comentário Bíblico FieI*. São José dos Campos, SP: Fiel, 2003.

"Repentance." Em *The New Bible Dictionary*. Editado por J. D. Douglas. Grand Rapids: Eerdmans, 1979.

Needham, David. *Birthríght*. Portland: Multnomah, 1979.

Nicoll, W. Robertson, ed. *The Expositor's Greek Testament*. 5 vols. Grand Rapids: Eerdmans, 1979.

Niquette, David. "Repentance in the New

Testament." M. Div. tese, Talbot Theological Seminary, 1972.

Packer, J. I. *A Evangelização e a Soberania de Deus*. São Paulo, SP: Edições Vida Nova, 1990.

"Fundamentalism" and the Word ofGod. Grand Rapids: Eerdmans, 1958.

Paxton, C. J. "False Gospel of the New Birth," *Present Truth* (junhode 1978): 17-22.

Pentecost, J. D. *Design for Living*. Chicago, I11.: Moody, 1975.

Pink, A. W. *The Doctrine of Santification*. Swengel, Pa.: Reiner, 1975.

Eternal Security. Grand Rapids: Guardian, 1974.

Gleanings from the Scriptures: Man's Total Depravity. Chicago: Moody, 1969.

Studies in Saving Faith. Swengel, Pa.: Reiner, 1974.

Piper, John. *Teologia da Alegria*. São Paulo, SP: Shedd Publicações, 2001.

Reisinger, Ernest. *Today's Evangelism.* Phillipsburg, N. J.: Craig, 1982.

Ridderbos, Herman. *Paul: An Outline of His Theology.* Traduzido por J. R. De Witt. Grand Rapids: Eerdmans, 1975.

Robertson, A. T. *Word Pictures in the New Testament.* 6 vols. Nashville, Tenn.: Broadman, s. d.

Rosscup, James E. *Abiding in Christ: Studies in John 15*. Grand Rapids: Zondervan, 1973.

"The Overcomer of the Apocalypse," *Grace Theological Journal* 3.2 (outono de 1982): 261-86.

Rowell, J. B. "Exposition of Hebrews Six," *Bibliotheca Sacra* 94 (julho-setembro de 1937): 324.

Ryle, J. C. *Santidade... Sem A Qual Ninguém*

Verá o Senhor. São José dos Campos, SP: Fiel, 1987.

Ryrie, Charles C. *Balancing the Christian Life.* Chicago: Moody, 1969.

Dispensationalism Today. Chicago: Moody, 1965.

A Survey of Bible Doctrine. Chicago: Moody, 1972.

A Bíblia Anotada. São Paulo: Mundo Cristão.

Schaff, Philip. *Creeds of Christendom.* Grand Rapids: Baker, 1977.

Scofield, C. I., ed. *A Bíblia Scofield.* São Paulo: Imprensa Batista Regular do Brasil, 1983.

Shank, Robert. *Life in the Son.* Springfield, Mo.: Westcott, 1961. Spurgeon, Charles Haddon. *12 Sermons on Repentance.* Grand Rapids: Baker, 1974.

All of Grace. Chicago: Bible Institute Colportage Assoc., s. d.

Stanford, A. Ray. *Handbook of Personal*

Evangelism. Florida Bible College, s. d.

Stedman, Ray C. *Authentic Christianity*. Waco, Tex.: Word, 1975.

Stott, John R. W. *Basic Christianity*. London: InterVarsity, 1958. . "Jesus Is Lord," *Tenth Presbyterian Church Publication* (julho de 1975): 2-12.

"Must Christ Be Lord to Be Savior? — Yes," *Eternity 10* (setembro de 1959): 15, 17-18, 36-38.

Sumner, Robert L. "The Doctrinal Teaching of Lordship Salvation," *The Biblical Evangelist* 19 (1, janeiro de 1986): 1-6.

Ten Pas, Arend J. *The Lordship of Christ*. n.p.: Ross House Books, 1978.

Thayer, J. H. *A Greek-English Lexicon of the New Testament*. Grand Rapids: Zondervan, 1962.

Thieme, Karl. "Good Works," *The New Schaff-*

Herzog Religious Encyclopedia. Grand Rapids: Baker, 1977. V: 19-22.

Thieme, R. B. *Apes and Peacocks or the Pursuit of Happiness.* Houston, Tx.: Berachah Church, 1973.

Thiessen, Henry. *Introductory Lectures in Systematic Theology.* Grand Rapids: Eerdmans, 1949.

Torrey, R. A. *How to Work for Christ.* Westwood, N.J.: Revell, s. d.

Tozer, A. W. *I Call lt Heresy.* Harrisburg: Christian Publications, 1974.

Trumbull, Charles Gallaudet. *What ls the Gospel?* Minneapolis, Mn.: The Harrison Service, 1944.

Turner, David L. "Are Only Overcomers Saved?" *Spire.* Grace Theological Seminary. 14.2 (inverno de 1986): 7-8.

Vincent, M. R. *Word Studies in the New*

Testament. 2 vols. McLean, Va.: MacDonald, s. d.

Vine, W. E. *An Expository Dictionary of New Testament Words.* Old Tappan, N.J.: Revell, 1966.

Wager, Rich. "This So-Called 'Lordship Salvation."' *Confident Living*(julho-agosto de 1987): 54-55.

Walther, C. F. W. *The Proper Distinction Between Law and Gospel.*St. Louis, Mo.: Concórdia, 1929.

Walvoord, John F. Comentário sobre *The MacArthur New Testament Commentary: Matthew* 7-7por John MacArthur, Jr. *BibliothecamSacra* 144 (abril-junho de 1987): 236-37.

Warfield, B. B. *Biblical and Theological Studies.* Editado por Samuel Craig. Philadelphia: Presbyterian and Reformed, 1952.

The Lord of Glory. New York: American Tract Society, 1907.

Comentário sobre *He That Is Spiritual* por Lewis Sperry Chafer. *Princeton Theological Review* 17 (Abril de 1919): 322-27.

Webster, William A. *Must Jesus Be Lord to Be Savior?* Memphis, Tn.: Riverside, 1986.

Westcott, B. F. *The Epistles of John.* Grand Rapids: Eerdmans, 1966.

Wigram, George V., ed. *The Englishman 's Greek Concordance of the New Testament.* Nona ed. Grand Rapids: Zondervan, 1977.

Wilkins, Michael. *"The Use of Mathete in the New Testament"*.Tese de Mestrado, Talbot Theological Seminary, 1977.

Witmer, J. A. Comentário sobre *The Gospel Under Siege* de Zane C. Hodges. *Bibliotheca Sacra* 140 (janeiro-março de 1983): 81-82.



A Editora Fiel tem como propósito servir a Deus através do serviço ao povo de Deus, a Igreja.

Em nosso site, na internet, disponibilizamos centenas de recursos gratuitos, como vídeos de pregações e conferências, artigos, e-books, livros em áudio, blog e muito mais.

Oferecemos ao nosso leitor materiais que, cremos, serão de grande proveito para sua edificação, instrução e crescimento espiritual.

Assine também nosso informativo e faça parte da comunidade Fiel. Através do

informativo, você terá acesso a vários materiais gratuitos e promoções especiais exclusivos para quem faz parte de nossa comunidade.

Visite nosso website
www.ministeriofiel.com.br
e faça parte da comunidade Fiel